

SARAH JIO

Autora best-seller do *The New York Times*

As Violetas de Março

Um antigo diário com o
poder de mudar tudo...
se você tiver coragem
de seguir seu coração



Melhor livro do ano — *Library Journal*





Sumário



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[1º de março](#)

[2 de março](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[3 de março](#)

[Capítulo 6](#)

[4 de março](#)

[Capítulo 7](#)

[5 de março](#)

[Capítulo 8](#)

[6 de março](#)

Capítulo 9

7 de março

8 de março

Capítulo 10

9 de março

Capítulo 11

Capítulo 12

10 de março

11 de março

Capítulo 13

12 de março

Capítulo 14

13 de março

14 de março

Capítulo 15

15 de março

Capítulo 16

16 de março

Capítulo 17

Capítulo 18

17 de março

19 de março

Capítulo 19

[20 de março](#)

[21 de março](#)

[25 de março](#)

[30 de março](#)

[Capítulo 20](#)

[31 de março](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Créditos](#)

S A R A H J I O

*As
Violetas
de Março*

Um antigo diário com o poder de mudar tudo...
se você tiver coragem de seguir seu coração

Tradução
Ronaldo Luis da Silva



*A minhas avós, Antonieta Mitchell e Cecelia Fairchild, in memoriam, que incutiram em mim o amor pela arte e pela escrita,
e o fascínio pela década de 1940.*



“São as águas de março fechando o verão / É a promessa de vida no teu coração.”

— De “Águas de Março”, de Antonio Carlos Jobim

Capítulo 1



— Creio que é isso — disse Joel, inclinando-se para a porta do nosso apartamento. Seus olhos percorriam o local como se ele estivesse tentando memorizar cada detalhe do imóvel de dois andares da virada do século em Nova York, que compramos juntos havia cinco anos e reformamos, em tempos mais felizes. Era maravilhoso: a entrada com seu arco delicado, a velha cornija da lareira que havíamos encontrado em uma loja de antiguidades em Connecticut e levado para casa como se fosse um tesouro, e a riqueza das paredes da sala de jantar. Havíamos realmente penado na escolha da cor da pintura, mas, finalmente, decidimo-nos por um vermelho-Marrocos, um tom que era ao mesmo tempo melancólico e chocante, um pouco como nosso casamento. Depois de aplicado às paredes, revelou-se muito laranja. Eu pensava que era, simplesmente, a cor ideal.

Nossos olhares se encontraram por um segundo, mas rapidamente voltei-me para o aplicador de fitas em minhas mãos e, mecanicamente, cortei um último pedaço de fita adesiva e o coleí apressadamente na derradeira caixa de pertences de Joel, que ele viera retirar naquela manhã.

— Espere — eu disse, lembrando-me de um borrão azul em uma capa de couro que havia visto na caixa agora fechada. Olhei para ele acusadoramente. — Você pegou meu exemplar de *Years of Grace*?

Eu havia lido o romance em nossa lua de mel no Taiti seis anos antes, embora não fosse a memória de nossa viagem que eu quisesse resgatar por meio daquelas páginas desgastadas. Lembrando-me daqueles dias, nunca poderei saber como o vencedor do Prêmio Pulitzer de 1931 da falecida Margaret Ayer Barnes acabou em uma pilha de livros de cortesia empoeirados no lobby do resort, mas quando o tirei do caixote e o abri sobre sua frágil lombada, senti meu coração se contrair em uma profunda familiaridade, a qual eu não podia explicar. A comovente história contada em suas páginas, de amor, perda e aceitação, de paixões secretas e do peso dos pensamentos privados, mudou para sempre a maneira como eu via minha própria escrita. Essa obra pode, inclusive, ter sido a razão pela qual parei de escrever. Joel nunca a havia lido, e eu estava feliz com isso. Era muito íntima para compartilhar. Para mim, era como as páginas de meu diário jamais escrito.

Joel observou enquanto eu arrancava a fita e abria a caixa, vasculhando até encontrar o antigo romance. Quando o achei, deixei escapar um suspiro cansado.

— Desculpe — ele disse, sem jeito. — Não percebi que você...

Ele não percebia um monte de coisas sobre mim. Agarrei o livro com força, depois assenti e tornei a lacrar a caixa.

— Creio que é tudo — falei, levantando-me.

Ele relanceou o olhar para mim com cautela, e o encarei de volta. Por mais algumas horas, pelo menos até que eu assinasse os papéis do divórcio no final da tarde, ele ainda era meu marido. No entanto, era difícil fitar aqueles olhos castanho-escuros, sabendo que o homem com o qual havia me casado estava me deixando por outra pessoa. Como chegamos até ali?

A cena de nosso rompimento passava em minha mente como um filme trágico, da mesma forma que havia passado um milhão de vezes desde que estávamos separados. Ela começava em uma manhã chuvosa de segunda-feira, em novembro. Eu estava fazendo ovos mexidos defumados com pimenta Tabasco, sua favorita, quando ele me contou sobre Stephanie. A maneira como ela o fazia rir. A maneira como ela o entendia. A maneira como eles se conectaram. Imaginei duas peças de Lego se conectando, e estremeci. É engraçado, quando me recordo daquela manhã, posso sentir o cheiro de ovos queimados e de pimenta Tabasco. Se soubesse que aquele seria o cheiro do fim do meu casamento, teria feito panquecas.

Olhei mais uma vez para o rosto de Joel. Seus olhos estavam tristes e inseguros. Eu sabia que, se eu me levantasse e me atirasse em seus braços, ele poderia me abraçar com o amor de um marido eloquente que não iria me deixar, não iria acabar com nosso casamento. Mas não, disse a mim mesma. O dano já havia sido feito. Nosso destino fora decidido.

— Adeus, Joel — eu disse a ele. Meu coração podia desejar que ele se demorasse, mas meu cérebro entendia melhor. Ele precisava ir.

Joel parecia magoado.

— Emily, eu...

Ele estava procurando perdão? Uma segunda chance? Eu não sabia. Ergui a mão para impedi-lo de continuar.

— Adeus — repeti, reunindo toda minha força.

Ele acenou solenemente com a cabeça, e em seguida virou-se para a porta. Cerrei os olhos e ouvi quando ele a fechou silenciosamente atrás de si. Trancou-a pelo lado de fora, um gesto ao qual meu coração se agarrou. *“Ele ainda se preocupa...”* Com a minha segurança, pelo menos. Balancei a cabeça e me lembrei de que devia trocar as fechaduras, então ouvi seus passos irem se tornando mais silenciosos, até que foram completamente engolidos pelo barulho da rua.

Meu telefone tocou, algum tempo depois, e quando me levantei para atendê-lo, percebi que estava sentada no chão, absorta em *Years of Grace* desde que Joel saíra. Havia se passado um minuto? Uma hora?

— Você vem? — Era Annabelle, minha melhor amiga. — Você me prometeu que não iria assinar os papéis do divórcio sozinha.

Desorientada, olhei para o relógio.

— Desculpe, Annie — respondi, procurando desajeitadamente minhas chaves e o temido envelope pardo em minha bolsa. Deveria ter ido encontrá-la no restaurante quarenta e cinco minutos atrás.

— Estou indo.

— Ótimo — disse ela. — Vou pedir uma bebida.

O Calumet, nosso local favorito para almoço, ficava a quatro quadras do meu apartamento, e quando lá cheguei, dez minutos depois, Annabelle me cumprimentou com um abraço.

— Está com fome? — perguntou-me depois que nos sentamos.

Suspirei.

— Não.

Annabelle franziu a testa.

— Carboidratos — disse ela, passando-me a cesta de pão. — Você precisa de carboidratos. Agora, onde estão os documentos? Vamos acabar com isso.

Tirei o envelope da bolsa e coloquei-o sobre a mesa, fitando-o com o tipo de cuidado que se reserva para dinamite.

— É tudo culpa sua — ponderou Annabelle, com um ligeiro sorriso.

Lancei-lhe um olhar sombrio.

— O que você quer dizer com “minha culpa?”

— Não se deve casar com homens que têm esse nome, Joel — ela enfatizou, com aquele tom de reprovação na voz. — Ninguém se casa com um “Joel”. Namora-se com eles, permite-se que lhe paguem uma bebida e lhe comprem coisas muito pequenas da Tiffany, mas não se deve casar com eles.

Annabelle estava trabalhando em seu doutorado em antropologia social. Em seus dois anos de pesquisa, analisou dados de casamento e de divórcio de uma forma não convencional. De

acordo com seus resultados, a taxa de sucesso de um casamento podia ser prevista com precisão pelo nome do homem.

Case-se com um Eli e é provável que você desfrute da felicidade conjugal por cerca de 12,3 anos. Brad? 6,4. Steves terminam depois de apenas quatro. E, tanto quanto Annabelle entendia, nunca — jamais — alguém devia se casar com um Preston.

— Então, de novo, o que os dados dizem sobre Joel?

— Sete vírgula dois anos — respondeu em tom de informação indiscutível.

Balancei a cabeça. Estávamos casados havia seis anos e duas semanas.

— Você precisa encontrar um Trent — continuou ela.

Fiz uma expressão de descontentamento.

— Odeio o nome Trent.

— Ok, então um Edward ou um Bill, ou... não, um Bruce — disse ela. — Esses são os nomes com longevidade conjugal.

— Certo — respondi sarcasticamente. — Talvez você devesse me levar para comprar um marido em uma casa de repouso.

Annabelle é alta, magra e bonita — bonita como Julia Roberts, com seu longos cabelos escuros ondulados, pele de porcelana e intensos olhos escuros. Aos 33 anos, ela nunca havia se casado. A razão, ela dizia, era o jazz. Ela não poderia encontrar um homem que gostasse de Miles Davis e Herbie Hancock tanto quanto ela.

Ela acenou para o garçom.

— Queremos mais dois, por favor.

Ele levou meu copo de martíni, deixando um anel de água no envelope.

— Está na hora — disse ela, suavemente.

Minha mão tremia um pouco enquanto colocava a mão dentro do envelope e retirava um maço de papéis de quase dois centímetros de espessura. A assistente do meu advogado havia sinalizado três páginas com notas rosa fluorescente de “Assine aqui”.

Peguei uma caneta em minha bolsa e senti um nó na garganta enquanto colocava meu nome na primeira página, e na seguinte, e depois na próxima. Emily Wilson, com um *y* alongado e um *n* pronunciado. Era exatamente a mesma forma como assinava desde a quinta série. Então datei, 28 de fevereiro de 2005, o dia em que nosso casamento foi enterrado.

— Boa menina — comemorou Annabelle, empurrando um martini para perto de mim. — E agora, você vai escrever sobre Joel?

Como sou escritora, Annabelle, da mesma forma que todo mundo que eu conhecia, acreditava que escrever sobre minha relação com Joel em um romance não muito velado seria a melhor vingança.

— Você poderia construir toda uma história em torno dele, apenas mudando um pouco o nome — ela continuou. — Talvez chamá-lo de Joe, e fazê-lo parecer um completo idiota. — Deu uma mordida e quase engasgou com o sanduíche, rindo, antes de dizer: — Não, um idiota com *disfunção erétil*.

O único problema era que, mesmo se eu quisesse escrever um romance vingativo sobre Joel, o que eu não queria, seria um livro terrível. Qualquer coisa que colocasse no papel, se eu pudesse colocar qualquer coisa no papel, seria falho, sem criatividade. Sei disso porque havia acordado todos os dias nos últimos oito anos, sentado à minha mesa e fitado fixamente a tela em branco. Algumas vezes, eu conseguia redigir uma grande linha, ou mesmo páginas inteiras, mas, então, emperrava. E uma vez que havia congelado, não havia fusão do gelo.

Minha terapeuta, Bonnie, chamava aquilo de bloqueio clínico (como em terminal) de escritor. Minha musa havia ficado doente, e seu prognóstico não parecia bom.

Oito anos antes, escrevi um romance que figurou entre os mais vendidos. Oito anos atrás, eu estava no topo do mundo. Eu era magra — não que estivesse gorda nesse momento (bem, ok, somente as coxas, sim, talvez um pouco) — e meu livro figurava na lista dos mais vendidos do *The New York Times*. E se houvesse alguma coisa como “lista das melhores vidas” do *The New York Times*, eu estaria nela, também.

Depois que *Chamando Ali Larson* foi publicado, minha agente me incentivou a escrever uma sequência. Os leitores queriam uma continuação, ela me disse então. E minha editora já havia oferecido o dobro do meu adiantamento para um segundo livro. Mas, por mais que eu tentasse, não tinha mais nada para escrever, nada mais a dizer. E, finalmente, minha agente parou de ligar. Os editores pararam de se espantar. Os leitores pararam de se importar. A única evidência de que minha vida anterior não tinha sido apenas uma invenção eram os cheques de royalties que vinham pelo correio de vez em quando, e uma carta ocasional que recebia de um leitor um pouco perturbado chamado Lester McCain, que se dizia apaixonado por Ali, a personagem principal do meu livro.

Ainda me lembro da euforia que senti quando Joel se aproximou de mim em minha festa de lançamento do livro no Madison Park Hotel. Ele estava em algum coquetel em uma sala adjacente quando me viu em pé à porta. Eu estava usando um vestido de Betsey Johnson, que em

1997 era a *última palavra* em moda: um modelo exclusivo preto sem alças no qual gastei uma quantidade embaraçosa de dinheiro. Mas, ah, sim, valeu a pena cada centavo. Ele ainda estava em meu armário, mas, de repente, tive o desejo de ir para casa e queimá-lo.

— Você está maravilhosa — ele havia dito, corajosamente, antes mesmo de se apresentar. Recordo-me de como me senti quando o ouvi pronunciar aquelas palavras. Aquela poderia ser sua frase de efeito registrada, e, sejamos realistas, provavelmente era. Mas aquilo me fez sentir valer um milhão de dólares. Isso era tão Joel.

Poucos meses antes, GQ havia feito um grande spread sobre bacharéis “garoto-padrão” mais elegíveis da América — não, não a lista que a cada dois anos sempre aponta George Clooney; era aquela que listou um surfista em San Diego, um dentista na Pensilvânia, um professor em Detroit, e, sim, um advogado em Nova York, Joel. Ele havia aparecido entre os 10 Mais. E, de alguma forma, eu o havia fsgado.

E o perdi.

Annabelle estava acenando as mãos diante de mim.

— Terra chamando Emily, alô, alô — disse ela.

— Desculpe — respondi, tremendo um pouco. — Não, não escreverei sobre Joel. — Balancei a cabeça e guardei os papéis de volta no envelope, e, em seguida, coloquei-o em minha bolsa. — Se for escrever qualquer coisa de novo, será diferente de qualquer história que já tentei criar.

Annabelle me lançou um olhar confuso.

— E sobre a continuação de seu último livro? Você não vai finalizá-la?

— Não mais — respondi, dobrando um guardanapo de papel ao meio e depois ao meio novamente.

— Por que não?

Suspirei.

— Não posso mais fazer isso. Não posso me forçar a produzir oitenta e cinco mil palavras medíocres, mesmo que isso signifique produzir um livro. Mesmo que isso signifique milhares de leitores com meu livro em mãos, nas férias na praia. Não, se eu escrever alguma coisa novamente... *se* escrever... será algo diferente.

Annabelle me observou como se quisesse se levantar e me aplaudir.

— Olhe para você — comentou, sorrindo. — Está fazendo um grande avanço!

— Não, não estou — retruquei teimosamente.

— Claro que está — ela rebateu. — Vamos analisar isso um pouco mais. — Entrelaçou as mãos. — Você disse que gostaria de escrever algo diferente, mas o que acredito que quis dizer é que seu coração não estava em seu último livro.

— Certo, você pode dizer isso, sim — concordei, dando de ombros.

Annabelle recuperou uma azeitona de seu copo de martíni e a colocou na boca.

— Por que não escreve sobre algo com que você realmente se importa? — indagou um momento depois. — Como um lugar ou uma pessoa que a inspirou.

Balancei a cabeça.

— Não é isso o que todo escritor tenta fazer?

— Sim — ela disse, enxotando o garçom com um olhar de “nós estamos bem, e não, não gostaríamos de pedir a conta ainda”, então voltou-se para mim com uma expressão inquiridora. — Mas você realmente tentou? Quero dizer, seu livro foi fantástico, realmente foi, mas havia algo nele que fosse, bem, você?

Ela estava certa. Era uma história muito boa. Havia se tornado um best-seller, pelo amor de Deus. Então, por que eu não conseguia sentir orgulho dele? Por que não me sentia ligada a ele?

— Eu a conheço há muito tempo — continuou Annabelle — e sei que não foi uma história que surgiu de sua vida, de suas experiências.

Não foi. Mas sobre o que em minha vida eu poderia escrever? Pensei em meus pais e meus avós, e depois balancei a cabeça.

— Esse é o problema — confessei. — Outros escritores têm muito em que se basear, mães ruins, abuso, infâncias cheias de aventuras... Minha vida tem sido tão água com açúcar. Nenhuma morte. Nenhum trauma. Nem mesmo um animal de estimação morto. O gato de mamãe, Oscar, tem vinte e dois anos de idade. Não há nada que justifique contar uma história, acredite em mim; eu já pensei sobre isso.

— Não creio que você esteja se dando crédito suficiente — ela considerou. — Deve haver alguma coisa. Alguma faísca.

Dessa vez, permiti que minha mente vagasse, e quando ela o fez, pensei imediatamente em minha tia-avó Bee, tia de minha mãe, e em sua casa em Bainbridge Island, no Estado de Washington. Eu sentia falta dela tanto quanto sentia da ilha. Como havia deixado passar tantos anos desde minha última visita? Bee, que tinha 85 anos com aparência de 29, nunca teve filhos, por isso minha irmã e eu, por definição, tornarmo-nos suas netas substitutas. Ela nos enviava

cartões de aniversário com notas de cinquenta dólares dentro deles, presentes de Natal que eram realmente legais e doces do Dia dos Namorados, e quando íamos visitá-la nos verões, saindo de nossa casa em Portland, no Oregon, ela colocava chocolates debaixo de nossos travesseiros furtivamente, antes que nossa mãe pudesse gritar: “Não, elas acabaram de escovar os dentes!”.

Bee era pouco convencional, de fato. No entanto, havia também algo um pouco desajustado nela. O modo como ela falava demais. Ou então falava muito pouco. O modo como ela era ao mesmo tempo acolhedora e petulante, generosa e egoísta. E, além disso, havia seus segredos. Eu a amava por tê-los.

Minha mãe sempre dissera que, quando as pessoas vivem sozinhas durante a maior parte de sua vida, tornam-se imunes aos próprios caprichos. Eu não tinha certeza se concordava com sua teoria ou não, em parte porque estava preocupada com minha própria vida de solteirona. Contentei-me em observar alguns indícios.

Se pensava em Bee, imediatamente podia imaginá-la à mesa da cozinha em Bainbridge Island. Em todos os dias em que a vi, ela tomou o mesmo café da manhã: torrada de pão caseiro com manteiga e creme de mel. Ela cortava o pão torrado marrom-dourado em quatro pequenos quadrados, e os colocava em um guardanapo de papel que havia dobrado ao meio. Uma porção generosa de manteiga amolecida era passada em cada pedaço, tão grossa como a cobertura de um cupcake, e cada pedaço era, então, coberto por um bocado de bom tamanho de creme de mel. Quando era criança, eu a observei fazendo isso centenas de vezes, e, agora, quando estou doente, torrada de pão caseiro com manteiga e mel soa como remédio.

Bee não é uma mulher bonita. Ela é mais alta que a maioria dos homens, com um rosto que, de alguma forma, é muito grande, ombros muito largos, dentes muito grandes. No entanto, as fotos em preto e branco de sua juventude revelavam uma centelha de algo, certa beleza que todas as mulheres possuem em seus 20 anos.

Eu adorava uma foto dela àquela idade em especial, que estava em um quadro coberto de conchinhas pendurado na parede do corredor da minha casa de infância, quase em um lugar de honra, uma vez que era preciso subir em um banquinho para vê-la claramente. A velha foto, delineada com conchas, mostrava uma Bee que eu nunca havia conhecido. Sentada junto a um grupo de amigos em uma toalha de praia, ela parecia despreocupada e sorria sedutoramente. Outra mulher se inclinava para se aproximar dela, sussurrando em seu ouvido. Um segredo. Bee segurava o colar de pérolas que lhe adornava o pescoço e olhava para a câmera de uma forma que eu nunca a havia testemunhado olhar para o tio Bill. Gostaria de saber quem estava por trás da lente naquele dia, há tantos anos.

— O que ela disse? — perguntei para minha mãe certo dia, quando criança, olhando para a

fotografia.

Mamãe não tirou os olhos da roupa para lavar com a qual estava digladiando no corredor.

— Quem disse o quê?

Apontei para a mulher ao lado de Bee.

— A bela senhora sussurrando no ouvido da tia Bee.

Mamãe imediatamente se empertigou e caminhou até mim. Estendeu a mão e tirou o pó sobre o vidro do quadro com a borda de sua camisola.

— Nós nunca saberemos — respondeu, seu lamento palpável enquanto encarava a foto.

O tio falecido de minha mãe, Bill, foi um belo herói da Segunda Guerra Mundial. Todo mundo dizia que ele havia se casado com Bee pelo dinheiro dela, mas é uma teoria que não se sustentava, em minha opinião. Eu havia visto a forma como ele a beijava, a maneira como ele passava os braços em volta da cintura dela nos verões de minha infância. Ele a amava, não havia dúvida.

Mesmo assim, eu sabia, pelo modo que minha mãe sempre falava, que ela não aprovava o relacionamento, que ela acreditava que Bill poderia ter feito algo melhor para si mesmo. Bee, em sua opinião, era muito pouco convencional, muito grosseira, muito ousada, muito tudo.

Ainda assim, continuávamos a ir visitar Bee, verão após verão. Mesmo depois que o tio Bill morreu, quando eu tinha 9 anos. O lugar era uma espécie de paraíso, com as gaivotas sobrevoando nossa cabeça, os jardins se alastrando, o cheiro do Puget Sound^[1], a grande cozinha com suas janelas voltadas para a água cinzenta, o zumbido assombroso das ondas rebentando na praia. Minha irmã e eu adorávamos, e apesar dos sentimentos de minha mãe a respeito de Bee, sei que ela também amava aquele lugar. Ele exercia um efeito tranquilizante em todas nós.

Annabelle me lançou um olhar astuto.

— Você tem uma história aí bem guardada, não é?

Suspirei.

— Talvez — disse, sem me comprometer.

— Por que você não faz uma viagem? — ela sugeriu. — Você precisa ficar longe, para limpar sua cabeça por um tempo.

Franzi o nariz com a ideia.

— Para onde eu iria?

— Para algum lugar longe daqui.

Ela estava certa. A Big Apple é um amigo de fachada. A cidade a ama quando você está voando alto e a chuta quando você está para baixo.

— Você vem comigo? — Imaginei nós duas em uma praia tropical, tomando coquetéis com guarda-chuvinhas.

Annabelle balançou a cabeça.

— Não.

— Por que não? — Senti-me como um filhotinho assustado e perdido que só queria que alguém colocasse a coleira nele e lhe mostrasse para onde ir, o que fazer, como deveria agir.

— Não posso ir com você, porque você precisa fazer isso sozinha. — Suas palavras me abalaram. Ela me fitou diretamente nos olhos, como se eu precisasse absorver cada palavra do que ela estava prestes a me dizer. — Emi, seu casamento acabou e, bem, acontece que você não derramou uma única lágrima.

No caminho de volta para meu apartamento, pensei sobre o que Annabelle havia dito, e meus pensamentos, mais uma vez, voltaram-se para minha tia Bee. *Como deixei passar tantas anos sem visitá-la?*

Ouvi um som agudo e estridente acima de minha cabeça, o som inconfundível de metal contra metal, e olhei para o alto. Um cata-vento de cobre no formato de pato, coberto por uma rica pátina cinza-esverdeada, postava-se atento no telhado de um café nas proximidades. Ele girou ruidosamente.

Meu coração bateu forte quando captei a visão familiar. Onde havia visto aquilo antes? Então a lembrança me atingiu. *A pintura. A pintura de Bee.* Até aquele momento, eu havia me esquecido da tela de cinco por sete centímetros que ela me dera quando eu era criança. Ela costumava pintar, e lembro-me de ter me sentido imensamente honrada quando ela me escolheu para ser a zeladora daquela obra de arte. Eu a havia chamado de obra-prima, e minhas palavras a fizeram sorrir.

Fechei os olhos e pude ver perfeitamente a paisagem marítima pintada a óleo: o cata-vento no formato de pato empoleirado no topo daquela velha casa de praia, e do casal, de mãos dadas, na praia.

Senti-me sucumbir com a culpa. Onde estaria a pintura? Eu a havia embalado e guardado depois que Joel e eu nos mudamos para o apartamento — ele dizia que não combinava com nossa decoração. Assim como me distanciei da ilha que eu amava quando criança, eu havia

embalado e guardado em caixas as relíquias do meu passado. Por quê? Para quê?

Acelerei o passo até que me peguei correndo. Pensei em *Years of Grace*. *Será que a pintura também acabara acidentalmente em uma das caixas de objetos de Joel? Ou pior, será que eu a acondicionara erroneamente em uma caixa de livros e roupas para a doação?* Cheguei à porta do apartamento e enfiei a chave na fechadura. Em seguida, corri pelas escadas até o quarto e abri a porta do armário. Havia duas caixas na prateleira de cima. Desci uma delas e vasculhei seu conteúdo: alguns bichos de pelúcia de infância, uma caixa velha de Polaroids, e vários cadernos de recortes de jornal de matérias dos dois anos em que escrevi para o jornal da faculdade. Por enquanto, nenhuma pintura.

Estendi a mão para a segunda caixa, puxei-a e olhei seu interior, encontrando uma boneca Raggedy Ann, uma caixa de notas de paixonites do último ano do colegial, e meu amado diário Torta de Morango da época da escola primária. E era isso.

Como eu pude ter perdido a pintura? Como pude ter sido tão descuidada? Levantei-me, procurando no armário uma última vez. De repente, um saco plástico escondido no canto de trás chamou minha atenção. Meu coração disparou de ansiedade enquanto o trazia para a luz.

Dentro do saco plástico, enrolado em uma toalha de praia rosa e turquesa, estava a pintura. Algo doía dentro de mim conforme a apertava em minhas mãos. O cata-vento. A praia. A casa antiga. Era exatamente como me lembrava daquele cenário. Mas não o casal. Não, algo estava diferente. Sempre imaginei que retratasse Bee e tio Bill. A mulher certamente era Bee, com suas pernas longas e a calça capri azul-bebê. “Calça de verão”, ela a chamava. Porém o homem não era o tio Bill. Não. Como eu poderia ter deixado aquilo passar despercebido? Bill tinha cabelo loiro-claro como areia. Mas este homem tinha cabelos escuros, grossos e ondulados. Quem era ele? E por que Bee se retratara junto dele?

Deixei a bagunça no chão e descí as escadas, com a pintura, até minha agenda de endereços. Teclei com força os números conhecidos no telefone e respirei fundo, ouvindo o som do primeiro chamado e, em seguida, o segundo.

— Alô? — Sua voz era a mesma de sempre, forte e profunda, com contornos suaves.

— Bee, sou eu, Emily — eu disse, minha voz falhando um pouco. — Sinto muito, mas faz tanto tempo. Acontece que eu...

— Bobagem, querida — ela cortou. — Não há necessidade de desculpas. Recebeu meu cartão-postal?

— Seu cartão-postal?

— Sim, enviei-o na semana passada, depois que ouvi as notícias.

— Você ouviu? — Eu não havia contado a muitas pessoas sobre Joel. Nem a meus pais, em Portland — não ainda, de qualquer maneira. Nem a minha irmã, em Los Angeles, com seus filhos perfeitos, marido amoroso e horta orgânica. Nem mesmo a minha terapeuta. Mesmo assim, não estava surpresa de que a notícia houvesse trilhado seu caminho até Bainbridge Island.

— Sim — ela disse. — E me perguntava se você viria para fazer uma visita. — Ela fez uma pausa. — Esta ilha é um lugar maravilhoso para se curar.

Corri o dedo ao longo da borda da pintura. Queria estar lá naquele momento — em Bainbridge Island, na grande e quente cozinha de Bee.

— Quando você vem? — Bee nunca desperdiçava palavras.

— Amanhã seria muito cedo?

— Amanhã — disse ela — é dia primeiro de março, mês em que o som está no seu melhor, querida. Tudo está absolutamente vivo.

Eu sabia o que ela queria dizer. As águas cinzentas agitadas. As algas marinhas, as algas pardas e as cracas. Eu quase podia sentir a maresia. Bee acreditava que o estuário de Puget tinha imenso poder de cura. E eu sabia que, quando lá chegasse, ela me encorajaria a tirar os sapatos e a ir nadar, mesmo se fosse uma hora da manhã.

— E, Emily?

— Sim.

— Há uma coisa importante sobre a qual precisamos conversar.

— O que é?

— Agora não. Não por telefone. Quando você chegar aqui, querida.

Depois que desliguei, desci até a caixa de correio e encontrei, entre outras correspondências, uma fatura de cartão de crédito, o catálogo da Victoria's Secret — endereçado a Joel — e um grande envelope quadrado. Reconheci o endereço do remetente, e só me custou um instante para me recordar de onde o havia visto: nos papéis do divórcio. Havia também o fato de que o pesquisara na semana anterior. Era o endereço da nova casa de Joel na Rua 57 — o que ele estava compartilhando com Stephanie.

A adrenalina começou a subir quando imaginei que Joel poderia estar tentando me alcançar. Talvez ele estivesse me enviando uma carta, um cartão — não, um começo romântico para uma caçada: um convite para encontrá-lo em algum lugar da cidade, onde haveria outra pista, e depois mais quatro, e então ele estaria em pé em frente ao hotel onde nos conhecemos havia

muitos anos. E ele estaria segurando uma rosa — não, uma placa, na qual estaria escrito DESCULPE-ME. EU TE AMO. PERDOE-ME. Exatamente assim. Poderia ser o final perfeito para um trágico romance. *Dê-nos um final feliz, Joel*, sussurrei em pensamento enquanto corria o dedo ao longo do envelope. *Ele ainda me ama. Ele ainda sente alguma coisa.*

Mas quando levantei a borda do envelope e, cuidadosamente, tirei o cartão tingido de dourado de dentro, a fantasia se estilhaçou. Tudo o que eu podia fazer era fitar as palavras.

O cartão grosso. A caligrafia rebuscada. Era um convite de casamento. O convite de casamento *dele*. Às seis da tarde. Jantar. Dança. Uma celebração do amor. Carne ou frango. Aceite com prazer. Decline com pesar. Fui até a cozinha, calmamente ignorando a lixeira e, em vez de mandar a pequena folha dourada diretamente para o lixo da cozinha, coloquei-a sobre uma caixa de frango chow mein mofado.

Desastrada com o restante das correspondências, deixei cair uma revista, e quando me abaixei para pegá-la, vi o cartão-postal de Bee, que havia se escondido nas páginas da *The New Yorker*. A frente trazia uma balsa, branca com gradis de proteção verdes, entrando em Eagle Harbor. Virei-o e li:

Emily,

A ilha tem toda uma maneira de chamar alguém de volta quando é hora. Venha para casa. Sinto saudades de você, querida.

Com todo meu amor,

Bee

Pressionei o cartão-postal em meu peito e respirei profundamente.



1º de março

Bainbridge Island jamais conseguiu esconder sua glória, mesmo sob a escuridão. Eu a observava pela janela quando a balsa atingiu Eagle Harbor, passando pela costa coberta de seixos e pelas casas com telhados de madeira da ilha, as quais se agarravam corajosamente à encosta. Interiores com um brilho alaranjado chamavam a atenção, como se as pessoas ali deixassem preparado um lugar a mais enquanto se reuniam ao redor das lareiras para saborear um vinho ou chocolate quente.

Os habitantes da ilha formavam um grupo eclético: mães que dirigiam Volvos e cujo marido executivo se deslocava para Seattle pela balsa, artistas e poetas reclusos e um punhado de celebridades. Havia rumores de que, antes de sua separação, Jennifer Aniston e Brad Pitt compraram nove hectares na costa oeste, e todo mundo sabia que vários ex-membros do elenco de *Gilligan's Island* chamavam Bainbridge de lar. Claramente, aquele era um bom lugar para se perder. E era isso que eu estava prestes a fazer.

De norte a sul, a ilha possui apenas dez quilômetros de comprimento, mas é como se fosse um continente, orgulhoso de seus direitos. Há angras e baías, enseadas e lodaçais, uma adega, uma fazenda de frutas, uma fazenda de lhamas, dezesseis restaurantes, um café que faz enroladinhos caseiros de canela e o melhor café que já provei, e um mercado cujos produtos incluem vinho de framboesa fabricado ali e acelga orgânica colhida apenas algumas horas antes de fazer sua aparição na gôndola.

Respirei fundo e contemplei meu rosto no reflexo da janela, e uma mulher séria e cansada contemplou-me de volta — muito longe da garota que fizera sua primeira viagem à ilha anos antes. Encolhi-me, lembrando de algo que Joel havia dito há alguns meses. Nós estávamos nos preparando para sair do apartamento a fim de nos encontrarmos com amigos para jantar.

— Emi — ele disse, olhando-me com um olhar crítico. — Você se esqueceu de se maquiar?

Sim, eu havia me maquiado, muito obrigada, mas o espelho do corredor revelava uma pele pálida e sem viço. As maçãs do rosto salientes que ninguém mais em minha família tinha, além de mim, aquelas que minha mãe dizia que eu devia ter herdado do leiteiro — as maçãs do rosto

que todo mundo dizia ser um grande atrativo — pareciam apenas erradas. Eu parecia errada.

Desci da balsa para a rampa que conduzia ao terminal, onde Bee estaria esperando por mim em seu fusca verde 1963. O ar tinha odor de água do mar, fumaça do motor da balsa, mariscos em decomposição e de ciprestes, exatamente igual ao odor de que me lembrava quando eu tinha 10 anos.

— Eles deveriam engarrafá-lo, não deveriam? — disse um homem atrás de mim.

Ele parecia ter pelo menos 80 anos, e vestia um terno de veludo marrom. Tinha um ar de professor, com seus óculos de leitura de aros grossos pendurados no pescoço — simpático, de certa forma como um ursinho de pelúcia.

Eu não tinha certeza se ele estava se dirigindo a mim, até que falou novamente.

— Esse cheiro — disse, com uma piscadela. — Eles deveriam engarrafá-lo.

— Sim — respondi, acenando com a cabeça. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. — Não estive aqui por dez anos. Acho que me esqueci de quanto estava perdendo.

— Ah, você é de fora da cidade?

— Sim — confirmei. — Estou aqui para passar o mês.

— Bem-vinda, então — ele disse. — Veio para ver alguém, ou está apenas passeando?

— Minha tia Bee.

Ele abriu a boca amplamente.

— Bee Larson?

Sorri discretamente. Como se houvesse qualquer outra Bee na ilha.

— Sim. Você a conhece?

— É claro — disse ele, como se eu devesse saber daquele fato. — Ela é minha vizinha.

Sorri. Havíamos chegado ao terminal agora, mas não vi o carro de Bee em lugar nenhum.

— Você sabe — ele continuou —, pensei que você parecia familiar, quando a vi pela primeira vez, e eu...

Nós dois olhamos para o alto quando ouvimos o som inconfundível de estalo e crepitação de um motor Volkswagen. Bee dirigia rápido demais para sua idade — para qualquer idade, realmente. De alguma forma, espera-se que alguém de 85 anos de idade tema o acelerador, ou, ao menos, o respeite. Não Bee. Ela parou com uma manobra brusca, a poucos centímetros de nossos pés.

— Emily! — Bee exclamou enquanto saía rapidamente do carro, já de braços abertos. Vestia jeans escuros, que possuíam discretas bocas de sino, e uma túnica verde-pálido. Bee era a única mulher na casa dos 80 que eu sabia que se vestia como se ainda tivesse seus 20 anos — bem, uns 20 anos da década de 1960, talvez; a estampa de sua túnica era paisley^[2].

Senti um nó na garganta quando nos abraçamos. Sem lágrimas, apenas uma protuberância.

— Eu estava conversando com seu vizinho — falei, percebendo que não havia perguntado o nome dele.

— Henry — ele se apresentou, sorrindo para mim e me estendendo a mão.

— Prazer em conhecê-lo, Henry. Sou Emily. — Havia algo familiar nele, também. — Espere, nós já nos conhecemos antes, não nos conhecemos?

Ele concordou.

— Sim, mas você era uma criança. — Ele balançou a cabeça frente ao espanto de Bee.

— Devemos ir para casa, filha — disse Bee, passando às pressas por Henry. — Devem ser pelo menos duas horas da madrugada no horário de Nova York.

Eu estava cansada, mas não tanto a ponto de esquecer que havia um porta-malas de um fusca a minha frente, e acomodei minha bagagem. Bee ligou o motor, e me voltei para um olhar de despedida e um aceno para Henry, mas ele se fora. Perguntei-me por que Bee não havia oferecido uma carona ao seu vizinho.

— É tão bom ter você aqui, querida — disse Bee enquanto fugia do terminal. Os cintos de segurança do veículo não funcionavam, mas não me importei. Estar ali com Bee, naquela ilha, fazia com que me sentisse segura.

Olhei pela janela para o céu estrelado de inverno enquanto o fusca avançava rapidamente. A estrada de Hidden Cove cortava seu caminho até ao mar, suas curvas acentuadas e sinuosas evocando Lombard Street, em São Francisco. Nenhum bondinho poderia passar pela profusão de árvores emaranhadas, que se abriam para revelar a casa de praia de Bee. Mesmo se você a houvesse visto todos os dias de sua vida, ela nunca deixava de tirar o fôlego, a velha casa branca colonial de formato irregular, com sua entrada com colunas e persianas de ébano flanqueando as janelas da frente. Tio Bill lhe pedira para pintá-las de verde. Mamãe dizia que deveriam ser azuis. Mas Bee sempre insistiu que não havia sentido em ter uma casa branca sem persianas pretas.

Eu era incapaz de ver se os lilases estavam florescendo, ou se os rododendros estavam tão exuberantes como me lembrava, ou se a maré estava baixa ou alta. Entretanto, mesmo no escuro,

o lugar parecia efervescente e espumante, intocado pelo tempo.

— Aqui estamos nós — disse Bee, freando tão bruscamente que tive de me segurar. — Sabe o que você deveria fazer?

Previ exatamente suas próximas palavras.

— Deveria ir colocar os pés no estuário — disse ela, apontando para a praia. — Faria você se sentir muito bem.

— Amanhã — respondi, sorrindo. — Hoje eu só quero ir para dentro e afundar no sofá.

— Ok, querida — ela concordou, colocando uma mecha do meu cabelo loiro atrás da orelha. — Senti sua falta.

— Eu também — falei, apertando sua mão.

Tirei minha bagagem do porta-malas e a segui pelo caminho de tijolos que levava até a casa. Bee vivia ali muito antes de se casar com tio Bill. Seus pais morreram em um acidente de carro quando ela estava na faculdade, e deixaram para ela, sua filha única, uma fortuna, com a qual ela fez uma compra significativa e singular: a mansão Keystone, a imensa e velha casa colonial de oito quartos que estivera fechada por anos. Desde a década de 1940, um debate local havia se acalorado sobre qual fora o ato mais excêntrico de Bee: comprar a casa enorme ou tê-la refeito, de uma só vez, por dentro e por fora.

Quase todos os quartos proporcionavam uma visão do estuário pelas grandes janelas de caixilhos que sacudiam em noites de ventania. Minha mãe sempre dizia que a casa era muito grande para uma mulher que não tinha filhos. Mas creio que ela estava com ciúmes; ela morava em uma casa de três quartos.

A grande porta da frente rangeu quando Bee e eu entramos.

— Venha — disse ela. — Vou acender o fogo e depois preparar uma bebida para nós.

Eu observei enquanto Bee empilhava as toras na lareira. Ocorreu-me que deveria ter feito aquilo por ela. Contudo me sentia muito cansada para me mover. Minhas pernas doíam. Tudo doía.

— É engraçado — falei, balançando a cabeça. — Todos esses anos em Nova York, e eu nunca fiz sequer uma viagem para visitar você. Sou uma sobrinha terrível.

— Sua mente estava em outro lugar — disse ela. — E, além disso, o destino tem sua própria maneira de trazê-la de volta quando é hora de voltar.

Lembrei-me das palavras em seu cartão-postal. De certa forma, a definição de destino de Bee parecia mais como meu fracasso, mas sua intenção foi gentil.

Olhei ao redor da sala e suspirei.

— Joel teria gostado daqui — comentei. — Mas eu nunca conseguiria convencê-lo a deixar o trabalho por tempo suficiente para fazer a viagem.

— Foi melhor assim — disse ela.

— Por quê?

— Porque não acho que teríamos nos dado bem.

Sorri.

— Você provavelmente está certa. — Bee não tinha muita paciência para fingimentos, e Joel era especialista em esconder sua verdadeira face.

Ela se levantou e caminhou até o canto da sala a que chamava de “lanai”^[3], onde ela mantinha um bar completo. O espaço era fechado quase inteiramente por janelas, além de uma parede, onde havia um grande quadro pendurado. Lembrei-me da tela que havia enfiado em minha mala antes de sair de Nova York. Eu queria perguntar a ela sobre a pintura, mas não naquele momento. Aprendi há muito tempo que discutir a arte de Bee, tal como muitos assuntos referentes a sua vida, estava fora dos limites.

Pensei na noite, quando eu tinha 15 anos, em que minha prima Rachel e eu escapamos para o lanai, escondemos-nos no armário, com suas portas escuras treliças de madeira, e bebemos quatro doses de rum cada uma, enquanto os adultos jogavam cartas em outro aposento. Lembrei-me de como desejei, naquela ocasião, que o quarto parasse de girar. Foi a última vez que bebi rum.

Bee voltou com duas Gordon Greens, uma mistura de lima e pepino com gim, xarope simples e uma pitada de sal marinho.

— Então, vamos ouvir sobre você — ela disse, entregando-me um copo.

Eu tomei um gole, desejando que houvesse uma história para contar a Bee. Qualquer história. Senti novamente o nó em minha garganta, e quando abri minha boca para dizer alguma coisa, não havia palavras, e, por isso, olhei para o colo.

Bee balançou a cabeça como se aquilo houvesse acabado de fazer todo o sentido.

— Entendo — disse ela. — Entendo.

Ficamos ali, sentadas em silêncio, olhando para as chamas hipnóticas do fogo, até que senti minhas pálpebras se tornarem pesadas.

2 de março

Não sei o que me acordou na manhã seguinte: as ondas quebrando na praia, tão alto que parecia possível que elas estivessem nos alcançando como braços de mar batendo à porta, ou o aroma de café da manhã na cozinha — panquecas, que ninguém mais comia, certamente não os adultos, e certamente não os adultos em Nova York. Ou talvez tenha sido meu telefone que abalou meus olhos a se abrirem, o telefone celular que estava tocando em algum lugar entre as almofadas do sofá. Eu não havia ido para o quarto de hóspedes na noite anterior, a fadiga levou a melhor sobre mim — a fadiga ou a exaustão emocional. Ou as duas juntas.

Empurrei o edredom para o lado — Bee devia ter me coberto depois que adormeci — e comecei a cavar freneticamente em busca do telefone.

Era Annabelle.

— Oi — eu disse calmamente.

— Olá! — respondeu ela, assustando-me com sua alegria. — Eu só queria ter certeza de que você fez tudo certo. Está tudo bem?

Com toda minha honestidade, eu gostaria de ser como Annabelle e colocar tudo para fora. Queria chorar copiosamente grandes e gloriosas lágrimas. Deus sabia disso, eu precisava.

Ela estava hospedada em minha casa naquele mês, enquanto seus vizinhos do andar de cima começavam a aprender trompete.

— Houve alguma ligação? — perguntei, sabendo que Annabelle entenderia exatamente de quem eu estava falando. Eu sabia que soava patético, mas há muito tempo cada uma havia dado à outra a permissão para ser patética uma com a outra.

— Sinto muito, Emi, sem chamadas.

— Certo — eu disse. — É claro. Então, como estão as coisas por aí?

— Bem — contou ela —, eu encontrei Evan por acaso no café da manhã hoje cedo.

Evan é ex de Annabelle, com quem ela não se casou por conta da antipatia dele pelo jazz, e, bem, por outras coisas, também. Vamos ver... ele roncava. E comia hambúrgueres, o que era um problema porque Annabelle é vegetariana. E, além disso, havia o negócio do seu nome. Evan não é um nome para se casar.

— Vocês dois conversaram?

— Mais ou menos — disse ela. Sua voz de repente soou distante, como se ela pudesse estar fazendo duas coisas ao mesmo tempo. — Mas foi estranho.

— O que ele disse?

— Bem, ele me apresentou a nova namorada, Vivien.

Ela disse *Vivien* como se fosse o nome de algum tipo de problema de saúde temível — como um exantema, ou talvez uma infecção por estafilococos.

— Senti algum ciúme aqui, Annie? Lembre-se, foi você quem terminou com ele.

— Eu sei — ela concordou. — E não me arrependo da decisão.

Não engoli a conversa de minha amiga.

— Annie, eu conheço Evan — falei — e sei que se você ligasse agora e dissesse a ele o que sente realmente, ele seria seu. Ele ainda ama você.

Houve um silêncio do outro lado da linha, como se ela estivesse considerando minha ideia.

— Annie? — chamei. — Você está aí?

— Sim — ela respondeu. — Desculpe, tive que soltar o telefone instantâneo. O cara da UPS acabou de aparecer em sua porta e eu precisei assinar para receber um pacote. Você sempre recebe tanta correspondência?

— Então você não ouviu uma palavra do que eu disse.

— Desculpe — ela repetiu. — Foi algo importante?

Suspirei.

— Não.

Apesar do fato de que ela acreditava ser uma romântica incurável, e apesar de sua pesquisa, quando se tratava de amor, Annabelle havia aperfeiçoado a arte da sabotagem de relacionamento.

— Bem, ligue para mim se quiser conversar — disse ela.

— Ligarei.

— Eu amo você.

— Também amo você, e fique longe de meu hidratante Laura Mercier — avisei meio de brincadeira, meio a sério.

— Creio que posso lidar com isso se você me prometer que vai trabalhar nas coisas no departamento de lágrimas — ela respondeu.

— Fechado.

Quando me dirigi para a cozinha, fiquei surpresa por não encontrar Bee ali, cuidando do fogão. Em vez disso, havia um prato de panquecas, algumas tiras de bacon em uma pequena pilha organizada e um pote de geleia de framboesa caseira esperando sobre a mesa, ao lado de um bilhete:

Emily,

Preciso ir até a cidade para fazer algumas tarefas e não quis acordá-la. Deixei um prato com suas panquecas de trigo sarraceno favoritas e bacon para você (aqueça no micro-ondas — quarenta e cinco segundos em potência alta). Estarei de volta um pouco mais tarde. Coloquei suas coisas no quarto no final do corredor. Fique à vontade.

E você deve fazer uma caminhada após o café da manhã. O estuário está lindo hoje.

*Com amor,
Bee*

Baixei o bilhete e olhei pela janela. Ela estava certa. A água cinza-azulada, a mistura febril de areia e pedras ao longo da costa — era de tirar o fôlego. Eu queria correr para fora naquele momento e cavar para encontrar moluscos, ou levantar pedras e procurar caranguejos, ou tirar a roupa e nadar até a boia, do mesmo modo que havia feito nos verões de minha infância. Queria mergulhar naquele grande, belo e misterioso corpo d'água. O pensamento, por um segundo, fez com que me sentisse viva novamente, mas durou apenas um segundo. Então lambuzei minhas panquecas na geleia de framboesa de Bee e comi.

A mesa estava exatamente como eu me lembrava, coberta com uma toalha de mesa plastificada amarela com estampa de abacaxi, um porta-guardanapo decorado com conchas e uma pilha de revistas. Bee lê cada edição da *The New Yorker*, de capa a capa, e depois recorta suas histórias favoritas, gruda post-its contendo seus comentários e as manda para mim pelo correio, não importando quantas vezes eu tenha lhe dito que ela realmente não precisava se incomodar; eu sou assinante da revista.

Depois que coloquei meu prato na máquina de lavar louça, caminhei pelo corredor, olhando para cada quarto, até que encontrei aquele em que Bee havia colocado minhas malas. Em todos os anos em que a visitei quando era criança, nunca tinha posto os pés naquele quarto. Na verdade, nem mesmo me recordava se ele sempre estivera ali. Mas Bee tinha o hábito de manter alguns quartos trancados, por razões que minha irmã, Danielle, e eu nunca iríamos entender.

Sim, decidi, eu teria me lembrado daquele quarto. As paredes eram pintadas de rosa — o que era estranho, porque Bee odiava rosa. Perto da cama havia uma cômoda, uma mesa de cabeceira

e um grande armário. Olhei pela janela, que se voltava para o lado oeste da costa, e relembrei a sugestão de Bee de fazer uma caminhada. Decidi desfazer as malas depois e ir para a praia. Estava fraca demais para resistir ao seu magnetismo por mais tempo.

Capítulo 3



Não me incomodei em trocar de roupa ou escovar meu cabelo, coisas que certamente eu teria feito em Nova York. Em vez disso, vesti um suéter, enfiei os pés em um par de botas de borracha verdes do exército que Bee mantinha no hall, e saí da casa.

Há algo estranhamente terapêutico em se caminhar pela areia pantanosa, a sensação da água correndo abaixo dos pés sinalizando para o cérebro de que está tudo bem em deixar as coisas correrem por um tempo. E foi isso que eu fiz naquela manhã. Também não me repreendi quando minha mente voltou-se para Joel e mil pequenas memórias aleatórias do passado. Esmaguei uma casca de caranguejo oca com minha bota, esfaqueando-a em mil pedaços.

Peguei uma pedra e atirei-a à água tão longe e tão fortemente quanto pude. Caramba. Por que nossa história teve que acabar daquele modo? Então peguei outra, e outra, jogando-as violentamente no estuário, até que caí sobre um pedaço de madeira flutuante que estava próximo. Como ele pôde? Como pude? Apesar de tudo, havia uma pequena parte de mim que o queria de volta, e eu me odiava por isso.

— Você nunca vai fazer a pedra ricochetear com um lançamento assim.

Pulei ao som da voz de um homem. Era Henry, caminhando lentamente em minha direção.

— Ah, oi — respondi, desconfortavelmente consciente de mim mesma. Ele vira minha birra? E por quanto tempo? — Eu só estava...

— Atirando pedras — disse ele, balançando a cabeça. — Mas sua técnica, querida, está totalmente errada. — Abaixou-se e pegou uma pedra fina de bolacha-de-praia e segurou-a contra a luz, examinando todos os ângulos. — Sim — disse finalmente. — Esta servirá. — Ele se voltou para mim. — Agora, segure a pedra dessa forma, e depois deixe seu braço fluir como manteiga enquanto você a lança.

Ele a atirou em direção à costa, e ela voou sobre a água, onde fez uma pequena dança de seis saltos sobre a superfície.

— Caramba! — ele resmungou. — Estou perdendo a manha. Seis é terrível.

— É mesmo?

— Bem, sim — disse ele. — Meu recorde é quatorze.

— Quatorze? Você não pode estar falando sério.

— Enquanto eu viver e estiver aqui — disse ele, atravessando o coração com a mão do jeito que você faz quando tem 11 anos de idade. E é um membro de um grupo de escoteiros. — Fui, certa vez, o campeão de ricocheteio de pedras da ilha.

Não pude conter o riso.

— Eles têm concursos de ricocheteio de pedra?

— Claro que têm — disse ele. — Agora, tente.

Perscrutei a areia e peguei uma pedra plana.

— Aqui vai — avisei, elevando o braço e atirando. A pedra atingiu a água e mergulhou de modo péssimo. — Viu? Sou terrível.

— Que nada! — disse ele. — Você só precisa de prática.

Sorri. Seu rosto estava desgastado e enrugado como um velho livro com capa de couro. Mas seus olhos... bem, eles me diziam que, em algum lugar dentro daquelas linhas de expressão residia um homem jovem.

— Posso lhe oferecer uma xícara de café? — ele perguntou, apontando costa acima para uma pequena casa branca sobre o tabique. Seus olhos brilhavam.

— Sim — respondi-lhe. — Isso parece ótimo.

Caminhamos até os degraus de concreto que levavam a uma via coberta de musgo. Os seis degraus de pedra nos deixaram na entrada da casa de Henry, sob a sombra de dois cedros grandes e antigos que se postavam como sentinelas.

Ele abriu a porta de tela. O barulho da madeira rivalizou com os de algumas gaivotas que estavam sobre o telhado e que se manifestaram em desaprovação enquanto voavam de volta para a água.

— Faz tempo que pretendo consertar essa porta — ele comentou, tirando as botas na varanda. Segui seu exemplo e fiz o mesmo.

Minhas bochechas se aqueceram com a lareira crepitando e estalando na sala de estar.

— Fique à vontade — disse ele. — Vou fazer o café.

Assenti e caminhei até a lareira, com sua cornija de mogno escuro delineada com conchas, pequenas pedras brilhantes e fotografias em preto e branco em molduras simples. Uma das fotos

chamou minha atenção. A mulher tinha o cabelo loiro ondulado e penteado rente à cabeça, da forma como as mulheres se penteavam em 1940. Ela irradiava glamour, como um modelo ou uma atriz, ali, de pé na praia, com o vento soprando o vestido contra seu corpo, o contorno dos seios e sua cintura fina visível. Havia uma casa ao fundo, a casa de Henry, e os cedros, muito menores naquela época, mas já plenamente reconhecíveis. Perguntei-me se ela havia sido sua esposa. Sua pose parecia muito sugestiva para ser uma irmã. Quem quer que fosse ela, Henry a adorava. Eu tinha certeza disso.

Ele se aproximou com duas canecas grandes na mão.

— Ela é linda — eu disse, pegando a foto e sentando-me no sofá sem soltá-la, para um olhar mais atento. — Sua esposa?

Ele pareceu surpreso com a pergunta, e, em seguida, respondeu simplesmente:

— Não. — Entregou-me uma caneca e depois levantou-se e correu os dedos ao longo do queixo, da forma como os homens fazem quando estão confusos ou não têm certeza sobre algo.

— Sinto muito — eu lhe disse, recolocando rapidamente o quadro sobre a lareira. — Não queria me intrometer.

— Não, não — disse ele, de repente sorrindo. — É bobagem, eu acho. Isso foi há mais de sessenta anos; é claro que você concluiu que eu seria capaz de falar sobre ela.

— Ela?

— Ela era minha noiva — continuou ele. — Nós estávamos caminhando para o casamento, mas... as coisas não deram certo. — Ele fez uma pausa, como se estivesse mudando de ideia sobre algo. — Eu provavelmente não devia ser...

Nós dois olhamos para cima quando ouvimos uma batida na porta.

— Henry? — Era uma voz de homem. — Você está em casa?

— Ah, é Jack — disse Henry, voltando-se para mim. Ele falou o nome de uma forma familiar, como se eu estivesse esperando para conhecê-lo.

Observei da sala de estar quando ele abriu a porta e recebeu um homem de cabelos escuros próximo da minha idade. Ele era alto, tão alto que precisou se abaixar um pouco quando entrou na casa. Usava calça jeans e um suéter de lã cinza, e embora ainda estivéssemos apenas na metade da manhã, a pálida sombra visível em seu queixo insinuava o fato de que ele ainda não havia se barbeado, ou se banhado.

— Oi — ele disse, um pouco sem jeito, quando seus olhos encontraram os meus. — Sou Jack.

Henry me apresentou.

— Esta é Emily... você sabe, a sobrinha de Bee Larson.

Jack olhou para mim, e depois de volta para Henry.

— Sobrinha de Bee.

— Sim — respondeu Henry. — Ela passará esse mês aqui.

— Bem-vinda — disse Jack, arregaçando a manga do suéter. — Desculpe, não queria interromper; comecei a cozinhar e, no meio da receita, percebi que estava sem ovos. Você não teria, por acaso, dois aí com você, não é?

— É claro — disse Henry enquanto se dirigia para a cozinha.

Enquanto Henry se foi, meus olhos se encontraram com os de Jack, mas logo desviei o olhar. Ele esfregava a testa; eu brincava com o zíper da minha blusa. O silêncio era tão espesso e sufocante quanto a areia escura na praia do lado de fora da janela.

Um esguicho soou na água do lado de fora. Assustei-me, batendo meu pé na borda da mesinha lateral e assistindo, impotente, ao pequeno vaso branco que repousava sobre uma pilha de livros cair ao chão, onde se quebrou em quatro pedaços irregulares.

— Ah, não! — exclamei, balançando a cabeça, igualmente preocupada por quebrar uma das preciosas relíquias de Henry e por me envergonhar na frente de Jack.

— Aqui, vou ajudá-la a esconder as evidências — disse ele, sorrindo. Gostei dele instantaneamente.

— Sou a mulher mais desajeitada do mundo — afirmei, enterrando o rosto nas mãos.

— Bom — respondeu ele, puxando a manga do suéter para revelar o preto e o roxo de uma contusão recente. — Sou o homem mais desajeitado do mundo. — Tirou um saco de plástico do bolso e, cuidadosamente, pegou o que restava do vaso. — Podemos colar as peças depois — continuou ele.

Eu sorri.

Henry voltou com uma caixa de ovos e entregou-a a Jack.

— Desculpe, tive que correr até o refrigerador na garagem — disse ele.

— Obrigado, Henry — disse Jack. — Fico lhe devendo.

— Você não vai ficar?

— Não posso — disse ele, relanceando o olhar em minha direção —, realmente preciso voltar, mas obrigado. — Ele se virou para mim com o olhar de um cúmplice. — Prazer em

conhecê-la, Emily.

— Prazer em conhecê-lo — respondi, desejando que ele não tivesse que ir tão depressa.

Henry e eu observamos pela janela enquanto Jack se dirigia ao caminho de volta à praia.

— Ele é um cara estranho, esse Jack — disse ele. — Aqui está a garota mais bonita da ilha, em minha sala, e ele não pode sequer ficar para o café.

Tive certeza de que estava corada.

— Você é muito gentil — eu disse. — Olhe para mim. Eu apenas rolei para fora da cama...

Ele piscou.

— Eu quis dizer exatamente o que eu disse.

— Você é um doce — falei.

Nós conversamos durante uma segunda xícara, mas um olhar de relance para meu relógio me contou que eu estava fora fazia quase duas horas.

— Acho que preciso voltar, Henry — disse. — Bee vai começar a se perguntar por onde ando.

— É claro — respondeu ele.

— Verei você na praia — eu disse.

— Sempre que estiver passando, por favor, pare aqui.

A maré estava baixa agora, expondo uma camada secreta da vida na costa, e enquanto voltava, vi-me pegando conchas e pedaços grandes de alga verde-esmeralda borbulhante e estourando as bolhas de ar da estrutura viscosa, do jeito que havia feito tantos anos atrás. Uma pedra brilhava ao sol, e me ajoelhei para pegá-la, quando ouvi passos atrás de mim. Sons de passos de animal, e em seguida, alguém gritando.

— Russ, aqui, garoto!

Virei-me, e em um instante, um grande e desajeitado retriever de pelo dourado abordou-me com a força de um jogador de futebol americano.

— Ei! — gritei, limpando meu rosto, que havia acabado de ser lambido.

— Sinto muito — disse Jack. — Ele escapou pela porta dos fundos. Espero que você não tenha se assustado. Ele é inofensivo, apesar dos cinquenta quilos.

— Eu estou bem — respondi, sorrindo, tirando um pouco de areia da minha calça, antes de me ajoelhar para fazer ao cão uma saudação adequada.

— E você deve ser Russ — falei. — Prazer em conhecê-lo, companheiro. Eu sou Emily. — Olhei para Jack. — Eu estava voltando para a casa de Bee.

Ele agarrou a correia atada à coleira de Russ.

— Chega de acrobacias como essa, garoto! — brincou, antes de olhar para mim. — Eu vou com você, estamos indo nessa direção.

Passou-se um minuto, talvez mais, antes que qualquer um de nós falasse. Eu estava contente com o som de nossas botas na costa rochosa.

— Então, você mora aqui em Washington? — Jack perguntou finalmente.

— Não — respondi. — Em Nova York.

Ele balançou a cabeça.

— Nunca estive lá.

— Você deve estar brincando. Você nunca foi a Nova York?

Ele deu de ombros.

— Creio que nunca tive um motivo para ir. Vivi aqui toda minha vida. Nunca pensei em sair.

Assenti, olhando para a praia que se estendia indefinidamente.

— Bem, cá estou eu na ilha, de novo. — Fiz uma pausa e olhei ao redor. — Na verdade, não sei por que a deixei. Não sinto falta de Nova York agora, de qualquer jeito.

— E o que a trouxe aqui este mês?

Já não lhe disse que estou visitando minha tia? Essa explicação não foi suficiente? Eu não iria lhe dizer que estava fugindo de meu passado, o que em certo sentido era verdade, ou que estava tentando descobrir meu futuro, ou que, Deus me perdoe, havia acabado de me divorciar. Respirei fundo e lhe disse:

— Estou fazendo pesquisa para meu próximo livro.

— Ah — ele disse. — Você é escritora?

— Sim — respondi, engolindo em seco. Odiava a autoimportância do meu tom. Poderia alguma coisa do que eu fazia ali realmente ser considerada “pesquisa”? Como de costume, no momento em que comecei a falar sobre minha carreira, comecei a me sentir vulnerável.

— Uau — ele se admirou. — Então, o que você escreve?

Contei-lhe sobre *Chamando Ali Larson*, e ele estacou de repente.

— Você está brincando — disse ele. — Esse livro virou filme, certo?

Concordei.

— E você? — perguntei, de repente ansiosa por mudar de assunto. — O que você faz?

— Sou artista — ele respondeu. — Um pintor.

Meus olhos se arregalaram.

— Ah, uau! Eu adoraria ver seu trabalho algum dia. — Mas, no segundo em que falei isso, senti meu rosto queimar de vergonha. *Eu poderia estar mais esquisita, mais enferrujada? Será que eu já havia esquecido completamente como falar com um homem?*

Em vez de agradecer a declaração, ele exibiu um rápido meio sorriso antes de chutar o pé na areia, arrancando um pedaço de madeira que estava preso.

— Você consegue acreditar que a praia esteja assim esta manhã? — Ele apontou para os escombros espalhados ao longo da costa. — Deve ter havido uma verdadeira tempestade na noite passada.

Eu adorava a praia depois de uma tempestade. Quando tinha 13 anos, a pasta de um banqueiro foi levada para aquela mesma praia, com exatamente 319 dólares em seu interior — eu sei porque contei cada nota — junto com um revólver encharcado. Bee chamou a polícia, que localizou os restos de um assalto a banco que dera errado dezessete anos antes. Dezessete anos. O estuário de Puget é como uma máquina do tempo, escondendo coisas e depois vomitando-as de volta em suas costas, no momento e local de sua escolha.

— Então, você disse que viveu aqui na ilha por toda sua vida. Portanto, você deve conhecer minha tia.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

— Se a conheço? Sim, pode-se dizer que sim.

A casa de Bee repousava alguns passos à frente.

— Quer entrar? — perguntei. — Você poderia dizer olá para Bee.

Ele hesitou, como se lembrando de algo ou alguém.

— Não — ele respondeu de imediato, apertando os olhos cautelosamente em direção à janela. — Não, é melhor não.

Mordi a ponta do lábio.

— Ok — respondi. — Bem, vejo você por aí, então.

E foi isso, disse a mim mesma, caminhando para a porta de trás. *Por que ele parece tão desconfortável?*

— Espere, Emily — Jack chamou da praia alguns momentos depois.

Virei-me.

— Desculpe — disse ele. — Estou um pouco sem prática. — Afastou uma mecha do cabelo escuro dos olhos, e o vento a soprou de volta. — Só estava me perguntando se você gostaria de vir para jantar — ele falou — em minha casa. Sábado à noite, às sete?

Fiquei ali, olhando para ele, esperando para abrir minha boca. Demorou alguns segundos, mas encontrei minha voz, e minha cabeça.

— Eu adoraria — respondi, balançando a cabeça.

— Vejo você, então, Emily — ele se despediu, sorrindo mais amplamente.

Eu havia notado Bee nos observando pela janela, mas quando entrei na casa, ela havia se movido para o sofá.

— Ora, vejo que você conheceu Jack — ela comentou, com os olhos fixos nas palavras cruzadas.

— Sim — confirmei. — Ele estava na casa de Henry, hoje.

— Henry? — disse Bee, levantando os olhos. — O que você estava fazendo lá?

— Estava fazendo uma caminhada de manhã, e me encontrei com ele na praia, por acaso. — Dei de ombros. — Ele me convidou para um café.

Bee parecia preocupada.

— O que tem isso? — perguntei.

Ela abaixou o lápis e olhou para mim.

— Tenha cuidado — disse enigmaticamente. — Especialmente com Jack.

— Cuidado? Por quê?

— As pessoas nem sempre são quem elas parecem ser — disse ela, colocando seus óculos de leitura no estojo de veludo azul que mantinha na mesinha lateral.

— O que você quer dizer?

Ela ignorou minha pergunta de uma forma que só Bee poderia fazê-lo.

— Bem, já é meio-dia e meia? — Ela suspirou. — É hora da minha soneca. — Serviu-se de

uma meia taça de xerez. — Meu remédio — disse, com uma piscadela. — Eu a vejo mais tarde, querida.

Estava claro que havia algum tipo de história entre Bee e Jack. Eu podia ver em seu rosto, e podia ouvir em sua voz.

Inclinei-me para trás no sofá e bocejei. Atraída pelo fascínio de um cochilo, fui para o quarto de hóspedes e me enrolei na grande cama com sua colcha rosa de babados. Peguei o romance que havia comprado no aeroporto, mas, depois de lutar ao longo de dois capítulos, joguei o livro no chão.

Libertei meu pulso do aperto do relógio — não consigo dormir com qualquer aparelho ligado — e abri a gaveta da mesa de cabeceira. Mas, quando deixei o relógio cair em seu interior, notei algo nas sombras.

Era um diário, pelo que parecia. Peguei-o e passei a mão ao longo da lombada. Ele era velho, e sua intrigante capa vermelha de veludo parecia gasta e puída. Toquei-a, sentindo uma pontada de culpa imediatamente. E se fosse um diário antigo de Bee? Estremeci, devolvendo-o cuidadosamente ao interior da gaveta. Alguns momentos se passaram, e me encontrei com o diário em minhas mãos novamente. Era muito irresistível. *Apenas um espiada na primeira página, isso é tudo.*

As folhas, amareladas e quebradiças, traziam uma sensação pura, de passagem do tempo. Examinei a primeira página em busca de uma pista, e encontrei-a no canto inferior direito, onde as palavras *Caderno de Exercícios de Escrita Cursiva* estavam impressas em tinta preta, junto com o logotipo da gráfica. Lembrei-me de um livro que havia lido fazia muito tempo, no qual um personagem do início do século 20 utilizou um caderno como aquele para escrever um romance. *Seria aquilo um projeto de um romance, ou um diário privado?* Fascinada, virei a página, extinguindo meus sentimentos de culpa com grandes quantias de curiosidade. *Só mais um página, e, depois, vou colocá-lo de volta no lugar.*

As palavras na página seguinte, escritas na caligrafia mais bonita que eu já havia contemplado, fizeram meu coração se acelerar. “A História de o Que Aconteceu em uma Pequena Cidade Insular em 1943.”

Bee nunca havia escrito, pelo menos não que eu estivesse ciente. Tio Bill? Não, a caligrafia era, claramente, o trabalho de uma mulher. *Por que isso estaria aqui — neste quarto rosa?* E quem deixaria de assiná-lo, e por quê?

Inspirei profundamente, e virei mais uma página. Qual seria o problema em simplesmente ler algumas linhas? Quando deparei com o parágrafo inicial, não consegui mais resistir.

Nunca tive a intenção de beijar Elliot. As mulheres casadas não se comportam assim, pelo menos não as mulheres casadas como eu. Não era adequado. Mas a maré estava alta, e havia uma brisa fria soprando, e os braços de Elliot se envolviam em torno de meu corpo como um xale quente, acariciando-me em lugares onde ele não deveria tocar, e eu mal podia pensar em mais nada. Era como nós costumávamos ser. E embora eu esteja casada agora, embora as circunstâncias tenham mudado, meu coração havia trabalhado para ficar fixo no tempo — congelado, como se estivesse esperando por aquele momento — o momento em que Elliot e eu encontramos o caminho de volta a este lugar. Bobby nunca me abraçou desse modo. Ou talvez ele o tenha feito, mas se assim foi, seu toque não provocou esse tipo de paixão, esse tipo de fogo.

E sim, nunca pretendi beijar Elliot naquela noite fria de março, nem planejei as coisas indizíveis que aconteceram na sequência, a cadeia de eventos que foram minha ruína, nossa ruína. Porém essa foi a cadeia de eventos que começou no mês de março de 1943, eventos que mudariam para sempre minha vida e a vida daqueles ao meu redor. Meu nome é Esther, e esta é minha história.

Levantei os olhos. *Esther? Quem é Esther? Um pseudônimo, talvez? Um personagem fictício?* Ouvi uma batida, e instintivamente puxei o edredom para esconder as páginas que estava lendo.

— Sim? — disse.

Bee abriu a porta.

— Não consigo dormir — anunciou ela, esfregando os olhos. — Que tal darmos um passeio até o mercado, em vez disso?

— Claro! — exclamei, ainda que realmente quisesse ficar e continuar lendo.

— Eu a encontro lá na frente, quando estiver pronta — disse ela, olhando para mim por alguns segundos a mais do que era confortável antes de deixar de me fitar. Eu estava começando a ter a sensação de que as pessoas na ilha estavam todas envolvidas em um grande segredo — o qual ninguém tinha qualquer intenção de compartilhar comigo.

Capítulo 4



O Mercado Town and Country ficava a apenas oitocentos quilômetros da casa de Bee. Eu costumava caminhar até lá quando era menina, com minha irmã e meus primos, ou às vezes sozinha, colhendo flores roxas ao longo do caminho até que houvesse formado um buquê bem grande que, quando levado até o nariz, cheirava exatamente como mel. Antes do passeio, nós sempre pedíamos 25 centavos aos adultos, e retornávamos com os bolsos cheios de chiclete Bazooka cor-de-rosa. Se o verão tivesse um sabor, seria de chiclete cor-de-rosa.

Bee e eu seguimos em silêncio ao longo da estrada sinuosa até a cidade. O bom de um Volkswagen velho é que se você não sentir vontade de falar, não precisa. O barulho do motor infunde qualquer silêncio constrangedor de um zumbido agradável e reconfortante.

Ao chegarmos, Bee me entregou sua lista de compras.

— Tenho de ir falar com Leanne, na padaria. Você pode ir comprando o que está nesta lista, querida?

— Claro — respondi, sorrindo. Eu sabia que ainda poderia encontrar as coisas naquele mercado, mesmo que houvessem se passado dezessete anos desde a última vez em que pisara naquele local.

Os geladinhos, provavelmente, ainda ficavam no corredor três, e, claro, o cara bonito da seção de verduras estaria lá, com as mangas da camiseta enroladas até o alto para mostrar os bíceps.

Analisei a lista de Bee — salmão, arroz arbóreo, alho-poró, agrião, cebolinha, vinho branco, ruibarbo, creme de leite —, o que me levou a entender que o jantar seria de dar água na boca. Decidi começar pelo vinho, já que era o mais próximo.

A seção de vinhos do Mercado Town and Country mais parecia a adega de um restaurante sofisticado do que a seleção limitada típica de um supermercado regular. Situado abaixo de um pequeno lance de escadas havia um cômodo mal iluminado, cavernoso, onde as garrafas empoeiradas pareciam agarrar-se perigosamente às paredes.

— Posso ajudar?

Ergui os olhos um pouco assustada, e vi um homem da minha idade andando em minha direção. Apoiei-me abruptamente e quase derrubei um mostruário de vinho branco.

— Ah, meu Deus, desculpe — falei, firmando uma garrafa que estava balançando como um pino de boliche.

— Não se preocupe — disse ele. — Você está procurando um branco da Califórnia, ou talvez algo da região?

Havia poucas luzes no cômodo, por isso não pude ver seu rosto, não a princípio.

— Bem, eu realmente estava apenas... — E só então, quando ele se aproximou de mim e pegou uma garrafa na prateleira de cima, vi o rosto dele, e meu queixo caiu. — Nossa, é você, Greg?

Ele olhou para mim, balançando a cabeça, descrente.

— Emily?

Aquilo era estranho, excitante e desconfortável, tudo ao mesmo tempo. Ali, postado a minha frente, vestindo um avental de mercearia, estava minha paixão adolescente. E, apesar dos quase vinte anos desde que o vira pela última vez, seu rosto era ainda tão familiar como havia sido no dia em que deixei que ele removesse a parte superior do meu biquíni da Supermulher e corresse as mãos pelo meu peito. Eu tinha certeza de que isso significava que ele me amava e que iríamos nos casar um dia. Estava tão certa disso, na verdade, que rabisquei “Emily + Greg = amor” com um clipe de papel na parte de trás do dispensador de papel toalha, no banheiro das mulheres no mercado. No entanto, o verão acabou, e voltei para casa. Verifiquei minha caixa de correio todos os dias por cinco meses, mas nada de cartas. Nenhuma ligação. E então, no verão seguinte, na casa de Bee, eu caminhei ao longo da praia até a casa dele e bati em sua porta. Sua irmã mais nova, de quem nunca gostei, informou-me que ele havia se mudado para cursar a faculdade e que tinha uma nova namorada. O nome dela, ela disse, era Lisa.

Greg ainda era incrivelmente bonito — mas estava mais envelhecido agora, mais acabado. Eu me perguntei se parecia acabada também. Instintivamente, olhei de relance para sua mão esquerda para ver se havia uma aliança de casamento. Não havia nenhuma.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei-lhe. Ainda não havia percebido que aquele era seu local de trabalho. Sempre imaginei Greg como um piloto de avião ou um guarda-florestal — algo mais ousado, algo maior, algo, bem, mais Greg. Mas um funcionário de supermercado? Aquilo não se encaixava.

— Eu trabalho aqui — ele disse, sorrindo com orgulho. Apontou para seu crachá e depois passou a mão pelo cabelo loiro-claro. — Uau, é muito bom ver você — continuou. — Já se

passaram, sei lá, quinze anos?

— Sim — concordei. — Espere, talvez até mais. Isso é incrível.

— Você está linda — disse ele, o que fez com que me sentisse mais consciente de mim mesma.

— Obrigada — respondi, arrumando meu colarinho. Olhei para meus pés. Meu Deus. As botas de borracha. Todo mundo sonha em encontrar por acaso velhas paixões quando está usando vestidos estilosos que afinam a silhueta, e lá estava eu com um velho suéter de lã do fundo do guarda-roupa de Bee. Oops.

Mesmo assim, Greg, com a mesma aparência de bom menino e olhos cinza-azulados, exatamente a cor do estuário em um dia de tempestade, estava me fazendo sentir tão bem quanto ele parecia estar.

— Então, o que a traz de volta à ilha? — ele indagou, sorrindo, apoiando o cotovelo contra a parede. — Pensei que você fosse alguma escritora famosa em Nova York.

Sorri ligeiramente.

— Estou visitando Bee durante este mês.

— É mesmo? — ele disse. — Eu a vejo aqui fazendo compras de vez em quando. Sempre quis perguntar a ela como você estava. — Fez uma pausa. — Mas creio que sempre me acovardei.

— Acovardou-se?

Ele passou a mão ao longo da testa.

— Eu não sei — disse ele. — Creio que, no fundo, todos ainda temos dezesseis anos, certo? E você não terminou comigo?

Sorri.

— Não, você foi para a faculdade. — Ele tinha um certo calor, uma certa energia de que eu gostava.

— Então, por que veio aqui, por que agora, depois de todos esses anos? — ele questionou.

Eu suspirei.

— Bem, é um pouco complicado.

— Posso entender coisas complicadas.

Esfreguei o dedo onde meu anel de casamento estivera uma vez.

— Estou aqui porque... — Fiz uma pausa e voltei-me para seu rosto em busca de aprovação ou desaprovação, o que era loucura, porque o que me interessava aquilo que meu namorado de um milhão de anos atrás poderia pensar acerca de meu estado civil? E então, finalmente, coloquei aquilo para fora num impulso: — Estou aqui porque me divorciei, e precisava sair de qualquer jeito de Nova York.

Ele colocou a mão em meu ombro.

— Eu sinto muito. — Falou como se realmente desejasse tê-lo dito, o que me fez decidir que gostava muito mais do Greg Adulto que do Greg Adolescente.

— Eu estou bem — disse, rezando para que ele não fosse leitor de mentes.

Ele balançou a cabeça, descrente.

— Você não mudou nada.

Eu não sabia o que dizer, por isso, falei simplesmente:

— Obrigada. — Greg estava estava apenas dizendo o que qualquer pessoa diz para alguém com quem já esteve romanticamente envolvido, mas aquilo acordou minha autoestima, como uma dose de adrenalina. Alisei meu cabelo nervosamente, lembrando-me, naquele instante, de que fazia uns três meses que precisava de um bom corte.

— Poderia dizer o mesmo sobre você — acabei falando. — Você parece ótimo. — Fiz uma pausa. — Como a vida vem tratando você? Tem tido mais sorte no departamento de casamento do que a que eu tive?

Não sei por quê, mas, de alguma forma havia imaginado Greg alegremente casado, vivendo uma boa vida em Bainbridge Island. Uma casa grande. Uma mulher bonita. Meia dúzia de crianças afiveladas em segurança em seus assentos em um Suburban azul-marinho.

— Sorte? — Ele deu de ombros. — Não, nenhuma. Mas estou feliz. Sou saudável. Isso conta para alguma coisa, certo?

— É claro que conta — assenti. Tenho que admitir que me senti bem por saber que eu não era a única com uma vida que não havia se desenvolvido exatamente de acordo com os planos.

— Então, realmente, você está conseguindo levar as coisas? Porque se você precisar falar com alguém, eu... — Ele pegou uma toalha que pendia de seu avental e começou a tirar a poeira de algumas garrafas de vinho tinto em uma prateleira mais baixa.

Talvez fosse a penumbra, ou a presença de tanto vinho, mas me senti estranhamente à vontade ali com Greg.

— Sim... Eu estaria mentindo se dissesse que não é difícil. Mas estou tocando as coisas dia

após dia. Hoje? Hoje eu me sinto bem. — Engoli em seco. — Ontem? Não muito.

Ele acenou com a cabeça, e, em seguida, sorriu de novo, olhando-me carinhosamente, seu rosto afogueado pelas memórias.

— Ei, você se lembra da vez em que levei você para Seattle para aquele concerto?

Aquiesci com um gesto de cabeça. Parecia que haviam se passado cem anos desde que tinha pensado naquela noite. Minha mãe proibira, mas Bee, sempre operando os milagres, convenceu-a de que permitir que Greg me levasse para a “sinfonia” era uma excelente ideia.

— Nós quase não chegamos em casa naquela noite — disse ele, os olhos como portais para as lembranças esquecidas da minha juventude.

— Bem, pelo que me recordo, você queria que eu passasse a noite com você na república de seu irmão na universidade — falei revirando os olhos, do mesmo modo que eu poderia ter feito quando era adolescente. — Minha mãe teria me matado!

Ele deu de ombros.

— Bem, você pode culpar um cara por tentar? — Ele ainda a tinha, a faísca que havia me atraído desde o início.

Greg quebrou o silêncio constrangedor que se seguiu redirecionando nossa atenção ao vinho.

— Bom, você estava procurando uma garrafa de vinho.

— Ah, sim — eu disse. — Bee me mandou pegar algum branco. Qual dos pinots seria? — Quando se trata de vinho, sou alguém cem por cento idiota.

Ele sorriu e passou o dedo ao longo da estante, até que parou próximo ao centro da prateleira e pegou uma garrafa com a precisão de um cirurgião.

— Experimente este — disse ele. — É um dos meus favoritos, um pinot gris local, feito de uvas cultivadas aqui na ilha. Um gole, e você vai se apaixonar. — Subitamente, outro cliente aproximou-se, mas antes de se virar para ajudá-lo, Greg rapidamente me perguntou: — Você permitirá que eu a leve para jantar? Só uma vez. Só uma vez antes que você se vá?

— Claro — respondi, sem parar para pensar no convite. Se tivesse pensado, é claro que teria dito não.

— Ótimo — ele comemorou. Seu sorriso iluminou duas fileiras de dentes brancos brilhantes, o que me fez correr a língua pelos meus. — Liguei para você na casa de sua tia.

— Está certo, então — encerrei, um pouco tonta. Será que aquilo realmente tinha acontecido? Caminhei até a seção de verduras para pegar o agrião, e avistei Bee.

— Ah, você está aí — disse ela, acenando para mim. — Venha aqui, querida, quero apresentar você a alguém.

De pé ao lado dela estava uma mulher, aparentando ter a mesma idade de Bee, com cabelos escuros — claramente tingidos — e olhos escuros combinando. Eu nunca havia visto olhos tão escuros. Eram quase negros, e em franca contradição com sua pele, de um creme-pálido. Não havia nada geriátrico naquela mulher, exceto pelo fato de que ela estava, bem, na casa dos 80.

— Esta é Evelyn — Bee disse com orgulho. — Uma de minhas amigas mais queridas.

— Muito prazer em conhecê-la — eu disse.

— Evelyn e eu estamos voltando — explicou Bee. — Nós somos amigas desde a escola primária. Você realmente a conheceu quando criança, Emily, mas você pode não se recordar.

— Sinto muito — eu disse —, mas não me recordo. Acho que naqueles verões eu só tinha um roteiro: nadar, encontrar garotos, nadar, encontrar garotos...

— É um prazer vê-la novamente, querida — ela disse, sorrindo como se já me conhecesse. E, definitivamente, também havia algo de familiar nela, mas o quê?

Ao contrário de Bee, em seu jeans e moletom, Evelyn parecia um modelo de elegância. Não trajava calça de cintura alta ou larga, nem calçados com solado de borracha. Usava um vestido envelope elegante e sapatilhas, e ainda assim parecia original e com os pés no chão, como Bee. Fazia sentido que fossem melhores amigas. Gostei dela imediatamente.

— Espere, eu me lembro de você! — exclamei de repente. O brilho de seus olhos e a luz de seu sorriso me transportaram imediatamente de volta a 1985, o verão em que Danielle e eu ficamos com Bee por nossa conta. Havíamos sido informadas de que os nossos pais estavam saindo em viagem, mas soube mais tarde que eles haviam se separado naquele verão. Papai deixou mamãe em julho, e em setembro eles haviam feito as pazes. Mamãe havia perdido quase sete quilos, e papai deixara a barba crescer. Pareciam estranhos e constrangidos um com o outro. Danielle me disse que papai tinha uma namorada, mas não acreditei, e mesmo que ele tivesse, eu nunca poderia culpar papai por aquilo ou por qualquer coisa, depois da maneira como ele havia sofrido com minha mãe gritando e o aborrecendo por todos aqueles anos. Ainda assim, papai tinha uma paciência de Gandhi.

Mas não era a separação deles que estava consumindo minha mente, naquela época; era o jardim de Evelyn. Bee havia nos levado lá quando éramos crianças, e tudo aquilo retornava rapidamente a minha mente: um mundo mágico de hortênsias, rosas e dalias, e biscoitos amanteigados de limão no pátio de Evelyn. Parecia ontem que minha irmã e eu estávamos sentadas no banquinho sob a treliça, enquanto Bee pairava sobre seu cavalete, capturando em

sua tela qualquer flor que estivesse aberta nos exuberantes canteiros.

— O jardim — eu disse. — Lembro-me de seu jardim.

— Sim — Evelyn confirmou, sorrindo.

Assenti, um pouco surpresa de que essa memória, enterrada tão profundamente em minha mente, houvesse simplesmente subido à superfície, como um arquivo perdido do meu subconsciente. Era como se a ilha o houvesse desbloqueado. Parada ali, na seção de verduras, lembrei-me dos lírios e do amanteigado, que parecia divino — e então a neblina se elevou. Eu estava sentada em um antigo banco cinza de teca em seu pátio, usando aquele velho par de Keds de lona branca — não eram realmente Keds, eram de uma marca genérica com um quadrado azul falso no calcanhar. Seriam necessários exatamente mais 11 dólares para um par de Keds original, e, realmente, eu os queria. Limparia o banheiro todos os sábados por um mês, prometi a minha mãe. Aspiraria o pó da casa. Tiraria a poeira dos móveis. Passaria a ferro as camisas de meu pai. Mas ela apenas balançou a cabeça, e voltamos para casa com um par de imitações da Payless Shoe Source. Todas as outras garotas que eu conhecia tinham um par de tênis de verdade, com aquela etiqueta de borracha azul da marca. E assim, lá estava eu, sentada no pátio de Evelyn, remexendo na etiqueta azul que estava descolando da parte de trás do meu sapato direito.

Bee estava passeando pelo jardim com uma Danielle muito desinteressada, quando Evelyn sentou-se ao meu lado.

— O que está incomodando você, querida?

Dei de ombros.

— Nada.

— Está tudo bem — disse ela, apertando minha mão. — Você pode me dizer.

Eu suspirei.

— Bem, realmente, é um tanto constrangedor, mas, por acaso, você não teria algum tipo de supercola, teria?

— Supercola?

Apontei para meu sapato.

— Mamãe não comprou o Keds de verdade para mim, e a marca na parte de trás deste aqui está caindo e eu... — E explodi em lágrimas.

— Calma, agora acalme-se — disse Evelyn, entregando-me um lenço que tirara do bolso. — Quando eu tinha sua idade, uma menina que eu conhecia veio para a escola usando um par do

mais lindo calçado vermelho. Eles brilhavam como rubis. O pai dela era muito rico, e ela contou a todos que ele os trouxera de Paris para ela. Eu queria um par igual àquele, mais do que qualquer coisa no mundo.

— E você ganhou? — perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Não, e você sabe o que mais? Eu ainda gostaria de um par. Então, você pediu supercola, querida, mas você não preferiria ter um par de... como você os chamou?

— Keds — disse eu, humildemente.

— Ah, sim, Keds.

Confirmei com a cabeça.

— Bem, então. O que você vai fazer amanhã?

Meus olhos se arregalaram.

— Nada.

— Então está resolvido. Nós vamos tomar a balsa para Seattle e comprar um par de Keds.

— Sério? — gaguejei.

— Com certeza.

Eu não sabia o que dizer, então apenas sorri e arranquei o restante da etiqueta azul de borracha do meu calçado. Não importava. No outro dia eu estaria usando o original.

— Evelyn — Bee disse, olhando para o carrinho de compras —, vou fazer o jantar esta noite. Por que você não se junta a nós?

— Ah, não — ela disse —, eu não poderia. Você e Emily ainda estão matando as saudades.

Eu sorri.

— Nós adoráramos tê-la conosco.

— Bem... Ok, eu vou.

— Ótimo — disse Bee. — Venha às seis horas.

— Vejo vocês, então — disse ela, virando-se para as batatas.

— Bee — sussurrei. — Você não vai acreditar quem acabei de encontrar.

— Quem?

— Greg — eu disse calmamente. — Greg Attwood.

— Seu antigo namorado?

Assenti.

— Acho que ele me convidou para sair.

Bee sorriu como se tudo aquilo fosse parte do plano. Ela pegou uma cebola vermelha, examinou-a, e depois balançou a cabeça, jogando-o de volta na pilha. Fez isso mais algumas vezes antes de encontrar uma que lhe agradasse. Resmungou algo baixinho, baixinho, e quando lhe pedi para que repetisse, ela já estava do outro lado do corredor, enchendo uma sacolinha com alho-poró. Olhei para a escada que levava à seção de vinhos e sorri para mim mesma.

Pouco antes das seis, Bee tirou três copos de vinho do armário e abriu a garrafa de vinho branco que Greg havia escolhido para nós.

— Você poderia acender as velas, querida, por favor?

Estendi a mão para os jogos e pensei nos jantares na casa de Bee durante minha infância. Bee nunca servia uma refeição à noite sem velas. “Uma boa ceia requer luz de velas”, ela dissera a minha irmã e a mim anos atrás. Eu pensava que aquilo era algo elegante e emocionante, e quando perguntei a minha mãe se poderíamos começar a mesma tradição em casa, ela dissera que não. “As velas são para festas de aniversário”, ela retrucara, “e para aqueles que só vêm uma vez por ano”.

— Linda — elogiou Bee, examinando a mesa antes de olhar mais detidamente para o vinho branco que Greg havia recomendado. — Pinot gris — disse com aprovação, observando o rótulo.

— Bee — eu falei, sentada à mesa enquanto ela cortava um alho-poró com uma grande faca de açougueiro. — Estive pensando a respeito do que você disse sobre Jack no outro dia. Qual é a história entre vocês dois?

Ela voltou-me o olhar, um pouco assustada, e então deixou cair a faca, de repente, pegando sua mão.

— Ai! — ela gritou. — Me cortei.

— Ah, não! — Corri para ela. — Eu sinto muito.

— Não — ela disse. — Não é culpa sua. Essas velhas mãos não funcionam mais como antes.

— Aqui, deixe que eu corto — pedi, empurrando Bee para a mesa.

Ela enfaixou o dedo enquanto terminei de cortar o alho-poró, e em seguida, misturei os

ingredientes do risoto, sentindo o vapor perfumado subir da panela para meu rosto a cada volta que dava com a colher.

— Bee, simplesmente não faz sentido que...

Fui interrompida pelo som dos passos de Evelyn na porta da frente.

— Olá, meninas! — saudou ela, caminhando em direção à cozinha. Em suas mãos estava uma garrafa de vinho e um buquê de lírios roxos embrulhados em papel pardo e amarrados frouxamente com um barbante.

— Eles são adoráveis! — Bee disse, sorrindo. — Agora, em que canto da Terra você os encontrou tão cedo nessa estação?

— Em meu jardim — contou ela, como se Bee houvesse acabado de lhe perguntar qual era a cor do céu. — Meu pé de lírios lilases sempre floresce antes que o seu — ela frisou, com um ar de amigável competitividade, que somente uma amizade de mais de sessenta anos podia suportar.

Bee preparou-lhe uma bebida — algo com *bourbon* — e, logo depois, mandou-nos para a sala, enquanto daria os últimos retoques no jantar.

— Sua tia é uma coisa, né? — Evelyn me falou assim que Bee estava fora do alcance da voz.

— Ela é uma lenda — concordei, sorrindo.

— Ela é — disse Evelyn. O gelo na bebida dela retinia contra a taça, mas eu não poderia dizer se ela estava fazendo aquilo de propósito ou se suas mãos tremiam.

— Eu ia contar a ela minhas novidades esta noite — disse ela, virando-se para mim. Falava casualmente, como se pudesse estar se referindo à compra de um carro novo ou um período de férias que havia programado. E, então, percebi lágrimas em seus olhos. — Eu decidi, no caminho para cá, que diria a ela hoje à noite, mas, então, eu a vi agora... Vi como as coisas são boas, e pensei: por que estragar uma noite tão perfeita?

Eu estava confusa.

— Dizer o que a ela?

Ela acenou com a cabeça.

— Estou com câncer. Câncer terminal — disse da mesma forma que alguém diria “estou resfriado”, de uma forma simples e direta, sem o drama que aquilo fazia supor. — Tenho um mês, talvez menos, para viver — prosseguiu calmamente. — Eu já sabia há algum tempo, desde o Natal. Mas não encontrei uma maneira de contar a Bee. Fico pensando se não seria mais fácil ela descobrir só quando eu me for.

— Evelyn, sinto muito... — eu disse, pegando sua mão. — Mas como você pode pensar que Bee não gostaria de saber? Ela ama você.

Evelyn suspirou.

— Eu sei que ela gostaria de saber. Mas não quero que nossa amizade gire em torno da morte e do morrer, quando temos tão pouco tempo. Prefiro beber uísque, jogar *bridge* e provocá-la, como sempre faço.

Consenti com um gesto de cabeça. Não concordava com a decisão de Evelyn, mas a compreendia.

— Desculpe — disse ela. — É seu primeiro dia na ilha; eu não deveria preocupá-la com meus problemas. Que vergonha...

— Não me importo — garanti. — E, honestamente, é bom, pelo menos uma vez, não ser aquela a falar de problemas.

Ela tomou um longo gole de sua bebida e depois exalou profundamente.

— O que você faria se estivesse no meu lugar? Você contaria à sua melhor amiga e arruinaria seus últimos dias juntas, ou prosseguiria tão feliz como você sempre foi até que tudo, enfim, terminasse?

— Bem, eu deixaria tudo às claras, e, principalmente, por razões egoístas — ponderei. — Eu preciso do apoio dos meus amigos. Mas você, você é tão forte. — Senti-me um pouco sufocada. — Eu admiro sua força.

Evelyn inclinou-se para mais perto.

— Força? Bobagem. Eu tenho a tolerância à dor de uma criança de quatro anos de idade. — Solto uma risada, e depois sussurrou: — Agora, vamos fofocar. O que posso contar sobre sua tia que você não saiba?

Minha mente percorreu um milhão de perguntas sem resposta, e então se definiu por um tópico mais pesado: o misterioso livro que eu havia encontrado na mesinha de cabeceira naquela manhã.

— Bem — comecei, fazendo uma pausa até que pudesse determinar se Bee ainda estava na cozinha. Uma panela que retiniu no fogão deixou-nos saber que ela estava. — Há uma coisa.

— Do que se trata, querida?

— Bem — sussurrei —, hoje encontrei um diário com capa de veludo vermelho, no criado-mudo no quarto onde estou hospedada. É muito velho, data de 1943. Não pude resistir à leitura

da primeira página, e fiquei fascinada.

Por um segundo, pensei que pude ver um brilho de reconhecimento nos olhos de Evelyn, ou talvez uma lembrança, mas a luz rapidamente se extinguiu.

— Não consigo parar de me perguntar se Bee escreveu aquilo — continuei, baixinho. — Porém eu não tenho ideia se ela foi uma escritora algum dia, e também não sei se compartilharia isso comigo, dada minha carreira e tudo o mais.

Evelyn abaixou sua taça.

— Há mais alguma coisa que você possa me dizer sobre isso, sobre esse diário? O que você leu até agora?

— Bem, realmente, eu li apenas a primeira página, mas sei que ele começa com uma personagem chamada Esther — contei. — E Elliot, e...

Evelyn rapidamente colocou a mão em meus lábios.

— Você não deve falar sobre essa história com Bee — ela recomendou. — Ainda não, de qualquer maneira.

Ocorreu-me que talvez aquilo fosse apenas o começo de um romance que nunca havia tomado forma. Deus sabia que comecei muitos antes que meu livro fosse publicado. Mas por que o anonimato? Não fazia qualquer sentido.

— Evelyn, quem o escreveu? — As sombras escuras sob seus olhos pareciam mais acentuadas naquele instante do que antes, no mercado. Ela respirou profundamente e levantou-se, pegando uma estrela-do-mar delicadamente preservada da cornija da lareira de Bee. — Estrelas-do-mar são criaturas enigmáticas, não são? Nem um único osso em seu corpo, apenas cartilagem, e frágeis, mas são animadas e tenazes. Brilhantemente coloridas. Adaptáveis. Vivem por muito tempo. Você sabia que quando o braço de uma estrela-do-mar é perdido, ela pode fazer crescer um outro?

Evelyn colocou a estrela-do-mar de volta a seu lugar sobre a lareira.

— Sua avó adorava estrelas-do-mar — disse ela. — Assim como adorava o mar. — Fez uma pausa, sorrindo para si mesma. — Passava muito tempo na praia, recolhendo pedrinhas e fantasiando histórias sobre a vida das colônias de caranguejo sob as rochas.

— Isso é muito surpreendente — eu disse. — Tinha a impressão de que minha avó nunca gostou do estuário. Não foi por isso que ela e meu avô se mudaram para Richland? Algo sobre o ar do mar e sua sinusite?

— Sim, mas... eu sinto muito — disse Evelyn. — Perdi-me em uma lembrança. — Sentou-se

novamente e se voltou para mim. — Agora, aquele diário. Sim, ele encontrou o caminho até suas mãos. Você precisa continuar a ler, Emily. A história é importante, e você descobrirá por quê.

Deixei escapar um suspiro profundo.

— Gostaria que tudo isso fizesse mais sentido.

— Eu já falei muito, querida — ela afirmou. — Não é algo sobre o que eu deva falar. Mas você merece saber a história. Continue lendo, e as respostas virão.

Ela pareceu perdida por um momento, como se sua mente houvesse viajado de volta para o mesmo ano em que a história de Esther e Elliot começara.

— E sobre Bee? Como posso esconder isso dela?

— Nós temos de proteger aqueles a quem amamos de certas coisas — disse ela.

Eu balancei a cabeça, confusa.

— Não entendo como ler esse livro a magoaria.

Evelyn fechou os olhos por um momento, e depois os abriu novamente.

— Já se passou muito tempo desde que pensei sobre tudo isso e, acredite em mim, isso já foi algo pesado na mente de cada um de nós... pesado e inescapável. Mas o tempo cura todas as feridas, e as páginas, bem, presumi que elas houvessem se perdido, ou talvez até mesmo sido destruídas. No entanto, sempre esperei que voltassem à tona quando precisassem. — Ela parou por um momento. — Em que quarto você disse estar hospedada, querida?

Apontei para o corredor.

— O quarto cor-de-rosa.

Ela aquiesceu, movimentando a cabeça.

— Sim. Continue lendo o livro, querida. E você vai saber quando for a hora de falar com Bee, mas seja gentil com ela quando o fizer.

Só então Bee surgiu pelo canto da sala com um prato fumegante na mão.

— O jantar está pronto, meninas — ela chamou —, e tenho uma garrafa de Bainbridge Island branco aqui. Vamos encher as taças.

...

Era quase meia-noite quando fui para a cama. Bee e Evelyn haviam me cativado com suas histórias de deboche e drama. Houve a vez em que elas escaparam da aula de francês para

compartilhar uma garrafa de gim com dois garotos do time de futebol, e o dia em que roubaram a calça de um professor de matemática particularmente bonito, enquanto ele estava nadando na piscina. A amizade delas, tão experiente e honesta, fez com que eu pensasse em Annabelle. Eu já sentia sua falta — de nossas conversas diárias e, às vezes até duas vezes ao dia. Sentia falta até mesmo de suas admoestações não tão gentis.

Apoiei meu travesseiro e me acomodei na cama, mas alguns segundos depois me encontrei vasculhando minha mala, à procura da pequena pintura que trouxera comigo de Nova York. Encontrei-a debaixo de uma camisola e analisei-a novamente. O casal parecia natural junto, até mesmo feitos um para o outro. Havia uma qualidade harmoniosa na composição — as mãos unidas, as ondas se desmanchando em cascata sobre a costa e o cata-vento girando acima. O que Bee diria quando visse novamente a tela? Era uma janela para um lugar distante do mundo de Bee, sobre o qual eu pouco sabia. Coloquei a camisola em cima da pintura mais uma vez e guardei-a na mala.

O diário acenou da gaveta e, obedientemente, puxei-o para fora. Pensei sobre o que Evelyn havia me dito, mas, principalmente, pensei sobre Bee e aquela história misteriosa de muito tempo atrás — que possuía algum tipo de ligação com ela.

Bobby era um bom homem. Honesto e trabalhador. E quando ele me deu um anel e pediu para me casar com ele naquele dia ameno de janeiro, na balsa de volta de Seattle, olhei-o nos olhos e lhe disse que sim, clara e simplesmente. Não havia outra resposta a dar. Eu teria sido uma mulher estúpida se declinasse de sua proposta.

Havia uma guerra acontecendo, no entanto Bobby foi dispensado por motivos de saúde: ele era quase cego, e mesmo com os óculos, aqueles com lentes tão grossas que pareciam pesar cinco quilos, o Exército não lhe permitiu ir, embora ele quisesse desesperadamente. Eu me odeio por pensar, agora, que se ele houvesse ido para a guerra, talvez nenhum de nós estaria nesta confusão.

Mas Bobby permaneceu no país e construiu uma carreira. E enquanto muitas pessoas estavam sem trabalho na ilha, ele tinha um emprego — um bom trabalho em Seattle. Ele poderia cuidar de mim, e suponho que era tudo que qualquer mulher jovem poderia pedir naqueles tempos.

Recordo-me de como ele estava quando aceitei sua proposta, todo sorrisos e meios-sorrisos, com as mãos nos bolsos da calça de veludo marrom, que sempre parecia não cair bem. O vento soprava seus cabelos castanhos finos e lisos para o lado, e ele quase parecia bonito quando pegou minha mão. Quase belo o bastante.

Como o destino, ou má sorte, desejara, Elliot também estava na balsa naquele dia — com outra mulher. Elliot sempre teve mulheres a seu redor. Elas se acotovelavam como moscas. Lembro-me de uma em especial porque ela usava um lenço de seda branco no pescoço e um vestido vermelho que se agarrava a seu corpo como uma luva apertada.

Antes que a balsa ancorasse, Bobby e eu passamos pelos lugares que ocupavam — não que ela estivesse utilizando o dela; a mulher estava praticamente pendurada em Elliot.

— Olá, Bobby, Esther — disse Elliot, acenando para nós. — Esta é Lila.

Bobby disse algo educado. Eu apenas assenti.

— Bem, devo lhes contar ou você conta? — Bobby disse, voltando-se para mim.

Eu sabia exatamente o que ele queria dizer, mas, instintivamente, escondi meu dedo anular, enterrando-o ao lado do meu vestido até que pude sentir os dentes do anel cravando em minha pele. Era um belo anel, é claro — um simples anel de ouro e pedras preciosas de meio-quilate, muito digno de admiração. Não, foi minha história com Elliot que me obrigou a ficar em silêncio.

— Estamos noivos! — Bobby deixou escapar, antes que eu pudesse intervir. Sua exclamação foi tão alta que muitos dos outros passageiros sentados próximos voltaram-se para nos observar.

Quando meus olhos se encontraram com os de Elliot, pude ver uma tempestade se formando; ondas de traição, ou talvez de tristeza, agitavam-se naqueles olhos castanho-escuros que eu conhecia tão bem. Então, ele desviou o olhar, levantou-se e deu um tapinha nas costas de Bobby.

— Bem, o que acham? — ele falou. — Bobby vai e consegue a garota mais bonita da ilha! Parabéns, meu amigo. — Bobby sorriu enquanto Elliot se virou para mim e apenas me fitou. Não houve palavras.

Lila limpou a garganta e franziu a testa.

— Desculpe-me, Elliot? A garota mais bonita da ilha?

— Depois de minha Lila, é claro — acrescentou ele, envolvendo-lhe a cintura com o braço de maneira tão sugestiva que tive de desviar os olhos.

Ele não a amava. Nós dois sabíamos disso, assim como nós dois sabíamos que Elliot pertencia a mim, e eu pertencia a Elliot.

Eu podia sentir seu coração doer e se partir naquele momento, assim como o meu. Mas eu disse sim a Bobby. Eu havia tomado minha decisão. Em dois meses, eu seria a sra. Bobby Littleton, mesmo amando Elliot Hartley.

Passaram-se quase duas horas e três capítulos antes que eu colocasse o livro de lado. Esther realmente se casou com Bobby. Eles tiveram um filho juntos, uma menina. Quanto a Elliot, fora convocado para o Pacífico Sul treze dias depois do casamento de Bobby e Esther, onde Elliot os viu fazendo os votos sentado em um dos bancos no fundo da igreja. Quando Bobby colocou o anel no dedo de Esther, ela pensou em Elliot, e quando ela disse seus votos, olhou para a parte de trás da igreja, e seus olhos encontraram os de Elliot.

Ninguém ouvira falar dele desde que ele havia entrado em combate, e todos os dias Esther caminhava até a prefeitura, empurrando seu bebê no carrinho, para verificar a lista atualizada de vítimas, em busca de seu nome.

Quando fechei meus olhos, pensei em Bee. É preciso conhecer o amor e a aflição para escrever daquele modo.



3 de março

— Emily — Bee me chamou do corredor. Eu podia ouvir sua voz ficando mais próxima, e então a porta se abriu, rangendo um pouco, até que abri os olhos e vi seu rosto aparecer.

— Ah, desculpe, querida, não sabia que você ainda estava dormindo. São quase dez horas e Greg está no telefone. — Seu sorriso era metade provocante, metade incentivador.

— Ok — respondi, meio grogue. — Atendo em um segundo.

Levantei-me e me espreguicei, vesti meu robe verde-sálvia de fleece e dirigi-me à sala de estar, onde Bee me esperava com o telefone na mão.

— Aqui — disse ela, sussurrando. — Ele parece animado em falar com você.

— Psiu — sibilei para ela. Não queria que Greg tivesse a ideia de que eu estava sentada à espera de sua ligação, porque eu não estava. Além disso, eu não havia tomado meu café ainda, e meu nível de paciência se encontrava em dois negativo.

— Alô?

— Emily, oi.

— Oi — respondi, de imediato me aquecendo quando ouvi sua voz. Ela tinha o efeito de um expresso duplo.

— Sabe — ele disse —, eu ainda não consigo me acostumar com o fato de que você está de volta à ilha. Você se lembra da vez em que descobrimos aquele velho balanço de corda, quando descemos pela praia do sr. Adler?

— Lembro — eu falei, sorrindo, e de repente me lembrando da cor de sua sunga: verde com uma faixa azul.

— E você estava com medo de testá-lo — continuou ele —, mas prometi que estaria esperando na água para pegar você.

— Sim, só que você não mencionou a barrigada que viria com o salto.

Nós rimos, e percebi que nada, e tudo, havia mudado.

— Ei, o que você vai fazer esta noite? — perguntou ele, um pouco menos seguro de si do que o Greg Attwood que eu havia conhecido no verão de 1988. Ou ele havia perdido alguma confiança ou ganho alguma humildade.

— Bem, nada — respondi.

— Estava pensando, talvez, se você quisesse, poderíamos jantar no Ninho do Robin. Um amigo meu abriu o restaurante no ano passado, e, quero dizer, não é nada comparado aos padrões de Nova York, mas nós, os habitantes da ilha, achamos muito bom. Tem uma carta de vinhos fantástica.

— Isso parece maravilhoso — concordei, sorrindo. Eu podia sentir os olhos de Bee em mim.

— Bom — disse ele. — Pode ser às sete? Eu posso buscá-la.

— Sim — disse. — Estarei aqui.

— Ótimo.

— Até mais, Greg. — Desliguei o telefone e me virei para Bee, que tinha ouvido a conversa, da mesa da cozinha.

— Bem — ela disse.

— Bem o quê? — repliquei.

Bee me lançou um olhar.

— Vamos sair — contei. — Hoje à noite.

— Boa menina!

— Não sei — suspirei, fazendo uma careta. — Isso parece... bem, estranho.

— Não seja boba — disse Bee, dobrando seu jornal ao meio. — O que mais você teria para fazer hoje?

— Ok — respondi, afundando a mão em uma enorme coleção de conchas em miniatura dentro de um vaso, na mesa de centro. — É só que, bem, primeiro Greg, então Jack... estou tão enferrujada para essas coisas.

Quando pronunciei o nome de Jack, Bee olhou pela janela para a costa, do modo que ela fazia quando algo era muito complicado para ser discutido. Ela procedia assim quando alguém recordava seu falecido marido, Bill, ou quando alguém lhe perguntava sobre sua arte.

— Bem — eu continuei finalmente, quebrando o silêncio. — Se você não quer falar sobre

isso, tudo bem. Mas se desaprova Jack, pode ao menos me dizer por quê?

Ela balançou a cabeça e passou os dedos pelos cabelos grisalhos. Eu adorava o fato de ela manter os cabelos na altura dos ombros, sem sucumbir aos cortes curtos de todas as outras mulheres na casa dos 70 anos. Tudo sobre minha tia provocava uma reação, até mesmo o nome dela. Perguntei-lhe uma vez, quando era menina, por que havia recebido o nome de Bee, e ela me disse que era por ser como uma abelha: doce, mas com uma picada terrível.

Ela suspirou.

— Sinto muito, querida — disse com uma voz distante. — Não é que eu desaprove. Eu só quero que você tenha cuidado com seu coração. Certa vez eu fui magoada, profundamente, e sei como é isso. Depois de tudo que você passou, odeio a ideia de vê-la suportar mais dor.

A advertência de Bee fez eco em mim. Eu tinha vindo para Bainbridge Island para escapar da dor de cabeça que parecia tão forte e sempre presente em Nova York, e não para assumir riscos que poderiam me deixar em posição vulnerável. No entanto, parte da minha viagem, como Annabelle havia me incentivado, era encarar a vida como ela se mostrasse — sem questionar ou editar a mim mesma, da maneira como fazia toda vez que me sentava em frente do computador e digitava uma frase medíocre. Nesse mês de março, minha vida era uma escrita livre.

— Só me prometa que vai tomar cuidado — Bee disse suavemente.

— Eu vou — garanti, esperando poder realizar minha parte do trato.



Greg estava vinte minutos atrasado para me pegar. Pensei nos verões de muito tempo atrás, quando ele não aparecia no balanço de corda ou no cinema ou na praia, depois de ter me dado certeza de que o faria. Por um momento, até esperei que ele *não fosse* aparecer. Era até meio ridículo que eu estivesse realmente passando por aquilo — jantar com um antigo namorado do Ensino Médio. *Quem faz isso?* Entrei em pânico. *O que estou fazendo?* Então avistei os faróis se aproximando pela estrada. Ele estava dirigindo rápido, como se tentasse compensar cada segundo perdido.

Agarrei a maçaneta e respirei fundo.

— Divirta-se — disse Bee, acenando para mim.

Saí para o pátio e fiquei observando enquanto ele conduzia o carro pela entrada — o mesmo velho Mercedes quatro portas azul-claro dos anos 1980 que ele havia dirigido na escola. Os anos não haviam sido tão gentis com ele como com Greg.

— Sinto muito, estou atrasado — ele se desculpou, pulando para fora do veículo. Colocou as

mãos nos bolsos e, em seguida, tirou-as novamente, nervoso. — As coisas ficaram muito agitadas na seção de vinhos pouco antes que meu turno terminasse. Tive de ajudar uma cliente a encontrar uma garrafa de Châteauneuf-du-Pape. Ela ficou se debatendo entre o oitenta e dois e o oitenta e seis *para sempre*.

— Qual ela escolheu?

— O oitenta e seis — disse ele.

— Um ano muito bom — comentei, meio irônica. Certa vez, saí com um homem que havia transformado toda a coisa sobre vinho em uma ciência. Ele rodava, cheirava e cercava o primeiro gole da bebida com frases como “um *vintage* de primeira linha” ou “como um brilhante *meritage* de sabores”. Foi uma das razões pelas quais parei de retornar suas ligações.

— Foi um bom ano — ele assentiu, sorrindo como um menino. — Foi o ano em que nos conhecemos.

Eu não podia acreditar que ele se lembrava. Eu quase não me lembrava. Mas quando retomei aquelas memórias, lembrei-me de *tudo*.

Eu era uma garota de peito achatado de 14 anos de idade, com um cabelo loiro rebelde. Greg era um espertalhão do segundo ano, bronzeado, com os hormônios pulsando pelo sangue — e quero dizer realmente *pulsando*. Ele vivia a algumas casas de distância, descendo pela praia a partir da residência de Bee. Não foi exatamente amor à primeira vista, pelo menos para Greg. Porém, no final do verão, eu estava usando maquiagem e sutiãs push-up, cortesia de minha prima Rachel, e Greg pareceu notar-me pela primeira vez.

— Belo braço — ele havia elogiado, enquanto me observava jogando frisbee com Rachel na praia, certo dia.

Eu estava tão assustada que não respondi. Um garoto havia acabado de falar comigo. Um garoto bonito. Rachel deixou cair o frisbee e correu para meu lado, dando uma cotovelada em meu braço.

— Obrigada — finalmente deixei escapar.

— Eu sou Greg — disse ele, estendendo a mão. Ele nada falou a Rachel, o que foi surpreendente. Os garotos sempre a notavam primeiro, e por algum estranho motivo, Greg estava olhando para mim. Só para mim.

— Eu sou Emily — acabei me apresentando, quase num guincho.

— Quer vir para minha casa hoje à noite? — perguntou ele, inclinando-se para mim. Ele cheirava a loção bronzeadora Banana Boat. Meu coração estava batendo tão alto, que quase não

ouvi a parte seguinte. — Alguns amigos meus vão lá. Nós faremos uma fogueira.

Eu não sabia o que, exatamente, seria “fazer uma fogueira”. Achei que seria algo ilegal, algo como fumar maconha. Mas eu disse que sim, de qualquer modo. Gostaria de seguir aquele garoto para qualquer lugar, até mesmo para uma fogueira possivelmente proibida.

— Bom — disse ele. — Vou guardar um lugar para você. — E então ele piscou. — Bem ao meu lado.

Ele era arrogante e seguro de si mesmo, o que me fez gostar ainda mais dele. E quando Greg se virou para voltar pela praia até sua sedutora casa em ruínas, Rachel e eu olhamos, com a boca escancarada, o modo como os músculos de suas costas se flexionavam a cada passo.

— Bem — disse ela, parecendo muito ofendida. — Ele parece ser um idiota.

Eu apenas fitava, atordoada demais para falar. Um cara bonito simplesmente me convidara para sair. Mas se eu houvesse sido capaz de abrir a boca, então, teria dito: “Ele parece absolutamente perfeito”.

Greg correu para o outro lado do carro e abriu a porta para mim.

— Espero que você esteja com fome — disse, sorrindo. — Porque você vai adorar esse restaurante.

Assenti e entrei no carro, que parecia ter visto melhores dias. Tirei do assento o que aparentava ser uma batata frita petrificada antes de me sentar. No interior, cheirava como o Greg de quem me recordava: o perfume inebriante de cabelo sujo, óleo de motor e uma pitada de colônia.

Quando ele colocou a alavanca de câmbio em primeira, sua mão roçou a minha.

— Ah, desculpe — ele disse.

Eu não falei nada, mas esperava que ele não visse os arrepios que irromperam pelo meu braço.

O restaurante, a menos de dois quilômetros de distância, devia ser o favorito da ilha, uma vez que o estacionamento estava lotado de carros. Um caminho conduzia por uma íngreme subida para o que parecia uma elaborada casa na árvore, empoleirada no cimo da colina e com vista para o estuário. Peguei minha bolsa e discretamente coloquei duas aspirinas na boca.

— Muito legal, não é? — comentou Greg, olhando ao redor, enquanto a *hostess* foi verificar nossa mesa.

— Sim — eu disse, perguntando-me se aquilo era uma boa ideia, sair com Greg.

Ele disse algo para a *hostess*, que pegou dois menus e nos levou até uma mesa no lado oeste do restaurante.

— Pensei que nós poderíamos pegar o pôr do sol — Greg disse, sorrindo.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que tinha visto um pôr do sol. Ocorreu-me que aquilo era algo que as pessoas faziam em Bainbridge Island, algo que os nova-iorquinos haviam esquecido. Sorri para Greg e olhei pela janela para ver a claridade adiante, e dois raios de sol laranja se mostrando através das nuvens.

Nossa garçonete trouxe uma garrafa de vinho tinto que Greg havia selecionado, e ficamos observando enquanto ela enchia nossas taças. Havia certa frescura silenciosa para o ar. Um ar ansioso, como Annabelle o chamaria. O vinho se derramando em cada taça soava extraordinariamente alto.

— Posso trazer-lhes algo mais? — perguntou ela.

— Não — eu disse, por cima do “sim” de Greg.

Eu ri. Ele pediu desculpas. Foi estranho.

— Eu quis dizer “sim, estamos bem” — disse ele, arrumando o colarinho.

Nós dois alcançamos nossas taças de vinho.

— Então, é bom estar de volta, Emmy?

Relaxe um pouco em minha cadeira. Ele não havia me chamado de Emmy desde, bem, 1988. Foi bom ouvi-lo dizer aquilo.

— É — disse sem disfarce, espalhando uma espessa camada de manteiga em um pãozinho que havia sobre a mesa.

— É engraçado, nunca pensei que a veria novamente.

— Eu sei — assenti, olhando um pouco mais para seu rosto, agora que o vinho havia caído em minha corrente sanguínea. — Então, como foi com Lisa? — perguntei, depois de outro longo gole.

— Lisa.

— Sim, Lisa, a garota com quem você saía na faculdade. Sua irmã falou dela, quando procurei por você na praia, no verão seguinte.

— Ah, Lisa. Aquilo durou quase tanto quanto...

— Bem... — Dei-lhe um meio-sorriso. — Você poderia ter me ligado.

— Não liguei para você?

— Não.

— Tenho certeza de que liguei.

Balancei a cabeça, fingindo raiva.

— Você não ligou.

Ele tentou controlar um sorriso.

— E pensar que, se eu tivesse ligado para você, nós poderíamos estar aqui sentados, casados. Um velho casal casado de Bainbridge Island.

A intenção dele fora fazer uma piada, mas nenhum de nós riu.

Depois de uma pausa tensa, Greg derramou um pouco mais de vinho em nossas taças.

— Sinto muito — disse ele. — Eu não posso acreditar que falei isso depois de tudo o que você passou, com o casamento e tudo o mais.

Balancei a cabeça.

— Desculpas não são necessárias. Sério.

— Bom — disse Greg, parecendo aliviado. — Mas tenho que dizer, sentado exatamente aqui com você agora... eu gostaria de poder voltar no tempo e fazer as coisas corretamente. E terminar junto de você.

Eu não pude deixar de sorrir.

— É só o vinho falando.

— Há algo que estive esperando para lhe mostrar hoje à noite — disse Greg, olhando para o relógio, depois que a garçonete trouxe a conta. — Não é tarde demais para uma viagem rápida de carro, não é?

— Não, claro que não — respondi.

Ele entregou seu cartão de crédito para a moça antes que eu pudesse começar a protestar. Senti-me culpada. Mesmo que eu não houvesse escrito um livro em anos, sabia que, provavelmente, ganhava mais que ele. Mas aquilo não importava. Não em Bainbridge Island. Ali, eu era apenas Emmy, sobrinha de Bee, e eu a preferia à autora decadente, divorciada e cheia de problemas, de qualquer maneira. Voltei minha bolsa para debaixo da mesa e Greg orgulhosamente assinou a nota.

Percorremos cerca de quase dois quilômetros em direção ao que parecia ser um parque. Greg

parou o carro e se virou para mim.

— Você trouxe um casaco?

Neguei com a cabeça.

— Somente esse suéter.

— Aqui. — Ele me deu um casaco de lã azul-marinho. — Você vai precisar disso.

Eu poderia ter me sentido estranha com um casaco de lã e sapatos de salto, mas aquilo não me inquietou, realmente. Não ali, de qualquer maneira. Não com ele. Segui-o por uma trilha de pedras que era muito íngreme. Peguei sua mão para me firmar, e quando o fiz, ele passou o outro braço em torno da minha cintura, para apoio adicional.

A trilha estava escura, até que caminhamos para ficarmos mais próximos da costa, onde pude ver o brilho da lua sobre a água e ouvir as ondas rolando suavemente, delicadamente, como se estivessem tomando cuidado para não acordar uma única alma adormecida na ilha.

Quando chegamos à praia, meus saltos afundaram na areia.

— Por que você não os tira? — Greg sugeriu, olhando para baixo.

Livre-me de meus saltos e tirei a areia deles, e em seguida, Greg os colocou cuidadosamente em cada bolso de sua jaqueta.

— Por aqui — disse ele, apontando para um objeto distante escondido pela escuridão.

Caminhamos mais alguns metros e, a cada passo, eu enfiava meus dedos dos pés um pouco mais na areia. Mesmo que fosse sob um sol de quarenta e cinco graus, eu adorava a sensação da areia entre os dedos dos pés.

— Aqui — disse ele.

Era uma rocha — bem, uma pedra — do tamanho de uma pequena casa, repousando ali no meio da praia. No entanto, sua característica mais marcante não era seu tamanho, mas sua forma. A pedra se assemelhava perfeitamente a um coração.

— Então este deve ser o lugar para onde você traz todas as suas companhias — brinquei.

Greg balançou a cabeça.

— Não — respondeu com voz séria. Deu um passo para mais perto de mim, e eu dei um passo para trás. — Na última vez em que estive aqui, eu tinha dezessete anos — ele contou. — Eu escrevi isto. — Ele se agachou ao lado da pedra, abriu uma minilanterna e iluminou uma inscrição.

Eu amo Emmy para sempre, Greg.

Ficamos em silêncio; dois observadores bisbilhotando quem fomos no passado.

— Uau! — eu finalmente exclamei. — Você escreveu isso?

Ele anuiu.

— É meio estranho ver isso agora, não é?

— Posso pegar sua lanterna? — perguntei.

Ele a entregou para mim, e corri a luz ao longo da inscrição.

— Como você fez isso?

— Com um abridor de garrafas — disse ele. — Depois de algumas cervejas a mais.

Ampliei o arco de luz e percebi centenas de outras inscrições — todas declarações de amor. Escutei os sussurros dos amantes ao longo de gerações de ilhéus.

Greg voltou-se para mim, e não resisti quando ele se inclinou para me beijar, com firmeza, com intenção. Juntei as mãos ao redor de seu pescoço e me deixei enfraquecer em seu abraço, tentando ignorar a voz interior que me dizia para parar, para recuar. Depois do beijo, ficamos ali por um momento, trancados em um abraço desajeitado, como Tinkerbelle e Hulk Hogan tentando dançar a valsa.

— Eu sinto muito, eu... — Greg gaguejou, dando um passo para trás. — Não quero apressar as coisas.

Balancei a cabeça.

— Não, não se desculpe. — Toquei meu dedo em seus lábios cheios e macios. Ele beijou-o levemente, e logo depois, envolveu as mãos em torno das minhas.

— Você deve estar congelando — disse ele. — Vamos voltar.

O vento havia encontrado seu caminho dentro de meu suéter e meus pés, decidi, não estavam frios; eles estavam dormentes. Caminhamos até o início da trilha, e calcei meus sapatos novamente, ignorando a areia que ainda estava endurecida entre meus dedos. A subida íngreme não foi tão ruim quanto eu esperava, mesmo usando saltos. Três minutos depois, estávamos de volta ao estacionamento e no interior do carro de Greg.

— Obrigado por esta noite — disse Greg, depois de conduzir seu carro até a entrada da casa de Bee. Ele apoiou a cabeça na curva do meu pescoço, beijando minha clavícula de uma maneira que me fez sentir absolutamente tonta. Eu estava feliz de estar ali naquele instante, sentada no velho Mercedes com cheiro de mofo na frente da casa de Bee. O vento soprava pelas

frestas da janela do carro, assobiando de uma forma débil e solitária. Mas algo estava faltando. Senti isso em meu coração, porém não estava disposta a enfrentar aquilo. Ainda não.

Apertei sua mão.

— Obrigada — falei. — Estou contente por nós podermos ter feito isso. — E era verdade.

Já era tarde; Bee já havia ido para a cama. Tirei meu suéter e olhei para minhas mãos vazias. *Minha bolsa. Onde estava minha bolsa?* Refiz meus passos. Carro de Greg, a pedra, o restaurante. Sim, o restaurante — tinha que estar debaixo da mesa, onde eu a havia deixado.

Olhei pela janela. O carro de Greg já estava muito longe, por isso peguei as chaves de Bee penduradas no gancho na cozinha. Eu odiava estar longe do meu celular. Ela não se importaria se eu pegasse seu carro emprestado, raciocinei. Se dirigisse rapidamente, poderia ir até lá antes que o restaurante fechasse.

O fusca era tão difícil de dirigir como quando eu o havia conduzido no colégio, engasgando e batendo as engrenagens, mas o conduzi até o restaurante sem um arranhão. Quando abri a porta e entrei, notei um casal de idosos saindo do estabelecimento. *Que bonito*, pensei. O braço direito do homem estava ao redor da cintura da frágil mulher, gentilmente firmando-a a cada passo. Os olhos dela brilhavam com amor, tal como os dele. Meu coração soube disso quando os vi — era o tipo de amor que eu desejava.

Ao passar, o homem tirou o chapéu para mim e a mulher sorriu.

— Boa noite — cumprimentei, enquanto eles saíam.

A *hostess* me reconheceu imediatamente.

— Sua bolsa — disse ela, segurando minha bolsa branca da Coach. — Exatamente onde você a deixou.

— Obrigada — falei, menos grata por me reunir com minha bolsa do que por ter testemunhado aquela exibição cativante de amor.

De volta à casa de Bee, tirei a roupa e rastejei para debaixo das cobertas, ansiosa para ler mais da história de amor que se desenrolava no diário de veludo vermelho.

Muitas pessoas recebiam cartas de soldados. Amy Wilson recebia pelo menos três por semana de seu noivo. Betty, no salão, gabava-se das longas cartas floridas de um soldado chamado Allan que estava na França. Eu não recebi uma sequer — não que realmente esperasse —, mas me certificava de estar em casa precisamente às duas e quinze todos os dias, que era exatamente quando o carteiro chegava à nossa porta.

Talvez, eu pensava. Talvez ele escreva.

Mas ninguém havia ouvido falar de Elliot. Nem sua mãe. Ou Lila. Ou qualquer uma das outras mulheres com quem ele saía — e eram muitas — depois de mim. Por isso, fiquei chocada no dia em que a carta chegou. Era uma tarde escura no início de março, mais fria e mais cinza do que de costume, embora os açafrões e as tulipas estivessem trilhando seu caminho através do solo congelado, ansiosos para irromper na primavera. Ainda que o Velho Inverno se recusasse a abdicar de seu poder.

O carteiro veio à minha porta e entregou uma carta registrada, endereçada a mim. Eu estava ali, com meu vestido de ficar em casa azul-claro, na varanda da frente, alinhada com os vasos de flores — amores-perfeitos, as favoritas de Bobby — e engoli em seco com dificuldade. O envelope estava enrugado e amassado, como se houvesse sofrido uma jornada angustiante para chegar a minha porta. Quando vi “Primeiro-tenente Elliot Hartley” no endereço do remetente, rezei para que o carteiro não notasse minhas mãos trêmulas enquanto assinava o recibo.

— Está passando bem, senhora Littleton? — perguntou ele.

— Sim — respondi. — Estou apenas um pouco nervosa hoje. Muito café. Fiquei acordada com o bebê na noite passada. — Teria dito qualquer coisa para fazê-lo ir embora.

Ele sorriu de forma a me dizer que enxergava a verdade em meio a minha história. Todos na cidade sabiam sobre mim e Elliot, até mesmo o carteiro.

— Bom dia — ele disse.

Fechei a porta atrás de mim e corri para a mesa. A nenê estava fazendo algazarra em seu quarto, mas não fui até ela. Eu era capaz de fazer apenas uma coisa naquele momento, que era rasgar o envelope e abrir a carta.

Querida Esther,

É entardecer aqui no sul do Pacífico. O sol está se pondo, e enquanto estou sentado aqui, debaixo de uma palmeira, tenho uma confissão a fazer: eu não consigo parar de pensar em você.

Pensei muito sobre a possibilidade de escrever para você, e minha conclusão é esta: a vida é muito curta para se preocupar com as consequências quando se ama alguém como eu a amo. Por isso, escrevo-lhe esta carta como um soldado faria, sem

medo, sem dúvida e sem saber se ela pode ser minha última.

Já se passou quase um ano, não é? Você se lembra? Aquele dia na balsa de volta de Seattle, eu sabia que podia ver a hesitação em seus olhos quando Bobby anunciou o noivado de vocês. Diga-me que aquilo era o que era, porque quebrei a cabeça durante meses pensando na razão de não havermos terminado juntos — por que não era você e eu, em vez de você e Bobby. Esther, desde o dia em que esculpimos nossos nomes na Rocha do Coração quando tínhamos dezessete anos, eu sabia que pertencíamos um ao outro — para sempre.



Sentei-me na cama e virei as páginas para baixo. Rocha do Coração? Não era essa a mesma pedra aonde Greg havia me levado exatamente naquela noite? Experimentei uma sensação estranha de conexão com as páginas enquanto pegava o livro e continuava.

Eu deveria ter dito tudo isso há muito tempo. Antes de tudo acontecer. Antes que você duvidasse de mim. Antes de Bobby. Antes daquele dia terrível em Seattle. E eu sempre serei assombrado por aquela cena.

Eu não sei se nunca mais a verei. Essa é a realidade da guerra, e suponho que a realidade do amor, também. Não importa o resultado, quero que você saiba que meu amor perdura. Meu coração é, e sempre será, seu.

Elliot

Não sei por quanto tempo permaneci sentada à mesa, apenas olhando para a carta, lendo-a uma e outra vez, estudando-a em busca de pistas, de alguma coisa. Então notei o carimbo: 4 de setembro de 1942. Ela havia sido enviada quase seis meses antes. Ou o sistema de correio militar mudou para o ritmo de caracol, ou — meu Deus — Elliot poderia estar... Engoli em seco, e não deixei minha mente continuar nesse caminho.

Não sei por quanto tempo deixei o bebê chorar — poderia ter sido por alguns minutos ou por horas —, mas quando o telefone tocou, sentei-me, ajeitei o vestido e atendi.

— Alô? — disse, enxugando as lágrimas.

— Querida? — Era Bobby. — Você está bem? Você parece chateada.

— Eu não estou — menti.

— Só queria lhe dizer que vou trabalhar até tarde novamente esta noite. Estarei na balsa das oito horas.

— Ok — respondi, sem emoção.

— Beije nosso doce anjinho por mim.

Desliguei o telefone e liguei o rádio. A música me ajudaria. Ela poderia aliviar minha dor. Sentei-me à mesa, olhando para a parede, quando começou a tocar *Body and Soul*^[4]. Era a canção que Bobby e eu havíamos dançado em nosso casamento. Eu pensara em Elliot a cada passo, porque aquela fora nossa música, e agora, na sala, dancei sozinha, e deixei a música me acalmar, uma vez que Elliot não poderia:

My heart is sad and lonely

For fou I pine, for you dear only...^[5]

Pelo segundo verso, a canção parecia sombria, cruel até. Então desliguei o rádio, coloquei a carta no bolso do meu vestido, e fui pegar a nenê. Balancei-a até que ela caiu no sono novamente, e quando adormeceu, não consegui parar de pensar em que tragédia é estar casada com o homem errado.

Eu queria ler mais. Queria saber o que havia acontecido, desde o princípio, entre Esther e Elliot, que os levara àquela situação. E queria saber, tal como Esther, se o amor de sua vida ainda estava vivo. Eu me preocupava com Bobby, também, o bom e decente Bobby, e com a nenê. Esther iria deixá-los se Elliot voltasse da guerra? Elliot voltaria para casa quando a guerra acabasse? Mas aquele havia sido um longo dia, e meus olhos estavam fechando.



4 de março

— Sua mãe ligou ontem à noite — disse Bee à mesa do café, com a cabeça enterrada atrás do *Seattle Times*. Seu rosto estava inexpressivo, como sempre ficava ao falar de minha mãe.

— Mamãe ligou... aqui? — perguntei, passando uma camada generosa de manteiga em minha torrada. — Isso é estranho. Como ela sabia onde eu estava?

Minha mãe e eu não éramos próximas, não no sentido tradicional. Claro, nos falávamos ao telefone, e eu visitava minha mãe e meu pai em Portland muitas vezes, mas sempre havia uma parte dela que parecia distante e fechada. Nosso relacionamento era tingido com uma desaprovação tácita, a qual nunca pude entender. Ela ficara quase inconsolável quando escolhi a escrita criativa como ênfase na faculdade. “Escrever é um caminho infeliz”, dissera ela. “Você realmente quer fazer isso consigo mesma?”. Na época, dei de ombros. O que minha mãe sabia sobre a vida literária? No entanto, suas palavras me seguiram ao longo dos anos, e assombraram-me em silêncio, até que comecei a me perguntar se ela estava certa.

E enquanto eu lutava com a censura de minha mãe, sua relação natural com Danielle, que era dois anos mais nova do que eu, não passou despercebida. Quando fiquei noiva de Joel, perguntei a ela se eu poderia usar o véu da vovó Jane em meu casamento, o qual, na infância, eu havia atado em meus cabelos em uma centena de sessões de vestidos. Em vez de dar-me sua bênção, no entanto, mamãe balançou a cabeça. “Não, não creio que o véu combine com seu rosto”, disse ela, em protesto. “Além disso, ele está rasgado”. Fiquei magoada, e muito mais, três anos mais tarde, quando Danielle entrou pelo corredor da igreja usando o véu de renda, perfeitamente restaurado e costurado.

— Ela ligou para seu apartamento, e sua amiga Annabelle disse a ela que você estava aqui — explicou Bee. Eu podia ouvir aquele tom de sua voz, o que dizia que ela tinha prazer no fato de minha mãe estar fora do circuito de minha vida.

— Ela disse se era algo importante?

— Não — Bee respondeu, virando a página do jornal. — Ela só quer que você ligue de volta quando puder.

— Ok — assenti, tomando um gole de café. Fiz uma pausa e depois voltei a olhar para ela. — Bee, o que há entre você e minha mãe?

Seus olhos se arregalaram. Eu sabia que a pegara desprevenida. Além disso, eu nunca a havia questionado antes sobre assuntos de família. Esse era um território novo para nós duas, mas havia algo sobre onde eu estava e pelo que havia passado que me fez sentir mais ousada.

Ela abaixou o jornal.

— O que você quer dizer?

— Bem, senti uma certa tensão ao longo dos anos — eu disse. — Sempre quis saber por que vocês duas não gostam uma da outra.

— Eu amo muito sua mãe, querida, sempre a amei.

Franzi o nariz.

— Isso não faz sentido — eu disse. — Então por que vocês quase não se falam?

Ela suspirou.

— É uma longa história.

— Prefiro a versão curta, então — falei, inclinando-me em sua direção, entrelaçando as mãos em torno dos joelhos.

Ela aquiesceu com um movimento da cabeça.

— Sua mãe costumava vir ficar comigo quando era uma garota — ela me contou. — E eu adorava tê-la aqui. Assim como seu tio Bill. Mas um ano as coisas mudaram.

— O que você quer dizer?

— Bem — disse ela, escolhendo as palavras cuidadosamente —, sua mãe começou a fazer perguntas sobre a família dela.

— Que aspecto da família dela?

— Ela queria saber sobre a mãe dela.

— Vovó Jane?

Bee olhou para a água pela janela. Vovó Jane falecera cerca de dez anos atrás. Vovô ficou devastado, assim como minha mãe, mas ela mantinha uma relação complicada com a mãe. Senti-me um pouco indiferente à morte de vovó, tão terrível quanto isso possa soar. Não é que ela fosse desagradável comigo. Todos os anos, em meu aniversário, mesmo depois que me formei na faculdade, ela enviava um cartão de aniversário, com bons votos escritos com a mais bela

caligrafia cursiva — tão elegante que eu precisava da ajuda do meu pai para decifrá-la. Ela tinha fotos minhas e de minha irmã na cornija de sua lareira. Ainda assim, havia algo faltando em vovó Jane. Algo para o qual nunca consegui apontar.

Ela e meu avô deixaram a ilha quando minha mãe era jovem, e se mudaram para Richland, uma cidade no leste de Washington que é quase tão animadora como brócolis cozido. Uma vez ouvi Bee conversando com tio Bill sobre como eles vinham se “escondendo” lá havia muitos anos, e que vovó Jane não deixaria vovô voltar para sua casa, na ilha.

Todos os anos nós visitávamos Richland no Natal, mas eu nunca queria ir. Eu amava meu avô, mas com minha avó, bem, havia algo tão forçado naquilo que até uma criança podia detectar — os olhares para os lados que ela relanceava em minha direção à mesa do jantar ou a maneira como me fitava quando eu falava. Uma vez, quando eu tinha 11 anos, meus pais deixaram minha irmã e eu em Richland no fim de semana, enquanto eles fizeram uma viagem. Vovó nos ofereceu uma caixa de suas roupas usadas da década de 1940, e, claro, Danielle e eu apreciamos a oportunidade de brincar de nos vestir. Mas quando coloquei um vestido vermelho com um laço ao redor do corpete, vovó me olhou, horrorizada. Eu ainda posso vê-la postada na soleira da porta da sala de estar, balançando a cabeça. “Vermelho não é sua cor, querida”, disse ela. Senti-me envergonhada e constrangida. Tirei as luvas brancas de minhas mãos e as bijuterias do pescoço, fazendo meu melhor para sufocar as lágrimas.

Em seguida, vovó caminhou em minha direção e colocou o braço ao redor do meu ombro.

— Você sabe do que precisa? — disse.

— Do quê? — funguei.

— De um novo penteado.

Danielle gritou.

— Uma permanente! Faça uma permanente nela!

Vovó sorriu.

— Não, não uma permanente. Emily precisa de uma nova cor. — Ela segurou meu queixo e então assentiu. — Sim, sempre a imaginei morena.

Entorpecida, segui vovó até o banheiro, onde ela tirou do armário uma caixa de tinta de cabelo e instou-me a sentar em uma pequena cadeira de vestir próxima da banheira. — Fique quieta — recomendou, penteando meu cabelo, dividindo-o e metodicamente aplicando uma pasta preta que cheirava a amônia. Duas horas depois, meus cabelos loiros estavam tão escuros que chorei quando me vi no espelho.

Estremeci com aquela lembrança.

— Você cresceu com a vovó Jane, não é, Bee?

— Sim — ela disse. — E seu avô, também. Aqui na ilha.

— Então, o que foi que você disse sobre vovó que fez minha mãe ir embora?

Bee parecia perdida em pensamentos.

— Sua mãe entrou em um projeto muito ambicioso quando era jovem — disse ela. — Quando seus esforços fracassaram, ela decidiu que não queria mais ser parte da família, pelo menos não da mesma maneira como havia sido. Ela parou de vir para a ilha. Oito anos se passaram antes que eu a visse novamente. Isso apenas aconteceu quando você nasceu. Dirigi até Portland para ver você no hospital, mas sua mãe havia mudado naquela época.

Bee se afastava novamente, refugiando-se em suas lembranças, mas fui rápida ao puxá-la de volta.

— O que você quer dizer com mudou? — insisti.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei como descrever isso além de dizer que era como se a própria vida houvesse sido sugada para fora dela — disse. — Eu podia ver isso em seus olhos. Ela havia mudado.

Balancei a cabeça, confusa. Naquele momento, gostaria de falar com meu avô. Ele já estava em uma casa de repouso em Spokane há muitos anos, e senti uma pontada de arrependimento em meu coração quando percebi que haviam se passado pelo menos dois anos desde que o visitara. Na última vez em que minha mãe havia feito a viagem, ela contara que ele não a havia reconhecido — sua própria filha. Ele a ficava chamando por um nome diferente, e havia dito alguma coisa que a fizera chorar. Mesmo assim, fui tomada por uma súbita vontade de vê-lo.

— Bee — eu disse com cautela —, em que projeto minha mãe entrou?

Ela balançou a cabeça.

— Depois do rompimento com sua mãe, Bill me fez prometer não falar novamente sobre isso, por causa dela, e por todos nós.

Fiz uma careta.

— Então você não vai me dizer?

Ela entrelaçou as mãos, determinada.

— Sinto muito, querida. São águas passadas.

— Eu só estou tentando entender — falei, sentindo minha frustração subir em um jorro até meu rosto. — Todos esses anos, todos os verões em que a visitamos... é por isso que minha mãe quase não fala com você?

— Eu realmente não sei mais — disse ela. — Ninguém permanece o mesmo. Mas ela ainda trouxe vocês aqui. Sempre lhe darei crédito por isso. Ela sabia o quanto você gostava de seus verões na ilha, como ela gostara uma vez. E não importa o ressentimento que tenha de mim, creio que ela conseguiu colocá-lo de lado por causa de você e de Danielle.

Suspirei e olhei pela janela. O estuário parecia zangado, suas ondas revoltas girando e rebentando no anteparo de cimento com tal ferocidade que a água salgada respingava nas janelas. Não parecia justo que Bee pudesse guardar esses segredos de mim. Fosse algo doloroso ou não, eu não merecia conhecer essa história de família da qual ela falava?

— Sinto muito, querida — ela repetiu, dando um tapinha em meu braço.

Suspirei e desviei o olhar. Bee sempre fora uma mulher teimosa, e eu aprendera havia muito tempo a prestar atenção a seus sinais, e deixar alguns assuntos de lado.

Bee anuiu para si mesma, como se estivesse se lembrando de algo — talvez algo perturbador. Analisei seu rosto, na esperança de conseguir um vislumbre de tudo o que ela estava abrigando dentro de si. A luz da janela acentuava as rugas profundas que atravessavam sua testa. Lembrei-me de algo que, muitas vezes, esquecia: Bee estava ficando velha. Muito velha. E era evidente para mim, pela primeira vez, que minha tia estava carregando alguma coisa pesada sobre os ombros — algo preocupante, definitivamente, e, eu temia, algo sombrio.

Disse a Bee que ia para a praia para desfrutar algum tempo em silêncio. O que eu não havia lhe dito, no entanto, era que estava levando o diário comigo. Andei ao longo da costa até que encontrei um tronco no qual encostar — não exatamente um sofá confortável, mas havia grama o suficiente crescendo em torno dele para acolchoar um pouco minhas costas. Sentindo a brisa bater em minha pele, fechei o botão de cima de meu suéter e abri na página em que havia parado, ansiosa novamente para mergulhar nela, mas, então, meu telefone tocou. Olhei para a tela e vi que era Annabelle.

— Ok — ela disse —, pois bem, percebi que ou você estava sem contato tendo uma aventura quente na ilha ou que você havia morrido.

— Estou viva e bem — respondi. — Desculpe-me por não lhe telefonar. Creio que estou ficando meio enrolada com as coisas por aqui.

— E por “coisas” você quer dizer um membro da espécie masculina?

Eu ri.

— Bem, mais ou menos.

— Meu Deus, Emily, me conte tudo!

Contei-lhe sobre Greg e Jack.

— Adorei que você não mencionou Joel sequer uma vez — disse ela.

Meu coração se afundou, da forma como sempre acontecia quando alguém mencionava o nome dele.

— Por que você tem que dizer isso? — reclamei.

— Dizer o quê?

— Por que você tem que trazê-lo à tona?

— Desculpe-me, Emi — ela disse. — Ok, mudando de assunto: como estão as coisas por aí?

Eu suspirei.

— Maravilhosas. Há alguma coisa mágica neste lugar. — As gaivotas estavam batendo as asas e gritando sobre minha cabeça, e me perguntei se ela poderia ouvi-las.

— Eu sabia que seria melhor do que Cancún — ela comentou.

— Você estava certa. Isto aqui é exatamente do que eu precisava.

Contei-lhe sobre o beijo da noite anterior na praia com Greg, e ela guinchou.

— E por que você não me ligou às três da manhã para me dar essa notícia?

— Porque você teria gritado comigo por acordá-la.

— Sim, eu teria — ela disse. — Mas ainda assim teria desejado saber.

— Tudo bem — eu ri. — Depois do meu próximo beijo, se houver um próximo beijo, ligarei para você. Satisfeita?

— Sim — ela respondeu. — E vou querer mais detalhes.

— Posso lhe dar mais detalhes.

— Você tem mais três semanas por aí, certo?

Parecia muito pouco tempo. E imediatamente me senti como uma criança que entra em pânico quando começa a ver os anúncios na TV de volta às aulas em julho: será que eles não sabem que a escola não começará por dois meses inteiros?

— Eu tenho muito para descobrir antes de voltar para casa — disse.

— Você vai unir essas pontas, Emi — ela ponderou. — Sei que vai.

— Não sei, creio que tenho a sensação de que há algo maior acontecendo por aqui... algo sobre minha tia e minha família. Um segredo de família. E, ah, existe este diário que encontrei no quarto de hóspedes.

— Um diário? — Ela pareceu intrigada.

— É um velho diário que alguém manteve, a partir de 1943, ou talvez o início de um romance. Eu não tenho certeza. Honestamente, sinto-me um pouco estranha lendo-o. Mas tenho essa sensação assustadora de que deveria lê-lo, que o encontrei por uma razão. Isso é estranho?

— Não — Annabelle respondeu rapidamente. — Não é estranho de forma alguma. Certa vez encontrei o diário de minha mãe, da época do colégio e o li inteirinho. Aprendi mais sobre minha mãe naquelas horas lendo debaixo das cobertas com uma lanterna, do que nos trinta e três anos em que a conheço. — Ela fez uma pausa. — Quem foi que você disse que o escreveu? Bee?

— É exatamente isso — falei. — Eu não sei. Mas não venho me envolvendo com um livro desse modo há anos.

— Talvez você esteja destinada a lê-lo, então — Annabelle comentou. — Espere, você não disse que tinha um encontro com não sei quem amanhã à noite?

— Sim... bem, jantarei com Jack, na casa dele — respondi. — Então, sim, creio que você poderia chamar isso de um encontro.

— Emily, se um homem cozinha para uma mulher, isso, minha querida, é um encontro.

— Ok, eu acho, já que você coloca dessa maneira. E quanto a você? Algum progresso com Evan?

— Nada — disse ela. — Acho que está afundado. Vou apenas esperar pacientemente por meu Edward.

Nós duas sabíamos que, de acordo com a pesquisa de Annabelle, Edward era o nome de marido mais confiável e duradouro.

— Ah, a propósito, Annabelle — falei —, apenas por curiosidade, o que sua pesquisa diz sobre o nome Elliot?

— Por quê? Esse é o rapaz misterioso número três?

Eu ri.

— Não, não, eu, ahn, conheci alguém com esse nome aqui, e estava apenas me perguntando.

Eu podia ouvi-la tateando pela mesa.

— Ah, aqui está — disse ela. — Elliot, sim... uau, é um nome muito bom. Duração média do casamento para Elliots é de 42 anos. Ele ainda não bateu Edward, com 44, mas Elliot é tão bom quanto se pode conseguir.

— Obrigada — eu disse, sorrindo. Quando desliguei o telefone, percebi que havia me esquecido de perguntar a ela sobre os nomes Jack e Greg. Mas, por alguma razão, aquilo não me importava tanto quanto o nome de Elliot. Eu queria saber, em nome de Esther. E estava certa de que ela ficaria satisfeita com a resposta.

Bobby chegou em casa às 8h50, tal como dissera que faria. Bobby estava sempre no horário. Ele tirou o paletó azul e pendurou-o no armário, e, em seguida, caminhou até a cozinha e me cumprimentou com um beijo.

— Senti sua falta — ele falou.

Isso era o que ele sempre dizia.

Então aqueci seu jantar e sentei-me se com ele à mesa, observando-o levar a comida à boca e ouvindo-o contar os detalhes de seu dia.

Nossas noites eram sempre assim.

E depois fomos para a cama, e como era quarta-feira, Bobby rolou e puxou o corpete da minha camisola. Bobby sempre queria fazer amor às quartas-feiras. Mas, nessa noite, não consegui relaxar. Não contei até sessenta e rezei para que aquilo acabasse. Em vez disso, fechei meus olhos e imaginei que estava com Elliot.



Três anos antes de me casar com Bobby, eu estava noiva de Elliot, e por um tempo, tudo estava certo com o mundo. Lembro-me do frio no ar no dia da caldeirada. Eu não sabia naquele momento, mas ela marcou o início do fim.

Frances, uma de minhas melhores amigas, sugeriu-me usar luvas. Mas minha outra melhor amiga, Rose, veio em minha defesa: “E esconder o anel?”, ela protestara. “Bobagem. Você não pode cobrir um anel como esse. Seria um sacrilégio.”

Nós rimos, arrumamo-nos com esmero e passamos o pó no nariz. Uma hora depois, dirigimo-nos, de braços dados, para o evento da temporada, aquele que chamava cada homem, mulher, bebê e criança para a praia em Eagle Harbor. Mesas de piquenique e

fogueiras pontilhavam a costa, onde ostras recém-colhidas e caranguejos assados estavam próximos a terrinas de sopa fresca.

Na praia, pequenos fios com lâmpadas brancas cruzavam sobre nossa cabeça, e, como era a tradição da caldeirada da ilha, havia música e dança. Nós três aplaudimos quando *Moonlight Serenade*, nossa música favorita de Glenn Miller, soou nos alto-falantes. Comecei a balançar pela música, e então senti os braços fortes de Elliot atrás de mim. Ele me beijou no pescoço. “Oi, meu amor”, ele sussurrou, levando-me para a pista de dança. Nossos corpos se moviam em uníssono enquanto a lua brilhava sobre nós.

Quando a música terminou, nós caminhamos até o banco onde Frances estava sentada sozinha. “Onde está Rose?”, perguntei-lhe.

Frances deu de ombros. “Provavelmente, à procura de Will.”

Percebi tristeza em sua voz, e por isso larguei a mão de Elliot e estendi a mão para ela.

“Vamos nos divertir, garotas?”, disse Elliot. Ele nos ofereceu um braço a cada uma, e nos resignamos. Frances animou-se imediatamente.

Will e Rose se juntaram a nós em um cobertor que Elliot havia estendido na praia. Bebemos cerveja e comemos ostras em recipientes de estanho, e nos deleitamos com a beleza da noite fria e cheia de estrelas.

Elliot pegou sua mochila verde-escura e tirou a câmera, brincando com o *flash* por um segundo antes de gesticular para que eu olhasse para cima. “Não quero esquecer nunca a maneira como você está hoje à noite”, disse ele, tirando uma, depois duas, e depois três fotos. Elliot nunca estava mais do que há alguns metros de distância de sua câmera. Ele poderia capturar uma cena em preto e branco com tal pungência que quase podia deixar alguém sem fôlego diante do retrato.

Olhando para trás, eu gostaria de ter impedido Elliot de sair naquela noite. Gostaria de poder ter feito o tempo parar. Mas, pouco antes das dez horas, ele se virou para mim e avisou que precisava ir a Seattle naquela mesma noite. “Há alguns negócios que tenho para resolver. Posso vê-la amanhã à noite?”, falou.

Não queria que ele se fosse, mas aquiesci com um gesto e o beijei. “Eu te amo”, falei, demorando-me naquele momento por mais alguns segundos, antes que ele se levantasse, batesse a areia das calças e começasse a caminhar para o cais da balsa, assobiando, como sempre fazia.

Na manhã seguinte, Frances, Rose e eu tomamos a primeira balsa para Seattle para fazer algumas compras. Rose queria ir até a Frederick & Nelson para comprar um vestido que ela havia visto na última edição da revista *Vogue*. Frances precisava de sapatos novos. Eu estava feliz por sair da ilha. Eu gostava de estar na cidade. Devo ter contado uma centena de vezes a Elliot como sonhava com um grande apartamento no centro, com janelas com vista para o estuário. Eu pintaria as paredes de lilás, e as cortinas seriam creme com pequenas faixas segurando-as nos cantos da janela, tal como nas revistas.

E então, caminhando pela calçada da Marion Street, em frente ao Parque Landon Hotel — um grande prédio de tijolos, com duas colunas enormes na frente —, lá se encontrava Elliot. Ele estava com alguém, mas foi apenas depois que o trânsito diminuiu por alguns segundos que pude ver com quem. Ela era loira e alta, quase tão alta quanto Elliot. Vi quando ele passou os braços em torno dela em um abraço que durou uma eternidade. Eu estava perto o suficiente para ouvir a conversa — bem, apenas pedaços dela, mas aquilo era tudo o que eu precisava ouvir.

— Aqui está a chave do apartamento — ele disse à mulher, entregando-lhe uma coisa, que ela imediatamente colocou no bolso.

Ele piscou para ela, o que me provocou um arrepio pelo corpo. Eu conhecia aquela piscadela.

— Eu a verei hoje à noite? — perguntou ele.

O barulho de um caminhão passando abafou a resposta dela. Em seguida, ele a ajudou a entrar em um táxi e acenou enquanto ela se afastava.

“Eu a verei hoje à noite?”. Minha mente, de repente, voltou-se para um romance que eu havia lido anos antes. Nunca antes a heroína de um livro havia me tocado da maneira como Jane o fizera em *Years of Grace*.

Meus olhos se arregalaram. *Years of Grace*! Balancei a cabeça com espanto antes de voltar para a página.

O fato de que Jane, casada com Stephen, houvesse ansiado por um outro homem, indo tão longe a ponto de se permitir as paixões do amor, uma traição certa de seus votos de casamento, levou minha mãe a chamar o livro de lixo. Disse a ela que ele havia ganhado o Prêmio Pulitzer, e que minha professora de literatura inglesa o havia

recomendado para mim, mas fora inútil. Romances como aqueles, segundo ela, estavam cheios de fantasia, ideias perigosas para uma mulher jovem, e então fui forçada a mantê-lo escondido debaixo do colchão.

Enquanto eu estava ali na calçada naquele dia, tudo voltou rapidamente a minha mente: a história de Jane, agora tão dolorosamente entrelaçada com a minha. Havia ternura na voz de Elliot quando ele falara com aquela mulher. Pensei nos laços que nos uniam, nos votos que fazíamos, e quebrávamos. Se Jane poderia dar a mão para Stephen e ainda amar outro, Elliot poderia dar sua palavra para mim e ainda ansiar por alguém. Era possível. Parecia algo poético na história — o amor de Jane por Andre, e por Jimmy, um amor de meia-idade — mas agora, vendo aquilo ser atirado diante de meus olhos, como um estranho, aquilo só parecia errado. Poderia alguém não amar uma pessoa por toda a eternidade? Poderia alguém não manter sua promessa? Elliot poderia ter qualquer mulher que quisesse, e até aquele momento, eu acreditava que ele desejava somente a mim. Nunca estive tão errada.

A carta. Lembrei-me da carta intrigante que Jane havia recebido de Andre anos após sua declaração de amor. Ela estava inteira na história, toda tragicamente detalhada. Ele havia partido o coração dela com sua decisão de ir para a Itália em vez de voltar para Chicago por ela. Foi por isso que ela concordara em se casar com Stephen, uma atitude que mudou para sempre a trajetória de suas vidas. Foi por isso que ela lhe escrevera aquela carta fria e dura pouco antes de a guerra eclodir, apagando qualquer outra possibilidade para o amor deles, mesmo que o amor ainda ardesse em seu coração pelos próximos anos. “Quando você matou as coisas”, Jane disse, respondendo com determinação às ações de Andre, “você as matou rapidamente”. E eu sabia, naquele momento, o que precisava ser feito.

Rose e Frances postaram-se ao meu lado, em silêncio, cada uma segurando um dos meus braços, para firmar-me ou para me impedir de voar para o outro lado da rua, ou para as duas coisas. Mas eu me libertei e, correndo, sem me importar em ser atropelada, cruzei a rua para onde Elliot estava postado em frente à uma máquina de venda automática de jornais. Arranquei o anel da minha mão esquerda, aquele que Elliot havia me dado no mês anterior, com seu diamante em forma de pera alojado entre dois enormes rubis vermelhos. Era muito extravagante, e tinha dito isso a ele, mas ele queria que eu tivesse o melhor, ele havia dito, mesmo que isso significasse se endividar para o resto de sua vida, o que creio que ele fizera. Nada disso importava agora,

porém, não depois de vê-lo ali com outra mulher e ouvi-lo dizer aquelas palavras incriminatórias.

— Olá, Elliot — disse com frieza, quando cheguei ao outro lado da Marion Street.

Ele pareceu assustado e, ao mesmo tempo, à vontade, como se tivesse tudo e nada para esconder. Meu rosto se aqueceu.

— Como você pôde?

Uma expressão confusa nublou seu rosto, e então ele balançou a cabeça.

— Não, não, você teve uma impressão errada — ele disse. — Ela é apenas uma amiga.

— Uma amiga? — retruquei. — Então, por que você mentiu e disse que tinha negócios a tratar? Claramente, isso não é um negócio.

Elliot olhou para os pés.

— Ela é apenas uma velha amiga, Esther — disse ele. — Eu juro.

Agarrei meu colar com força. Era apenas uma pequena estrela do mar de ouro que pendia de uma corrente simples. Ganhei-a em uma quermesse de rua anos atrás, e ela se tornara meu amuleto da sorte. Eu precisava de toda a sorte que pudesse conseguir naquele momento, porque sabia que ele estava mentindo. Eu havia visto o modo como ela olhara para ele, o flerte em seus maneirismos, a forma como eles se abraçaram. As mãos dele na cintura dela. Ela era mais que uma amiga. Qualquer idiota podia ver aquilo.

Lamentei o que estava prestes a fazer antes de fazê-lo, mas procedi da mesma maneira. Apertei o anel em minha mão e depois o joguei tão longe quanto pude pela calçada. Nós dois assistimos a como a joia pulou ao longo da rua, até que quicou e rolou — diretamente para um bueiro.

— Acabou — eu disse. — Por favor, nunca mais fale comigo. Não creio que eu possa suportar.

Vi Rose e Frances olhando com horror do outro lado da rua. Pareceu um esforço hercúleo caminhar de volta para elas e para longe de Elliot. Porque, compreenda, eu sabia que estava me distanciando, para sempre, de nossa vida juntos.

— Espere, Esther! — Eu podia ouvi-lo gritando do outro lado da rua, em meio ao tráfego. — Espere, deixe-me explicar! Não deixe tudo assim!

Mas disse a mim mesma para continuar caminhando. Eu tinha que continuar. Apenas tinha que continuar.

Capítulo 7



Li por mais uma hora, incapaz de desviar os olhos das páginas, mesmo pelos apitos da balsa ou pelos praieiros com cães barulhentos. Fiel à sua promessa, Esther não perdoou Elliot. Ele lhe escreveu por meses, mas ela jogou suas cartas, todas elas, no lixo, sem jamais abrir uma sequer. Rose casou-se e se mudou para Seattle. Frances permaneceu na ilha, onde, para o desespero de Esther, iniciou uma amizade inesperada com Elliot.

Olhei para meu relógio, percebendo que havia permanecido distante por mais tempo do que esperava. Coloquei o diário em minha bolsa e caminhei rapidamente para a casa de Bee.

Quando abri a porta para o hall, ouvi os passos de Bee se aproximando.

— Ah, bom, você está de volta — disse ela, espiando pela porta enquanto eu tirava minhas botas cobertas de areia. — Não sei como consegui me esquecer desta noite — ela continuou. — Estava em meu calendário desde o ano passado.

— O que foi, Bee?

— A caldeirada — respondeu ela, sem mais explicações. Fez uma pausa, parecendo pensativa de repente. — Será que você nunca participou de uma caldeirada na ilha?

Além de uma visita ocasional de férias, eu somente havia ido até a ilha nos meses de verão. A nostalgia que sentia não era de memórias pessoais, mas principalmente pela história de Esther acerca daquela noite mágica.

— Não, mas já ouvi histórias — comentei.

Bee parecia tonta.

— Agora, vamos ver — disse ela, colocando as mãos nos quadris. — Você vai precisar de um casaco quente. E nós vamos embalar cobertores e vinho; deve haver vinho. Evelyn nos encontrará lá às seis.

A cena da praia era exatamente como Esther a havia descrito. As fogueiras. As luzes brilhantes. Os cobertores espalhados pela areia. A pista de dança e o dossel feito pelo céu estrelado acima.

Evelyn acenou para nós da praia. O suéter dela parecia muito leve para proteger sua frágil

pele do vento frio, por isso peguei um cobertor do carrinho de Bee e o envolvi em torno de seu corpo magro.

— Obrigada — ela disse, um pouco aturdida. — Estava perdida em lembranças.

Bee me deu uma boa olhada.

— O marido dela a pediu em casamento aqui, nesta praia, há anos, na noite da caldeirada — disse ela.

Coloquei a cesta no chão.

— Vocês duas se sentem e se acomodem confortavelmente. Vou buscar comida.

— Ostras, com manteiga extra — encomendou Bee. — Milho e pão.

— Aspargos, e somente limão em minhas ostras, querida — acrescentou Evelyn.

Deixei-as lá, com suas memórias, e vaguei em direção à fila da comida, passando pela pista de dança, onde algumas tímidas adolescentes se amontoavam em um canto, fitando os garotos reunidos no lado oposto. Parecia um jogo, em que os dois grupos trocavam olhares. E então, silenciando as ondas noturnas rebentando na costa, a música começou a se espalhar por meio dos alto-falantes, *When I Fall in Love*, de Nat King Cole.

Eu balançava ao som da melodia, entregando-me aos devaneios, até que ouvi uma voz atrás de mim.

— Olá.

Voltei-me para encontrar Jack postado atrás de mim.

— Oi — eu disse.

— Sua primeira caldeirada?

— Sim — confirmei. — Eu...

Fomos interrompidos pelo DJ no alto-falante.

— E vejam o que temos aqui — anunciou ele de seu lugar na estação acima. Seu assistente havia colocado um holofote sobre nós. Escondi meus olhos da claridade. — Um jovem casal para começar a dança de hoje à noite!

Olhei para Jack. Ele olhou para mim. Ouvimos aplausos vindo de todas as direções.

— Acho que só temos uma escolha — ele disse, pegando minha mão.

— Acho que sim — respondi, sorrindo nervosamente enquanto ele puxava meu corpo em direção ao seu.

— Você pode acreditar nisso? — perguntei, com os olhos arregalados.

Jack me girou no chão como um profissional.

— Não — ele disse. — Mas também podemos dar um show para eles.

Concordei. Havia algo natural na forma como ele me segurava. Ele me girou pelo salão, e vi *flashes* dos rostos olhando para nós. Um casal de idosos. Crianças. Adolescentes. E Henry. Henry estava lá, sorrindo para nós das linhas laterais. Estendi minha mão para acenar para ele quando Jack me fez girar novamente, mas em um relance ele se foi.

Quando a música terminou e mais uma rodada de aplausos irrompeu, desejei que pudéssemos continuar dançando. Mas Jack apontou para a praia, e pude ver que sua atenção estava em outro lugar.

— Alguns amigos meus estão esperando — ele falou. — Você pode se juntar a nós.

Senti-me boba por romantizar o momento.

— Ah, não — recusei. — Eu não posso. Estou aqui com Bee e nossa amiga Evelyn. Prometi levar comida para elas, então creio que é melhor que eu vá também. Mas o verei amanhã em sua casa?

Seus traços se nublaram por um momento, como se ele houvesse esquecido seu convite na praia.

— Certo, sim, jantar — disse ele. — Verei você lá, então. — E depois ele se foi.

Dez minutos depois, equilibrando uma bandeja cheia de comida, voltei para Bee e Evelyn, encolhidas debaixo de cobertores. Bebemos vinho e comemos até o último pedaço, até que nossos membros sucumbiram ao frio. Pensei em Jack no retorno para casa, e no momento que havíamos compartilhado naquela noite, chegando a nenhuma conclusão com aquilo. Era bom deixar minha mente vagar.

— Então? — Bee perguntou antes de ir para a cama naquela noite.

— Adorei — eu respondi.

— Foi uma bela dança — ela comentou.

Eu não havia pensado que ela pudesse ver a pista de dança de seu lugar na praia. Sorri.

— Foi, não foi?

— Boa noite — disse ela, acariciando meu rosto.

— Boa noite, Bee.

5 de março

Jantar com Jack. Isso era tudo em que eu podia pensar no dia seguinte. Enquanto lavava a louça depois do almoço, afundei minhas mãos na água com sabão e me perguntei se ele havia pensado muito sobre nossa dança na noite anterior. *Será que ele sentiu a faísca que senti?* Uma grande bolha de sabão surgiu enquanto eu lavava um prato, e o coloquei no escurridor. Eu estava lendo muita coisa nas entrelinhas? Apenas recentemente dissera adeus a Joel, e então ocorreu-me, enquanto esfregava os talheres com uma esponja, que talvez meu estado civil houvesse estragado minha percepção sobre Jack.

Mais tarde, naquela noite, revirei minha mala à procura de algo adequado para vestir. O jantar com Greg havia sido casual, como encontrar um velho amigo em um lugar público. Enquanto os momentos fugazes que tivera com Jack na praia foram certamente agradáveis, havia mistério o suficiente em torno deste homem, agora, para elevar meu nervosismo. Além disso, Jack não havia me convidado para ir a um restaurante, mas para ir à sua casa, por isso escolhi o que sempre escolhia em momentos de pânico no guarda-roupa: um suéter com faixas para amarrar, um par de brincos chandelier, e meu jeans favorito. Puxei minha blusa de baixo para que aparecesse um pouquinho, então balancei a cabeça e puxei-a para cima novamente.

Passei a escova pelo cabelo, que estava necessitando desesperadamente de uma visita ao salão de beleza, e terminei a produção com um pouco de rímel e um toque de blush. Lancei um olhar de desaprovação ao espelho antes de apagar as luzes. Aquilo teria de bastar.

— Você está linda — disse Bee, espiando o interior do meu quarto. Eu não sabia que ela estava ali, e esperava ter me lembrado de colocar o diário no lugar. Olhei para a cama e fiquei aliviada ao ver que o guardara.

— Obrigada — respondi, agarrando minha bolsa e colocando um par de sapatos baixos, adequados para caminhar ao longo da praia até a casa de Jack.

Parecia que ela queria confiar em mim, mas foi um aviso que proferiu.

— É melhor você não ficar fora até muito tarde, querida. A maré estará alta hoje à noite. Você pode ter dificuldade para andar até aqui em casa na volta. Tenha cuidado.

Mas nós duas sabíamos que suas palavras tinham dois significados.

Só depois de já ter caminhado uma boa distância ao longo da costa foi que percebi que deveria ter trazido um agasalho, ou talvez até mesmo um casaco de inverno. A brisa de março parecia mais um vento ártico, e eu desejava que a casa de Jack não estivesse muito mais longe. Meu celular tocou em minha bolsa, enquanto eu caminhava ao longo da praia. Peguei-o, e a tela exibia um número de Nova York que não reconheci.

— Alô? — eu disse. Podia ouvir sussurros no fundo e ruídos de automóveis, buzinas e trânsito, como se alguém estivesse andando na calçada perto de uma rua movimentada.

Engoli em seco.

— Alô? — repeti. Não houve resposta, então coloquei o telefone de volta em minha bolsa, encolhendo os ombros.

A lua crescente brilhava acima de minha cabeça. Olhei para trás, ao longo do trecho de praia atrás de mim. *Eu poderia me virar. Eu poderia voltar.* Mas, então, o vento aumentou novamente, assustando-me com a baforada fria que me golpeou o rosto. E me senti compelida a continuar caminhando. Estava respondendo a alguma voz sussurrada pelo vento? A um sentimento? Eu não tinha certeza, mas caminhava, um pé na frente do outro, até que cheguei à casa de praia de Jack. Era exatamente como ele descrevera, com suas telhas cinza e um grande alpendre acolhedor na frente.

Como todas as residências naquele trecho da praia, aquela era antiga e, provavelmente, de valor histórico. Pensei sobre os casais que assistiram ao pôr do sol da varanda no século e meio que a casa trazia até aquele momento, e meu coração se acelerou um pouco. Mas foi somente quando notei o cata-vento em formato de pato girando no alto do telhado que meu coração realmente começou a bater forte. Poderia aquela ser a casa da pintura de Bee?

A luz quente na janela me colocou na trilha que levava à entrada. Eu podia ver uma vara de pesca enrolada ao longo dos degraus da frente, ao lado de um par de botas. Aproximei-me da porta da frente, que estava aberta.

— Olá? — chamei com cautela, adentrando. Podia ouvir a música, jazz, e algo fervendo no fogão.

— Oi, por favor, entre — Jack chamou de um outro cômodo, provavelmente a cozinha. — Estou terminando aqui.

Senti o cheiro de alho, manteiga e vinho — a combinação de sabores mais deliciosa do mundo. Aquilo me fez sentir aquecida, como os primeiros goles de vinho sempre fazem. Eu tinha trazido uma garrafa de pinot noir que pegara da adega de Bee. Coloquei-a em cima da mesa na entrada, ao lado de um molho de chaves e de uma grande concha branca cheia de trocados.

Olhei em volta. A sala de jantar chamou minha atenção por suas paredes de um vermelho profundo e pela grande mesa de carvalho. Perguntei-me se Jack tinha muitos convidados com uma mesa como aquela. A apenas alguns passos para a esquerda estava a sala de estar, com dois sofás com capa e uma mesa de café construída de madeira cinzenta. Os móveis eram robustos e masculinos, mas tudo parecia polido, como nas páginas de um catálogo Pottery Barn. Mesmo as

revistas sobre a mesa ao lado pareciam estar deliberadamente colocadas inclinadas. Fui até a lareira e olhei para as fotos dispostas ali em cima. Uma me chamou a atenção: um retrato de uma mulher com óculos de sol, um top de biquíni vermelho e um sarongue de linho delicado enrolado em sua cintura fina. Ela estava em uma praia, olhando para o câmara — teria sido Jack? — com adoração. De repente, senti-me como uma intrusa, o que era ridículo, porque aquela mulher poderia ser alguma irmã dele.

— Oi — disse Jack, entrando na sala. — Sinto muito por ter feito você esperar, mas o mundo para por causa do molho béchamel.

Jack estava segurando duas taças de vinho cheias e me ofereceu uma delas.

— Espero que você goste de chardonnay.

— Adoro.

— Bom — ele disse. Jack parecia tranquilo, como uma balsa velha, o que só parecia acentuar meu nervosismo. Eu esperava que ele não percebesse. — Vamos nos sentar. — Apontou para o sofá que se voltava para a lareira. — Estou feliz que você possa ter vindo esta noite — ele continuou. Estava mais bonito do que me recordava; perigosamente bonito, com seu cabelo escuro e ondulado e seu olhar estonteante. — Você se divertiu ontem à noite?

— Sim — respondi. — Foi uma noite linda. — Rezei para não estar corando, mesmo sabendo que estava.

— Desculpe-me por ter precisado sair tão rapidamente — disse ele, preocupado.

— Ah, tudo bem — falei, olhando ao redor da sala, ansiosa por mudar de assunto. Uma série de fotografias antigas em preto e branco emolduradas na parede me chamou a atenção — em particular, um de uma balsa de muito tempo atrás. — Sua casa é adorável. — *Como pude dizer algo tão comum?*

— Então, como está indo sua história?

— Minha história? — pensei imediatamente na história de Esther, e me perguntei como Jack poderia saber sobre ela.

— Seu livro — ele explicou. — O que você está pesquisando.

— Ah, sim. É, ahn, está fluindo. Lenta mas seguramente.

— Bainbridge é o lugar perfeito para um escritor, ou qualquer outro artista — disse ele. — Tudo o que você tem a fazer é pegar a caneta ou o pincel, e as histórias, as imagens, elas vêm até você.

Concordei.

— A ilha tem mesmo esse efeito — falei, pensando mais sobre o desdobramento da história nas páginas do diário e menos sobre qualquer ficção minha.

Jack sorriu e tomou um longo e lento gole de vinho.

— Você está com fome?

— Muita.

Segui-o até a sala de jantar e sentei-me à mesa, enquanto ele trouxe uma salada de rúcula, erva-doce e parmesão ralado, um prato de linguado, aspargos regados com béchamel e pãozinhos recém-tirados do forno.

— Coma! — ele comandou, enchendo minha taça de vinho novamente.

— Um homem que cozinha desse modo... estou seriamente impressionada — eu disse, tentando alcançar meu guardanapo.

Jack sorriu maliciosamente.

— Esse foi o objetivo, impressionar você.

Conversamos sem parar enquanto as velas tremeluziam sobre a mesa. Ele me contou sobre a vez em que andou sonâmbulo pelo acampamento de verão e acordou envergonhado ao descobrir que havia tentado se arrastar para a cama do conselheiro do acampamento. Recordei-me da vez em que havia mastigado a ponta de uma caneta tinteiro no Ensino Médio e não percebi que havia vazado em todo meu rosto, deixando uma mancha em meu lábio superior por dois dias.

Contei a ele sobre Joel, também, mas não de uma forma sentimental e autopiedosa.

— Eu só não entendo — disse ele, balançando a cabeça depois que compartilhei a história da ruína de nosso casamento, revelando detalhes que eu não contaria novamente se não houvesse bebido. O vinho branco sempre me deixa com a língua solta. — Eu não entendo por que ele a deixou ir embora.

Senti minhas bochechas ficarem quentes novamente.

— Bem, e sobre você? Já foi casado?

Jack pareceu desconfortável por um momento.

— Não — disse. — Somos apenas eu e Russ.

Lembrei-me do golden retriever da praia.

— Russ — ele chamou em direção às escadas e, em segundos, ouvi uma pancada e depois o som de quatro patas marchando lentamente pelas escadas, traçando o caminho mais curto até

mim. Primeiro, ele farejou minhas pernas e, em seguida, minhas mãos, antes de jogar seu traseiro exatamente sobre meu pés.

— Ele gosta de você — falou Jack.

— Ele gosta? Como você pode dizer?

— Ele está sentado em seus pés, não está?

— Ahn, sim.

— Ele só faz isso quando gosta de alguém.

— Bem, estou feliz por ter sua aprovação — revelei, sorrindo enquanto o cão enterrava a cabeça em meu colo, deixando milhares de pelos em minha blusa de baixo. Não me importei.

Jack tirou a mesa, recusando minha oferta de ajuda, e depois guiou-me para a porta dos fundos.

— Há algo que eu adoraria que você visse — disse ele.

Nós andamos pelo quintal, apenas um pequeno quadrado coberto de grama, pontilhado com algumas pedras para caminhada, até uma dependência pequena que parecia um galpão de jardim.

— Meu estúdio — disse Jack. — No outro dia, na praia, você mencionou que queria ver um pouco do meu trabalho.

Assenti ansiosamente. Senti um caráter sagrado no local. Jack estava me deixando adentrar em seu mundo secreto. Seria como se eu o convidasse a ler um dos meus primeiros rascunhos. E eu nunca deixava ninguém ler meus primeiros rascunhos, nem mesmo uma única frase.

Dentro, havia telas por toda parte — apoiadas em cavaletes e descansando contra a parede. Elas eram, em sua maioria, belas paisagens marinhas, mas um retrato, um único, me chamou a atenção: um de uma marcante mulher jovem, com cabelos loiros na altura dos ombros, olhando para o estuário. Havia algo de incerto em seu rosto, algo triste. Era diferente de qualquer trabalho no estúdio. Olhei mais de perto em seus olhos sedutores, embora solitários, observando uma vaga semelhança com a mulher na foto da lareira de Henry, ainda que não houvesse nada de antiquado naquela mulher. *Quem é ela?* Gostaria de conhecer sua história, e como ela veio a ser pintada por Jack, mas não pareceu certo questionar. O objeto daquela pintura parecia intocável.

Em vez disso, concentrei-me em seus outros trabalhos, e fiquei maravilhada.

— A pincelada, a luz... são de tirar o fôlego — finalmente falei, tentando não permitir que meu olhar voltasse para a mulher misteriosa no cavalete. — Todos eles. Você tem um enorme

talento.

— Obrigado — disse Jack.

Já estava escuro, mas a luz da lua filtrava-se pelas janelas do estúdio. Jack pegou um caderno de desenho e caminhou em minha direção, seus lábios franzidos.

— Faça-me um favor e sente-se ali — ele disse, apontando um banco no canto.

Segui ansiosamente suas instruções.

Jack puxou outro banco, sentou-se, e em seguida, levantou-se, circulando-me com muita atenção. Arrumei meu cabelo e minha blusa de baixo conscientemente enquanto ele abaixou o caderno e se aproximou de mim lentamente, até que estava de pé na minha frente. Estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de sua pele.

Então ele estendeu a mão e pegou meu queixo suavemente, inclinando meu perfil para o luar. Passou as mãos em meu pescoço até chegar à gola de minha blusa de baixo, causando uma sensação de formigamento em meus braços. Abriu o decote até que minhas clavículas ficaram expostas, bem como uma sugestão da minha blusa de baixo. Senti o ar frio percorrer minha pele, mas não tremi. Jack pode ter feito aquela cena com todas as mulheres que trouxera para sua casa — o jantar, o cão, o retrato —, mas deixei minha cínica interior sair de mansinho.

— Perfeito — ele disse. — Agora, fique aí apenas por um segundo.

Senti-me estremecer e amolecer, mas consegui segurar a pose enquanto Jack sentou-se perto de mim, esboçando furiosamente. Então ele se levantou e me mostrou seu desenho.

— Uau! — exclamei. — Quero dizer, é muito bom, é tão... realista. — Quando era criança, um artista de rua em Portland fez um esboço de retrato meu. Meu nariz pareceu retorcido e minha boca, grande demais. Mas Jack... ele havia me desenhado realmente.

Ele destacou com cuidado o esboço do caderno e colocou-o sobre um cavalete.

Voltamos para a casa, onde chamas de um vermelho profundo cintilavam na lareira. Jack ligou seu CD player.

— Como tive de sair tão rápido na noite passada, pensei que poderíamos continuar nossa dança hoje. — Ele pegou minha mão.

Fiquei imediatamente encantada com o gesto à moda antiga. A última vez em que havia sido convidada para dançar — excetuando os bailes de festas, é claro — eu tinha 17 anos, e namorava um cara dois anos mais velho, que era o guitarrista de uma banda de garagem de punk rock. Nós dançamos Ramones lentamente por cinco minutos incrivelmente românticos, até que seu pai chegou em casa do trabalho.

Jack empurrou a mesa de centro para o lado, levando-me para o centro da sala de estar. Enquanto ele assim agia, uma *big band* suave começou a tocar uma melodia linda.

— É uma gravação antiga de uma das minhas canções de jazz favoritas — disse, puxando-me para perto dele. — Você conhece?

Hesitei.

— *Body and Soul* — ele disse. — É uma das canções de amor mais belas já escritas.

Os pelos de meus braços se eriçaram.

— Você a conhece? — insistiu ele, sentindo minha reação.

Eu assenti. *Body and Soul? Como na canção de Esther e de Elliot?* Eu não podia ter certeza se já a havia ouvido antes, ou mesmo a melodia, mas reconheci a letra instantaneamente. É claro que era a canção deles. Foi assombroso e mágico ao mesmo tempo. Aquela música tinha sido feita para eles.

Jack me segurou perto, tão perto que pude sentir sua respiração em meu pescoço e a firmeza dos músculos de suas costas. Ele deixou seus lábios roçarem minha testa, enquanto nossos corpos balançavam ao som da música.

— Garotas como você não aportam nesta praia todos os dias — ele sussurrou quando a música terminou.

Nós dois olhamos para a praia, onde as ondas rebentavam contra a terra, e Jack de repente pareceu preocupado.

— A maré está ficando alta — avisou. — É melhor levá-la para casa.

Balancei a cabeça, escondendo minha decepção. Eu não queria ir. Não ainda.

Quando chegamos à porta de Bee, ele sorriu:

— Eu tenho que ir a Seattle, mas estarei de volta em poucos dias. Ligo para você, então. — Tentei não analisar suas palavras em busca de um significado mais profundo.

— Boa noite — respondi. E foi isso.

Eu chorava enquanto me arrastava para a cama, e disse a mim mesma que não tinha razão para isso. Havia sido uma noite maravilhosa. Ele havia me chamado de especial. Especial. O que eu esperava? Uma confissão de amor? Ridículo, disse a mim mesma. Puxei o diário da gaveta do criado-mudo, mas podia sentir a exaustão em cada osso do meu corpo, por isso, coloquei-o de volta em seu lugar. E enquanto deslizava para o sono, não pude fazer nada além de sentir que estava abandonando Esther, deixando-a sozinha naquelas páginas para enfrentar

seus próprios problemas, para cuidar de si mesma. No entanto, eu também estava me defendendo, em meio à minha própria nova história.



6 de março

— Quer ir *em* Seattle hoje? — Bee perguntou durante o café da manhã. Era assim que as pessoas em Bainbridge Island falavam sobre Seattle, como uma experiência de imersão total.

— Por que você não convida Evelyn para vir conosco? — sugeri. O tempo era curto, mas Bee não sabia disso.

Bee ligou para ela.

— Por que você não se junta a nós hoje em Seattle? Vamos pegar a balsa das dez horas para fazer algumas compras. Nós adoráramos que você viesse.

Dois segundos depois, o trato estava feito. Evelyn nos encontraria no terminal das balsas, que lembrava uma estação de trem, com vistas panorâmicas da água e um quiosque de café expresso para satisfazer um desejo, por exemplo, por um *split-shot mocha*, como o que eu tomei. Os habitantes de Bainbridge Island frequentemente caminhavam até lá, deixando seus carros guardados comodamente no estacionamento do terminal. Uma vez que o barco deixava seus passageiros no coração da cidade, não havia necessidade de dirigir um carro, ainda que morar nos arredores significasse subir alguns morros. Mesmo nos seus 80 anos, aquelas mulheres não sonhariam em renunciar a uma caminhada, pela cidade, trocando-a por um táxi.

Evelyn usava calça capri cáqui, um suéter preto de gola ampla e sapatilhas.

— Obrigada por me salvarem de mais um dia bobo com os gatos — ela nos falou.

Eu sorri. Ocorreu-me que ela não parecia ser uma pessoa com uma doença terminal. Ela ainda tinha cabelo — seria uma peruca?, eu me perguntava. Suas bochechas brilhavam, coradas, o que poderia ser a maquiagem. Mas, principalmente, ela não agia como alguém doente. Embora o câncer pudesse ter lhe devastado o corpo, Evelyn não iria deixá-lo levar seu espírito.

— Então, qual é o plano para o dia? — perguntei enquanto caminhávamos para a balsa. Estando entre as primeiras pessoas a embarcar, garantimos uma cabine cobiçada, mais próxima da frente da embarcação, onde a vista do horizonte de Seattle era a melhor.

— Bem — disse Bee, aconchegando-se no banco de vinil —, vamos fazer o Westlake Center, é claro, e depois há aquele pequeno bistrô delicioso na Marion Street, onde pensei que poderíamos almoçar.

Marion Street. *Não era a rua citada no livro, onde Esther terminara seu relacionamento com Elliot para sempre?* Pensei sobre o lindo anel que ela havia atirado em um bueiro e sacudi a cabeça. Parecia um desperdício, uma coisa muito impulsiva a se fazer. Porém ela tivera seus motivos.

Lembrei-me do nome do Landon Park Hotel, o lugar onde a trágica cena havia acontecido. Talvez Bee, ou quem quer que fosse o verdadeiro autor, houvesse utilizado pontos de referência históricos. Eu estava ansiosa para ver se o antigo hotel ainda existia, ou pelo menos para saber se realmente existiu.

— Alguém quer uma sopa de mariscos? — Bee perguntou, levantando-se. Ela sempre pedia sopa de mariscos na balsa, não importava que horas eram, e não importava se a viagem durasse apenas meia hora.

— Não para mim — disse Evelyn.

— Quero um pouco, se você for ao refeitório — falei. Bee assentiu e foi embora.

Assim que Bee estava longe, voltei-me para Evelyn.

— Como você está se sentindo?

— Já tive dias melhores.

— Sinto muito. — Senti-me culpada, de repente, pelo fato de que ao aceitar meu convite, Evelyn estaria se privando de descanso.

— Ah — disse ela. — Não por mim, obrigada. Prefiro estar doente em Seattle, com vocês duas do meu lado, do que doente na cama em casa.

Concordei com Evelyn.

— Quando você está pensando em dizer a ela?

Evelyn pareceu apreensiva.

— Em breve.

— Estou ficando preocupada sobre como ela vai receber a notícia — falei.

Evelyn olhou para suas mãos, tão fortemente entrelaçadas que era possível ver as pequenas veias azuis se evidenciando.

— Estou preocupada também, querida.

Olhei pela janela e depois de volta para Evelyn.

— É só que, pelo que percebo, você é a única amiga de verdade que Bee tem.

Ela concordou.

— Você ainda está lendo o diário?

— Sim — confirmei. — Mal posso guardá-lo.

Ela espiou a passarela para ver se Bee estava voltando.

— Nós não temos muito tempo — disse. — Não vou ficar por aqui por muito mais tempo. Mas preciso que você saiba de uma coisa: essa história que você está lendo guarda muitos segredos... segredos que podem mudar a vida hoje. Sua. De sua tia. Dos outros.

— Eu gostaria que você pudesse me dizer de que se trata tudo isso — falei, esperando não parecer muito impaciente.

— Sinto muito, querida — ela se desculpou. — Esta é sua jornada.

Quando nos movemos para o mar aberto, senti o tempo parar.

— Evelyn — chamei, olhando pela janela. — Você conheceu minha avó?

Ela analisou meu rosto por um tempo antes de responder.

— Sim, querida, eu a conheci.

— Talvez você saiba, então — disse —, o que Bee disse à minha mãe sobre vovó Jane que causou tal ruptura na família.

Evelyn confirmou.

— Ela disse a sua mãe a surpreendente verdade sobre sua avó — foi a resposta.

— Surpreendente?

— Sim... Mas, Emily, isso não tem que terminar desta forma para sua família.

— Evelyn, o que isso quer dizer?

— Você pode consertar as coisas, Emily — ela disse. — Você pode dar o fechamento que essa história necessita.

Corri meus dedos pelos cabelos e suspirei.

— É como se eu estivesse tentando montar um quebra-cabeça, e todo mundo ficasse escondendo as peças de mim.

— Seja paciente — Evelyn recomendou, calmamente. — Você vai encontrar suas respostas no momento certo. É a maneira da ilha.

Avistei Bee retornando a nossa cabine.

— Aqui estamos nós — ela disse, voltando a seu lugar. — Uma sopa de mariscos para você.

— Obrigada — disse, abrindo um pacote de bolachas água e sal e mergulhando uma delas na sopa cremosa ainda quente.

— Evelyn, onde está seu apetite? — perguntou Bee. — Você sempre toma sopa na balsa.

Lancei um olhar a Evelyn, como se dissesse “Agora é o momento certo, diga a ela”, mas ela manteve o rosto impassível.

— Tomei um supercafé da manhã hoje cedo, creio que esse meu velho estômago simplesmente não é o que costumava ser.

— Bem — Bee replicou —, nós vamos almoçar em algumas horas, então não é como se você fosse morrer de fome. Em seguida, virou-se para mim: — Então, como foi ontem à noite na casa de Jack?

O rosto de Evelyn se iluminou.

— Jack Evanston?

— Sim, Jack Evanston — respondi.

Evelyn e Bee trocaram um olhar significativo.

— Somos duas velhas que não tiveram um encontro em várias décadas, Emily — disse Evelyn. — Dê-nos o gostinho de saber como foi.

— Bem, ele fez o jantar — contei. — Vocês podem acreditar nisso? Um homem que sabe cozinhar. E ele me mostrou suas pinturas.

Bee fez uma careta e olhou para a água pela janela, mas Evelyn a ignorou.

— A noite parece ter sido um sonho. Você se divertiu?

— Sim... Mas fiquei me perguntando, com todas as visitas que fiz à ilha quando criança, por que nunca conheci Jack? Eu nunca o vi na praia.

Evelyn abriu a boca para explicar, mas Bee a interrompeu.

— O que aconteceu com Greg? — ela perguntou.

— Bom Deus — disse Evelyn —, você tem dois homens perseguindo você?

— Ela tem — Bee replicou.

Evelyn deu um suspiro, cheia de nostalgia.

— Ah, ser jovem de novo.

Nesse momento, o apito da balsa soou, anunciando nossa chegada em Seattle. Energizadas pelo entusiasmo dos outros passageiros em desembarcar, caminhamos rapidamente ao longo da passarela e descemos as escadas que levavam à calçada apinhada de táxis, mendigos e de pombos ciscando por migalhas.

Quando chegamos à faixa de pedestres, Evelyn respirou fundo.

— Ah — ela suspirou. — Havia me esquecido desse cheiro.

Era o aroma balsa-motor-água-do-mar-cidade que aprendi a amar, mas do lado de Seattle ele era acentuado pelo peixe frito dos restaurantes ao longo do cais.

— Você nunca se arrependeu de haver saído daqui, Evelyn? — Bee perguntou de repente.

Evelyn olhou para mim em vez de para Bee, como se desejasse me incluir

— Emily, quando meu marido morreu, há dez anos, me mudei de volta para Bainbridge. Mas passei minha vida inteira enquanto casada aqui na cidade, algumas ruas acima, em Capitol Hill.

— Sinto muito sobre seu marido — falei. — Você deve ter muitas lembranças dele aqui.

— Sim — ela concordou. — Tenho sim. Mas a ilha sempre foi minha casa.

Nós caminhamos em silêncio por três colinas, até chegarmos a Marion Street. Segurei o braço de Evelyn para apoiá-la, algo que Bee teria feito se soubesse da doença de sua amiga.

— Ah! — exclamou Bee. — Aqui estamos nós... — Apontou para um restaurante do outro lado da rua, chamado Talulah's. — Vamos nos sentar. Eu poderia me deitar depois dessa caminhada.

Concordei, e Evelyn rapidamente também.

Interiormente, o restaurante era alegre e brilhante, com suas paredes cor de sol e narcisos em pequenos vasos de vidro em cada mesa. Com a exceção de um homem tomando café e comendo um sanduíche em uma mesa distante, nós éramos as únicas pessoas no local.

Eram onze horas — um pouco cedo para o almoço, mas exatamente o momento ideal para mimosas^[6]. Evelyn pediu uma rodada. E quando terminamos a segunda, todas nós nos sentíamos felizes, para não dizer famintas. A despeito da sopa no barco, pedi um hambúrguer, sem culpa.

— Então — disse Bee depois que a garçonete levou nossos pratos. — Aonde vamos agora?

Olhei pela janela para a Marion Street.

— Por que não vamos dar um passeio ao longo da Marion? Ela vai nos levar ao Westlake Center, certo?

— Claro — Bee concordou.

Ela pagou a conta e nós três saímos para a calçada. Conforme passávamos pelas construções, eu procurava o hotel, aquele onde Esther havia visto Elliot com a outra mulher. Deveria haver quarenta e cinco Starbucks, mas nenhum Landon Park Hotel. E, então, algo me chamou a atenção: um prédio de tijolos, tal como Esther tinha descrito — com duas colunas de aparência ousada na frente. E havia uma máquina de vender jornais nas proximidades também. Coincidência? Em seguida, o estalo: a cerca de cinquenta metros de distância havia um bueiro. Congelei por um momento. Tinha que ser aquele lugar. Eu precisava ver por mim mesma, fosse ficção ou não.

— Emily? — Bee me chamou, voltando-se para ver o que eu estava fazendo parada ali, imóvel, na calçada. — Por que você parou aqui? Viu alguma loja em que queira entrar, querida?

Sem olhar para Bee, balancei a cabeça.

— Só quero verificar as manchetes dos jornais — menti, atravessando a rua apressadamente, quase me chocando com um sedan cinza. O motorista, descontente, soou a buzina.

E ali, do outro lado da rua, estava o edifício. Tinha de ser o hotel.

— Desculpe-me — disse ao porteiro idoso. — É este o Landon Park Hotel?

Ele olhou para mim com os olhos arregalados.

— Landon Park? — Ele balançou a cabeça. — Não, aqui é o Clube Atlético de Washington.

— Ah, certo — respondi. — É claro.

Virei-me para caminhar de volta, dessa vez usando a calçada.

— Espere, eu tinha esquecido — ele gritou. — Aqui foi o Landon Park Hotel, sim, mas só até os anos 1950, quando houve um incêndio que quase acabou com o prédio.

— É verdade? — perguntei, sorrindo.

Ele acenou com a cabeça.

— O hotel foi completamente destruído.

Agradei e relanceei a vista para a outra calçada, onde Bee e Evelyn tinham permanecido.

Elas pareciam confusas, especialmente Bee.

— Já vou — gritei, fingindo olhar para a máquina de vender jornais, mas estava realmente imersa no local onde os problemas de Elliot e Esther haviam começado. Estar parada ali fez a história parecer muito mais real, mesmo que fossem apenas fantasias de alguém que vivera fazia muito tempo.

Desistimos de ir fazer compras e tomamos a balsa das duas horas. Fingi uma dor de cabeça por causa de Evelyn; eu podia ver que ela não estava bem. Parecia pálida e exausta. Eu sabia que ela precisava descansar, e também sabia que ela não admitiria isso.

Assim que chegamos, Bee foi para seu quarto tirar uma soneca, e eu também. Mas não planejava dormir.

...

Eu podia ouvir o telefone tocando na cozinha. Ocupada no banheiro, onde estava dando banho no bebê, decidi que quem ligava podia esperar. Mas o telefone não parava de tocar, então sequei as mãos e enrolei a nenê em uma pequena toalha azul de veludo que a mãe de Bobby nos dera. Ela escolhera aquela cor porque ansiava por um menino.

— Alô? — finalmente respondi. Não mascarei a irritação em minha voz.

Era Frances.

— Esther, você não vai acreditar. — Sua voz soou embargada, animada, em pânico, tudo ao mesmo tempo.

— Acalme-se e me diga — falei, arrumando o bebê para que eu pudesse segurar o telefone com mais conforto.

— É Elliot — ela disse. Quando ela disse o nome dele, quase caí de joelhos.

— Não, não, Frances — cortei. — Não me diga. Não vou suportar ouvir isso.

— Não — ela explicou rapidamente. — Ele está vivo. Ele está bem. E voltou para casa! Ele voltou da guerra para casa!

As lágrimas começaram a se formar em meus olhos.

— Como você sabe disso?

Ela se calou por um instante, como se considerando a possibilidade de me dizer a verdade ou a versão parcial.

— Bem — acabou respondendo —, porque ele esteve aqui.

— Onde?

— Em minha casa — disse ela. — Ele acabou de sair.

— O que ele estava fazendo aí?

Podia sentir Frances se enrijecendo, e a tensão crescia dentro de mim. Eu estava apreensiva sobre a amizade deles, e não podia esconder tal fato.

— Frances — continuei. — O que ele estava fazendo aí?

— Esther, não sei o que você está insinuando — ela disse, na defensiva. — Ele sabe que eu amo fotografias, por isso ele me deu um álbum com algumas fotos que tirou no sul do Pacífico. Elas são lindas. Você deveria vir vê-las... coqueiros, praias, as pessoas que ele encontrou.

Fechei minha mão direita com força.

— Por que ele lhe daria um presente?

— Que tipo de pergunta é essa? — Frances retrucou, parecendo ferida. — Não se esqueça de que somos velhos amigos também, Esther. Foi simplesmente um gesto amável.

— E quanto a mim? — questionei. — Não sou uma amiga?

— Esther, você é uma mulher casada e com uma filha — disse ela um pouco mais francamente do que eu esperava. — Ele não se sente exatamente bem-vindo a sua porta.

A raiva estava crescendo agora, remexendo em anos de emoções que eu tentara ignorar.

— Você sempre o colocou acima de nossa amizade — falei amargamente. — Você sempre o quis para si mesma.

Frances ficou em silêncio.

— Sinto muito — recuei. — Eu não quis dizer isso.

— Sim, você quis — disse Frances.

— Não, não, eu não quis. Isso saiu errado. Pode me perdoar?

— Eu tenho de desligar, Esther. — Houve um clique, e então não ouvi mais nada, exceto o solitário tom de discagem.



Fitei o interior de meu armário na manhã seguinte, e, finalmente, tirei o vestido azul justo que havia comprado em Seattle no ano passado. Ele tinha um cinto preto e um decote em V com uma peônia branca na lapela, tal como aquelas das revistas de moda.

Liguei para Rose.

— Oi — falei. — Você já ouviu a notícia?

— Sobre Elliot? — ela respondeu. — Sim.

Suspirei.

— Eu estou arrasada.

— Por que você deveria estar? Ele está vivo.

— Sim, eu sei, mas esta ilha é pequena demais para nós dois.

Rose sabia disso tanto quanto eu.

— Quer que eu vá até aí? Posso pegar a próxima balsa.

— Sim — aceitei. — Você pode me encontrar para o almoço? Posso estar no Ray's ao meio-dia, logo depois de fazer minhas compras. Estarei com a nenê, mas se tiver sorte, ela vai dormir no carrinho.

— Perfeito — ela respondeu.

Desde que Rose havia se mudado para Seattle, a ilha parecia solitária. Eu tinha Frances, é claro, mas nós duas havíamos nos tornado distantes no ano anterior, por razões que compreendia, mas sobre as quais eu não queria pensar. Até aquele momento.

— Rose, Frances está apaixonada por Elliot? — Parecia absurdo que uma de minhas melhores amigas pudesse amar o homem que eu amava, mas eu precisava perguntar. Eu precisava saber. E sabia que Rose teria a resposta.

— Acho que você tem de perguntar isso para ela — Rose respondeu simplesmente. Mas não era preciso. Em algum lugar em meu coração, eu já sabia.



No mercado, eu mal podia entrar em um corredor antes de espiar outro, a fim de ver se Elliot poderia estar lá. No entanto, em vez dele, encontrei Janice Stevens, minha

vizinha, que estava bisbilhotando próxima aos produtos enlatados. Ela era uma viúva, razão pela qual eu tentava não me irritar com a forma como ela olhava para mim e com as coisas que dizia. Ela estava sempre fazendo biscoitos, bolos e tortas, e criticando o fato de eu não fazer o mesmo. Frances me disse uma vez que Janice não tirava os olhos de Bobby, e talvez fosse verdade. Ela trazia suas produções e dizia coisas como “pobre homem! Esther nunca faz nada para você, por isso é meu dever como vizinha me certificar de que você esteja bem-cuidado”. Sempre usava um batom vermelho vibrante, e tinha o hábito de se demorar em nosso batente por mais tempo do que eu gostaria.

Mesmo no colégio, cheguei a ter a sensação de que ela queria que eu fracassasse, e que estava sempre me esperando nos corredores, pronta a atacar como um abutre assim que eu demonstrasse qualquer sinal de fraqueza.

Essa foi a razão, em parte, por que quase recuei naquela manhã quando a vi. Ela olhou para mim com um sorriso meloso e disse:

— Ouvi que Elliot está em casa. Você já o viu? — Janice sabia que a menção do nome de Elliot me deixaria irritada. — Eu o vi esta manhã — acrescentou.

Fingi interesse em uma lata de tomate.

— Ah.

— Ele está muito bronzeado do Pacífico Sul — continuou ela. — Está tão bonito.

— Onde você o viu? — finalmente perguntei, embora soubesse que não deveria.

— Ele estava tomando café da manhã com Frances, no Ray’s — ela disse. — Ela não lhe disse?

Deixei cair a lata de tomate.

Janice se abaixou para pegá-la e me lançou um sorriso malicioso.

— Frances e Elliot formariam um casal adorável, não formariam?

— Simplesmente adorável — respondi, pegando a lata de suas mãos antes de empurrar meu carrinho adiante.



— Ah, Esther, pare — repreendeu Rose quando nos sentamos em uma mesa no Ray’s e lhe contei. — Não leia as entrelinhas.

— Ler entrelinhas? — repeti. — Como posso não fazê-lo? Desde que Elliot voltou para casa, eles têm sido inseparáveis.

Eu sabia apenas por olhar para o rosto de Rose que ela estava decepcionada com Frances, como eu, mas ela não queria tomar partido. Rose nunca tomava partido.

— Por que vocês duas não falam sobre isso? — ela sugeriu.

Concordei. Mas eu realmente estava querendo saber sobre o que eles dois, Frances e Elliot, haviam conversado naquela manhã. Por que Elliot mal retornava da guerra e já se enchia daquele interesse pela minha melhor amiga? Não havia uma regra não escrita de que ex-amantes não deviam se envolver com seus amigos? Naquele momento, o garçom se aproximou de nossa mesa, mas não para anotar nossos pedidos. Ele olhou diretamente para mim.

— Você é Esther?

— Sim — respondi, confusa.

— Bom — disse ele. — Eu deveria tê-la reconhecido pela forma como o senhor a descreveu. Ele disse que você seria a mulher mais bonita do restaurante. — O garçom relanceou um olhar de desculpas para Rose. — Desculpe-me. Você é muito bonita também, senhorita. — Mas Rose sorriu como se não se importasse, e eu sabia que ela realmente não se importara.

Ele então me estendeu uma única tulipa, que vinha escondendo com a mão para trás. Era minha flor favorita — branca, com a ponta de cada pétala tingida de vermelho. Eu nunca havia visto uma tulipa assim, e aquilo quase me tirou o fôlego.

— Para você — disse ele, entregando-me a flor, com um envelope branco. Meu nome estava escrito com a letra de Elliot. Eu havia memorizado seus *e*, com o embelezamento especial que ele acrescentava a cada *s*.

— Vá ler em particular — disse Rose. — Ficarei com a nenê.

— Obrigada — agradei. Ela sabia que eu precisava saborear cada palavra.

Corri para a calçada e me sentei em um banco antes de rasgar o envelope e abrir a carta.

Minha mais que querida Esther,

É errado da minha parte chegar até você dessa forma, eu sei. Você é casada, e ouvi que você tem uma filha. Mas preciso que você saiba algo, para colocar tudo em pratos limpos. Você poderia me encontrar, hoje à noite, na praia, em frente à minha casa? Estarei lá esperando por você, na esperança de que possa ir. E se você fizer isso, saberei que estamos destinados a ficar juntos. E se você não fizer isso, saberei que é o fim para nós, que devo fazer planos para seguir em frente, para deixar a ilha e permitir que meu coração diga adeus. Por favor, diga que irá. Por favor, diga-me que, apesar de tudo, você irá. É pedir muito, mas rezo para que o fogo que ainda arde em mim também queime em você. Estarei esperando.

*Seu,
Elliot*

Segurei a carta junto ao peito, e uma única lágrima escorreu por meu rosto. Enquanto a secava, pude perceber um movimento pelo canto do olho. Mas quando me virei para ver, o que quer fosse, ou quem quer que fosse, havia desaparecido.



7 de março

Passei grande parte da manhã seguinte escrevendo, ou pelo menos tentando escrever. A história me inspirou a juntar as palavras novamente, não que as palavras que digitei fossem muitas. Depois de exatamente uma hora e doze minutos, havia elaborado uma abertura em dois parágrafos para um novo romance que, francamente, parecia horrorosa.

Assim, quando Bee bateu na porta, eu estava ansiosa por uma pausa.

— Quer fazer uma caminhada? — ela perguntou, inclinando-se pela porta. — Ah, desculpe, você está escrevendo. Não queria incomodá-la, querida.

Olhei para fora e pude ver que o sol havia aparecido por entre as nuvens; a praia parecia espumante.

— Não, eu adoraria — falei, baixando minha caneca.

Coloquei o suéter e um par de botas, e caminhamos até a praia. Desde quando podia me recordar, Bee sempre ia para a esquerda em vez de para a direita. E agora eu sabia por quê. Ela queria evitar a casa de Jack e qualquer que fosse a história que compartilhassem.

— Você está feliz por ter vindo para cá? — ela perguntou.

— Sim — respondi, pegando sua mão e apertando-a.

— Também estou — ela disse. Então fez uma pausa e curvou-se para examinar uma pequena estrela-do-mar laranja, presa em um jogo de cabo de guerra entre a costa e as ondas. Bee gentilmente a pegou e, então, com cuidado, lançou-a alguns metros em direção ao estuário.

— Muito bem, amiguinha — ela falou. — Vá para casa.

Caminhamos juntas por um tempo, até que ela parou e se virou para mim.

— Tem sido solitário aqui — confessou.

Eu nunca a havia ouvido falar nada assim antes. Tio Bill tinha morrido havia pelo menos vinte anos, talvez mais. Sempre pensei que ela gostasse de sua solidão.

— Por que você não vem me visitar em Nova York? — sugeri. — Você poderia passar o mês de abril comigo.

Bee balançou a cabeça.

— Eu pertenço a este lugar.

Senti-me um pouco magoada. Se ela era tão solitária, por que não queria minha companhia?

— Sinto muito, querida — ela continuou, como se adivinhasse meus pensamentos. — Estou ficando mais velha, e... você verá, quando tiver a minha idade. Sair de sua casa começa a parecer uma enorme aventura, para a qual temo não ter mais energia.

Concordei, como se compreendesse, mas não compreendia. Esperava não me sentir amarrada a minha casa, em meus anos como idosa, mas talvez fosse inevitável.

— Emily — ela falou —, há algo que preciso lhe perguntar. Estive pensando sobre em que ponto você está na sua vida, e onde eu estou, e, bem, perguntei-me se você nunca considerou mudar-se para cá e vir morar aqui comigo, em Bainbridge Island.

Meu queixo caiu. Em grande parte da minha vida, a ilha havia sido meu lugar secreto, meu retiro pessoal, mas minha casa?

— Uau! — exclamei. — Estou honrada de saber que você gostaria da minha companhia...

— Emily — ela interrompeu antes que eu pudesse recusar seu convite. — Estou deixando a casa para você... em meu testamento. A casa, a propriedade, tudo.

Balancei a cabeça, incrédula.

— Bee — eu disse, de repente preocupada. — Está tudo bem?

— Estou apenas planejando o futuro — ela respondeu. — E quero que você saiba que a casa será sua, caso pense em viver aqui algum dia. Talvez algum dia próximo.

Era muita coisa a considerar.

— Uau, Bee — repeti. — Eu...

— Você não tem que responder nada agora. Apenas saiba que a escolha é sua. Você foi a única que amou este lugar. Sua mãe lacraria a casa. E sua irmã a venderia tão rápido quanto o marido dela conseguisse encontrar um comprador. É claro que você também pode vender, mas sei que deixarei esse lugar em boas mãos. — Bee fez uma pausa para observar o voo de uma águia, lá no alto. — Sim, a casa é sua. Considere que sou a velha senhora que ocupa um dos quartos. Venha todas as vezes que desejar, por quanto tempo desejar. E não se esqueça de meu convite para mudar-se para cá de vez.

Assenti simplesmente.

— Vou pensar a respeito — garanti, apertando a mão dela novamente.

Ouvi meu telefone tocar no bolso do suéter, e quando olhei para a tela, pude ver que era um número local.

— Alô? — respondi.

— Emily? Oi, aqui é o Greg.

Não tinha ideia de como ele conseguira meu número de celular, mas depois me lembrei de que, depois que havia bebido todo aquele vinho no restaurante naquela noite, rabisquei-o em um guardanapo e ele o guardara no bolso.

— Oi — falei, lembrando da Pedra do Coração, do beijo, da nossa conversa inacabada.

— Ei, estava pensando se você não está livre em uma dessas noites. Adoraria trazê-la em minha casa para tomarmos alguns drinks. Sou péssimo cozinheiro, então podemos pedir algo para viagem. O que você quiser.

— Ahn. — Fui pega de surpresa com o convite. — Claro.

— Ótimo. — Eu podia imaginar que sorria. — Que tal amanhã à noite, às sete?

— Sim — concordei. — Seria... ótimo.

— Bom — ele disse. — Podemos pegar comida chinesa no caminho. Nos vemos, então.

Bee e eu olhamos para cima e vimos Henry acenando de sua varanda. A fumaça saindo da chaminé se misturava à névoa suave que emanava da maré da manhã, criando uma espessa neblina, na qual alguém poderia desaparecer.

— Bom dia, vocês duas — ele gritou.

Bee acenou.

— Nós estamos voltando para casa — ela respondeu, mais que depressa.

— Mas certamente podem parar para uma xícara de café — ele disse.

Eu havia perguntado a Bee, na noite em que cheguei, sobre Henry. Sua resposta fora direta, embora nada informativa. “Ele é apenas um velho amigo”, ela dissera, cortando a conversa.

Bee balançou a cabeça, concordando, e eu a segui até a casa. Ocorreu-me que eles teriam formado um casal muito estranho. Pareciam constrangidos ali, juntos, e isso acabou negando minhas suspeitas de que ambos já haviam se envolvido romanticamente, não que um homem baixo e uma mulher alta não pudessem ter um caso de amor explosivo, mas achei que isso não

tinha acontecido.

Sorri para ele e falei:

— O café parece uma ideia maravilhosa.

Uma vez lá dentro, sentei-me no mesmo lugar, quando Jack entrara naquela manhã, na semana anterior. De repente, lembrei-me do vaso.

— Henry — falei. — Eu tenho uma confissão. Seu vaso branco, eu...

Ele piscou para mim.

— Eu sei. — Ele apontou para o vaso que agora parecia intacto, descansando sobre a lareira com um único narciso dentro dele. — Tão bom como um novo — continuou ele. — Jack trouxe hoje de manhã.

Eu sorri.

— Esta manhã?

Henry pareceu confuso.

— Sim. — Ele parou por um segundo. — Há algo de errado?

— Não, não — afirmei. — Não é nada. Apenas pensei que ele estivesse em Seattle. Ele disse que passaria alguns dias lá.

Jack não havia dito que estaria fora por alguns dias? Ele tinha mudado de planos? A discrepância nos detalhes me atormentou.

Henry foi servir o café, e enquanto eu permanecia sentada, Bee investigava a sala como um detetive, examinando cada objeto devagar e com cuidado.

— Ele não cuida muito bem da casa, não é? — ela comentou.

— Creio que é a maldição de ser solteiro — respondi. Mas depois lembrei-me da casa de Jack, perfeitamente organizada e limpa, surpreendentemente limpa.

Ela concordou e se sentou em uma cadeira próxima à janela.

— Ele nunca se casou? — sussurrei, lembrando-me da mulher na foto sobre da lareira.

Bee balançou a cabeça, como se a simples ideia de Henry se casar com alguém fosse, bem, uma loucura.

— Não — ela respondeu.

Olhei ao redor da pequena sala de estar, com seus painéis de lambris e chão feito de antigas

tábuas, até que meus olhos pararam na cornija. Procurei a exibição de pedras da praia e os quadros. A foto se fora.

— Espere — falei, confusa. — Na semana passada havia a foto de uma mulher, uma antiga namorada, talvez — contei, em tom conspirador. — Você conhece a foto da qual estou falando?

— Não — ela falou com uma voz distante. — Não estive aqui por um tempo muito longo.

— Você a reconheceria se a visse — expliquei. — Ela era loira e bonita, postada bem na frente da casa de Henry, onde a foto foi tirada.

Bee olhou para o estuário pela janela, parando da mesma maneira como fazia quando estava perdida em pensamentos.

— Tem sido assim por muito tempo — ela disse. — Eu não me lembro.

Henry estava de volta com o café poucos minutos depois, e Bee parecia desconfortável e agitada enquanto bebia o dela. Eu me perguntava o que a estaria incomodando.

Mantive a conversa por nós duas, persuadindo Henry a entrar em um monólogo sobre seu jardim. Bee não fez contato visual com ele, sequer uma vez. Então, imediatamente após tomar seu último gole de café, ela colocou a xícara sobre o pires abruptamente e se levantou.

— Emily, estou com dor de cabeça. Acho que é hora de voltar para casa.

Henry levantou a mão em sinal de protesto.

— Ainda não — disse ele. — Não até que vocês duas vejam o jardim. Há algo que quero mostrar.

Bee concordou com relutância, e nós três atravessamos a cozinha até a porta dos fundos, que levava para o quintal. Mal pisamos fora da casa e Bee engasgou, apontando para o jardim à nossa direita.

— Henry! — ela exclamou, observando centenas de delicadas folhas verde-claras que haviam brotado do solo em uma grande formação, exibindo um tapete de minúsculas flores de cor lavanda, com centros roxo-escuros. Bee parecia espantada. — Como é que elas... de onde vêm?

Henry balançou a cabeça.

— Eu as percebi há duas semanas. Elas apenas apareceram.

Bee se voltou para mim e, ao ver meu rosto confuso, deu-me uma explicação.

— São violetas-madeira. Não as via na ilha desde...

— Elas são muito raras — prosseguiu Henry, preenchendo o vazio que Bee havia deixado quando sua voz sumiu. — Você não pode plantá-las, pois elas não vão crescer. Elas têm que escolher você.

Os olhos de Bee encontraram os de Henry, e ela sorriu, um sorriso gentil, de perdão. Confortou-me ver aquilo.

— Evelyn tem uma teoria sobre essas flores — Bee disse, fazendo uma pausa, como se puxasse uma lembrança empoeirada de uma prateleira em sua mente, tratando-a com muito cuidado. — Sim.. Ela costumava dizer que elas crescem onde são necessárias, que elas sinalizam cura... e esperança. É ridículo, não é, Henry, pensar que as violetas possam saber?

Henry concordou.

— Que tolice... — ele continuou.

Bee balançou a cabeça, descrente.

— E vê-las florindo, em março, dentre todos os meses...

Henry concordou novamente.

— Eu sei.

Os dois mantinham o olhar nas pétalas adiante, tão frágeis, ainda que em grande número, firmes e decididas. Dei um passo para trás, observando-os em pé, lado a lado, partilhando um momento de reflexão que eu não conseguiria entender. E então me dei conta de que estava na presença de algo muito maior do que apenas flores.

Bee e eu caminhamos em silêncio de volta para casa, ela com seus segredos e eu com os meus. E enquanto ela dormia, abri meu laptop e disse a mim mesma que não poderia desviar o olhar até que tivesse escrito mais dois parágrafos, mas tudo o que pude fazer foi olhar para o relógio na parte superior da tela. Depois que oito minutos se passaram sem nenhuma inspiração, liguei para Annabelle.

— Oi — ela atendeu.

— O que há de errado?

— Nada — respondeu.

Eu a conhecia bem demais para acreditar naquilo.

— Fale — eu pedi. — Conheço sua voz. Algo está errado!

Ela suspirou.

— Eu disse a mim mesma que não iria lhe contar.

— Contar o quê?

Houve um silêncio.

— Annie?

— Tudo bem — ela disse. — Eu vi Joel.

Meu coração começou a bater mais rápido.

— Onde?

— Em um café na Quinta Avenida.

— E?

— Ele me perguntou sobre você.

Eu estava praticamente sem fôlego.

— O que ele disse?

— Eu disse que não deveria ter dito nada.

— Bem, você já começou, e agora tem que terminar a história.

— Ele me perguntou como você estava.

— Contou a ele que eu estava aqui?

— É claro que não. Mas disse a ele que você estava saindo com alguém.

— Annie, você não fez isso!

— Fiz. Ei, se ele pode brincar de casinha com outra mulher, ele merece saber que você está se mexendo também.

— Qual foi a reação dele?

— Bem, se você quer que eu lhe diga que ele começou a chorar ali mesmo, ele não começou. Mas não pareceu satisfeito, também. Seu rosto dizia tudo.

— O que o rosto dele dizia, Annie?

— Que doía ouvir sobre você com outra pessoa. Imbecil!

Meu coração pulsava fortemente. Sentei-me; tinha que me sentar. Senti-me fraca, e um pouco mal.

— Emi, você está aí?

— Sim.

— Viu só? Eu não devia ter lhe contado. Vai estragar a sua recuperação. Lembre-se, Joel a deixou. De uma maneira abominável, eu poderia acrescentar. Ele a traiu.

Aquilo era tão certo como as sardas em meu nariz, mas, de alguma forma, ouvir Annabelle dizer em voz alta novamente... bem, aquilo doía.

— Eu sei — falei. — Você está certa. — Endireitei-me. — Vou ficar bem. Muito bem.

— Quantas vezes podemos dizer “bem”?

Sorri.

— Certo. Você tem outras bombas para soltar?

— Não — ela respondeu. — Mas há uma tragédia acontecendo neste apartamento.

— O que há?

— Você está sem sorvete.

Lembrei-me de meu caso de fim de noite com o sabor Cherry Garcia do Ben & Jerry's antes de partir para a ilha.

— Uma tragédia, realmente.

— Tchau, querida — disse ela.

Quando coloquei meu celular sobre a mesa, o telefone de Bee começou a tocar. Depois de quatro toques, eu o peguei.

— Alô?

— Emily, é você?

— Mamãe?

— Oi, querida — ela disse. — Então, você ouviu a notícia maravilhosa?

— Que notícia?

— Danielle — ela disse com voz estridente — está grávida!

Eu deveria dizer “Isso é ótimo!” ou “Ah, o milagre da vida!”, mas apenas encolhi os ombros:

— De novo? — Era o terceiro filho de Danielle. Mas, tanto quanto eu estava preocupada, ele poderia muito bem ter sido seu décimo terceiro.

— Sim, ela está esperando para novembro! — mamãe gritou. — Não é maravilhoso?

Isso foi o que ela disse, mas o que eu ouvi foi “Por que você não pode ser mais como sua irmã?”. Senti um Festival do Amor por Danielle se aproximando e rapidamente mudei de assunto.

— Então, Bee disse que você ligou. Era isso que você queria me dizer?

— Bem, sim, mas, querida, ouvi sobre Joel. Estou preocupada com você. Como você está se virando?

Ignorei sua pergunta.

— Como você ficou sabendo disso?

— Ah, querida — ela protestou —, isso não é importante.

— Isso é importante sim, mamãe.

— Bem... — Ela fez uma pausa por um momento. — Sua irmã me falou, querida.

— Como foi que Danielle soube? Eu não falo com ela há meses.

— Bem, creio que ela leu que você não estava mais casada na World Wide Web — ela respondeu. Creio que minha mãe era a única pessoa na face da Terra que se referia à internet daquela forma, mas era algo agradável de alguma forma. Ela também chamava o Google de “Goggle”.

Lembrei-me da minha página no Facebook. Sim, eu tinha atualizado meu *status* de relacionamento em meu perfil logo depois que Joel havia mudado o seu — mas havia algo de errado, em muitos níveis, sobre sua própria mãe ouvir sobre seu divórcio por meio do Facebook.

— Eu não sabia que Danielle ainda usava o Facebook — falei, ainda um pouco atordoada.

— Humm — ela disse. — Bem, talvez ela tenha visto no Goggle.

Suspirei.

— O ponto é, Danielle sabe. Você sabe. Todo mundo sabe. Eu ia lhe contar, mãe, ao final de tudo. Mas creio que eu apenas não estava pronta ainda para enfrentar minha família. Não queria preocupar você e papai.

— Ah, querida! — ela exclamou. — Sinto muito que você esteja passando por isso. Você está suportando bem?

— Estou fazendo tudo certo.

— Bom — ela disse. — Querida, há outra mulher envolvida? — Isso foi o que todos se

indagavam quando souberam da morte de meu casamento, por isso não culpei minha mãe por sua curiosidade.

— Não — respondi. — Quero dizer, sim, mas não, não quero falar sobre isso.

Olhei para o fio do telefone, que eu, sem perceber, tinha apertado com tanta força que estava me cortando a circulação. Não sabia se estava com raiva pela intromissão óbvia de minha mãe ou com raiva de Joel, por precipitar a razão para a intromissão. Mas, principalmente, meu dedo doía, por isso me concentrei nele, enquanto mamãe tagarelava. Era capaz de vê-la lá, postada na cozinha diante do horrível e velho fogão elétrico verde-abacate, com luvas de forno penduradas na maçaneta, feitas de fios da cor do arco-íris.

— Eu me preocupo com você sozinha, querida. Você não quer acabar como sua tia, não é?

— Mãe — interrompi, um pouco mais severamente do que pretendia. — Não quero falar sobre isso agora.

— Ok, querida — ela disse, soando um pouco magoada. — Só estou tentando ajudar. — E suponho que, a seu modo, ela estava.

— Eu sei — respondi. — Então, como você sabia que eu estava aqui?

— Liguei para seu apartamento. Annabelle disse que você estava com sua tia.

Mamãe nunca chamava Bee pelo primeiro nome. Sempre se referia a ela como “a sua tia”.

— Bem, ela me convidou para passar o mês aqui. Vou ficar até o final de março.

— *Um mês inteiro?* — Ela pareceu irritada, ou vagamente enciumada. Sabia que ela queria estar aqui também, mas era muito orgulhosa para admitir isso. Ela não estivera na ilha desde que Danielle e eu fomos para a faculdade, quando nossas visitas de verão cessaram.

— Ah, mamãe? — eu disse. — Gostaria de lhe perguntar sobre uma coisa.

— Sim?

— Bem, é algo sobre o qual Bee e eu estávamos conversando — falei, fazendo uma pausa.

— O que é, querida?

Respirei fundo, incerta sobre se não estava pisando em algumas minas emocionais.

— Ela me disse que houve um tempo, muitos anos atrás, em que você estava trabalhando em algum tipo de projeto... que mudou sua relação com ela.

Somente havia silêncio do outro lado da linha, por isso continuei.

— Ela disse que lhe contou a verdade sobre a vovó. Gostaria de saber o que ela quis dizer

com isso.

Eu não era mais capaz de ouvi-la brincar com a espátula e as panelas ao fundo. Havia apenas o silêncio.

— Mãe? Você ainda está aí?

— Emily — ela finalmente disse. — O que sua tia lhe contou?

— Nada — respondi. — Ela não me contou nada, apenas comentou que você decidiu não fazer mais parte da família. Ela disse que isso mudou as coisas entre vocês duas. — Olhei por cima do ombro para ter certeza de que Bee não estava por ali. Ela não estava. — Ela disse que você parou de vir visitá-la. Por quê, mamãe? O que aconteceu?

— Bem — ela desconversou — ... não me recordo de nada. E se Bee tentar lhe dizer alguma coisa, eu não acreditaria. Ela já está com a idade muito avançada, e sua memória é falha.

— Mãe, acontece que...

— Emily, desculpe, não quero discutir isso.

— Mãe, eu mereço saber a história.

— Você não merece — ela retrucou simplesmente.

Eu fiz uma careta.

— Querida, não fique com raiva. — Ela detectou meu humor como só as mães conseguem fazer.

— Não estou com raiva.

— É algo que está no passado, querida — ela continuou. — Algumas coisas é melhor deixar assim.

Eu poderia dizer, pelo tom de sua voz, que aquela porta estava fechada para mim. Bee, Evelyn e agora minha mãe haviam deixado bem claro que esses segredos não deviam ser contados. Se eu quisesse conhecer suas histórias, teria que trabalhar por elas.

Mais tarde, depois da sesta, Bee preparou uma gim tônica para si mesma, e perguntou se eu também queria.

— Claro — aceitei. Com a bebida, recostei-me no sofá e apreciei o soco do primeiro gole, que sempre tinha o sabor de agulhas de pinheiro.

— Você já ligou de volta para sua mãe? — Bee perguntou.

— Ela ligou para cá cerca de uma hora atrás — contei. — Ela queria me dizer que Danielle

terá outro bebê.

— Mais um?

Amei que a resposta de Bee tenha sido semelhante à minha. Talvez fosse apenas porque nós duas não tínhamos filhos, mas na verdade acho que concordávamos que qualquer um que, voluntariamente, tem mais de dois filhos, é clinicamente insano.

Tomei mais um gole da minha bebida e enterrei minha cabeça na almofada de veludo azul do sofá.

— Bee, você acha que Joel me deixou porque nunca cozinhava para ele?

— Bobagem, querida — ela disse, abaixando seu livro de palavras cruzadas.

Dobrei meus joelhos junto do corpo e os abracei com força.

— Minha mãe é tão...

— Ela teve uma vida mais difícil do que você sabe, Emily — Bee me interrompeu.

A declaração me pegou de surpresa.

— O que você quer dizer?

Bee se levantou.

— Aqui, deixe-me lhe mostrar uma coisa.

Ela começou a caminhar pelo corredor, e então a segui. Duas portas depois do quarto de hóspedes onde eu estava hospedada, ela parou diante de outra porta. Segurou a maçaneta e, em seguida, pôs a mão no bolso, de onde tirou um molho de chaves e selecionou uma pequena, de ouro, que inseriu na fechadura.

A porta se abriu e nós entramos. Tirei uma teia de aranha do meu rosto.

— Desculpe — ela disse. — Não venho a este quarto há muito, muito tempo.

Ao lado da pequena cômoda branca havia uma mesa de criança, arrumada com duas xícaras de chá cor-de-rosa sobre pires, e uma casa de bonecas vitoriana. Abaixei-me para pegar uma boneca de porcelana do chão. Seu rosto estava manchado e o cabelo castanho, emaranhado. Era como se alguma menina a houvesse deixado lá, exatamente desse modo.

— O que é este quarto? — perguntei, confusa.

— Era o quarto de sua mãe — ela disse. — Ela morou aqui comigo por um tempo, quando era muito jovem.

— Por quê? E vovô e vovó?

— Alguma coisa aconteceu — ela respondeu simplesmente. — Seus avós... eles estavam passando por uma fase difícil, então me ofereci para que sua mãe viesse ficar comigo por um tempo. — Bee suspirou, sorrindo para si mesma. — Ela era uma garotinha tão querida. Nós nos divertimos muito juntas, sua mãe e eu.

Quando Bee abriu a porta do armário, pensei em meus avós e me perguntei o que poderia ter feito eles deixarem a filha com ela. Ela alcançou a prateleira de cima e pegou uma caixa de sapatos. Soprou uma camada de poeira da tampa antes de entregá-la a mim.

— Aqui — ela disse. — Talvez isso lhe dê algumas dicas sobre sua mãe.

Bee tirou as chaves do bolso e elas tilintaram em suas mãos, o que era minha deixa para caminhar de volta para o corredor.

— Obrigada — falei, olhando ansiosa para a caixa.

Bee voltou para seu quarto e acenou de lá.

— Eu a vejo no jantar.

Em meu quarto, coloquei a caixa sobre a cama. O que poderia haver em seu interior? Será que minha mãe aprovaria que eu mexesse em suas coisas?

Levantei a tampa e olhei. Em cima de tudo estavam três rosas secas amarradas com uma fita vermelha brilhante. Quando peguei o pequeno buquê, três pétalas delicadas caíram ao chão. Em seguida, peguei um livro infantil de figuras; uma longa pena cinza, que parecia de gaivota; uma fivela; um par de luvas brancas pequenas e um pequeno volume encadernado em couro. Somente quando o trouxe para a luz pude ver o que era: um álbum de recordações. Abri e ondas de emoção inundaram meu corpo. Na primeira página a palavra mãe fora escrita à mão, cercada por flores minúsculas. Pisquei com força, e virei a página para encontrar uma colagem de estilos. Havia recortes de revistas, de mulheres com cabelos perfeitamente penteados e vestidos justos. Havia flores secas e fotos em preto e branco — uma de um bebê, e uma de uma casa simples e pequena, com um carro velho estacionado na frente. O que era aquilo? Por que minha mãe fizera aquele álbum, e por que Bee quis que eu o visse?

O silêncio de Bee no jantar disse-me que ela não queria discutir o misterioso quarto ou a caixa de tesouros escondidos, então não abusei da sorte. Limpei os pratos, e pouco antes de começar a colocá-los na máquina de lavar louça, o telefone tocou.

— Atenda, querida, por favor — Bee pediu do corredor. — Temo que as luzes se apagaram para mim hoje. Estou exausta.

— Claro — eu disse, atendendo. — Alô?

— Emily.

— Sim.

— É Evelyn.

— Ah, oi, Ev...

— Não, não, querida, Bee não deve saber que estou ligando para você.

— Ok — falei com cautela. — O que está acontecendo?

— Preciso de sua ajuda.

— Com o quê? Você está bem?

— Sim... bem, não. Preciso falar com você. Pessoalmente.

Parei por um segundo.

— Você quer que eu vá até aí?

— Sim — ela concordou. — Moro bem perto na praia, querida. A casa grande com o caramanchão de glicínias na frente, cerca de seis casas depois da de Henry. Está um pouco frio do lado de fora, querida, portanto, use um casaco.

Não disse a Bee que ia sair, uma decisão que lamentei quando cheguei à praia. A maré estava subindo, o que fazia a água parecer ameaçadora, como se estivesse me perseguindo, estendendo seus ganchos espumantes para a praia e mirando meus pés. Imaginava que os morcegos voavam sobre minha cabeça, ainda que, provavelmente, fossem apenas gaivotas aninhadas nas copas das árvores para dormir. Fechei meu casaco e disse a mim mesma para olhar para a frente. Passei pela casa de Henry, que estava escura, e então comecei a contar. Uma, duas, três. As casas pareciam aconchegantemente aninhadas contra a encosta. Quatro, cinco, seis, sete. Perguntei-me se havia interpretado mal as instruções de Evelyn. Oito, nove. Olhei para cima e vi a que ela descrevera a distância. As glicínias pareciam nuas e vulneráveis se apegando ao caramanchão, mas em algum lugar profundo dentro de seus ramos havia a promessa da primavera, e quando olhei de perto, vi alguns pálidos brotos verdes emergindo do tronco. Virei-me para subir os degraus, e quando o fiz, dei com Evelyn na varanda da frente, sentada em uma cadeira de balanço. Pude ver que ela estava de camisola. Seu cabelo, geralmente cuidadosamente arrumado, parecia emaranhado e despenteado.

— Obrigada por ter vindo — ela disse, pegando minha mão.

— É claro que viria — respondi, apertando sua mão em resposta.

Seu rosto estava pálido. Ela parecia mais fraca, mais frágil do que há apenas alguns dias.

— É o câncer — eu disse. — Você está...

— Não é uma noite bonita?

Assenti.

Ela apontou para uma cadeira de balanço ao lado dela, e me sentei.

— Vou sentir falta desta ilha. — Sua voz era distante, muito distante.

Engoli em seco.

Ela olhou para a costa.

— Você sabia que sua tia Bee e eu costumávamos nadar nuas lá? Nós tirávamos a roupa e simplesmente mergulhávamos. — Ela voltou-se para mim. — Você deveria tentar. Não há absolutamente nada como sentir o velho Estuário Puget em cada centímetro de sua pele.

Rir teria sido a resposta adequada, mas não pude forçar a nada exceto um meio-sorriso. O que se diz a alguém que está rememorando sua vida, talvez pela última vez?

— Você vai cuidar dela, não vai, Emily?

— Claro que vou — disse, olhando em seus olhos. — Prometo.

Ela aquiesceu com a cabeça.

— Bee não é uma pessoa fácil de se conviver, você sabe. Mas ela é meu lar tanto quanto esta ilha. — Eu era capaz de ver as lágrimas brotando em seus olhos. — Ela me disse, depois que meu marido morreu, que eu não estava sozinha... que nunca estaria sozinha. E por todo o tempo em que Bee esteve presente em minha vida, isso foi verdade.

Concordei novamente.

— Não é certo que eu a deixe. Simplesmente, não é correto.

Ela se levantou e foi até a beira da varanda, jogando os punhos fracos contra o ar frio, como se ameaçando a ilha, desafiando-a.

Pulei e coloquei meus braços em torno dela, e ela virou-se e escondeu o rosto em meu ombro.

Enxugou as lágrimas do rosto e se sentou.

— Mal posso suportar a ideia de deixá-la.

Inclinei-me para que ela pudesse ver meu rosto melhor.

— Vou cuidar dela. Não se preocupe.

Ela suspirou.

— Ótimo. Você pode entrar por um momento? Tenho algo para lhe dar.

Concordei e segui Evelyn pela porta da frente. O ar quente do interior foi agradável em meu rosto.

A sala de estar de Evelyn se parecia com o espaço de uma mulher doente. Revistas, livros, correspondência e pilhas de papel cobriam a mesa de centro, ao lado de uma coleção de copos de água e pratos incrustados com comida velha.

— Desculpe por tudo isso — ela disse, calmamente.

Eu balancei a cabeça.

— Por favor, não se desculpe.

— Creio que deixei no outro quarto — ela disse. — Será apenas um minuto.

Não tinha certeza do que era, mas parecia que a vida de Evelyn dependia de o encontrar.

— Tudo bem. Vou esperar aqui.

Eu sabia que não tinha muito tempo, então trabalhei rápido, primeiro recolhendo os pratos sujos e colocando-os na máquina de lavar louça. Joguei fora o lixo, limpei a mesa e depois transferei para lá um monte de correspondências, para classificá-las. Muito bem. Então, sentei-me no sofá perto da janela. Meus olhos se dirigiram para uma estante próxima, onde prateleiras exibiam bugigangas e fotos emolduradas.

Ao lado de um vaso de vidro cheio de bolachas-da-praia, havia uma foto de Evelyn no dia de seu casamento — muito bonita e elegante, com o marido postado a seu lado. Perguntei-me como ele era, e por que eles nunca tiveram filhos. Havia fotos de cães — um Jack Russell e um dachshund, que pareciam ter sido superalimentados. E então vi o retrato de uma mulher, e a reconheci imediatamente. Ela era a mesma mulher na foto na casa de Henry. Nesta, estava sorrindo, ao lado de outra pessoa. Olhei mais de perto para conseguir ver melhor. Ela estava ao lado de Bee.

Ouvi um som atrás de mim, e voltei-me para ver Evelyn. Não tinha ouvido-a entrar na sala.

— Quem é ela, Evelyn? — perguntei, apontando para a foto. — Eu a vi em uma foto na casa de Henry. Bee não quis me dizer. Eu preciso saber.

Evelyn sentou-se, segurando algo em suas mãos.

— Ela já foi noiva de Henry — contou.

— E foi sua amiga?

— Sim — ela disse. — Uma amiga muito querida.

Ela suspirou e caminhou em minha direção, e quando o fez, pude observar sua profunda fadiga — a finitude — em seu rosto.

— Tome — disse, entregando-me um envelope que havia sido cuidadosamente dobrado ao meio. — Quero que você dê isso para Bee.

— Agora?

— Não — ela disse. — Quando eu for embora.

Balancei a cabeça.

— É claro.

— Obrigada, Emily — ela agradeceu, apertando minha mão novamente. — Você é especial, sabe disso. Tudo isso — fez uma pausa e levou a mão em direção ao estuário —, tudo isso era para ser. Você nasceu para estar aqui. Você tem esse propósito, minha querida. Esse propósito.

Eu a abracei, perguntando-me se poderia ser pela última vez.

— Você vai continuar com isso? — Rose me perguntou quando voltei para a mesa e contei-lhe os dois caminhos que a carta de Elliot havia estabelecido: encontrarmo-nos naquela noite e começarmos uma nova vida juntos ou dizer adeus a ele para sempre.

Nós dois sabíamos que as apostas eram altas. Agarrei o envelope como se fosse a mão dele. Era capaz de ver o branco das minhas articulações, e minhas unhas estavam enterradas em minha palma. Era como se eu acreditasse que, se o soltasse, estaria soltando Elliot, deixando-o ir, e eu não poderia suportar vê-lo partir. Não outra vez. Não mais uma vez.

— Eu não sei — respondi, e realmente não sabia. Como iria fugir? O bebê não dormia antes das oito horas, e como eu explicaria a Bobby que precisava sair? As lojas não ficavam abertas até tarde, por isso não poderia mentir e dizer que precisava de ovos ou de leite. Além disso, mesmo se encontrasse alguma forma, o que diria quando chegasse lá, quando ficasse cara a cara com Elliot? E o que eu faria? Essa era a parte que mais me aterrorizava. O que, em nome do Senhor amado, eu faria?

— Esther — Rose disse num tom prático. — Quero que você saiba que vou apoiá-la em qualquer escolha que fizer.



Bobby tomou uma balsa para casa mais cedo e me surpreendeu às cinco com um buquê

de narcisos do Pike Place Market.

— Pensei que você gostaria deles — ele disse. — Lembrei que narcisos são suas flores preferidas.

Não disse a ele que ele havia entendido tudo errado, e que minhas flores favoritas eram tulipas. Em vez disso, abracei-o e lhe agradei pelo presente.

— Aposto que você se esqueceu — ele disse —, estando tão ocupada com a bebê e tudo o mais, mas eu não me esqueci.

Lancei-lhe um olhar perplexo. Não era meu aniversário, nem Dia das Mães.

— Esqueci de quê, Bobby?

— Feliz aniversário! — ele falou. — Bem, quero dizer, feliz aniversário um dia antes. Fiquei tão animado que não pude esperar. Vou levá-la para sair esta noite, para que possamos celebrar adequadamente nosso aniversário de casamento.

Entre todas as noites para me surpreender, por que haveria de ser justamente aquela? O destino, o bruxo miserável que ele era, havia acabado de me dar um tapa com sua mão cruel e fria.

— Mas e a bebê? — retruquei, ansiosa por encontrar um ponto falho em seu plano. Ela estendeu a mãozinha para meu colar, pegou a estrela-do-mar na corrente, e balbuciou. Eu a recompensei com um beijo na bochecha.

— Já fiz meus arranjos — ele respondeu. — Minha mãe está vindo para cá.

O momento não poderia ter sido pior. Elliot estaria esperando por mim naquela noite, e eu estaria com Bobby.



Bobby me levou para o Ninho do Corvo, um belo restaurante situado no alto de um penhasco com vista para o estuário. Elliot e eu havíamos jantado lá muitas vezes, mas esta era a primeira vez para Bobby e eu. Bobby era frugal. Gastar dinheiro em jantares não era seu costume. Então, quando ele segurou abertas as grandes portas de pinho nodoso do restaurante, havia um ar de orgulho em sua arrogância.

— Só o melhor para minha Esther — comentou, enquanto adentrávamos o recinto.

Estávamos sentados às seis, mas a comida não chegou pelo menos até às sete e meia.

Não importava o quão rápido eu batesse o pé, quão firmemente cerrasse os dentes, ou quantas vezes olhasse para o relógio, a noite apenas se prolongava.

Bobby não percebeu meu humor. Ele estava muito ocupado questionando o garçom: “O pato é cozido em molho de vinho?”; “As ostras são frescas?”; “As batatas vêm amassadas?”; “Podemos substituir salada por sopa?”. Eu tamborilava contra minha perna debaixo da mesa, tentando esconder minha frustração, e com o canto do olho, vi alguém olhando em minha direção. Fitei o bar, onde Billy, meu antigo namorado do colégio, estava sentado, segurando uma bebida e parecendo estar com os olhos um pouco turvos. Billy havia me pedido em casamento pouco antes da recepção do nosso primeiro ano. Ele me dera um anel, e eu dissera que sim — bem, na verdade, dissera talvez. Eu amei Billy, e tivemos grandes momentos juntos, mas isso fora antes de Elliot entrar em minha vida. Frances sempre dissera que Billy nunca tinha superado nosso rompimento, e havia uma sombra em seus olhos naquela noite que me dizia que ela estava certa. No entanto, ele nunca me odiara por minha decisão — nem por um minuto. Naquela noite, ainda tenho a sensação de que ele sentiu pena de mim.

Ele acenou do bar, onde estava sentado com outro homem. Os dois vestiam terno. Eu acenei de volta.

— Quem é ele? — Bobby perguntou.

— É o Billy — respondi, apontando para o bar.

Bobby virou-se para sorrir para ele também, um gesto com um propósito único, ressaltar o fato de que eu era dele. Algumas vezes, tinha a sensação de que Bobby era menos apaixonado por mim do que pela ideia de estar comigo. Eu era seu troféu, que ele gostava de polir, sair e desfilar de vez em quando.

— Esther — ele disse depois que o jantar chegou, e depois de ter bebido dois copos de cerveja —, eu estava pensando que talvez... — ele baixou a voz — ... talvez devêssemos ter outro bebê.

Derramei minha água no colo, assim que ouvi a palavra “bebê”.

— O que você me diz, querida?

— Bem, não é um pouco cedo demais? — argumentei. — Quero dizer, ela tem apenas quatro meses.

— Pense um pouco sobre isso — ele insistiu.

Assenti.

Terminamos nosso jantar, e Bobby sugeriu uma sobremesa.

— Estou com vontade de comer *baklava*⁷ desde que Janice trouxe ao meu escritório na semana passada — ele disse.

— Por que ela esteve em seu escritório?

— Ela tinha um compromisso no andar de baixo — disse ele, limpando um pouco de farinha de rosca que ficara em seus lábios. — Parou para dizer olá. — Pegou o menu e baixou os óculos na ponta do nariz. — Você gostaria de uma sobremesa, querida?

Não, não tinha vontade de nada a não ser sair. Olhei para o relógio: eram quase nove e meia. Elliot não havia especificado um horário, mas estava ficando tarde, quase tarde demais. Se eu realmente fosse, precisava ir logo.

— Não — disse. — Na verdade, estou me sentindo um pouco cansada. Creio que devemos encerrar a noite. — Bobby pagou a conta, e quando saímos, deliberadamente deixei minha bolsa sob nossa mesa. Seria meu álibi.

Em casa, Bobby agradeceu à mãe e a acompanhou até a porta, enquanto eu via a bebê dormindo em seu berço. Senti a passagem de cada minuto, de cada segundo. Então, Bobby tirou a roupa e se deitou na cama, esperando que eu o seguisse.

— Ah, céus! — exclamei. — Deixei minha bolsa no restaurante.

— Ah, não — ele disse, levantando-se e pegando a calça que havia colocado sobre a cadeira. — Vou buscá-la para você.

— Não, não — protestei. — Você tem que acordar muito cedo para o trabalho. Eu vou. Além disso, esqueci de entregar algo na casa de Frances, e posso fazer isso no caminho de volta. — *Brilhante*, pensei, enquanto meu coração disparava. Ganhei mais trinta minutos para mim mesma.

— Mas, Esther, já é muito tarde — ele disse. — Uma mulher não deve estar na rua a esta hora.

Bobby acreditava que seu papel na vida era me proteger, e que meu papel na vida era ser protegida.

— Estarei bem — respondi.

Ele bocejou e voltou para a cama.

— Certo, então. Mas não demore. Acorde-me quando chegar em casa, então saberei que está tudo bem.

— Eu o acordarei — prometi.

Mas sabia que não o faria. Eu teria demorado muito para isso. Enquanto fechava a porta da casa, podia ouvir o som de seu ronco no corredor.



Dirigi o Buick rapidamente naquela noite, muito rapidamente, além do restaurante, além da casa de Frances, e descendo pela longa estrada que levava a Elliot. Olhei pelo espelho retrovisor algumas vezes, só para ter certeza de que ninguém estava me seguindo.

Já passava das onze horas quando estacionei meu carro na rua, em frente à propriedade de Elliot. Alisei meu conjuntinho de lã e passei os dedos pelo cabelo, recriminando-me por não tê-los escovado antes de sair, ou de sequer olhar em um espelho para ver como estavam. A trilha que levava até a praia estava escura, mas eu havia memorizado cada passo.

A lua cheia iluminava o céu e derramava seus raios de luz na praia que eu conhecia tão bem — a praia onde havíamos feito amor pela primeira vez, e pela última. Olhei em volta, esperando vê-lo sentado em um tronco ou deitado sobre um cobertor na areia, o modo como ele costumava me esperar havia tantos anos. Ele me dava um pedaço de vidro de areia ou alguma bela concha que havia encontrado para acrescentar a minha coleção e nós caíamos nos braços um do outro.

Mas ele não estava lá. Eu havia chegado tarde demais.

As luzes da casa estavam apagadas. Será que ele já havia ido embora? Engasguei com o pensamento. Nossa sincronia sempre foi terrível, então por que eu esperava algo de diferente nessa noite? Ainda assim, a dor surgiu em meu coração como um choque. Voltei para a pista, e teria corrido pelo aterro até meu carro se não houvesse vislumbrado as delicadas pétalas roxas sob meus pés. Balancei a cabeça. Violetas-madeira? Não as tinha visto desde que era menina, quando apareciam no verão no jardim da minha avó. Nunca as havia notado na propriedade de Elliot. O que elas estavam fazendo ali?

Muitos na ilha, inclusive eu, acreditavam que essas flores tinham poderes místicos, que elas poderiam curar feridas do coração e do corpo, consertar fissuras em amizades, e até mesmo trazer boa sorte. Ajoelhei-me e passei a mão ao longo do tapete púrpura empoeirado, aninhado em pálidas folhas verdes.

Levantei-me de repente, quando ouvi uma música distante flutuando na noite. Reconheci a melodia em um instante; a voz de Billie Holiday era inconfundível. *Body and Soul*.

Meus olhos procuraram a varanda da frente da casa de Elliot, mas tudo o que pude perceber foi uma vara de pesca inclinada contra a grade. A cena era tal como me recordava, uma visão congelada no tempo.

E então, de repente, braços me envolveram. Não vacilei ou me afastei; eu conhecia seu toque, conhecia o cheiro de sua pele, o padrão de sua respiração — eu conhecia tudo de cor.

— Você veio — ele disse em meu pescoço.

— Como poderia não vir? — respondi, voltando-me para encará-lo.

— Você pensou em mim?

— Cada segundo de cada dia — disse, permitindo-me cair em seus braços completamente. Ele exercia em mim uma atração magnética.

Ele me beijou com o mesmo fogo, a mesma ferocidade com que agia anos antes. Eu soube, enquanto ele me beijava, que tudo o que havia entre nós ainda estava ali, tão forte como sempre fora. Tão real como sempre foi.

Ouvi um farfalhar vindo das árvores perto da trilha que acabava na estrada. Mas não queria parar para olhar ou me preocupar — não naquela noite, não quando Elliot estava tomando minha mão e me levando até a casa.

Nós cruzamos a porta e adentramos a sala de estar. Ele empurrou a cadeira para o lado, e em seguida, a mesa de centro, e me deitou no tapete de pele de urso em frente da lareira.

Enquanto ele desabotoava meu vestido, eu não pensava em Bobby, o homem com quem deveria estar nesse dia de meu aniversário de casamento, ou em minha nenê dormindo em seu berço, ou na mentira que contaria quando voltasse para casa. Apenas senti o calor do fogo em meu rosto, e a respiração de Elliot na minha pele. Era tudo que o que

eu queria sentir.

8 de março

Tentei não pensar demais nas palavras de Jack. *Mas ele não disse que estaria de volta de Seattle hoje?* Olhei para o relógio uma dezena de vezes antes do café da manhã na manhã seguinte, ansiosa. Pensei na forma como Elliot havia beijado Esther. Eu queria ser amada com a mesma paixão, com o mesmo fogo que Elliot parecia compartilhar tão naturalmente, tão perfeitamente.

O telefone não tocou às onze horas, nem ao meio-dia. *Por que ele não liga?*

Fui caminhar na praia às duas, mas o único som que meu telefone emitiu foi um bipe, alertando-me para uma mensagem de texto de Annabelle.

Por volta das cinco, Bee começou a preparar uma bebida e me perguntou se eu queria uma também. Coloquei o telefone sobre a mesa e aceitei:

— Prepare-me um duplo.

Depois de cerca de uma hora, Bee estava de volta à varanda, fazendo sua magia com as garrafas de bebidas alcoólicas, mas dessa vez ela não me ofereceu outra bebida.

— Vista-se, querida — ela falou. — Greg estará aqui em breve.

Eu havia quase me esquecido dos planos que fizera com Greg. Caminhei rapidamente até meu quarto para me vestir, escolhendo um vestido azul de malha de mangas compridas com um profundo decote em V. Gostava do modo como o sentia em minha pele.

Greg chegou às sete, exatamente no horário que havia marcado, parecendo ter acabado de tomar banho, usando um jeans limpo e uma camisa branca. Sua pele dourada quase brilhava.

— Oi — ele disse enquanto eu caminhava até seu carro. — Pronta para o chinês?

— Parece perfeito — concordei. — Estou morrendo de fome.

Dirigimo-nos para a cidade, além do Mercado Town and Country, e estacionamos onde vários restaurantes e cafés se espalhavam pela Main Street. Era uma noite quente, pelo menos para os padrões de Bainbridge Island, e um punhado de pessoas sentava-se do lado de fora, comendo ao ar livre.

Dentro do restaurante, Greg fez um gesto para a atendente. Ela parecia alguém que eu havia conhecido na escola: Mindy Almvig, com seus brincos pendentes e permanente de cachinhos.

— Fiz um pedido por telefone há cerca de quarenta e cinco minutos.

— Sim — ela respondeu, mascarando seu chiclete. — Está pronto. — O lugar tinha um aroma delicioso de molho Szechuan e de rolinhos primavera frescos da fritadeira.

Ele pagou, e então pegou o enorme saco de papel. Entramos no carro, e notei um pequeno restaurante próximo. Aqueles que jantavam estavam sentados ao ar livre sob lâmpadas aquecidas. E foi ali que vi *Jack*.

Ele estava com uma mulher, isso estava claro. Não consegui ver seu rosto de onde eu estava, apenas suas pernas, que mal estavam cobertas pelo vestido preto curto que se agarrava a suas coxas. Eles estavam bebendo vinho e rindo, e quando Jack voltou-se na direção do nosso carro, abaixei o quebra-sol e virei-me na direção oposta.

Quem é ela? Por que ele não mencionou que estava envolvido com outra pessoa? Talvez ela fosse apenas uma amiga. Mas se ela era uma amiga, por que ele não disse nada sobre ela?

Greg dirigiu por cerca de um quilômetro antes de parar em uma entrada de garagem forrada de cascalho. A casa dele, uma construção de fazenda amarela, com uma cerca branca, francamente me chocou. *Greg com uma cerca?*

— Aqui estamos nós.

— Estou surpresa — falei.

— Você está surpresa?

— Sim, quero dizer, é tão bonito. É tão “Martha Stewart encontra o velho Mac-Donald”. Creio que nunca imaginei que você vivia em um lugar como este.

Ele sorriu e tirou as chaves da ignição. Vi a borda de uma tatuagem que nunca havia notado aparecendo sob sua manga.

O interior da casa era muito decorado para que Greg houvesse feito tudo sozinho. Tudo combinava — as almofadas e o sofá, o tapete e a cor da parede. Havia um arranjo de flores na porta da frente. Uma arranjo de flores. Aquilo foi trabalho de uma mulher. Qual homem escolhe um divã de linho verde?

No entanto, após um exame mais detalhado, pude ver que, caso houvesse uma mulher em sua vida, ela não estivera por ali já havia certo tempo. Havia pratos empilhados na pia. Os balcões não tinham sido limpos, e um cesto de roupa estava ao pé da escada.

— Então, é isso — disse Greg, um pouco envergonhado, como se minha presença o deixasse ver o lugar sob uma nova luz.

A porta do banheiro estava aberta, e, assim, dei uma espiada: o assento estava levantado e

havia um rolo de papel higiênico no chão, e não no suporte, onde deveria estar. Era bem a casa de um homem solteiro.

— Venha — chamou Greg, colocando dois guardanapos, pratos e os conjuntos de pauzinhos na mesa de centro ao lado do vinho que havia servido para nós. — O jantar está servido.

Não era exatamente como jantar na casa de Jack — nada de guardanapos de linho ou de cozinha *gourmet* —, mas era algo do estilo de Greg, e depois da cena na cidade, aquilo me fez apreciar Greg um pouco mais do que antes. Pelo menos ele estava sendo real.

— Há quanto tempo você mora aqui? — Estava ansiosa de satisfazer minha curiosidade em relação ao sexo feminino em sua vida, ou em sua vida atualmente.

Ele olhou para o teto, como se estivesse tentando calcular os anos.

— Cerca de nove anos — respondeu.

— Uau, há tanto tempo? Você sempre viveu aqui sozinho?

— Não, tive um colega de quarto por vários anos — ele disse. Não esclareceu se o colega de quarto era homem ou mulher.

— Bem, você realmente fez um bom trabalho com o lugar. É adorável.

Greg serviu-se de mais *chow mein*.

— Continuo pensando em como fui encontrar você por acaso no mercado no outro dia, assim, do nada.

Engoli um pedaço de *dim sum*.

— Eu também. Honestamente, você era a última pessoa que eu esperava ver naquela manhã.

Ele se virou para mim.

— Sempre esperei que nos encontrássemos outra vez.

— Eu também — confessei. — Eu costumava fazer aquela brincadeira comigo mesma. Sempre que via uma daquelas Magic 8 Ball^[8], eu a sacudia e perguntava, “Beijarei Greg novamente?”, e, quer saber? Nunca recebi um não. Sequer uma vez.

Greg olhou para mim com uma expressão de provocação.

— E sobre o que mais você consultou sua Magic 8 Ball?

Sorri e cravei os dentes em outro rolinho primavera, decidindo que não ia lhe contar o que realmente havia perguntado à Magic 8 Ball no apartamento de Annabelle no dia anterior ao meu divórcio.

Terminamos o jantar, e Greg manteve minha taça de vinho cheia de forma tão eficiente que perdi o controle de quantas eu havia bebido.

Estava escuro lá fora, mas pude ver um trecho do terreno coberto de flores pelas portas francesas dos fundos sob a luz da lua.

— Quero ver seu jardim — pedi. — Você pode me levar para um passeio?

— Claro — Greg respondeu. — É meu pequeno pedaço do céu.

Quando me levantei, me senti um pouco tonta e Greg deve ter notado, porque segurou meu braço enquanto caminhávamos para o pátio de ardósia.

— Lá, aquelas são as hortênsias — ele falou, apontando para o canto esquerdo do quintal. — E aqui é o jardim de cultivo. Este ano tenho lírios, peônias e dalias chegando.

Mas eu não estava olhando para o jardim de cultivo. Logo abaixo da janela da cozinha havia uma fileira de tulipas brancas com impressionantes pontas vermelhas. Eram brilhantes, aninhadas contra o muro amarelo da casa, e me aproximei para um olhar mais atento. Eu nunca as tinha visto antes, é claro, mas senti como se já tivesse. Eram idênticas às que Elliot dera a Esther no diário.

— Essas tulipas — eu disse, um pouco espantada —, elas são lindas.

— São, não são? — concordou Greg.

— É você quem as planta? — perguntei, quase acusadora, como se esperasse que ele mantivesse Elliot no andar de cima, amarrado e amordaçado em um armário do quarto.

— Gostaria de poder levar o crédito — ele respondeu. — Mas são espontâneas. Estavam aqui quando comprei a casa. Elas foram se multiplicando ao longo dos anos. Deve haver três dezenas agora.

Lembrei-me de que o diário que eu estava lendo provavelmente era apenas uma história de ficção, e não realidade. No entanto, eu não podia fazer nada a não ser me perguntar se Elliot e Esther andaram alguma vez na ilha, talvez nesse mesmo lugar.

— De quem você comprou a casa? — perguntei.

Ele fez uma pausa para pensar.

— Não me lembro do nome dela — acabou dizendo. — Era uma mulher idosa, cujos filhos iam colocá-la em um asilo.

— Onde? Aqui na ilha?

— Não, creio que em Seattle.

Balancei a cabeça e voltei a contemplar as tulipas. Elas eram de tirar o fôlego.

— Ei! — Greg exclamou. — Por que você quer saber?

— Não sei — respondi, estendendo a mão para pegar uma das flores. — Creio que apenas tenho uma queda por histórias do passado.

Ele olhou para mim daquela maneira que costumava me deixar selvagem.

— Gostaria que nossa história tivesse um final diferente.

Senti sua respiração em minha pele, convidando, acenando, mas havia aquela voz de novo, a voz de advertência.

— Vamos abrir nossos biscoitos da sorte — eu sugeri, libertando-me de seu olhar.

— Não, eu odeio biscoitos da sorte!

— Vamos — insisti, pegando sua mão.

Quando já estávamos sentados no sofá, entreguei um biscoito para Greg e mantive um comigo.

— Abra o seu.

Ele quebrou o biscoitinho para abrir e ler a tira de papel.

— “Você vai encontrar a resposta para aquilo que está procurando.” Percebe? — ele disse.

— Totalmente sem sentido. Você pode interpretar de um milhão de maneiras diferentes.

Abri o meu e fitei fixamente as palavras: “Você vai encontrar o amor verdadeiro no presente, olhando para o passado”.

— O que o seu diz? — Greg perguntou.

— Nada de significativo — falei. — Você está certo. É totalmente absurdo. — Dobrei cuidadosamente o pedaço de papel e o coloquei em meu bolso.

Greg avançou para mais perto.

— E se não for um absurdo? E se isso significar algo? Sobre nós?

Permaneci imóvel enquanto suas mãos acariciavam meu rosto, e então fechei os olhos enquanto elas viajavam pelo meu pescoço e ombros até a cintura.

— Não — eu disse, abrindo os olhos e me afastando de seus braços. — Não posso, Greg. Sinto muito.

— O que há de errado? — Ele pareceu magoado.

— Não sei — disse, desorientada. — Mas creio que meu coração está em outro lugar. — O

que eu não disse foi que “em outro lugar” significava, pura e simplesmente, *Jack*.

— Está bem — ele disse, olhando para os pés.

— Acho que é melhor eu ir — falei sem jeito, enquanto ele se levantava para pegar as chaves. Antes de entrar no carro, corri de volta para o jardim e recuperei a tulipa que havia escolhido.

Greg me levou de volta para a casa de Bee, e antes que eu saísse do carro, ele disse.

— Ele é um cara de sorte, seja quem for.

— Quem é um cara de sorte?

— O cara que ficar com você no final.



9 de março

Ouvi o telefone tocar na sala de estar, na manhã seguinte, com tanta insistência que me arrancou de um sonho perfeitamente agradável. *Bee não vai atender?*

No décimo toque me levantei, meio grogue, e me dirigi para a sala de estar.

— Alô? — disse em um tom que permitiria a quem estivesse do outro lado da linha saber como me sentia a respeito de ser perturbada às sete e quarenta e cinco da manhã.

— Emily, sou eu, Jack.

Meus olhos se abriram instantaneamente. Lembrei-me de ter escrito meu número de celular em um pedaço de papel na noite em que visitei sua casa. *Então, por que ele está ligando no telefone fixo?*

— Sinto muito por ligar tão cedo — ele disse. — Tenho tentado em seu celular, mas vai direto para a caixa de mensagens. De qualquer forma, se não for muito cedo...

— Não — gaguejei. — Não é muito cedo. — Minha voz soou mais ansiosa do que eu esperava.

— Bom... é que me perguntei se você não gostaria de me encontrar para uma caminhada na praia esta manhã.

— Agora?

— Sim — ele disse. — Você tem que ver o que está acontecendo na praia agora. Você pode me encontrar em dez minutos?

Enquanto marchava para a praia, pouco tempo depois, avistei Jack — bem, um cisco que era Jack. Nós acenávamos enquanto caminhávamos um até o outro.

— Bom dia! — Jack gritou do seu ponto de observação na praia, que estava há várias centenas de metros de distância.

— Oi! — gritei de volta.

Quando finalmente nos encontramos, ele apontou para a frente.

— O que quero lhe mostrar está próximo daquela curva.

— O que é?

Ele sorriu.

— Você vai ver.

Balancei a cabeça.

— Como foi sua viagem para Seattle?

— Foi boa — ele disse. E isso foi tudo. — Desculpe-me por não ter ligado antes — acrescentou, sem oferecer uma explicação.

Nós viramos o ponto, e seguimos a praia um pouco mais longe, uma vez que ela rodeia o morro. Jack ficou parado por um instante, olhando para o estuário.

— Lá — ele disse suavemente.

— Onde? — indaguei, e então eu vi, um jato d'água que subia para o ar, e então algo enorme ondulando abaixo da superfície do mar.

Sorri como uma criança.

— O que era aquilo?

— Uma orca — Jack disse com orgulho.

Bee sempre comentara que as orcas às vezes eram avistadas por ali, mas mesmo durante todos os verões na ilha, eu nunca tinha visto uma com meus próprios olhos.

— Olhe! — Jack exclamou. Havia duas agora, nadando juntas.

— Elas vêm por aqui todos os anos, nesta época — ele contou. — Sempre adorei. Eu costumava me sentar aqui, bem aqui — ele apontou para uma pedra do tamanho de um toco grande, enfiada na areia — quando era menino e observava as baleias passarem.

Eu não conseguia tirar os olhos da água.

— Elas são espetaculares — falei. — Olhe como estão nadando, com tal força, tal finalidade. Sabem para onde sua jornada as está levando, mesmo sem um mapa para guiá-las. — Então parei, enquanto um pensamento me atingia. — Jack?

— Sim?

— Você disse que vinha aqui quando era menino. Você sempre esteve aqui durante os verões?

— Sim — ele disse, sorrindo contido. — Todos os verões. A casa em que vivo agora era a velha casa de praia da minha família.

— Então, por que não o conheci durante os verões?

— Eu não era autorizado a ir naquela direção — ele respondeu, fazendo uma pausa. — Rumo à casa de sua tia.

Eu sorri.

— Eu não tinha permissão para vir nesta direção, também — comentei. — Será que nunca vi você, nem uma vez?

Seus olhos encontraram os meus.

— Você não se lembra, não é?

— Lembrar-me de quê?

Ele balançou a cabeça, com uma expressão divertida.

— Sinto muito — suspirei, quebrando a cabeça e querendo me lembrar de algo, qualquer coisa. — Não me recordo.

— Você tinha quatorze anos... e era bonita, se eu puder acrescentar — disse ele. — Meu cachorro havia escapado da coleira, e correu para a frente da casa de sua tia. Você estava deitada em uma toalha de praia com outra garota. Estava usando um biquíni. Um biquíni rosa. E Max, meu cão naquele tempo, correu direto para você e a lambeu no rosto.

— Era você?

— Sim.

— Não acredito nisso!

— Pois acredite.

— Meu Deus! — exclamei. — Eu me recordo da lambida daquele cão.

— Sim — ele disse. — Você não pareceu muito feliz com aquilo.

— Ah, e então ele fugiu com minha sandália na boca — me lembrei, e enquanto falava, tudo voltava rapidamente.

— Que maneira de impressionar uma garota, hein?

Inclinei minha cabeça para a direita e o observei sob uma nova luz.

— Meu Deus, eu me lembro de você! — acabei revelando. — Você não era muito magro?

— Sim.

— Com aparelho nos dentes?

Ele assentiu.

— Aquele era você?

— Sim, em carne e osso.

Não pude deixar de rir.

— O quê? — Jack disse, fingindo-se ofendido. — Quer dizer que você não considera um garoto alto, desajeitado e com aparelho nos dentes, além de acne, atraente?

— Não. Quero dizer, não, não é isso! É só que, bem, você está tão diferente agora.

— Não, não estou realmente — ele disse. — Sou exatamente o mesmo. Exceto que a acne está superada. Você não mudou muito. Exceto que você é ainda mais bonita do que eu poderia ter imaginado que ficaria.

Eu não sabia o que dizer, por isso, simplesmente sorri, um sorriso que começou no meu interior e viajou até meu rosto, onde permaneceu pelo restante da manhã.

— Ei, quer vir até minha casa? — ele ofereceu. — Vou preparar o café da manhã para você

— Eu adoraria — respondi. E sem pensar, alcancei e peguei sua mão, e ele instantaneamente entrelaçou seus dedos nos meus, como se houvéssemos feito aquilo centenas de vezes antes. Então, o que importava se ele estivera em um encontro na noite anterior? Eu também estive. Nós ainda éramos os mesmos. O que importava agora era que estávamos juntos.

Sentei-me no banco da cozinha de Jack e observei-o enquanto ele moeu os grãos de café, cortou cinco laranjas ao meio e as colocou na máquina de fazer suco. Então ele puxou uma tigela e começou a quebrar ovos. Permaneci em meu lugar, hipnotizada por seus movimentos. Ele era rápido, mas, ainda assim, preciso. Gostaria de saber se Elliot havia preparado o café da manhã para Esther algum dia.

— Espero que você goste de rabanada — ele falou.

— Uau! Gostar é pouco. Eu *amo* rabanada.

Ele sorriu e continuou batendo os ovos.

— Então. Sua tia lhe contou alguma história desagradável sobre minha família?

— Não. Ela não me dará nenhum detalhe. Alguma chance de que você possa me esclarecer?

— Eu sou realmente a última pessoa para dizer quais são os esqueletos no armário da família

— ele disse. — Tudo o que sei é que meu pai me avisou logo no início que não éramos bem-vindos na casa de Bee Larson. E isso me assustou imensamente quando era criança. Imaginava que ela era a bruxa da história de Hansel e Gretel. Minha irmã e eu tínhamos certeza de que, se pisássemos em sua propriedade, ela nos capturaria e nos prenderia em seu calabouço.

Eu ri diante daquela imagem.

Ele acenou com a cabeça.

— Nós costumávamos pensar que sua casa era assombrada.

— Bem, não é difícil chegar a essa conclusão — concordei, pensando na velha casa de dois pavimentos, cujos quartos permaneciam, em sua maioria, trancados, e os pisos de madeira que rangiam. — Às vezes, *eu* acho que ela é mal-assombrada.

Jack concordou, encheu uma colher de chá com canela, e acrescentou-a aos ovos batidos.

— Queria saber mais sobre as circunstâncias por trás de tudo isso — ele falou. — Devia ter perguntado a meu avô.

— Ah, você o viu?

— Sim — ele assentiu. — Ele vive em Seattle. Estive lá ontem. Vou até lá pelo menos uma vez por mês para passar alguns dias com ele.

— Talvez você possa perguntar a ele sobre isso na próxima vez — sugeri. — Porque Deus sabe que não estou chegando a lugar nenhum com Bee.

— Perguntarei — ele prometeu.

A conversa de Jack sobre seu avô me fez pensar no meu próprio. Eu amava como meu avô me deixava passar horas com ele, enquanto ficava mergulhada em seus estudos, quando eu era criança. Sentada em minha mesa improvisada de caixa de papelão, eu o observava, cheia de adoração, trabalhar diante de sua grande secretária de carvalho, onde cuidava das contas a pagar e eu fingia escrever letras. Vovô sempre me deixava lamber os envelopes antes que ele os levasse para a caixa de coleta do correio.

Vovó Jane, por outro lado, havia morrido de repente, de um ataque cardíaco, e em seu funeral, quando minha mãe me perguntou se eu iria partilhar alguma memória na igreja do púlpito, eu lhe disse que não me sentia confortável em falar em público. Mas a verdade era mais complicada do que isso. Enquanto fitava seu caixão, olhei ao redor. Mamãe estava chorando. Tal como Danielle. Por que eu não sentia nada? Por que não conseguia reunir a tristeza que a morte de um avô merece?

— Você tem sorte — eu disse a Jack.

— Por que diz isso?

— Porque você está perto de seu avô.

— Ah, eu sei — ele disse, mergulhando grossas fatias de pão nos ovos batidos. Eu podia ouvir o chiado do pão entrando em contato com a manteiga quente quando ele deixava cada uma das fatias cair na frigideira de ferro fundido. — Você realmente o amaria também. Ele é uma figura. Talvez você possa encontrá-lo algum dia. Sei que ele ficaria louco por você.

Sorri.

— Como você sabe?

— Eu apenas sei.

A máquina de café apitou, e Jack serviu-me uma xícara.

— Creme ou açúcar?

— Só creme — pedi, observando se ele também se servia, mas, em vez disso, ele pegou um copo de suco de laranja.

Nas pesquisas não científicas de Annabelle sobre os casais, havia um tópico sobre preferências de café. De acordo com seus resultados muito preliminares, se realmente fosse possível sequer chamá-los de resultados, as pessoas que gostam de seu café servido da mesma forma têm mais sucesso no casamento.

Bebi meu café, e entrei na sala de estar, onde Russ estava enrolado ao lado da lareira. Ele parecia aconchegante e muito fofo, como todos os golden retrievers. Agachei-me para acariciá-lo, e notei um pequeno pedaço de papel verde no canto de sua boca. O resto do que parecia ser uma pasta de arquivo verde mastigada se encontrava à sua direita. Havia alguns papéis soltos espalhados ao seu redor também.

— Russ — repreendi —, seu cachorro levado. O que você pegou? — Ele rolou e bocejou, e vi que havia mais papéis amarrotados embaixo dele, presumivelmente papéis com os quais ele havia planejado fazer um lanchinho. Peguei uma página encharcada de baba e forcei os olhos. A maior parte do que estava escrito na página estava borrada e rasgada, mas no topo havia as palavras “Departamento de Polícia de Seattle, Escritório de Pessoas Desaparecidas”. Abaixei a folha, um pouco assustada, e peguei outra, que era um recorte de notícias fotocopiado do *Jornal de Bainbridge Island*. Parecia velho, eu podia notar pelo estilo, e também quase irrecuperável.

— Emily? — Jack chamou da cozinha.

Nervosamente, derrubei a página.

— Ah, só estou aqui com, ahn, Russ. Ele parece ter encontrado alguma coisa.

Jack apareceu no canto com um prato de torradas nas mãos, mas rapidamente as colocou sobre a mesa.

— Russ, vá para sua cama! — gritou.

— Deixe-me ajudá-lo — disse eu.

— Não — ele disse, um decibel abaixo de um grito. — Quero dizer, não, desculpe-me, você não precisa me ajudar com esta bagunça. É minha função.

Dei um passo para trás, perguntando-me se havia olhado algo que não deveria ter visto. Jack colocou a pasta e seu conteúdo dilapidado e babado sob uma pilha de revistas na mesa de centro.

— Desculpe — disse ele. — Queria que esse café da manhã fosse perfeito.

— Não foi nada — sorri. — Os cães serão sempre cães.

Vi Jack empilhar os pedaços de torrada um sobre o outro e polvilhar o prato com açúcar de confeiteiro.

— Aqui está. — Ele estendeu um prato para mim. — Seu café da manhã.

Peguei meu garfo no mesmo instante em que o telefone na cozinha tocou.

— Vou deixar a secretária eletrônica atender — disse ele. Dei uma mordida e quase desmaiei de prazer, mas minha atenção se desviou quando ouvi a voz de uma mulher na secretária eletrônica.

— Jack — começou a voz —, é Lana. Foi muito bom jantar com você na noite passada. Eu queria...

Jack saiu correndo de sua cadeira e desligou a secretária antes que ela pudesse continuar.

— Desculpe — ele me falou, um pouco timidamente. — Era, ah, uma cliente. Nós nos encontramos ontem à noite para discutir uma pintura.

Não gostei do tom de sua voz. Parecia muito pessoal, muito íntimo. Queria lhe fazer umas vinte perguntas. Não, duzentas. Em vez disso, sorri educadamente e continuei a comer. Não duvidava de que a mulher fosse uma cliente, mas se isso era tudo, por que ele estava tão temeroso? O que ele estava tentando esconder?

Assim que ele se sentou e deu uma mordida, o telefone tocou novamente.

— Mas que droga! — disse ele.

Lancei-lhe um olhar que dizia “está tudo bem, vá atender”, mas eu realmente gostaria de

puxar o plugue da parede, de modo que quem quer que fosse aquela mulher, não pudesse ligar novamente.

— Desculpe — disse Jack de novo, correndo de volta para a cozinha para atender ao telefone.

— Alô?

Ele parou por alguns instantes.

— Ah, não — disse ele.

Houve uma longa pausa antes que ele falasse novamente.

— É claro. Ela está aqui. Vou chamá-la.

Jack correu de volta para a sala de jantar e fez sinal para que eu fosse ao telefone.

— É sua tia.

Meu coração quase pulou para fora do peito enquanto eu pegava o telefone.

— Emily? — a voz de Bee soou frenética e confusa.

— Sim — respondi. — Bee, o que foi? Está tudo bem?

— Eu sinto muito em incomodá-la, mas Henry estava na praia esta manhã e disse que viu você caminhando em direção à casa de Jack, então eu, bem... — Sua voz estava trêmula.

— Bee, o que houve?

— É Evelyn — ela disse, parecendo perdida. — Ela estava aqui no café da manhã. E ela... ela desmoronou. Liguei para o 911. Eles a estão levando para o hospital.

Eu não hesitei.

— Estou indo para aí.

— Não, não — disse ela. — Não há tempo. Estou saindo agora.

— Eu... está bem, vá com ela. Eu vou direto para o hospital.

Não tive que perguntar se Evelyn tinha horas ou minutos restantes. Eu já sabia. E sentia que Bee também sabia, instintivamente, da mesma maneira que os gêmeos, os companheiros de alma ou os amigos de toda uma vida.

Desliguei o telefone.

— Evelyn está indo para o hospital — disse, balançando a cabeça descrente.

— Vou levá-la — decidiu Jack.

Olhei para a mesa e os pratos cheios de rabanadas perfeitas, que, de repente, tinham perdido seu apelo.

— Deixe tudo aí — ele disse. — Se formos agora, estaremos lá em menos de meia hora.

Capítulo 11



O hospital mais próximo estava a trinta minutos de distância, fora da ilha, em Bremerton, uma pequena cidade a oeste. Atravessamos uma ponte para a península, e imediatamente senti a aura da ilha se dissipando, como se voltasse para a Terra vindo da estratosfera de algum outro mundo.

Quando chegamos, Jack e eu corremos para a recepção e pedimos o número do quarto de Evelyn.

A mulher de cabelos brancos atrás do balcão levou tanto tempo que eu queria pular sobre a mesa, utilizar seu computador e encontrar a informação eu mesma. O tamborilar de meus dedos no balcão provavelmente a informou disso.

— Ah, aqui está ela: sexto andar — a mulher finalmente falou.

Quando chegamos ao quarto dela, Jack ficou para trás.

— Vou esperar do lado de fora — ele falou.

Eu balancei a cabeça.

— Não, entre. — Eu não iria deixá-lo se sentir como um estranho, como se ele fosse alguém a se evitar. Não mais. Quaisquer reservas que Bee tivesse em relação a sua família iriam acabar ainda nessa geração, decidi.

— Não — ele insistiu. — Está tudo bem. Estarei aqui quando você precisar de mim.

Não o forcei a entrar. Abri a porta do quarto. Bee estava sentada ao lado da cama de Evelyn, segurando sua mão.

— Emily — disse ela —, não temos muito tempo.

— Ah, pare com isso, Bee — disse Evelyn. Fiquei feliz de ouvir a vida e a coragem ainda presentes em sua voz. — Não vou deixar você continuar assim, chorando como um bebê. Será que alguém pode tirar este vestido horrível de mim e me colocar algo decente, e pelo amor de Deus, alguém me traga uma bebida.

Eu podia perceber por que Bee a amava tanto. Eu a amava também.

— Oi, Evelyn — eu falei.

Ela sorriu, e pude ver a exaustão em seus olhos.

— Oi, querida — ela respondeu. — Sinto muito, sua amiga idosa provavelmente a arrancou de um encontro emocionante.

Sorri.

— Na verdade, eu o trouxe comigo.

Bee olhou para mim, preocupada, como se o simples pensamento de ter Jack por perto lhe causasse grande consternação.

Evelyn ignorou o mau humor de Bee.

— Você se ilumina quando fala sobre ele.

Ninguém jamais disse que eu me iluminava ao lado de Joel. Na verdade, havia sido exatamente o oposto. As pessoas sempre me disseram que eu parecia cansada e acabada quando estávamos juntos.

— Chega de falar sobre mim — protestei. — Como você está se sentindo?

— Como uma velha senhora com câncer — disse ela. — Mas um martíni ajudaria.

Bee retesou-se, como se soubesse exatamente o que tinha que fazer.

— Então, terá um martíni — disse ela, levantando-se. — Emily, você fica aqui com Evelyn? Estarei de volta logo.

— Eu não vou a lugar nenhum — falei em tom tranquilizador. Pensei que era um ato de carinho que ela estivesse saindo para tentar cumprir o desejo de sua amiga que estava morrendo, mas não tinha certeza de como ela iria conseguir. Dirigir até uma loja de bebidas? Comprar um misturador de bebidas? E, além disso, havia a questão de passar com a mercadoria pelos enfermeiros.

Assim que Bee saiu, Evelyn se inclinou em direção a mim.

— Como está indo sua leitura? — indagou. Havia tantos fios e monitores ligados a ela que parecia estranho falar sobre outra coisa que não sobre a doença, mas senti que ela não queria nem uma palavra sobre aquilo.

— Estou absolutamente encantada — revelei.

— Até que ponto você já foi na história?

— Bem longe — falei. — Esther acabou de ir se encontrar com Elliot na casa dele.

Evelyn fechou os olhos com força e os abriu novamente.

— Sim — ela disse.

Uma enfermeira entrou no quarto e mexeu em um tubo de acesso intravenoso.

— Hora de mais morfina — ela disse para Evelyn.

Evelyn ignorou e continuou a olhar para mim atentamente.

— Então, o que você acha?

— Sobre o quê?

— Sobre a história, querida. A história de amor.

— Como você conhece a história, Evelyn?

Ela sorriu, olhando para o teto antes que suas pálpebras ficassem pesadas.

— Ela sempre foi um grande enigma.

Engoli em seco.

— Evelyn, quem?

Sua respiração era lenta e difícil, e me ocorreu que o medicamento intravenoso a havia derrubado.

— Esther — ela disse suavemente. — Ah, como nós a amávamos. Nós todos a amávamos. — As pálpebras de Evelyn pareciam pesadas, e sufoquei minha vontade de perguntar um pouco mais. — Você vai fazer a coisa certa, querida, eu sei que você vai — disse ela fracamente, pronunciando indistintamente as palavras. — Você vai fazer a coisa certa para Esther, para todos nós.

Peguei a mão dela e apoiei minha cabeça na dela, observando seu peito subir e descer com cada respiração extenuante.

— Não se preocupe, Evelyn — disse. — Você não tem que se preocupar mais. Apenas descanse.

Bee voltou cerca de trinta minutos mais tarde, parecendo exausta, com um saco de papel marrom na mão.

— Evelyn, seu martíni. Vou prepará-lo agora.

— Shhh — eu disse. — Ela está dormindo. — Dei espaço para que Bee tomasse seu lugar de direito ao lado da cama de Evelyn, a fim de absorver cada segundo passado com sua melhor amiga.

Jack permaneceu na sala de espera por pelo menos uma hora, e quando saí para vê-lo, ele se levantou, nervoso.

— Ela...

— Não — eu disse. — Ainda não. Bee está com ela agora. Mas não há muito tempo.

— Há algo que eu possa fazer?

Ele caminhou em minha direção, e seus olhos examinaram meu rosto. Bem ali, na sala de espera, ele passou os braços ao meu redor e me abraçou forte, mais apertado do que alguém já havia me abraçado antes. Olhei pela janela, por cima do ombro dele, e a vista não era interessante — grandes extensões de pavimento com uma moita ocasional de dentes-de-leão corajosamente irrompendo do asfalto —, mas uma sala de cinema fechada com tábuas chamou minha atenção. O letreiro anunciava *ET*, e me perguntei se ele havia permanecido assim desde os anos 1980.

Olhei para Jack, e, dessa vez, realmente olhei para ele, no fundo de seus olhos. Ele me puxou para perto e me beijou. Ainda que tudo parecesse em desordem e sem resposta, naquele momento, eu não podia negar o fato de que tudo também parecia certo.

Evelyn morreu poucas horas depois que saí da sala, mas não antes que Bee tivesse preparado seu martíni. Em poucos minutos, ela misturou gin e vermute com gelo, decorando com um número ímpar de azeitonas para dar sorte. Evelyn havia aberto os olhos por um instante, e dividiu um último drinque com sua melhor amiga. Foi um ato de despedida que lhes convinha perfeitamente, e quando estávamos em casa naquela noite, Bee fez outra rodada, e brindamos à memória de Evelyn.

Perguntei a Bee se ela queria que eu ficasse com ela, se queria um ombro para chorar, mas ela disse que não, que apenas precisava dormir.

Eu também, mas não com as palavras de Evelyn fluando em minha cabeça. *Como ela conhecia Esther? Como o diário foi parar ali, no quarto de hóspedes de Bee? E por que Evelyn acreditava que aquelas páginas foram feitas para ser encontradas — para ser encontradas por mim?*



10 de março

Eu não queria sair da cama no dia seguinte, mas também não conseguia dormir, por isso, voltei minha atenção para o diário.

Bobby estava dormindo quando cheguei da casa de Elliot. Eu soube disse tão logo entrei pela porta da frente, porque fui capaz de ouvi-lo roncando, tal como o havia deixado. Despi-me e puxei a colcha, centímetro por centímetro, rezando para que não o acordasse. Olhei para o teto por um longo tempo, pensando no que havia feito, pensando para onde iria a partir daquele ponto, mas nenhuma resposta surgiu. E então Bobby rolou e jogou seu braço sobre mim, me puxando para perto. Eu sabia o que ele tinha em mente quando começou a acariciar meu pescoço, mas rolei e fingi estar dormindo.



Na manhã seguinte, quando Bobby havia saído para o trabalho, tive vontade de chamar Frances e contar-lhe tudo. Ansiava por ouvir sua voz, e sua aprovação. Em vez disso, liguei para Rose em Seattle.

— Eu o vi na noite passada — falei.

— Ah, Esther — ela disse. Seu tom não era nem condenatório nem encorajador. O que refletia era a preocupação, a excitação e o terror que eu mesma sentia a respeito das decisões que estavam adiante. — O que você vai fazer?

— Não sei.

Ela ficou em silêncio por um instante, então perguntou:

— O que seu coração lhe diz?

— Meu coração está com Elliot. Ele sempre estará com Elliot.

— Então você sabe o que precisa fazer — ela disse, simplesmente.



Bobby chegou em casa naquela noite, e preparei para ele sua refeição preferida: bolo de carne, batatas cozidas e feijão-verde com manteiga e tomilho. Na superfície, era como se nada houvesse mudado. Nós éramos um casal feliz tendo um agradável jantar de aniversário. Mas eu carregava um grande peso sobre meus ombros, o peso da culpa.

A cada olhar de relance de Bobby, a cada pergunta, a cada toque, meu coração chegava mais perto de estourar.

— O que há de diferente em você? — perguntou ele enquanto comíamos.

— Nada — disse rapidamente, temendo que ele pudesse ver através de mim.

— É só que, bem, você parece diferente — continuou ele. — Mais linda do que nunca. Março transforma você.

Senti como se já não pudesse continuar, e decidi que precisava ir até o sacerdote e ventilar meus segredos em um confessionário.

Assim, vesti a nenê com suas roupas de domingo e fomos até a Igreja de Santa Mary. Meus saltos ecoavam nos pisos de madeira enquanto eu caminhava pela igreja até a fileira de confessionários ao longo da parede do lado direito. Entrei no primeiro e sentei-me, aconchegando a nenê em meu colo.

— Padre — comecei. — Eu pequei.

— O que houve, criança? — Creio que ele esperava que eu dissesse algo como “eu fofoquei” ou “cobicei meu vizinho”, ou algo geralmente mais leve. Em vez disso, abri minha boca e disse o impensável.

— Dormi com um homem que não é meu marido.

Houve silêncio do outro lado da cabine, um silêncio desconfortável, por isso falei de novo.

— Padre, eu amo Elliot Hartley, e não meu marido, Bobby. Sou uma mulher horrível por isso.

Tentei escutar algum sinal de que o padre estava lá, que ele estava ouvindo. Queria que ele me dissesse que eu estava perdoada. Queria que ele me dissesse para rezar mil Ave-

Marias. Queria que ele tirasse o peso dos meus ombros, porque estava ficando muito pesado carregá-lo.

Em vez disso, ele limpou a garganta e disse:

— Você cometeu adultério, e a Igreja não aprova esse tipo de comportamento. Sugiro que vá para casa e se arrependa diante de seu marido, e reze para que ele a perdoe, e se ele o fizer, então, Deus irá perdoá-la.

Não são todos os pecados iguais aos olhos de Deus? Não é essa a mensagem que ouvi na escola dominical desde a infância? Em vez disso, senti-me como uma pagã, incapaz de dirigir meu caminho novamente para o céu.

Assenti e levantei-me, segurando a nenê, e saí sentindo uma grande vergonha, com um fardo ainda mais pesado para carregar. As grandes portas de bronze se fecharam ruidosamente atrás de mim.

— Olá, Esther. — Era uma voz de mulher atrás de mim no estacionamento. Voltei-me e vi que Janice estava andando em minha direção, com um sorriso estranho no rosto, mas continuei andando.



Outro dia se passou. Bobby chegou em casa do trabalho e pensei em lhe contar, mas não fui capaz de me obrigar a dizer as palavras vulgares que precisava dizer para me explicar. Não importava como eu cuspiria aquilo, havia o fato de que eu me deitara com outra pessoa. Bobby sempre foi tão ensolarado, sempre tão alegre, mesmo quando eu não era. Ele era um homem bom demais. Eu não poderia despedaçá-lo. Eu não faria aquilo.

E, na manhã seguinte, depois que Bobby foi trabalhar, recebi a ligação — a ligação que me fez questionar cada escolha que eu havia feito até aquele ponto, cada emoção que senti.

— Sra. Littleton? — disse a voz feminina no outro lado da linha.

— Sim — respondi.

— Aqui é Susan, do Harrison Memorial Hospital; estou telefonando a respeito de seu marido. Ele está no hospital.

Ela me disse que Bobby havia caído pouco antes de entrar na balsa naquela manhã, e

uma ambulância o levava às pressas para o hospital em Bremerton. Quando a ouvi dizer as palavras “ataque cardíaco”, meu coração quebrou-se um pouco — quebrou-se com pesar, da forma como ele se quebra quando se é cruel com alguém a quem se deveria ter amado. Bobby não merecia aquilo. Ele não merecia nada daquilo, e decidi consertar aquilo tudo por ele.

O que faria com a nenê? Eu não podia levá-la para o hospital, não naquele dia, não naquelas circunstâncias. Então, bati na porta de Janice, como um último recurso, e entreguei-lhe a nenê, embrulhada em cobertores rosa. Não gostei da maneira como Janice olhou para ela, com a sensação inquietante de que ela tomaria minha filha, minha casa e meu lugar na cama com Bobby se tivesse a chance.

— Onde você vai? — perguntou ela, com aquele olhar familiar de desaprovação.

— Algo muito grave aconteceu — respondi. — É uma emergência. — Eu não ousei lhe dizer que era Bobby. Ela estaria a seu lado antes que eu pudesse piscar um olho.

— É claro — ela disse. — E Bobby, quando ele estará em casa?

— Não por algum tempo — falei, correndo para o carro. — Obrigada por cuidar do bebê. Fico muito grata.

Dirigi para o hospital e quando cheguei, bati na traseira de outro carro no estacionamento, mas não parei para verificar os danos. Nada daquilo importava. Bobby precisava de mim.

— Estou à procura de Bobby Littleton — eu praticamente gritei para a recepcionista. Ela dirigiu-me para o sexto andar, onde Bobby estava se preparando para a cirurgia, e adentrei a sala na hora certa. — Ah, Bobby! — chorei. — Quando eles me ligaram, fiquei fora de mim.

— Eles disseram que vou fazer isso com as mulheres — disse ele, piscando para mim.

Debrucei-me sobre a cama e passei meus braços em torno dele. Fiquei assim até que as enfermeiras bateram em meu ombro e disseram:

— Está na hora. — Não queria deixá-lo ir, e enquanto assistia a eles levando-o embora, fui assombrada pelo temor de que havia causado tudo aquilo.

Esperar por ele sair da cirurgia foi uma agonia. Marcava o passo sobre o piso implacavelmente; tinha certeza de que havia marchado, pelo menos, por três

quilômetros. Ocasionalmente, olhava pela janela para o teatro abaixo, a fim de ver o que estava em cartaz. Na marquise estava escrito “Blues skies, com Bing Crosby”. Observei os casais, adolescentes na maioria, de braços dados, e desejei ser um deles. Queria voltar no tempo e fazer direito, sem qualquer arrependimento, sem a dor.

Olhei pela janela um pouco mais, observando os casais entrarem em fila para o show.

E foi aí que vi Elliot.

Seu corpo alto destacava-se no meio da multidão, em qualquer multidão. E ele não estava sozinho. Ao lado dele estava Frances.

— Sra. Littleton — chamou a enfermeira da porta.

— Sim — respondi, forçando-me a me afastar da janela. Senti-me presa entre dois mundos. — Ele está bem? Diga-me que está tudo bem.

Ela sorriu.

— Seu marido é um lutador. Ele passou bem pela cirurgia. Mas sua recuperação será difícil. Ele precisará de seus cuidados todo o tempo.

Assenti.

— Falando nisso — ela continuou —, eu só preciso ver sua identificação para a papelada da alta hospitalar. — Alcancei o lugar onde sempre tinha minha bolsa pendurada no braço, mas ela não estava lá. Então me lembrei de que nunca a havia recuperado do restaurante na noite em que fui ver Elliot. Tudo parecia tão incomensurável agora.

— Eu sinto muito, devo ter deixado minha bolsa em casa — menti.

— Tudo bem, querida — disse ela, sorrindo. — Nós podemos fazer sem ela.

— Obrigada — disse. — Posso vê-lo agora?

— Sim — ela concordou. — Mas ele está muito grogue. Tenha isso em mente.

Segui-a de volta até a área de pós-operatório, e lá estava ele, de olhos fechados.

— Oi, Bobby — chamei, acariciando sua mão.

Ele abriu os olhos e sorriu para mim.

— Eu lhe disse que tudo ficaria bem — ele falou.

Ao contrário de mim, Bobby nunca quebrou uma promessa.

Eram pelo menos dez da manhã quando Bee e eu nos dirigimos até a mesa para o café da manhã. O ar estava carregado de tristeza.

— Bom dia — ela disse com voz fraca. Ainda estava de camisola e robe. Nunca a vira de pijama, e o traje a fazia parecer muito mais velha.

— Vou pegar o jornal para você — falei, saindo para a varanda da frente e encontrando o *Seattle Times* enfiado na lama, abaixo de uma roseira ao lado da casa. Graças a Deus, um saco plástico o recobria.

— O funeral é depois de amanhã — disse Bee. Não olhava para mim quando falava, e me ocorreu que ela poderia ter dito as palavras em voz alta simplesmente para experimentá-las, talvez para constatar se a morte de Evelyn não fora apenas um sonho ruim.

— Posso ajudar com alguma coisa? — perguntei.

Bee balançou a cabeça.

— Não. A família do marido dela está tomando conta de tudo.

Fiz ovos mexidos enquanto Bee permaneceu fitando a água. Pensei em Joel enquanto preparava os ovos, e na manhã em que ele me contara a respeito de Stephanie. Eu havia deixado cair um prato, um detalhe que havia esquecido até então. Era uma peça do nosso enxoval de casamento, Waterford, branca, com uma grande borda de prata, tão cara que a vendedora na Macy's esganiçou um pouco a voz quando adicionamos doze serviços ao nosso registro. O que antes era um tesouro estava quebrado no chão, em pedaços irregulares.

— É engraçado — disse a Bee, virando os ovos na frigideira com uma espátula.

— O que, querida? — respondeu ela calmamente.

— Eu quebrei um prato.

— Você quebrou um prato?

— Sim, em casa, quando Joel me contou que estava me deixando.

Bee apenas fitou adiante, imóvel.

— Na hora nem me importei. Mas agora, quando relembro aquela manhã, lamento mais pelo prato do que por Joel.

Os cantos da boca de Bee se curvaram ligeiramente, num quase sorriso.

— Progresso.

Sorri para mim mesma, e presenteei Bee com um prato.

— Ovos e torradas.

— Obrigada — disse ela. Mas ela não comeu naquela manhã. Nem mesmo uma mordida. — Sinto muito — ela acabou se desculpando. — Não é por você haver cozinhado, é só...

— Não se preocupe — respondi. — Eu sei.

— Vou voltar para meu quarto e me deitar.

Assenti e senti um nó na garganta enquanto observava seu caminhar pelo corredor, um pé adiante do outro.

Decidi me vestir e arrumar a casa para Bee. Não há nada mais deprimente do que pratos sujos ou uma sala atulhada de jornais. Por volta das onze, o lugar estava brilhando. O telefone tocou enquanto eu polia a cozinha, e parei para admirar como o aparelho brilhava antes de atender.

— Alô?

— Oi, Emily, aqui é Jack.

— Oi — disse, adorando o som de sua voz.

— Só queria saber como estão as coisas por aí. Como está sua tia?

— Ela vai indo — disse.

— E você?

— Eu estou bem — respondi.

— Adoraria ver você de novo — disse ele.

— Bem, Bee está dormindo agora. Acho que você poderia vir até aqui.

— Você tem certeza?

— Sim — respondi.

Jack chegou cerca de meia hora depois. Ele parecia num estado de reverência pela casa — cautelosamente em reverência.

— É tão bonita — ele disse, olhando ao redor. — Nunca estive aqui dentro. Sempre me perguntei como seria.

— Você provavelmente imaginava monstros e fantasmas, certo? — comentei.

— E gremlins — respondeu ele.

Nós entramos na varanda, e fechei a porta para que Bee não fosse incomodada nem que, se saísse de seu quarto, fosse surpreendida ao ver Jack.

— Talvez devêssemos nos esconder no armário — ele disse com um sorriso travesso.

— Talvez devêssemos — eu ri, enquanto nos sentamos em um pequeno sofá de frente para o estuário.

Ele pegou minha mão, e encostei minha cabeça em seu peito. Ficamos ali sentados juntos por um minuto, em silêncio, assistindo a um melro com um peito marrom macio pegar um galho da grama e voar até o topo de uma árvore próxima.

— Esta ilha é um lugar perfeito para escrever, não é? — Jack disse.

Eu concordei.

— É certamente um lugar de múltiplos níveis.

— Estava pensando — ele continuou — ... você disse que estava à procura de inspiração para seu próximo livro... já pensou em escrever uma história sobre esta ilha? Ambientá-la aqui mesmo, em Bainbridge?

Endireitei-me e olhei para seu rosto, pensativo, contemplativo. Ele adorava a ilha tanto quanto eu; suas pinturas eram a prova disso. Mas havia algo mais profundo, algo não dito, que pontuava suas palavras naquele momento, e analisei seu rosto à procura de uma pista.

— Há uma história em meu coração — eu disse, observando a velha cerejeira receber a força do vento norte e colocando-se em uma luta admirável. Eu costumava subir em seus galhos quando era menina, sentando-me lá por horas, comendo suas cerejas Rainier igualmente doces e azedas e imaginando histórias sobre outras meninas que se sentaram em seus ramos anos antes de mim. Balancei a cabeça. — Acho que tenho medo.

Jack voltou seu olhar da janela para mim.

— Medo de quê?

— Medo de não ser capaz de contar a história com toda a beleza e convicção que ela merece — continuei. — Meu primeiro livro... foi diferente. Não é que eu não tenha orgulho dele, porque tenho. Mas...

Jack olhou para mim como se soubesse exatamente o que eu estava tentando dizer.

— Não era do seu coração, não é?

— Exatamente — disse.

— Você já encontrou o que está procurando por aqui? — Jack perguntou, com os olhos fixos nas aves do lado de fora da janela.

Pensei no diário na gaveta do quarto e percebi que eu podia não haver encontrado o que pensava que estava procurando, mas que encontrara algo melhor, tanto em suas páginas como nos braços de Jack.

Entrelacei meus dedos nos dele.

— Acho que sim — disse suavemente.

— Não quero que você vá embora nunca — ele disse. Sua voz soou forte e segura.

— Não quero também — concordei.

E continuamos sentados assim por um longo tempo, olhando pela janela como as ondas atingiam a costa.

Jack me convidou para acompanhá-lo no jantar em um café na cidade. Eu gostaria, mas não poderia deixar Bee. Não naquela noite. Ele compreendeu.

— Poderia me oferecer para cozinhar — disse a Bee, quando ela saiu do seu quarto. — Mas acho que não fui abençoada com o gene da culinária.

— Bobagem — ela falou. — Não aprendi a cozinhar até ter sessenta. Ele vem mais tarde na vida.

Balancei a cabeça, feliz por saber que algumas coisas ficam melhores com a idade.

— E que tal alguma comida pronta, então? — sugeri. — Posso sair para buscar alguma coisa.

— Bem — disse ela. — Evelyn e eu gostávamos de um bistrô do outro lado do mercado. O frango assado deles era o favorito dela.

— Fechado! — concordei. Fiquei feliz de ver que ela estava com seu apetite de volta, e ainda mais feliz por poder fazer algo para ajudar.

Dirigindo até a cidade, mantive a janela aberta para contemplar a ilha: sua cobertura verde e o ar úmido e fresco com cheiro de água do mar e de cipreste. Estacionei na frente do bistrô e entrei.

Era um lugar adorável, com paredes verde-esmeralda e acabamento de mogno escuro. Cada mesa parecia convidativa, como se aquele fosse o tipo de lugar onde você poderia pedir uma garrafa de vinho e saboreá-la lentamente até a hora de fechar. Gostaria de saber se Esther havia jantado ali.

— Quero fazer um pedido para levar — disse à atendente. Ela me entregou um menu, e

rapidamente escolhi.

— Levará cerca de trinta minutos — disse ela.

— Está ótimo — respondi.

Saí do bistrô, atravessei a rua e sentei-me em um banco voltado para o mar. Era possível ver as balsas chegando ao lugar, e, ao longe, também se podia observar o contorno de Seattle.

Fiquei impressionada com a sensação de familiaridade quando me sentei, e levei apenas alguns segundos para juntar as peças: eu já havia me sentado ali antes — com Greg. Ele tinha me levado para jantar em um restaurante mexicano naquele último verão, quando eu tinha 16 anos e, então, atravessamos a rua e nos sentamos bem ali. Estava escuro naquela noite, não havia ninguém por perto, e nos beijamos pelo que pareceu ser uma eternidade, antes que ele me levasse de volta para a casa de Bee. Minha mãe me repreendeu por estar dez minutos atrasada, mas Bee apenas sorriu e perguntou se eu havia me divertido. Sim, eu tinha me divertido.

Quando os trinta minutos se passaram, caminhei de volta até o bistrô para pegar meu pedido.

— Aqui está — disse a atendente, entregando-me um grande saco de papel. Ela tinha um anel de noivado em seu dedo — um solitário, todo novo e brilhante. Isso me fez lembrar do meu anel de casamento, o anel da avó de Joel. Atirei-o nele uma semana depois que ele me contou sobre seu caso, quando ele chegou em casa para pegar algumas de suas coisas. E, naquele momento, ocorreu-me que o anel ainda poderia estar lá, caído no chão de madeira sob a cômoda do quarto. Não sei se estava, e não me importava.

— Obrigada — eu disse, colocando a mão esquerda no bolso.

— Jack ligou enquanto você estava fora — disse Bee. Não havia nem aprovação nem desaprovação em sua voz.

Eu sorri e servi o jantar para nós duas. Comemos em silêncio, ouvindo o crepitar do fogo.

— Vou para a cama — anunciou Bee alguns minutos antes das nove.

— Está bem — respondi.

Ela caminhou de volta para o quarto e fechou a porta, e então peguei o telefone.

— Oi — disse a Jack.

— Quer vir aqui?

— Sim — disse.

Peguei um pedaço de folha de caderno e rabisquei um bilhete para Bee:

Vou visitar Jack. Voltarei tarde.

*Com amor,
Emi*

Eu o vi da praia, encostado no batente da varanda da frente, de camiseta branca e calça jeans.

— Obrigado por ter vindo — ele disse, sorrindo, enquanto eu subia os degraus.

Senti-me tímida, e creio que ele também.

Entramos e ele me ajudou a desabotoar o casaco. Enquanto ele se atrapalhava com os botões, senti minha respiração acelerar. Havia eletricidade em seu toque.

Ele apontou para a sala, onde duas taças de vinho esperavam na mesa de centro.

Afundi no sofá e ele relaxou a meu lado.

— Emily — disse, correndo os dedos pelo meu cabelo, suave, hipnoticamente —, quero dizer a você algo.

Sentei-me mais corretamente.

— Sim?

Jack olhou ao redor, como se precisasse de um momento para se recompor.

— Quatro anos atrás — começou — eu era casado. O nome dela era Allison.

Esquadrinhei seu rosto.

— Ela morreu três dias antes do Natal. Um acidente de carro. Ela estava passando pelo mercado quando me ligou da estrada de seu telefone celular. Perguntou-me se eu precisava de alguma coisa. Eu disse que não. Por muito tempo fui atormentado pelo pensamento de que se, se eu apenas houvesse lhe pedido para comprar algumas maçãs, pão, uma garrafa de vinho, qualquer coisa, isso teria lhe dado mais alguns segundos. O que teria salvo a vida dela.

— Ah, Jack, eu sinto muito.

Ele colocou as mãos nos meus lábios.

— Você não precisa dizer nada. Cheguei a um acordo com isso. Eu apenas pensei que você deveria saber. É uma parte de quem eu sou.

Olhei para a lareira, onde estava a foto da mulher.

— É ela? — Meu coração se apertou. Será que ele realmente estava pronto para amar de novo?

Ele confirmou.

— Naquele dia, na casa de Henry — ele disse — eu senti alguma coisa, algo que não sentia desde...

Apertei sua mão na minha.

— Eu também.

11 de março

Acordei na manhã seguinte com a sensação inconfundível de que os olhos de alguém estavam sobre mim. Olhei para cima e vi que pertenciam a Jack.

— Bom dia — ele disse.

Olhei em volta e percebi que estava em sua casa. Devo ter caído no sono em seu ombro.

— Poderia ver você dormir para sempre — comentou ele, esfregando meu pescoço.

Esfreguei os olhos, beijei-o suavemente, e procurei freneticamente um relógio.

— Que horas são?

— Sete e meia — disse ele.

Pensei em Bee, e sabia que não podia ficar mais. Ela devia estar preocupada e se perguntando onde eu estava.

Jack pegou o casaco, e encontrei o meu.

— Deixe-me levá-la para casa — ele pediu, pegando minha mão.

— Não quero ir — falei, puxando-o de volta para mim.

Ele sorriu.

— Então fique.

Pela primeira vez em muito tempo, senti como se meu coração fosse explodir, de uma forma maravilhosa.

Uma hora mais tarde, deslizei calmamente pela porta da frente de Bee. A porta de seu quarto ainda estava fechada, e o recado que havia lhe deixado continuava sobre a mesa, então enfiei-o no bolso. Martelei mais alguns parágrafos em meu laptop, que, na melhor das hipóteses, eram medíocres. Então, quando perdi a vontade de escrever, voltei a ler.

Bobby não queria ser um fardo, mas ele era. Dia após dia, eu o alimentava na boca,

dava-lhe banhos com esponja, e até mesmo o ajudava a usar o banheiro. E, certa manhã, ele não conseguiu me acordar a tempo de levá-lo ao banheiro. Tudo aconteceu muito rápido.

— Sinto muito. — Ele quase chorou de humilhação.

— Está tudo bem — falei. — Vou levá-lo ao banheiro para lavá-lo, e depois trocarei os lençóis.

Aquele era meu castigo, disse a mim mesma, o preço que pagaria pelas escolhas que havia feito. Sabia que merecia cada segundo daquilo, cada segundo esgotante.

Ainda não tinha contado a Bobby, e decidi então que levaria aquilo comigo para o túmulo. Por mais que meu coração pertencesse a Elliot, nosso amor seria para outro tempo, outra vida.

Eu tinha ouvido a música de Vera Lynn, *We'll Meet Again*^[9] no rádio pela manhã, e as palavras me assombraram. Eu tinha certeza de que nos encontraríamos novamente, que nos amaríamos novamente — mas quando? Meses depois? Anos depois?

E quando ouvi uma batida na porta certa tarde, vários dias após Bobby ter voltado para casa do hospital, Elliot era a última pessoa que eu esperava. Lá estava ele, de pé em minha porta — a porta da casa que eu dividia com Bobby. Por mais que houvesse sonhado em reencontrá-lo, tanto quanto apreciava aquele momento, vê-lo ali era estranho e errado. Estremeci com sua visão, fora de lugar e de contexto: com a barba por fazer, pálido e com os olhos correndo nervosamente ao redor.

— Ouvi sobre Bobby — disse ele. — Eu sinto muito.

— Como você pode dizer isso? — disse, olhando ao redor para determinar se os vizinhos estavam vendo. — Depois do que você fez? — Baixei a voz para um sussurro. — Depois do que fizemos? — De repente, senti-me tomada pela emoção. Raiva. Tristeza. Arrependimento. Não fazia sentido culpar Elliot pelo acidente de Bobby, mas eu o culpava.

Elliot apenas olhou para os pés.

— Por que você veio? — sussurrei, lamentando o que havia dito e desejando, por um momento, que eu pudesse tomá-lo em meus braços.

— Eu tinha que vê-la — disse ele. — Já se passou um longo tempo.

— Elliot, você não pode simplesmente aparecer aqui dessa forma. — Ele parecia magro, mais magro do que jamais o vira antes, e cansado. Havia pequenas rugas se estendendo desde os cantos de seus olhos até o alto das bochechas.

— Esther, você realmente acha que isso é fácil para mim?

O pensamento não havia me ocorrido. Sempre senti que ele era o único livre, enquanto eu estava presa. Levantei os olhos quando ouvi a voz de Bobby chamando de dentro.

— Esther, é o carteiro? Você lhe dará as cartas que tenho aqui na cama?

— É apenas um... um vizinho. Logo estarei aí. — Voltei-me para a porta. — Elliot, tenho que ir — falei rapidamente.

Ele parecia desesperado.

— Mas quando a verei novamente?

— Não sei se devemos nos ver de novo — afirmei. Foi a coisa mais difícil que já tive que dizer, mas foi ainda mais difícil ver o efeito das palavras nele. Eram como facas cravadas profundamente em seu coração.

— Não diga isso, Esther — ele falou. — Fuja comigo. Podemos começar uma nova vida juntos. Você pode levar a nenê. Eu a amarei como se fosse minha. Diga que você vem comigo. Você somente tem que vir comigo.

Ouvi Janice na casa ao lado abrindo a porta, e quando olhei para a varanda da frente, pude ver que ela havia colocado a cabeça para fora a fim de assistir à cena se desenrolar entre mim e Elliot.

Eu balancei a cabeça.

— Não! — Enxuguei uma lágrima do meu olho. — Elliot, não posso...

Ele deu um passo para trás e olhou para mim com uma súbita intensidade, como se estivesse tentando memorizar meu rosto pela última vez, antes de virar em direção à rua. Não me importava que Janice estivesse olhando. Observei Elliot até que ele estivesse fora de meu campo de visão. Não podia suportar tirar os olhos dele.



Os dias se passaram, e depois as semanas. Bobby ainda estava acamado, e continuei a cuidar dele. Porém, certa manhã, acordei me sentindo muito mal. Tive calafrios e

náuseas, e corri para o banheiro para vomitar. Passei os dias seguintes na cama, e no terceiro dia, Bobby incentivou-me a ir ao médico.

Depois de um exame e alguns testes, o Dr. Larimere voltou com um sorriso no rosto.

— Senhora Littleton — ele disse —, parece que você tem um caso da gripe que vem ocorrendo pela cidade.

Concordei.

— Bom, isso não é nada sério, então.

— Não, senhora — ele disse. — Mas há algo mais. — Ele pegou uma página datilografada de dentro do meu prontuário médico. — Estes resultados acabaram de chegar do laboratório. Tenho o prazer de lhe dizer que a senhora está esperando um bebê.

— O quê?! — exclamei. Nunca tinha me ocorrido que poderia estar grávida. — Não pode ser... — disse, em estado de choque.

— Pode, sim — ele sorriu.

Balancei a cabeça.

— De quanto tempo eu estou?

— Ainda está no início. — Ele sorriu. — Mas, de qualquer forma, há uma criança. Agora, é melhor que a senhora volte para casa e para seu marido, e dê-lhe a boa notícia. Isso deve animar um homem na condição dele.

Tudo o que pude fazer foi ficar olhando para a frente, muda.

— Senhora Littleton — o médico finalmente disse. — Há algo de errado?

— Eu estou bem — falei, forçando um sorriso e caminhando em direção à porta. Mas eu não estava bem. Nada estaria bem a partir daquele momento por causa de um simples fato: aquele bebê não era de Bobby; não podia ser. Ele era de Elliot.



12 de março

Decidi ligar para Annabelle antes que Bee e eu saíssemos para o funeral de Evelyn. Tanta coisa acontecera ali que havia me esquecido de tudo o que tinha deixado para trás, em Nova York, incluindo Annabelle.

— Annabelle?

— Oi, Emi!

— Estou com saudade de você — falei. — Desculpe por não ter ligado. Há tanta coisa acontecendo aqui.

— Está tudo bem?

— Mais ou menos. Mas, primeiro, como você está?

— Bem — respondeu ela, sem muito alarde, e então soltou uma bomba. — É oficial. Finalmente vou enfrentar minha natureza narcisista romântica e admitir: estou apaixonada por Evan novamente.

— Annabelle, é sério?

— Sim — ela disse. — Nós jantamos e conversamos, e acho que vamos retomar de onde estávamos.

— Estou tão contente por ouvir isso! — exclamei. Annabelle merecia encontrar o amor mais do que qualquer pessoa que eu conhecia, talvez até mais do que eu. — E sobre a coisa toda do jazz?

Ela riu.

— Estou trabalhando isso com ele.

Atualizei-a sobre Greg e Jack, e sobre Evelyn.

Ela pareceu ficar muito triste com a notícia do falecimento de Evelyn, mas Annabelle chorava até mesmo durante os comerciais da Kleenex.

Bee apontou para o relógio. Era hora de ir. Ela iria carregar o caixão e não queria se atrasar, o que significava chegar uma hora mais cedo só pela hipótese de trânsito, mesmo que nunca houvesse trânsito em Bainbridge Island.

— Desculpe, Annie, tenho que ir — falei. — Nós estamos saindo para o funeral agora.

— Não se preocupe — ela disse. — Me ligue quando puder.

O funeral seria realizado na Igreja de Saint Mary, o que me fez lembrar da malfadada confissão de Esther. Saint Mary é mais uma catedral do que uma igreja, com seus detalhes ornamentais, acabamentos banhados a ouro e querubins pintados no teto. Há muito dinheiro na ilha, e aquele templo demonstrava isso.

Bee me disse para ir em frente e conseguir um assento, pois ela se juntaria a mim depois, após ter ajudado a carregar o caixão de Evelyn até a frente da igreja. Ví as lágrimas em seus olhos quando ela olhou ao redor do santuário, mas seu olhar parou na visão de Jack acompanhando um homem mais velho para a igreja.

Acenei, mas Bee desviou o olhar rapidamente e se juntou aos demais carregadores.

Evelyn havia escolhido ser enterrada em um pequeno cemitério em um canto tranquilo da ilha, e quando chegamos, entendi o porquê. O lugar não parecia um cemitério. Era mais semelhante a um parque, ao qual se desejaria voltar, talvez com uma toalha de piquenique e um bom livro, ou um encontro e uma garrafa de vinho. Um trecho do contorno de Seattle, incluindo o Space Needle, completava a vista.

Pelo menos duzentas pessoas compareceram ao funeral, mas apenas um punhado de amigos próximos e familiares vieram ao enterro, rosas e fitas em suas mãos. Henry também estava lá, já que era da família do falecido marido de Evelyn, e alguns de seus sobrinhos e sobrinhas.

O padre disse algumas palavras, e depois o pessoal do cemitério calmamente baixou o caixão. Todos se reuniram em torno para jogar uma rosa ou duas e dizer suas despedidas, e foi quando notei Jack a distância. Ele não estava entre o grupo reunido ao redor do túmulo de Evelyn, e sim perto de uma lápide a poucas centenas de metros de distância com o homem mais velho, ao qual havia acompanhado até a igreja. Seu avô? Eu não podia ver seu rosto para verificar se havia alguma semelhança de família. Ví quando o homem mais velho entregou algo a Jack. Forcei o olhar, tentando distinguir a forma nas mãos de Jack, e pude ver que era uma caixa preta, pequena o suficiente para colocar no bolso de sua jaqueta, o que ele de fato fez. Jack olhou em minha direção, e rapidamente voltei meu olhar ao túmulo de Evelyn, quando percebi que Bee não estava de pé a meu lado, onde estivera momentos antes. Preocupada, andei na ponta dos pés para longe das pessoas e encontrei-a no carro, no banco do passageiro.

— Bee? — chamei, batendo na janela.

Ela abriu a janela. Havia lágrimas recém-escorridas em seu rosto.

— Sinto muito, querida — ela disse. — Eu simplesmente não posso. Eu não posso.

— Eu sei — concordei. — Você não tem que ser corajosa. Evelyn teria desejado que você fosse apenas você.

Procurei no bolso do casaco e tirei o envelope que Evelyn me pediu para dar a Bee.

— Olhe aqui — eu falei. — Isto é de Evelyn para você.

Os olhos molhados de Bee brilharam por um momento, e ela pressionou a carta contra o peito. Eu sabia que ela esperaria até ficar sozinha para abri-la.

— Dê-me as chaves — eu disse. — Dirigirei para casa.

Bee se inclinou para trás em seu assento enquanto eu conduzia o carro até o cruzamento e virava à direita na rua principal que ligava o norte e o sul da ilha. Poucos carros estavam na rua naquele dia, o vazio se combinando com o vazio do dia, mas, em seguida, logo atrás de nós, ouvi uma sirene de polícia, e depois outra. Reduzi a velocidade do carro e parei enquanto as viaturas, uma a uma, junto a uma ambulância, avançaram na entrada para Fay Park.

— O que será que aconteceu? — perguntei, virando-me para Bee. Eu não conseguia me lembrar de ter visto algum dia uma ambulância ou um carro de polícia na ilha.

Bee olhou pela janela em silêncio.

Eu voltei para a estrada, mas um policial fez sinal para que parássemos e abriu a janela.

— Desculpe, minha senhora — ele disse. — Estamos redirecionando o tráfego. A rota de desvio é pela Day Road. Basta dar meia-volta e tomar a próxima a sua direita. Há uma investigação em andamento.

Concordei, e então perguntei.

— O que aconteceu?

— Um suicida — disse ele. — Uma jovem. Provavelmente com não mais que vinte anos. Ela pulou do penhasco no parque.

Engoli em seco.

— Que coisa triste — comentei antes de ligar o carro.

Nós seguimos por alguns quilômetros em silêncio. Gostaria de saber sobre a mulher que dera fim a sua vida momentos antes. *De que ela estava fugindo, e quem deixara para trás?* Quando

finalmente voltei para Hidden Cove Road, Bee se agitou em seu assento.

— Sempre as mulheres jovens — ela disse, o olhar distante preso à janela lateral.

Naquela tarde, caminhamos pela praia, ouvimos música, olhamos fotos antigas de Evelyn. Ficamos tristes. Foi um dia para lembrar, e para mim, para ler. E na manhã seguinte, nós duas estaríamos prontas para enfrentar o mundo de novo, cada uma de nós em seu próprio caminho. Gostaria de saber se eu estaria pronta.

— Você precisa de um descanso — Bobby me disse certo dia. — A forma como você cuidou de mim nessas últimas semanas, você tem sido uma mártir. Por que não chama Frances e Rose e planeja um almoço ou uma viagem de compras a Seattle? Posso pedir ajuda para minha mãe com a nenê.

Foi uma oferta generosa, e eu estava ansiosa para aceitar. Liguei para Rose.

— Oi — eu disse a ela. — O que você vai fazer hoje mais tarde?

— Nada — ela falou. — Quer que eu vá até aí na próxima balsa?

— Eu adoraria — respondi. — Bobby disse que eu poderia ter um dia de folga. Estava pensando que poderíamos almoçar. E há a feira de rua em Main.

— Nós não podemos perder a feira! — entusiasmou-se Rose. — Vou telefonar para Frances e convidá-la a se juntar a nós.

— Eu não sei — eu disse, hesitante. — Já se passou um bom tempo desde que nos falamos.

— Bem — disse ela —, “não há tempo melhor do que o presente”. Vou telefonar para ela. Vocês duas vão deixar tudo isso para trás.

Esperava que ela tivesse razão.



Fiquei feliz por Rose aparecer primeiro no restaurante. Acho que não poderia suportar ficar sozinha com Frances.

Eu não havia contado sobre a gravidez para Rose ainda — ou para qualquer outra pessoa. Mas minha condição logo se tornaria óbvia.

Frances entrou e sentou-se à mesa.

— Oi — falou inexpressivamente para nós duas. — Então ela se virou para mim. — Sinto muito por Bobby.

— Obrigada. — Era tudo que eu poderia dizer.



— Veja — Rose disse, quebrando o silêncio na mesa. Ela apontou pela janela para duas colegiais com a cara pintada, partilhando um saco de papel marrom de amendoins torrados. Seus braços estavam entrelaçados enquanto deslizavam pela calçada do restaurante. — A feira! Vamos nos divertir. Como nos velhos tempos.

A feira itinerante se dirigia à cidade todos os anos, geralmente em abril, quando o frio do inverno já era uma lembrança distante, mas naquele ano chegou mais cedo, pegando todos nós de surpresa. Todos os anos, desde que éramos jovens, nós três havíamos feito nossas próprias tradições, comido algodão-doce, andado na roda-gigante e lido nossa sorte. Dessa vez, pulamos a roda-gigante e o algodão-doce e fomos direto para a tenda da cartomante.

Porém alguma coisa, ou melhor, alguém, nos deteve primeiro.

— Esther — a voz de um homem chamou em meio à multidão atrás de nós. Voltei-me. Era Billy.

— Ah, oi — respondi.

— Oi — ele disse, sorrindo, fitando meus olhos por um tempo um pouco longo demais. — Sua bolsa — ele disse, entregando-a a mim. — Você a deixou no restaurante um tempo atrás. Esperei nos encontrarmos para eu devolvê-la.

Ele parecia magoado, mas eu não tinha certeza exatamente do porquê.

— Obrigada, Billy — agradei, com um tom de desculpas na voz. Fazia anos que havíamos saído juntos, mas cada vez que eu o via, lembrava-me de algo que Frances havia dito sobre me ver quebrando o coração dele uma vez após a outra.

— Você vem, Esther? — Rose chamou. Ela e Frances estavam na frente da tenda da vidente. Assenti e disse adeus a Billy.

Dentro da tenda, que estava envolta em tapeçarias exóticas, uma mulher na casa dos 50 anos, com cabelos escuros e pele morena, aproximou-se de nós. Eu não a reconheci dos anos anteriores.

— Como posso ajudar? — ela perguntou, com um sotaque estrangeiro.

— Nós gostaríamos de ler nossa sorte — falei.

Ela assentiu e, em seguida, levou-nos por uma porta delineada por cortinas de contas.

— Cinquenta centavos cada, por favor — disse ela. Aquilo sempre me pareceu um monte de dinheiro, mas sempre pagamos, ano após ano, na esperança de sair dali com um único grão de verdade.

Nós três nos sentamos sobre as almofadas espalhadas pelo chão. A mulher colocou três cartas diante de nós.

— Quem quer ir primeiro?

Rose levantou a mão.

— Bom — ela disse. — Escolha uma carta, por favor.

Rose escolheu uma carta azul representando um elefante. A mulher fez um gesto para que ela lhe estendesse a mão, a qual estudou atentamente por, pelo menos, um minuto. Então, levantou os olhos e sorriu, e disse simplesmente:

— Sim. — Adicionou a carta que Rose havia escolhido sobre uma pilha a sua direita, e depois distribuiu mais três. — A-há! — exclamou. — Como eu esperava. Uma vida feliz, prosperidade e alegria. Não vejo nuvens em seu futuro, na verdade, sequer uma gota de chuva.

Rose sorriu.

— Obrigada — ela agradeceu.

— Próxima?

Frances aquiesceu.

— Eu vou. Melhor encarar logo e terminar com isso. — Ela sempre se mostrava desconfortável com a ideia de visitar cartomantes, mas ainda assim tinha ido conosco ano após ano.

— Pegue uma carta, por favor, querida — indicou a mulher.

Frances pegou uma carta roxa com um pássaro na frente.

— Esta — disse, com cautela.

— Sim — concordou a mulher, examinando a mão de Frances. Ela passou seu dedo ao longo do comprimento da palma da mão dela.

— O que há aí? — Frances perguntou, impaciente, retraindo a mão. — O que você vê?

— Minha visão não é clara — disse a mulher. — Preciso consultar as cartas para ter certeza. — Ela acrescentou a carta à pilha, como tinha feito com a carta de Rose e, em seguida, colocou mais três diante de Frances.

Depois que ela as virou, a expressão da mulher se anuviou.

— Você vai viver uma vida longa e plena — disse ela. — Mas sua linha do amor... há problemas ali. Eu nunca vi nada assim.

— O que você quer dizer? — Frances questionou.

— Parece que haverá dois grandes amores em sua vida.

As bochechas de Frances ficaram coradas. Rose e eu rimos.

— Mas espere — continuou a cartomante. — Há uma dor profunda, também. E alguém no centro desse sofrimento.

— Pare! — Frances disse. — Isso é o suficiente. Isso é tudo que quero ouvir.

— Você está bem, querida? — Rose perguntou.

— Sim — ela respondeu secamente, esfregando a palma da mão como se quisesse arrancar a sorte que havia acabado de ler.

— Creio que, com isso, resta apenas eu — falei, voltando-me para a mulher.

Antes de me oferecer uma carta, ela olhou em meus olhos e depois franziu a testa.

— Vou pegar esta — falei, apontando para a carta rosa com o dragão.

A mulher parecia preocupada, como se houvesse cometido o pecado capital da adivinhação, mas pegou minha mão.

Minha leitura foi a mais longa de todas. Esperei pacientemente enquanto ela corria sobre as linhas de minha mão de novo e de novo, como se tentasse juntar as peças. Depois de alguns minutos, soltou minha mão, de repente, como se algo a tivesse assustado. Em seguida, consultou as cartas, colocando três diante de nós.

Ela olhou para elas por um longo tempo, e então, finalmente, abriu a boca.

— Sinto muito — ela disse. — Vou lhe dar um reembolso.

— Não! — protestei. — Eu não entendo. Por que você não pode me dizer o que vê?

Ela hesitou e então disse:

— Não posso.

Inclinei-me e agarrei a mão dela.

— Eu preciso saber — disse com tal intensidade que penso ter assustado Rose e Frances. — Eu tenho que saber.

— Tudo bem — ela acabou concordando. — Mas talvez você não goste do que vou dizer.

Não disse nada e apenas esperei, esperei que ela me dissesse aquilo, aquela coisa terrível que era minha sorte.

— Há pouco tempo — disse ela. — Você tem que seguir seu coração. — Ela fez uma pausa para pensar nas palavras certas. — Antes que seja tarde demais.

— O que você quer dizer com “antes que seja tarde demais”?

— Há um problema aqui para você. Problema na sua linha da vida.

Nós todas sabíamos exatamente o que ela queria dizer. Mas Frances foi a única a reagir.

— Já chega — disse ela. — Vamos sair daqui.

— Espere — eu disse. — Eu quero ouvir o resto. — A mulher olhou para Frances, e depois de volta para mim. — Você tem que escrever.

— Escrever o quê?

— Sua história.

Frances levantou as mãos e caminhou para fora da tenda, deixando Rose e eu ali tentando dar sentido àquela mensagem enigmática da mulher.

— Que história?

— A história de sua vida — repetiu ela.

Eu balancei a cabeça.

— Por quê?

Ela fez um hesto de afirmação.

— Deve ser feito. Você deve escrever. Suas palavras, querida, serão de grande importância... no futuro.

Sentei-me na cama e li a última linha novamente.

Poderia isso ser o tipo de dica estranha que Evelyn me dera — que aquelas páginas estavam destinadas a estar em minhas mãos? Mas como algo naquilo tudo poderia ter que ver com a realidade, com o aqui e o agora? Por que uma história de 1940, de alguém sobre quem eu nada sabia, teria qualquer relevância para minha vida? Como seria possível? Nada daquilo fazia sentido, mas em algum lugar em meu coração eu estava começando a sentir que talvez fizesse.



13 de março

No dia seguinte, Bee estava melhor. Ela estava dormindo menos, comendo mais, e rindo um pouco. E quando sugeri que jogássemos Scrabble^[10], ela não apenas disse sim, como completou: “e você acha que pode me vencer?”.

Fiquei contente ao ver o brilho em seus olhos outra vez, mesmo que ela tenha me batido com a palavra *tinware*. Eu disse que era uma palavra inventada, e ela jurou que não era.

Retruquei.

— *Cookware, glassware, silverware* são palavras reais. Mas *tinware*?^[11]

Ela tirou um dicionário, e, confiante, expandiu meu vocabulário.

— Quer jogar outra rodada? — perguntei.

— Não — ela disse. — Acabei de vencer você de novo.

— Estou contente de ver você sorrir.

Ela concordou com a cabeça.

— Evelyn não queria que eu continuasse como estava. Eu posso ouvi-la agora mesmo: “Pelo amor de Deus! Levante-se da cama, coloque um vestido e pare de sentir pena de si mesma”.

— É — concordei. — Isso parece com ela.

Ela tirou os óculos de leitura e enfiou a mão na gaveta da mesa de centro.

— Antes que eu me esqueça — disse —, tenho algo para você... de Evelyn.

— O que você quer dizer? — indaguei. — Ela lhe deu algo para me dar?

Bee balançou a cabeça.

— Eu estava na casa dela esta manhã — Bee contou. — Sua família está limpando os pertences dela. Eles acharam isso.

Ela me deu um envelope pardo com meu nome. Ele fora fechado com um pedaço de fita adesiva.

Olhei para Bee, intrigada.

— O que é isso?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei, querida. Por que você não abre? — Então, caminhou pelo corredor até seu quarto e fechou a porta.

Dentro havia uma foto familiar. A cena em preto e branco era quase idêntica a que estava pendurada no corredor de minha casa de infância — Bee em uma toalha de praia, cercada por amigos. No entanto, a foto havia sido claramente tirada depois da que eu viria a conhecer tão bem. Aquela imagem fora capturada segundos depois, porque a mulher ao lado de Bee, aquela que havia sussurrado em seu ouvido momentos antes, estava voltada para a câmera agora. Era possível ver seu rosto, seu sorriso, aqueles belos olhos penetrantes. Eu soube em um instante que era a mesma mulher dos retratos de Henry e de Evelyn. Presa por clipe de papel havia uma nota, que desdobrei cuidadosamente:

Cara Emily, pensei que você gostaria de ter uma foto de Esther. Com muito amor,

Evelyn.

Respirei fundo e pisquei duramente, caminhando de volta para meu quarto. *Eu sabia que era ela.* Baixei o envelope, mas percebi que ainda havia algo em seu interior. Enfiei a mão e puxei uma delicada corrente de ouro pontuada por uma simples estrela-do-mar, também de ouro. O colar de Esther. Meu coração doeu quando o segurei em minhas mãos.

...

Nós não falamos sobre a visita à cartomante depois daquele dia — nem eu, nem Rose, e certamente, nem Frances. Mas segui seu conselho e escrevi minha história, cada palavra sobre ela.

Por um tempo, as coisas começaram a parecer normais outra vez. A saúde de Bobby melhorou, minha culpa diminuiu, e se eu não era capaz de me obrigar a deixar de amar a Elliot, podia me obrigar a deixar de pensar nele, e foi isso que fiz. E talvez Frances o tenha feito também. Ela me ofereceu um quarto em sua casa, se eu quisesse deixar Bobby e começar de novo. Mas eu disse a ela que iria lidar com aquilo. Pensei que eu

havia descoberto o caminho — mas então houve a noite em que tudo mudou.

Bobby não havia me dito que o padre O'Reilly estava por vir nos visitar. E quando atendi à porta, senti minhas mãos umedecerem. Na última vez em que nós conversamos, eu lhe contara sobre minha infidelidade, e ele tinha me dito para contar a Bobby, o que eu não havia feito.

— Olá, Senhora Littleton — ele saudou em tom cortante. — Estou aqui para ver seu marido.

Queria lhe dizer para ir para casa, de volta para a paróquia, mas deixei-o entrar em vez disso, com medo do que ele pudesse dizer quando estivesse lá dentro.

— Padre O'Reilly — disse Bobby do sofá. — Estou tão feliz que pôde vir. — Bobby explicou-me que o padre havia prometido rezar por ele, oferecendo uma bênção em favor de sua recuperação.

— Sim, é muito bom que tenha vindo — falei, forçando um sorriso.

— Esther — disse o sacerdote —, se você não se importa, gostaria de algum tempo a sós com Bobby.

Assenti e caminhei com relutância pelo corredor até o quarto.

Depois de alguns minutos, ouvi a porta da frente se fechar e o motor de um carro. Respirei fundo e arrisquei voltar para a sala de estar, pronta para enfrentar meu marido e minha infidelidade.

— Bobby?

Ele tirou os olhos do sofá e sorriu para mim.

— Olá, amor — ele disse, acenando-me para me sentar a seu lado. — O padre O'Reilly acabou de sair. Que homem amável, vir aqui e orar por mim.

— Sim — concordei, aliviada.

Em seguida, bateram à porta.

— Eu atendo. — Olhei para o relógio. — Quem poderá ser a essa hora? Já passa das oito — disse a Bobby enquanto destravava a porta e a abria lentamente para encontrar Janice, nosso vizinha, de pé na varanda. Seus olhos estavam vermelhos. Ela estava chorando.

Ela balançou a cabeça.

— Ele não disse nada, não é? — Sua voz soava desesperada, imprevisível.

Meu coração começou a bater mais rápido. Lembrei-me de ter visto Janice na igreja. Será que ela tinha conseguido ouvir minha confissão? Não. Impossível.

— Não sei do que você está falando, Janice.

— Claro que sabe — ela disse. Seus olhos estavam selvagens agora, e sua voz, mais alta. — Não fique aí parada com essa cara bonita se fazendo de boba. Você foi infiel a seu marido. Eu sei porque a vi naquela noite na praia na casa de Elliot Hartley. Ele tinha as mãos sobre você. Isso não foi cristão.

Voltei-me para olhar para Bobby, que ouvia toda a conversa do sofá, a poucos metros de distância. Ele estava em pé agora.

— Esther, o que Janice está dizendo? Diga-me que não é verdade.

Olhei para meus pés.

— Bobby — eu balbuciei. — Eu...

— Como você pôde? — ele perguntou, visivelmente abalado.

Eu corri para Bobby.

— Eu quis dizer a você, mas você estava doente, e eu... Bobby, eu nunca quis magoá-lo. Não queria machucá-lo.

— Depois do quanto te amei, depois que lhe dei tudo o que você poderia querer, você foi se entregar como uma prostituta barata? — As palavras feriam, mas seu tom de voz, irritado e desesperado, doía mais.

Aproximei-me do sofá e estendi minha mão até ele, mas ele a desviou.

— Tudo o que sempre quis foi que você me amasse da maneira que eu a amei. Como você pôde me trair assim, Esther? Como você pôde?

Bobby se sentou e enterrou a cabeça no meu colo. Comecei a acariciar seu pescoço, mas ele endureceu ao meu toque.

— Não — disse ele, de repente, parecendo irritado de novo. — Não quero sua pena. Não vou recebê-la. Se você quer ficar com aquele filho da puta, vá, dê o fora daqui. Não quero ser casado com uma prostituta! Uma prostituta mentirosa.

Minhas mãos tremiam, e percebi que Janice ainda estava lá, assistindo à cena se desenrolar, em toda sua feiura, da porta.

Bobby se levantou e começou a andar de um lado para o outro. Pela primeira vez, tive medo dele, medo do que ele poderia fazer. Ele agarrou meu cotovelo e me puxou de volta para nosso quarto. Cerrei os punhos firmemente quando ele me empurrou para a cama. Vi quando ele jogou uma mala no chão, antes de abrir meu armário e empilhar alguns dos meus vestidos dentro dela.

— Você vai precisar deles — falou — para parecer mais especial para ele.

Então ele foi para a cômoda e tirou minhas camisolas.

— E estas — ele prosseguiu — para as noites românticas. — Fechou a mala e caminhou até mim, jogando-a no chão, onde ela quase caiu sobre meus pés. — Aqui — disse ele. — Vá!

— Mas, Bobby — eu disse, começando a chorar —, eu nunca disse que estava partindo. Eu nunca disse que queria deixá-lo.

— Você o fez quando dormiu com Elliot Hartley — afirmou ele.

— Mas a nenê! — gritei. — Nossa nenê? Eu não vou deixá-la.

— Vou criá-la eu mesmo — ele disse — e quando ela crescer o suficiente para entender, contarei que sua mãe era uma prostituta, uma prostituta que deixou o marido e a filha por outro homem.

Lá estava aquela palavra novamente — aquela palavra horrível.

— Não, Bobby! — gritei, mas ele agarrou meu braço e me arrastou, e à mala, até a porta da frente. Alcancei minha bolsa, com meu diário seguro em seu interior, antes que Bobby me obrigasse a sair para a varanda.

— Adeus, Esther — ele disse. E então bateu a porta e a trancou.

Eu podia ver Janice assistindo de dentro da minha casa enquanto eu saía para a calçada, mas embora estivesse tremendo, não lhe daria a satisfação de chorar diante dela. Guardaria isso para depois. Tudo o que conseguia pensar era em meu próximo passo: para onde eu deveria ir? O que deveria fazer? Olhei para a estrada vazia. Deveria voltar para a porta e pedir para Bobby me aceitar de volta? Suplicar-lhe uma segunda chance? Quando vi seu rosto enterrado no ombro de Janice, eu sabia que a resposta era

não. Então, abri a porta do Buick, joguei minha mala no banco de trás e liguei o motor. Meu coração doía enquanto arrancava da garagem; doía por minha filha, por Bobby, por toda uma vida que eu havia afundado. A única coisa que eu podia fazer era dirigir. E enquanto eu acelerava o motor e avançava pela estrada, olhei pelo espelho retrovisor uma última vez, sabendo que seria meu último olhar para aquela casinha azul, onde uma criancinha estava dormindo e o marido que me amara uma vez estava ressentido pela dor. Senti-me envergonhada e perdida.

Havia apenas um lugar para onde ir. Só esperava que Elliot estivesse esperando quando eu chegasse.

Acelerei ao longo da estrada, ignorando semáforos e placas, passando por Fay Park, pela adega, e descendo a estrada que levava à casa de Elliot. Estacionei e caminhei pela calçada, e quando cheguei a sua porta, bati. Embora eu o tivesse recusado antes, certamente ele ainda me amava, disse a mim mesma. Certamente ele me receberia de braços abertos quando eu lhe dissesse que estava carregando seu filho.

Mas não houve resposta. Esperei ali por um tempo, apenas no caso de ele estar ao telefone, ou dormindo. Mas não havia nenhum Elliot, apenas o som do vento soprando e abrindo a porta de tela e depois batendo-a novamente com tanta força que me assustou.

Pensei em dormir no carro, ali em sua garagem, esperando que ele voltasse para casa, mas estava frio, e eu não tinha um cobertor. Lembrei-me da oferta de Frances para ficar com ela, e então liguei o motor do carro novamente.

Ela morava logo descendo a praia. Eu poderia ter caminhado, mas não com uma mala. E o vento estava muito frio. Dirigi junto à longa calçada e fiquei aliviada ao ver que as luzes estavam acesas, e quando saí do carro, fui capaz de ouvir música tocando no interior da casa.

Deixei a mala no carro e fui até a porta da frente. Olhei pela janela, e pude ver Frances falando com alguém na sala de estar. Ela parecia agitada, animada, mais do que normalmente. E então pude ver por quê: Elliot estava com ela.

Frances estava se divertindo com a vitrola quando Elliot caminhou em sua direção e estendeu-lhe a mão. Eu fiquei no frio, olhando pela janela, enquanto os dois dançavam e riam, e tomavam um gole de seus martinis. Esfreguei os olhos, na esperança de que aquilo que estava vendo fosse apenas um engano. É claro que, no fundo, eu suspeitava de alguma coisa, mas ver ali, bem diante dos meus olhos, me fez piscar com força.

Aquilo não poderia estar acontecendo.

Parte de mim queria abrir a porta, adentrar tempestivamente na casa, e fazê-los sentir a vergonha e o desespero que eu sentia. Corri meus dedos ao longo da maçaneta de cobre e abri a porta devagar, antes de fechá-la de novo, um pouco mais audivelmente do que pretendia. Não. Aquilo era demais para mim. Era hora de ir — para bem longe dali. Corri de volta para o carro, arrancando tão rapidamente que os pneus derraparam e gritaram. Dei uma última olhada para trás e pude ver Frances e Elliot do lado de fora, na frente da casa, acenando para que eu parasse, para que eu voltasse. Mas já era tarde demais. Tudo era tarde demais.



Dirigi para Fay Park, onde estacionei o carro e chorei como nunca havia feito antes. Em uma noite, havia perdido meu marido, minha filha, um amante e uma amiga. E tudo que eu tinha para fazer diante disso era uma mala estufada com roupas incompatíveis e um bebê crescendo dentro de mim.

Pensei em meu diário, o livro em que estava trabalhando como sugestão de uma cartomante. Mas para quem? E para quê? E depois de ler as páginas, o que aprendi? Que fracassara no amor e na vida? Senti uma urgência em destruí-lo. Mas me contive. Talvez ele tivesse algum valor, como a cartomante havia me explicado.

Eu sabia que tinha decisões sérias a tomar naquela noite. Uma envolvia Bobby e a nenê. Não haveria um último adeus a Bobby — ele havia deixado isso muito claro —, mas eu ansiava por segurar minha doce filha mais uma vez, para dizer a ela que a amava e lhe prometer que não havia outra maneira.

E é aqui que minha história termina. Amei e perdi. Mas, ao menos, eu amava. E nessa noite escura e solitária, quando tudo desabara, esse pequeno fato me deu conforto.

O que me aguarda adiante? Em meu coração, sei o que precisa ser feito.

Virei a página, mas estava em branco, assim como a próxima página.

O quê? Por que acabou tão de repente? Não era assim que deveria terminar. Na verdade, não era um final. Era um não final. Abri a gaveta da mesa de cabeceira, esperando que uma página solta pudesse ter se separado da lombada, mas não havia nada além de uma camada de poeira.

Experimentei uma sensação de perda quando fechei o diário, acariciando sua capa de veludo gasta mais uma vez antes de guardá-lo cuidadosamente na gaveta em que o encontrei no

princípio. A vida já parecia solitária sem Esther.

14 de março

— Sinto sua falta — disse Jack ao telefone na manhã seguinte.

— Eu também — respondi, envolvendo o fio retorcido do telefone entre meus dedos, desejando que fosse sua mão entrelaçada na minha. — Tenho ficado muito amarrada aqui com Bee e os desdobramentos da morte de Evelyn.

— Está tudo bem — ele disse. — Estava pensando se você gostaria de fazer um piquenique hoje comigo. Há um lugar que eu quero mostrar a você.

Um piquenique. Isso seria agradável. Em toda minha vida, nenhum homem jamais me convidara para um piquenique. Olhei para fora, para as nuvens cinzentas rolando, e para o mar irregular, que, na verdade, parecia estar muito irritado, pois se agitava e rebentava contra o anteparo. Certamente não era tempo para piquenique, mas não me importei.

— O que posso levar? — perguntei.

— Basta você.

Depois do café da manhã, voltei para a varanda com meu laptop, mais próxima do começo de algo — uma história, uma faísca — do que estivera nos últimos anos. Olhei para a tela por um longo tempo, e deixei minha mente voltar-se para Esther, que era para onde eu gostaria de ir. *Será que ela dirigiu para longe sob o pôr do sol e começou uma nova vida em Seattle, sem nunca mais retornar a Bainbridge Island? Será que ligou o carro e voltou para enfrentar Frances e Elliot, e os perdoou — ela o perdoou? E o que dizer de Frances?* Por mais que eu quisesse acreditar que essa história tivera um final feliz, algo em mim temia que não. Havia trevas à espreita naquela última noite. Eu podia sentir isso ao longo das páginas.

Não digitei uma única palavra naquela manhã, e estava tudo bem em minha opinião. Havia uma história fermentando em meu coração, a qual eu sabia que iria levar um tempo para se desenvolver. Eu esperaria por ela. Seria paciente.

Antes do meio-dia, vesti-me para meu piquenique com Jack. Ele não tinha dito se deveríamos nos encontrar na praia ou se viria me pegar, mas então ouvi a campainha tocar, seguida por Bee batendo em minha porta.

— Jack está aqui — avisou ela, sem fazer contato visual.

— Obrigada, Bee — disse. — Já vou.

Coloquei um suéter e peguei meu casaco, só por precaução, e depois dirigi-me para a sala de

estar, onde ele estava me esperando. Ele não parecia nem um pouco nervoso por estar ali com Bee, e fiquei feliz por isso.

— Oi — eu disse, pegando minha bolsa da mesa.

Ele pegou minha mão.

— Pronta?

— Sim — respondi.

— Ah — ele disse, tirando algo que trazia debaixo do braço. Era um pacote, embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante, como nos filmes antigos em preto e branco. Ninguém mais usava barbantes. — Quase me esqueci — disse ele, olhando para Bee. — Meu avô queria que você recebesse isso.

Bee pareceu assustada, até mesmo constrangida, quando Jack lhe entregou o pacote. Ela segurou o pacote como se houvesse uma chance bastante razoável de que contivesse explosivos.

Eu queria desesperadamente saber o que havia lá dentro, mas Bee deliberadamente colocou-o sobre a mesa e disse:

— Bem, não quero atrasar vocês dois.

No carro, perguntei a Jack sobre o pacote.

— Você tem alguma ideia do que seu avô deu a Bee?

— Não — ele respondeu. — Ele queria entregar a ela, naquele dia, no funeral, mas não encontrou uma oportunidade de falar com ela.

— Foi um dia difícil para ela — falei, lembrando-me de como ela se retirou para seu carro no cemitério. — Sinto muito que tenha perdido a chance de conhecer seu avô.

— Ele também gostaria de conhecê-la — disse Jack, sorrindo. — Só falou nisso a caminho de casa. E achou você muito bonita. Eu adoraria levá-la para vê-lo.

— Seria ótimo! — exclamei. — Mas quando?

— Tenho uma reunião com um cliente amanhã, mas que tal depois de amanhã? Vou visitá-lo à tarde. Você pode ir comigo.

— Sim — eu respondi, sorrindo. — Vou adorar esse encontro.

Jack dirigiu para o lado oeste da ilha, onde eu nunca havia ido antes, mesmo em todas as minhas visitas de verão. Ele tomou a direção do que parecia ser um estacionamento, mas havia amoreiras espinhosas em todos os lados, e cascalho apenas o suficiente para estacionar dois ou

três carros. Ele pegou uma cesta de piquenique do porta-malas. Era uma daquelas antigas de vime, riscada de vermelho e branco com guarnição vermelha-escura. Perfeita.

— Quer adivinhar onde estou levando você? — ele indagou, sorrindo maliciosamente.

— Honestamente, não tenho ideia. — Ramos se enroscavam em minha roupa enquanto eu abria caminho em meio ao mato elevado.

— Eu deveria ter trazido meu facão — Jack brincou. — Acho que ninguém vem mais aqui.

— Aqui onde?

— Você vai ver.

A escuridão desceu enquanto nós andávamos sob um dossel espesso de árvores. Mas então, logo à frente, pude ver uma mancha de luz.

— Quase lá — disse Jack, virando-se para mim e sorrindo, como se buscasse me tranquilizar que nossa caminhada na selva iria acabar em breve. Mas não me importava, na verdade. Era uma bela cena, digna de uma pintura de árvores enormes, antigas e intocadas, profundamente enraizadas em um suave tapete verde-musgo.

Ele afastou alguns arbustos e fez sinal para que eu passasse a sua frente.

— Você primeiro.

Espremi-me pela pequena abertura que Jack havia criado para mim e saí diante de uma entrada cercada por uma encosta rochosa. A água era cor de esmeralda, e me perguntei como aquilo era possível, uma vez que o estuário era tão decididamente cinza. Uma pequena coluna de água — uma cachoeira, mas não uma cachoeira robusta, apenas um fio d'água — serpenteava por um lado do penhasco, desaguando na piscina abaixo. Pássaros cantavam por toda parte.

Havia uma pequena mancha de areia sem pedras cobertas de cracas, como a praia em frente à casa de Bee, e foi ali que Jack estendeu o cobertor.

— O que você acha? — perguntou com orgulho.

— É inacreditável — falei, balançando a cabeça. — Como pode haver água dessa cor no mundo?

— São os minerais da rocha — ele explicou.

— Como você achou este lugar?

— Esta é a lagoa para onde meu avô costumava levar as garotas — ele riu. — Ele me trouxe até aqui quando eu tinha dezesseis anos, um rito de passagem da família. Ele me pediu para jurar nunca contar a ninguém sobre isso, a não ser que a pessoa fosse do sexo feminino.

— Por que todo esse segredo? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Ele e um amigo descobriram esse lugar quando eram garotos, e nunca contaram a ninguém sobre isso. Acredito que queriam mantê-lo para si mesmos.

Balancei a cabeça e olhei novamente para a água impressionante.

— Posso perceber por quê.

Jack perscrutou a cesta de piquenique e sentei-me ao lado dele.

— Eu adoro as histórias de sua família — falei. — Gostaria que a minha não fosse tão cheia de segredos.

— Ah, a minha tem segredos também — Jack disse rapidamente. — Existe algo que estou tentando descobrir, na verdade.

— O quê? — perguntei, perplexa.

— Bem, encontrei alguns recortes de jornais velhos em uma caixa no sótão, pouco antes de minha avó morrer — ele disse.

— Que recortes de jornais? — Lembrei-me do arquivo que vira com o cão de Jack no início do mês.

— Ei, olhe — Jack disse, apontando para o céu, obviamente mudando de assunto. Não protestei. Fosse o que fosse sobre a história de sua família, eu tinha a sensação de que ele me contaria a seu tempo.

Nuvens escuras se mantinham ao nosso redor, mas exatamente acima de nossa cabeça havia um raio de sol descendo, como se houvesse surgido apenas porque fomos fazer um piquenique.

— Com fome? — ele quis saber, voltando-se para a cesta.

Eu examinei a toalha.

— Sim!

Ele colocou dois pratos, garfos, facas e guardanapos, e depois tirou vários recipientes de plástico.

— Ok, temos salada de batata e frango frito, salada de repolho e salada de frutas com hortelã, que cresce como erva daninha em meu jardim. Ah, e pão de milho!

Era uma festa, e comi descaradamente, enchendo meu prato e depois enchendo-o novamente, até que o baixei sobre o cobertor e suspirei.

Jack serviu vinho rosé para nós dois, e coleí minhas costas em seu abdome, para que pudesse me inclinar totalmente para trás sobre ele, como se ele fosse minha poltrona pessoal.

— Jack? — falei, depois de algum tempo.

Ele puxou um pouco meu cabelo para trás e beijou meu pescoço.

— Sim?

Voltei-me de frente para ele.

— No outro dia... Eu estava na cidade, e vi você com uma mulher.

Seu sorriso desapareceu.

Eu limpei minha garganta.

— No bistrô. A noite em que você disse que ia me ligar.

Jack não disse nada, e olhei para minhas mãos.

— Sinto muito, isso saiu completamente errado. Estou parecendo uma esposa ciumenta.

Ele pegou minhas mãos.

— Ouça — ele disse —, você não parece ciumenta de forma nenhuma. E deixe-me tranquilizá-la, não há mais ninguém.

Concordei, mas meu rosto lhe dizia que a explicação não fora exatamente satisfatória.

— Ela é uma cliente — ele acabou falando. — Encomendou uma pintura para a mãe dela. E isso é tudo.

Lembrei-me da mulher que deixara uma mensagem em sua secretária eletrônica, e como ele tinha agido depois. Jack tinha segredos, de fato. Mas decidi confiar nele. Quando ele abriu a boca novamente, estendi minha mão até seus lábios, e então o empurrei até o chão, inclinei-me sobre seu peito e o beijei como desejava beijá-lo havia um longo tempo.

Suas mãos alcançaram e desabotoaram minha camisa, e quando ele a deslizou pelos meus braços, senti suas mãos quentes em meu tronco, mexendo com o zíper da minha calça jeans até conseguir abri-lo.

— Vamos nadar — sussurrou em meu ouvido.

— Agora? — perguntei, sentindo frio só de pensar naquilo.

— Vamos lá! — ele insistiu. — Vou mantê-la aquecida.

Sorri e observei-o despir a cueca. Eu tirei meu jeans. Ele segurou minha mão e me levou até a

beira da água, onde coloquei um dedo cautelosamente.

— Brrr... — murmurei. — Está muito frio. Você não pode estar falando sério.

Mas Jack apenas passou os braços ao meu redor, o peito colado às minhas costas, e entramos juntos lentamente. A cada passo, tornava-se menos frio e mais convidativo, e quando a água atingiu meu peito, e a cintura de Jack, ele me virou e me apertou contra o corpo, para que eu pudesse sentir cada parte dele, e ele pudesse sentir cada parte minha.

— E agora, ainda está com frio? — ele perguntou suavemente.

— Estou me sentindo perfeita.

Estava escuro quando Jack me levou para casa, e meu cabelo ainda se mantinha úmido e salgado quando entrei pela porta. Bee levantou os olhos de seu livro.

— Ele a levou para a lagoa, não foi? — Seu tom não era raivoso ou chateado, apenas afirmativo, da maneira como alguém poderia dizer “estava frio hoje, não estava?”.

— Sim — disse. — Como você sabe?

Bee apenas sorriu e baixou o livro.

— Você parece precisar de um banho quente. Venha, vou preparar para você.



15 de março

Eu ainda estava à mesa do café da manhã lendo o jornal e dando mordidas no waffle, que eu havia lambuzado demais no xarope de bordo, quando Bee entrou vindo do jardim, com as bochechas rosadas pelo ar frio, e um buquê de sálvias recém-cortadas nas mãos.

— Bom dia — disse ela.

Nessa manhã eu havia decidido que era hora de limpar o ambiente — de contar a Bee sobre o livro. De perguntar a ela o que ela sabia sobre Esther.

— Bee — disse fracamente —, há algo que preciso falar com você.

Ela colocou as sálvias na pia e abriu a água.

— Sim, querida?

— Preciso lhe perguntar sobre alguém.. uma mulher. — Parei para organizar meus pensamentos. — Uma mulher que viveu na ilha, em 1943. O nome dela era Esther.

Observei Bee à pia. Ela não levantou os olhos enquanto ensaboava ritmicamente as mãos com o sabonete de lavanda que mantinha perto da torneira. Longos segundos se passaram enquanto ela passava o sabão uma e outra vez, como se estivesse em transe.

— Bee — falei de novo. — Você a conheceu?

Ela soltou o sabão, e lentamente passou os dedos sob a água morna, enxaguando-os pelo que pareceu uma eternidade, até que fechou a torneira e os levou em direção à luz.

— Eu nunca consigo encontrar um par de luvas que não deixe sujeira em minhas unhas — ela disse.

— Bee — chamei enquanto ela saía da cozinha. — Você ouviu o que lhe perguntei?

Ela olhou para mim antes de virar-se para o corredor.

— Lembre-me de comprar um novo par de luvas da próxima vez que estivermos na cidade,

querida.

Mais tarde naquela manhã, ouvi uma batida na porta. Olhei pela janela e pude ver que era Greg.

— Oi — ele disse de um jeito infantil. — Desculpe chegar sem avisar, mas estava passando, e... — Ele fez uma pausa, puxando algo de um saco de papel marrom em suas mãos. Billy. De repente, pensei no amor de infância de Esther, e ocorreu-me então que a maneira como eu me sentia em relação a Greg espelhava os sentimentos de Esther em relação a Billy nas páginas do diário.

— Gostaria de lhe dar isso — continuou ele, entregando-me uma pasta de arquivo sem etiqueta de papel manilha.

— O que é isso? — perguntei, confusa.

— Você parecia interessada no antigo proprietário da minha casa, e ontem à noite, quando estava limpando alguns arquivos, encontrei essa papelada velha. Fiz uma cópia de tudo para você.

— Greg, isso foi incrivelmente gentil — eu disse, sorrindo. — Obrigada.

— Não se preocupe — ele respondeu, virando-se para a porta e, em seguida, olhando para trás, antes de sair. — Espero que você encontre o que está procurando aí.

— Eu também — concordei.

Abri a pasta de arquivo e comecei a folhear os documentos. Dentro havia registros de vendas da casa de Greg. Examinei as páginas em busca de fatos pertinentes: ela havia sido construída em 1901, e depois vendida em 1941 para uma mulher chamada Elsa Hartley. *Hartley*, pensei, *é o sobrenome de Elliot. Poderia ter sido sua esposa? Será que o caso de amor entre Elliott e Esther nunca aconteceu?*

Virei para a próxima página e vi que a casa não fora vendida novamente a não ser em 1998, para Greg. E o nome do vendedor era William Miller. Fiquei desanimada. Então, o que acontecera com Elsa Hartley? O que acontecera com Elliot?

Corri até a porta e pude ver o carro de Greg saindo da longa entrada de carros.

— Espere! — gritei, acenando para ele.

Ele baixou a janela e corri até o carro.

— Será que você poderia me dar uma carona até a cidade?

— Claro.

— Obrigada — agradei, entrando no carro. — Eu tenho uma pesquisa a fazer.

Greg me deixou na prefeitura, perto da rua principal. Na recepção, uma mulher mais velha, talvez com seus 70 anos, talvez até mais, olhou por cima de seus óculos de aros escuros.

— Sim — disse, quase mecanicamente.

— Oi — cumprimentei. — Estou tentando encontrar qualquer registro que possa haver sobre alguém que morava na ilha.

Ela olhou para mim com curiosidade, como se eu pudesse ser um pouco louca, e não soubesse que as informações sobre os ilhéus não eram entregues para pessoas loucas.

— O que você está procurando, exatamente? — perguntou, desconfiada.

Eu mesma não tinha certeza.

— Bem — disse —, a coisa é, estou aqui para saber se certa pessoa que morava na ilha ainda está viva. — Quando ouvi as palavras em voz alta, irromperam arrepios em meus braços.

— Preencha este formulário — disse ela, suspirando — e lhe enviaremos em seis a oito semanas quaisquer que sejam os documentos que possamos encontrar.

Quase podia sentir meu coração afundar e se afundar no chão.

— Seis a oito semanas? Não posso esperar tanto tempo. Deve haver outra maneira.

A mulher deu de ombros. Parecia uma parede de tijolos.

— É nossa política — disse ela.

Suspirei, e decidi que esperar era melhor do que nunca saber, então preenchi o formulário, escrevendo os nomes “Elliot Hartley” e “Esther Littleton” nele, e deixei meu endereço de Nova York para qualquer documento a ser enviado.

— Obrigada — agradei, virando-me para a porta. A mulher só balançou a cabeça.

Andei alguns passos, e ouvi um arquejo atrás de mim.

— Espere! — a mulher quase gritou. — Senhorita — ela chamou de novo, mais alto. — Espere!

Virei-me e pude vê-la agitando os braços para mim por trás da mesa.

— Creio que posso ajudá-la — ela disse.

Meus olhos se arregalaram enquanto apoiava minha sacola no balcão.

— Sinto muito — disse ela, parecendo arrependida agora. — Acabei de ler seu formulário

aqui, e bem, veja, eu conheci um Elliot Hartley.

Inclinei-me para mais perto.

— Você conheceu?

— Sim — ela disse nostálgicamente. — Ah, ele era tudo! Todas as meninas da ilha também pensavam assim. Todas esperávamos que Elliot Hartley nos notasse.

— E ele a notou? — indaguei. — Você saiu com ele?

Ela balançou a cabeça.

— Gostaria de ter saído, mas só havia uma mulher no coração de Elliot. Todo mundo sabia disso. Mas eles tiveram problemas, então...

— Que tipo de problemas?

— Não sei exatamente, mas eles brigavam muito. Estavam sempre rompendo e voltando. Mas uma vez, foi definitivo. Elliot ficou inconsolável. Começou a beber. Começou a andar por aí com um monte de mulheres... até dancei com ele uma vez. Ah, que noite. Mas, em seguida, ele foi para a guerra.

— Ele voltou algum dia?

A mulher ficou em silêncio, como se imersa em pensamentos. Rezei para que ela dissesse sim, que ele voltara, como a história indicava, que se reunira com Esther — ao final de tudo, pelo menos — e que a metade final da história fosse realmente verdadeira.

— Sim, ele voltou, mas não era o mesmo, principalmente porque a mulher que ele amava estava casada com outra pessoa.

— E essa mulher — eu disse —, a que ele amava, seu nome era Esther, certo?

A mulher balançou a cabeça.

— Sinto muito, querida — ela falou. — Eu simplesmente não consigo me lembrar. Poderia ter sido Esther, mas já se passou muito tempo. Minha memória não é mais como costumava ser.

Assenti.

— Você se lembra de algo sobre ela, essa mulher que Elliot amava? Qualquer coisa?

A mulher se recostou na cadeira e olhou para o teto, como se estivesse tentando arduamente se recordar de um momento, de um pensamento, de uma conversa de há muito tempo.

— Ela era bonita — disse ela —, eu me lembro disso. Ela era a inveja de todas as mulheres da ilha.

— Você sabe o que aconteceu com ela?

A mulher abanou a cabeça.

— Receio que não. Mudei-me com meus pais para o Centro-Oeste, pouco depois do colégio. Só voltei a morar aqui nos últimos quinze anos. Muita coisa mudou. Você sabia que eles abriram um McDonalds na ilha?

Nervosamente, puxei as borlas da minha sacola, ansiosa por trazer o assunto de volta a Esther e a Elliot.

— Terrível — concordei, lembrando-me de ver os arcos dourados quando Bee me levara para casa naquela primeira noite. Fora uma surpresa. Limpei minha garganta. — Só estou querendo saber se você tem alguma ideia sobre com quem eu poderia conversar. Alguém mais que ainda vive saberia sobre essas pessoas?

— Bem, você pode verificar os registros do jornal na biblioteca pública — ela disse. — Deve haver algo arquivado sobre Elliot.

— Obrigada — eu disse, um pouco decepcionada. Procurar em meio a registros do município não soava exatamente como a maneira mais rápida de ir do ponto A ao ponto B. — Ah — falei, lembrando-me dos registros da casa de Greg. — Por acaso você conhece alguém com o nome de Elsa Hartley?

— Sim — ela disse. — Ela era irmã de Elliot.

Isso faz sentido, pensei. Ele foi para a casa de sua irmã, para o jardim dela, para conseguir a tulipa de Esther. Tentaria encontrar seu novo endereço, decidi, e a visitaria.

— Era a irmã de Elliot?

A mulher assentiu.

— Ela faleceu há muitos anos, assim como o marido, William. Meu neto costumava cortar a grama deles.

— Ok — suspirei. *Outra parede de tijolos.* — Obrigada novamente.

— Claro — ela disse nostalgicamente. — Já se passou um bom tempo desde que ouvi algo a respeito de Elliot Hartley — continuou ela, balançando a cabeça e sorrindo, da maneira que se faz quando se recorda de um bom vinho. — Mas vou fazer algumas pesquisas, e se encontrar alguma coisa, devo ligar para você em algum número?

Ela escreveu o número do meu celular em um pedaço de papel.

— A propósito — continuou —, como você soube sobre Elliot?

— É uma longa história — respondi, antes de me dirigir para a porta.

Bainbridge Island tem uma biblioteca — uma biblioteca grande e bonita, construída pela Carnegie Foundation no início do século 20. Quando abri a porta, três crianças correram para fora, quase me arrancando a bolsa do braço.

— Finny, o que foi que lhe disse sobre esperar a mamãe? — Uma mulher bastante exausta, da minha idade, gritou para seu filho obstinado de 4 anos.

Sorri, mas estava realmente pensando, *por favor, alguém atire em mim se eu algum dia chamar uma criança de Finny*. Então entrei e me dirigi para onde havia uma bibliotecária.

— Oi. Estou procurando o lugar onde vocês mantêm os jornais em microfilme.

— Você está com sorte — ela disse. — Nós acabamos de recatalogar os jornais de Seattle e o *Sumário* de Bainbridge Island este mês. Eles estão todos on-line agora. Qual ano você está procurando?

— Não sei exatamente — respondi. — Mas pensei em começar por 1943.

Ela pareceu impressionada.

— Uau, o que lhe interessa sobre a ilha nos anos quarenta?

— Bom — eu disse —, só juntar algumas peças de um mistério no qual parece que tropecei. Seus olhos se arregalaram.

— Você é escritora, não é?

— Bem, sim — confirmei — mas... — Eu estava prestes a lhe dizer que aquilo não tinha nada que ver com meus textos, que era um projeto pessoal, mas ela me cortou.

— Espere, qual é seu nome? Conheço seu rosto. Eu tenho certeza de que a vi em uma capa de livro.

— Hum, Emily Wilson.

— Ahhhhhh! — ela gritou. — Emily Wilson, a autora de *Chamando Ali Larson*?

Confirmei. Eu odiava quando esse tipo de coisa acontecia, mesmo que fosse muito raro.

— Ah, meu Deus, não posso acreditar. Você. Aqui. Em Bainbridge Island! Isso é uma ocasião. Vou chamar o bibliotecário-chefe até aqui para conhecê-la, e talvez possamos agitar uma leitura de improviso.

Arrumei meu suéter, desconfortavelmente, mas ela não pareceu notar.

— Olha quem está aqui — ela disse para um homem sentado a uma mesa à nossa direita. — Uma grande autora de Nova York! — Estava praticamente gritando de alegria, e eu não queria estragar sua diversão, mas uma sessão de leitura não era o que eu tinha em mente. E, francamente, não me sentia como Emily Wilson, a autora de *Chamando Ali Larson* — não mais. Minha estadia em Bainbridge Island havia mudado tudo isso. Escrever aquele livro já não era o ápice da minha carreira. Havia coisas maiores dali em diante, eu sentia isso.

— Sinto muito — me desculpei. — Eu realmente aprecio isso, mas este não é um bom momento para mim. Eu realmente preciso avançar nessa pesquisa. Talvez outra hora?

Ela sorriu.

— Claro, eu entendo perfeitamente. Vou mostrar onde os computadores estão.

Ela me levou descendo por uma velha escada até o piso inferior. As paredes eram cobertas de painéis de madeira, e o ar mudara um pouco de “cheirando a livros” para “cheirando a livros misturado com mofo”. Apontou para uma estação de computador e me mostrou como navegar pelo banco de dados onde eu poderia fazer minha busca.

— Obrigada — falei.

— Diga-me se você precisar de qualquer ajuda.

Olhei por cima do ombro duas vezes, e minhas mãos quase tremiam quando digitei com avidez o nome de Elliot. Eu queria vibrar quando ele retornou seis entradas. A primeira, do *Bainbridge Island Sun*, era uma história sobre seu *touchdown* da vitória em um jogo de futebol norte-americano pelo Bainbridge Island High. Havia até mesmo uma foto acompanhando a história, de Elliot com suas roupas de jogador, cercado pelos companheiros de equipe e uma líder de torcida que olhava para ele com adoração. Ele era bonito, assim como Esther o havia descrito — isso era evidente mesmo com a foto granulada do jornal.

Cliquei na história seguinte, que era apenas um breve aviso de sua graduação na Universidade de Washington, e na seguinte, em que seu nome estava presente em uma longa lista de soldados voltando para casa da guerra.

Havia mais uma história para clicar. *Que seja essa*, disse a mim mesma. *Que seja essa a pista de que preciso.*

Era uma pista, tudo bem: um anúncio de casamento, de 2 de junho de 1949.

Elliot Hartley casou-se com Lillian Appleton em uma pequena cerimônia em Seattle com amigos e familiares. A noiva, filha de Susan e Theodore Appleton, é graduada pelo Sarah Lawrence College. O noivo é filho de Adam e Suzanne Hartley, e é graduado pela

Universidade de Washington e funcionário da empresa de investimentos Hadley, Banks e Morgan. O casal residirá em Seattle.

O quê? Nada daquilo fazia sentido. Como ele poderia ter se casado com outra pessoa? As coisas não deveriam ter terminado assim. Estava tudo errado. Como ele poderia ter se casado com alguém que não fosse Esther? E o que acontecera com Esther? O destino dela estava começando a parecer nublado. Olhei novamente para a data do casamento, 1949, e me encolhi. O que acontecera naqueles seis anos depois que Esther escreveu sua história? Ele esperou por ela? E se assim foi, para onde ela fora?

Na esperança de encontrar alguma coisa — qualquer coisa — na busca por Esther, fiz uma busca por “Esther Littleton”, mas nada retornou. *Ela tem um nome diferente daquele na história? E se for assim, por que o nome de Elliot era real e o de Esther, ficcional?* Passei os dedos pelo cabelo, do jeito que faço quando estou nervosa ou emperrada em uma frase, o que, em minha vida de escritora recente acontecia a cada poucos minutos.

Então me deu um estalo. Lembrei-me da foto de Elliot no jogo de futebol norte-americano. Havia aquela líder de torcida, aquela líder de torcida adoradora. *Ela poderia ser Esther? Havia uma legenda ao lado da foto?*

Procurei pelo nome de Elliot novamente, e cliquei no artigo sobre o futebol. A legenda dizia: “Da esquerda para a direita: os membros da equipe de futebol Bobby McFarland, Billy Hinson, Elliot Hartley e a líder de torcida Esther Johnson.

Meu cabelo ficou em pé. Esther. Tinha que ser ela. E enquanto fitava aquela foto granulada, eu sabia em meu coração que estava olhando para a autora da história no diário de veludo vermelho.

Mas quem era ela?

Fiz uma nova pesquisa para “Esther Johnson”, e pelo menos duas dezenas de artigos retornaram: MULHER DE BAINBRIDGE DESAPARECE. POLÍCIA PROCURA CASA, CARRO, MAS NÃO ENCONTRA NADA. MARIDO INTERROGADO NO CASO DA MULHER DESAPARECIDA. SERVIÇO FUNERÁRIO PLANEJADO PARA A MULHER DESAPARECIDA.

Eu li todos eles. Cada palavra. Esther desaparecera, misteriosamente, na noite de 30 de março de 1943. Seu carro fora encontrado destruído em um parque na ilha, com uma mala em seu interior. Não houve testemunhas oculares, nem pistas, e seu corpo jamais foi encontrado.

Mas tão perturbador quanto esses detalhes, um fato, talvez o mais assustador de todos, mostrou-se o mais difícil para mim. O marido de Esther, li em um dos artigos, era Robert Hanson, que simplesmente era o nome do... *meu avô*.

Corri para fora, tanto para conseguir um pouco de ar fresco como para evitar algum tipo de explosão emocional dentro da biblioteca. Eu também precisava falar com alguém. Liguei para Annabelle.

O telefone tocou várias vezes. *Por favor, atenda, por favor atenda.* A chamada foi desviada para a caixa de mensagens.

Liguei novamente. Annabelle, responda. Por favor, responda. Nós duas respeitávamos a regra das duas chamadas: se tornávamos a ligar, era por ser algo importante. Ela respondeu, tal como eu sabia que faria.

— Oi — ela disse. — O que está acontecendo?

— Sinto muito, mas eu tinha que falar — comecei, sem fôlego. — Você está no meio de alguma coisa?

Ela fez uma pausa e então revelou:

— Estou com Evan.

— Ah, desculpe, Annie. É só que acho que tropecei no segredo mais profundo e obscuro de minha família.

— Opa, devagar, querida. Do que você está falando?

— Meu avô — contei —, ele era casado com outra pessoa antes de se casar com minha avó Jane, e eu... — Ah, Deus... Jane poderia ser... *Janice*?

Tive que parar e recuperar o fôlego, lembrando da vizinha de Esther e permitindo que minha mente vagasse um pouco. — E creio que ela pode ter sido a verdadeira mãe de minha mãe. E, ah Deus, ah Deus, Annie, acho que ela pode ter sido morta.

— Emily, você tem certeza? O que a faz pensar numa coisa dessas?

Tudo fazia sentido para mim agora. Vovó Jane não era minha avó de verdade; Esther era. E aquela coisa que Bee havia dito para minha mãe fazia muito tempo — ela poderia ter dito a mamãe que vovó Jane não era sua mãe de verdade? E ela haveria ido tão longe a ponto de implicar meu avô no assassinato de sua mãe? Era essa a razão pela qual ela havia deixado a ilha muitos anos antes?

— Bem — eu prossegui, ainda um pouco ofegante —, você sabe sobre o diário que encontrei no quarto de hóspedes, do qual lhe falei.

— Sim.

— Acho que acabei de descobrir quem o escreveu.

— Quem?

— Minha avó, a avó que nunca conheci.

— Emi, isso é loucura!

— Eu sei.

— O que você vai fazer?

Disse a ela sobre o diário, o melhor que pude, e as pistas que havia reunido — a mulher no edifício municipal e os artigos de jornal.

— E sobre esse Elliot — ela perguntou. — Poderia estar fazendo algum jogo sujo?

— Não, não — eu disse. — De forma nenhuma. Ele a amava muito. E ela estava carregando o filho dele. — Mas então me lembrei de um detalhe importante: ele não sabia que Esther estava grávida. — Que confusão! — exclamei, me sentando na grama em frente da biblioteca, sem saber que o gramado estava molhado. E mesmo que soubesse, naquele momento, não teria me importado. — O que devo fazer?

Ela limpou a garganta.

— Você vai fazer o que foi aí para fazer — ela respondeu.

Corri meus dedos pelos cabelos.

— Nem me lembro por que estou aqui.

— Para se curar, Emi.

Balancei a cabeça.

— Mas e a respeito disso tudo? Talvez eu esteja me intrometendo em coisas que não devam ser remexidas. Talvez eu devesse deixar tudo como está.

Annabelle ficou em silêncio por alguns instantes.

— É isso o que seu coração está dizendo para você fazer?

Balancei minha cabeça e pensei sobre a cartomante de Esther, a mulher que a havia advertido de que seu texto teria importância no futuro.

— Não — admiti. — E a questão, Annie, é que, pela primeira vez em muito tempo, eu sei o que meu coração está me dizendo para fazer.

Eu nunca estivera tão ansiosa para conversar com Bee. Agora que tinha os fatos brutos, ansiava pelos detalhes para uni-los. Evelyn havia me alertado a respeito de falar com Bee sobre

o diário somente no momento certo, e decidi que era o momento.

Peguei um táxi de volta para a casa de Bee, e depois de pagar, praticamente corri para a porta, que Bee nunca trancava.

— Bee? — Minha voz era forte, determinada.

Olhei para a cozinha, mas não a encontrei ali, nem na sala de estar. Atravessei o corredor até seu quarto e bati, mas não houve resposta, então entreabri a porta e olhei o interior de relance. Ela não estava no aposento.

— Bee — chamei novamente, dessa vez mais alto, esperando que ela estivesse na varanda.

Ela não respondeu, e então notei um recado sobre a mesa:

Querida Emily,

Uma velha amiga minha, também uma das melhores amigas de Evelyn, ligou e me convidou para ficar com ela em Seattle esta noite. Nós pensamos em rever algumas fotos e relembrar reencontros. Tentei ligar para seu celular, mas você devia estar sem sinal. Gostaria que você se juntasse a mim, mas não deu certo quanto ao horário. Espero que não se importe de ficar sozinha esta noite. A geladeira está abastecida. Estarei de volta amanhã à tarde.

*Com amor,
Bee*

Liguei a TV. Escutei música. Li meus e-mails. Mas nada silenciou os pensamentos que enchiam minha mente. Eles eram como uma música que se repetia. Uma música muito ruim.

Seria uma noite terrível para estar sozinha. Então, quando o sol se pôs e a casa começou a ranger, da forma como as casas antigas fazem quando está escuro e ventando e você está sozinha, peguei o telefone e liguei para Jack.

Eu não esperava que ele estivesse em casa. Lembrei-me de que ele havia me dito que estaria ocupado naquele dia. Mas ele estava — bem, ela estava. Foi uma mulher que atendeu ao telefone. Antes de ouvir a voz dela, escutei o riso de um homem ao fundo — o riso de Jack. E lá estava a música, também, algo suave e romântico.

— Olá, residência de Jack — disse a mulher. Ela parecia segura de si, como se já houvesse atendido ao telefone lá antes. Olhei para o relógio: 21:47. O que ela estava fazendo lá às 21h47?

— Ah, me desculpe — falei, sem jeito. — Estava ligando para Jack.

Ela riu.

— Bem, ele está um tanto ocupado agora. Posso lhe dar algum recado?

— Não — eu disse. — Tudo bem. Está tudo bem. Eu estou bem.

Naquele momento, senti toda a raiva que Esther sentira de Elliot, e, ao mesmo tempo, a raiva que Jane havia sentido de Andre em *Years of Grace*. Eu soube então por que Esther havia jogado o anel no bueiro. E soube por que ela havia se casado com outra pessoa. A ira se agitava em meu coração como as ondas tempestuosas do lado de fora da janela. Eu não queria acabar como Esther, mas ficaria destruída se ficasse parada e assistisse enquanto outro homem me enganava.



16 de março

Acordei cedo de manhã, muito mais cedo do que deveria, já que fiquei até meia-noite me perguntando se havia algum fantasma na casa. Quando o telefone tocou pouco depois das oito horas da manhã, quase me provocou um ataque cardíaco.

— Alô? — atendi.

— Alô, quem é? — Era um homem, com uma voz profunda e um pouco rouca. Uma voz madura, que eu não conhecia.

— Quem fala? — disse de volta. Sempre acho irritante quando quem liga pergunta quem você é antes de lhe dizer seu nome. Bem, não tão irritante quanto rude.

— Estou tentando encontrar a Senhora Emily Wilson — disse ele.

— Você está falando com ela. E você é...?

Ele limpou a garganta.

— Elliot Hartley.

Eu quase deixei cair o telefone. Mas o segurei, agarrei-o como quem agarra a própria vida, com medo de que, se não o fizesse, Elliot desapareceria de volta nas páginas do livro, onde sempre estivera.

— Sim — eu disse —, sou Emily.

— Espero não estar incomodando, mas...

— Não, não — interrompi. — Você não está me incomodando de forma nenhuma.

— Bom — disse ele. — Estou ligando para perguntar se poderíamos nos encontrar. Gostaria de falar com você pessoalmente.

Como ele me encontrou? E onde ele está? E Esther ainda está viva? E ele sabe de alguma forma que estava lendo o livro dela? Evelyn lhe contara?

Parecia errado questioná-lo sobre essas coisas por telefone.

— Seria bom — eu falei. — Quero dizer, seria ótimo. Estava esperando que nossos caminhos se cruzassem.

— Há alguma chance de que você possa vir me visitar hoje? — ele questionou. — Há algumas coisas que eu realmente gostaria de conversar com você.

— Sim — assenti rapidamente.

Ele me deu seu endereço, que ficava em Seattle.

— Pegarei a próxima balsa — falei.

— Emily, espere... — disse ele. — Você sabe quem eu sou, certo?

— Sim, Elliot, eu sei. Você é o homem que minha avó amou.

Um táxi me deixou no terminal da balsa, e foi só depois que cheguei no cais que me dei conta de que não havia avisado Jack de que não iria com ele para visitar seu avô naquele dia. Mas depois do que tinha ouvido no telefone, na noite anterior, aquilo não parecia importar.

Na balsa, pensei muito sobre Esther. *Ela simplesmente fugira? Se assim foi, onde ela está? E se não, se sua morte — engoli em seco — foi algum jogo sujo, por que ninguém encontrou seu corpo?*

Corri pela lista de pessoas na vida de Esther. Meu avô certamente tinha um motivo: raiva, vingança, inveja, talvez. Mas não importava o quanto eu juntasse as pistas, decidi que de maneira nenhuma ela poderia ter ido até o fim. E a nenê — presumivelmente, minha mãe? Ele a deixara sozinha enquanto ia procurar Esther? Não parecia provável, mas era possível.

Frances e Rose estavam fora de questão, ou talvez não. Havia algo estranho na relação de Esther com Frances, principalmente no fim, e na última noite, quando Esther vira Frances com Elliot — talvez algo horrível tenha acontecido por lá sob a luz do luar. *Frances teria perdido a cabeça?*

A balsa chegou em Seattle, e me juntei à multidão de passageiros na fila para desembarcar. Quando pisei fora do barco, senti um friozinho na barriga, sabendo que estava a um passo de Elliot.

Parei um táxi e dei o endereço ao motorista. Elliot havia dito que a Casa de Repouso Rainha Anne não era longe do Centro, e ele estava certo. Menos de cinco minutos depois, paguei o motorista e me vi diante do edifício. Ficava em um bairro não muito longe de onde Greg costumava me levar às vezes no verão. Ele me pagara meu primeiro café em uma cafeteria a uma quadra de distância dali.

— Estou aqui para ver o Senhor Elliot Hartley — disse a um homem sentado em um balcão

de recepção no *lobby*.

Ele se inclinou sobre uma prancheta e olhou para mim com uma expressão confusa.

— Desculpe-me, minha senhora, não há ninguém com esse nome aqui.

Senti minhas palmas se umedecerem e meu coração começar a bater mais rápido.

— O que você quer dizer? Deve haver algum engano. Acabei de falar com ele, e ele disse que morava aqui, no... — olhei o número do quarto que eu havia escrito em um pedaço de papel — quarto 308.

O homem deu de ombros.

— Gostaria de poder ajudá-la — disse ele. — Mas esse nome não está na lista.

Alguém estaria fazendo alguma brincadeira cruel comigo?

— Espere — disse, não querendo ceder ainda. — Você poderia verificar novamente?

E então uma mulher saiu de trás de uma cabine.

— Ed — disse ela —, há algum problema aqui?

Ele deu de ombros novamente.

— Ela está perguntando por um morador que não mora aqui.

Ela caminhou até o balcão e me dirigiu um olhar interrogativo.

— Quem você está procurando, querida?

— Seu nome é Elliot Hartley — eu disse.

— Tudo bem, deixe-me ver. — Ela puxou a prancheta das mãos de Ed e olhou-a por alguns segundos, antes de me encarar novamente. — Ah, esse é o problema, alguém mexeu no meu arquivo do Excel novamente. Eles o classificaram incorretamente. E a última página está faltando. Espere, ela ainda deve estar na impressora.

Suspirei, sentindo alívio por ainda haver esperança.

— Obrigada por verificar — agradei.

Ela voltou alguns segundos depois com um papel na mão e um sorriso no rosto.

— Sim, ele está aqui — ela anunciou. — Quarto 308. Ed é novo aqui, então ele não conhece os moradores pelo nome ainda. Mas o Senhor Hartley não estava registrado comigo com esse nome, provavelmente porque quase todos aqui só o chamam de Bud.

— Bud? — eu disse.

— Uma das enfermeiras aqui o apelidou assim, e o nome pegou — disse a mulher.

— Eu posso lhe mostrar o apartamento dele, se você quiser — ofereceu Ed, provavelmente por estar se sentindo culpado pelo engano.

— Seria ótimo — aceitei.

Caminhamos por um longo corredor, e no final havia um elevador. Ed apertou o botão “3” e o antigo elevador subiu atritando até o terceiro andar. Quando a porta se abriu, ele saiu, mas eu ainda permaneci por um instante na cabine.

— Minha senhora — disse ele —, esse é seu andar.

— Eu sei — assenti. — Creio que estou um pouco nervosa.

Ele pareceu confuso.

— Por que você estaria nervosa por ver seu avô?

Balancei a cabeça, saindo para o terceiro andar com cautela, como se pudesse haver perigo adiante. O corredor cheirava a livros da biblioteca e a carne assada demais.

— Ele não é meu avô, mas suponho que quase foi.

Ed encolheu os ombros novamente, do jeito que havia feito na recepção. Imaginei que ele pensou que eu fosse louca. Inferno, *eu* estava me achando meio louca.

— Três-zero-oito — ele disse apontando para a porta. — Boa sorte.

Permaneci diante do apartamento 308 por algum tempo, incapaz de bater à porta. Tudo o que eu conseguia pensar era que estava ali, *na porta de Elliot Hartley. Como ele seria?* Fechei os olhos por um momento e vi o rosto de Jack, e ocorreu-me que naquele tempo todo em que eu lera o diário, eu imaginava o rosto de Jack quando tentava visualizar Elliot. Tremi um pouco e levantei minha mão para bater na porta.

Ouvi um sussurrar no interior do quarto, e alguém se aproximando. A porta se abriu lentamente, e um homem apareceu. Ele era belo — e não apenas bonito para alguém com 80 anos, mas belo, pura e simplesmente, mesmo com cabelos grisalhos e pele enrugada.

— Estou tão feliz que você veio — disse ele.

Ele se encostou na porta apenas olhando para mim, com olhos escuros e quentes, da maneira que deveria olhar para minha avó.

— Eu sabia quando a vi no cemitério que você era neta dela — ele disse. — Jack não teve que me dizer qual era você. Eu sabia.

Senti o calor subir ao rosto. *Claro que Elliot é o avô de Jack. Como não liguei os pontos, em primeiro lugar? Que estranho, maravilhoso e confuso.*

— É notável a semelhança — continuou ele, parando por alguns segundos. — É como se eu estivesse olhando para ela.

Sorri nervosamente, mas não disse nada.

— Bem, olhe para mim parado aqui — comentou ele. — Por favor, entre.

Seu apartamento era pequeno e limpo. Havia uma pequena cozinha e uma sala de jantar minúscula ao lado da sala de estar, que era suficiente apenas para um pequeno sofá e duas cadeiras. A um canto ficavam o quarto e um banheiro.

— Sinta-se em casa — disse ele, apontando para a cadeira ao lado da janela.

Em vez disso, caminhei até uma parede cheia de fotos emolduradas — em sua maioria imagens de bebê e retratos de família, mas foi a foto do casamento em preto e branco que me chamou a atenção, uma de Elliot e sua noiva, uma noiva que não era, tanto quanto eu poderia afirmar, Esther.

— Sua esposa — disse a ele. — Ela ainda está viva?

Ele balançou a cabeça.

— Ela morreu há onze anos.

Não consegui detectar nada em sua voz que me dissesse que ele se importava com ela, ou que sentia falta dela, mas fora uma pergunta simples, e ele dera uma resposta simples.

— Você provavelmente está se perguntando se eu amava — ele prosseguiu — minha esposa. Se eu a amei como amei sua avó.

Era o que eu estava pensando, mas não me atrevi a dizer em voz alta.

— Eu amei Lillian, sim — ele assentiu. — Mas foi diferente com ela. Ela foi minha companheira. Sua avó era minha alma gêmea.

Aquilo pareceu errado — blasfemo, até —, falar de um cônjuge falecido daquela forma. Gostaria de saber se Lillian havia chegado a aceitar que ocupava o segundo lugar, ao lado da memória de Esther. Se eu não houvesse lido o diário, e visto por mim mesma a profundidade daquele amor, creio que não teria compreendido.

Antes que me sentasse, algo na estante chamou minha atenção. Entalada entre uma Bíblia e um romance de Tom Clancy havia a lombada azul-escura de um livro. Meu coração acelerou quando estendi minha mão para a prateleira.

— Você se importa? — perguntei, olhando para Elliot para pedir-lhe permissão.

— Nem um pouco — disse ele.

Eu sabia que era *Years of Grace* antes mesmo de ver as letras douradas do título na lombada.

— Ela adorava esse livro — disse Elliot, sua voz soando distante. — Depois que... bem, depois que tudo aconteceu, eu o li diversas vezes. Pensei que, se eu pudesse entender os personagens, talvez pudesse entender Esther. — Ele suspirou. — Mas, ao final, tudo começou a ficar mais diluído, tal como ocorre com uma história quando você lê muitas vezes ao longo da vida.

— Elliot — falei, sentando-me no sofá. — O que aconteceu? O que realmente aconteceu com minha avó?

— Eu sei que você quer entender — disse ele. — E é por isso que eu queria que você viesse aqui hoje.

Ele se levantou e caminhou até a cozinha.

— Aceita um chá?

— Claro — respondi.

Ele encheu uma daquelas vasilhas elétricas com água, e então a conectou na tomada.

— Deixe-me começar dizendo que ninguém poderia contradizer sua avó. Ela era apaixonada e obstinada. Determinada. Se ela tinha uma ideia sobre algo na cabeça, então era aquilo.

Endireitei-me na cadeira. Pensei em Jack, por uma fração de segundo, e perguntei-me se eu havia julgado erroneamente o cenário na outra noite. *Será que tirei conclusões precipitadas como Esther o fizera? Estou geneticamente ligada a ponto de repetir a história?*

— Estávamos noivos — Elliot continuou —, sua avó e eu. Eu reduzi gastos e economizei ao máximo para lhe comprar aquele anel. Mas houve um mal-entendido. Ela pensou que eu estava vendo outra pessoa, outra mulher, em Seattle.

— Você estava?

Ele pareceu horrorizado.

— De jeito nenhum. A mulher com quem ela me viu era uma velha amiga, dona de um apartamento na cidade. Ela também estava noiva, e o vendeu para mim bem abaixo do valor de mercado. Sua avó sempre quis um apartamento na Rua Marion, com grandes janelas e um aparador. Era maravilhoso aquele lugar. Eu queria surpreendê-la no dia do casamento, mas ela foi precipitada.

— Por que você não explicou? Por que você apenas não contou a ela sobre a surpresa?

— Eu tentei — ele disse. — Mas não havia como racionalizar com Esther.

Lembrei-me da cena do livro, da raiva nas frases de Esther. O desespero em seus olhos enquanto ela estava lá, na beira da rua — ou pelo menos, essa era a maneira como eu havia imaginado.

— Então, ela rompeu o noivado e acabou?

— Sim, foi assim que aconteceu. — Ele parecia abatido, como se a ferida ainda estivesse aberta, como se mesmo depois de sessenta e cinco anos ele ainda não tivesse descoberto o que dera errado, ou por que, ou se ele poderia ter feito algo diferente para alterar o curso do tempo.

— E ela se casou com outra pessoa?

— Ela se casou — disse ele de novo, olhando para as mãos descansando no colo, uma sobre a outra. — Eu fiquei irritado com ela por muito tempo, e a fiz pagar. Namorei metade das mulheres de Seattle, e as trazia até a ilha e desfilava com elas, esperando que Esther notasse. Mas quando ela não o fez, parti para a guerra. Porém, também não fui capaz de escapar dela lá. Ela atormentou meu coração no Sul do Pacífico. Ela era tudo em que eu pensava e com quem eu sonhava. Ela estava em cada pedaço do meu ser.

— Mas você lhe enviou cartas enquanto estava na guerra, certo?

— Apenas uma vez — ele disse, sua voz cheia de emoção reprimida. — Preocupava-me com a ideia de que seu marido pudesse encontrá-las. Não queria me intrometer, mas tinha que lhe contar meus sentimentos, na hipótese de que não voltasse.

— Eu sei o que aconteceu quando você voltou — falei.

— Você sabe?

— Sim — disse. — Eu li a história.

Ele pareceu confuso.

— Que história?

— A história que ela escreveu sobre a vida dela em seu diário de veludo vermelho. Você não sabe sobre isso?

— Não — ele disse. — E não estou surpreso. Esther sempre escreveu as histórias mais bonitas. Ela queria ser escritora. Uma escritora profissional. — Ele parou por um momento. — Essa história — continuou ele. — Posso vê-la?

— Não o tenho comigo — disse —, mas posso lhe enviar uma cópia.

— Você poderia?

— É claro. Não vejo nenhuma razão pela qual ela não quisesse que você a visse. Ela o amou, mesmo depois que... — hesitei, questionando minha intenção de confrontá-lo sobre os detalhes da história. — Talvez você possa me ajudar a identificar as pessoas na história.

— Tentarei, Esther.

Fiquei assustada.

— Elliot, você me chamou de Esther. Eu sou Emily.

Ele balançou a cabeça, como se repreendesse a si mesmo.

— Sinto muito. É só que todas essas lembranças...

— Está tudo bem — respondi. — No diário, ela chama suas melhores amigas de Frances e Rose. Elas poderiam, por acaso, ser...?

— Evelyn é Rose — disse Elliot, sem dúvida. — Você não viu no programa de seu funeral? Seu nome do meio é Rose. Todos a chamavam assim naquela época.

Concordei.

— E Frances é... — ele continuou.

— Minha tia — eu disse. — Ela é minha tia, não é?

— Sim. Naquela época, ela costumava ser chamada de Frances, seu nome de batismo. Só começaram a chamá-la de Bee muitos anos depois.

— Então, você... — Fiz uma pausa para considerar o que estava prestes a dizer — ... você e minha tia foram...?

Ele sabia exatamente o que eu queria dizer, e não fez qualquer tentativa para refutar a ideia. Os próximos segundos de silêncio, enquanto ele reunia seus pensamentos, disseram-me que havia algo complicado na história dos dois. Comecei a entender, de alguma forma, a bagagem emocional que minha tia havia carregado por todos aqueles anos; vi tudo aquilo se acumulando nos olhos de Elliot.

Ele suspirou como se tivesse esperado que a conversa não se voltasse para Bee, mas agora que ela havia se voltado, teria que me contar toda a história.

— Para mim, nunca houve mais ninguém, exceto Esther. Todas as outras mulheres eram apenas paisagem. Mas Frances... — ele fez uma pausa — ... Frances era diferente. Ela era tão diferente de Esther, e por um tempo, entreguei-me ao conforto disso. Sua tia nunca quis se apaixonar por mim, nem eu tive a intenção de me apaixonar por ela. Ela me disse uma centena

de vezes que odiava ter sentimentos pelo namorado de sua melhor amiga. Ela amava muito sua avó — ele continuou, seu rosto repentinamente entristecido. — Nós dois a amávamos.

Ele fez uma pausa e olhou para as mãos, e depois para mim novamente.

— Sua tia sofreu com os altos e baixos, nunca esperando por nada além da felicidade de Esther comigo. Ela colocou sua própria felicidade de lado. Essa era sua tia. Mas houve uma época...

— Que época?

— Houve um época em que Esther havia me dito adeus... para sempre, eu pensei. E sua tia estava ali, e deixei acontecer coisas que não deveriam ter acontecido.

O silêncio na sala era tão pronunciado que eu podia ouvir seus dedos esfregando a barba por fazer no queixo.

— Foi na noite em que ela desapareceu — ele disse, com lágrimas empoçadas nos olhos. — Ela tinha ido até a casa de sua tia, e nos viu juntos pela janela. — Ele fechou os olhos com força. — Eu ainda posso vê-la lá. Ainda posso detalhar seu rosto. Seus olhos. A tristeza. O olhar de traição.

— Eu sei — falei.

— Como você sabe?

— Está tudo na história. — Caminhei até sua cadeira e me ajoelhei. — Não se culpe — disse.

— Como posso não me culpar? — ele falou em meio a lágrimas. — Eu a traí. Mas, acredite em mim, se houvesse alguma esperança de que ela viesse até mim, que quisesse uma vida comigo... bem, eu nunca teria estado lá. Naquela noite, que noite horrível. As coisas teriam sido muito diferentes. Porém nosso compasso estava desligado. Ele sempre estava desligado. — E enterrou o rosto nas mãos.

— Elliot — chamei suavemente. — Preciso saber o que aconteceu com ela naquela noite.

Ele balançou a cabeça.

— Sinto muito — ele falou. — Pensei que poderia falar sobre tudo isso. Pensei que poderia arrancar tudo isso do meu peito, mas não sei. Eu não sei se posso.

Olhei para meu colo e percebi que meus punhos estavam cerrados.

— Algo ruim aconteceu naquela noite, não é, Elliot?

Ele fez que sim.

— Você tem que me dizer — implorei. — Por Esther.

Ele olhou novamente para as mãos.

— Elliot — eu disse. — Só me responda. Aconteceu alguma coisa com ela naquela noite?
Alguém tirou a vida de minha avó?

Ele enterrou o rosto nas mãos.

— Sim! — ele gritou. — Sim. Fui eu. Eu e Bee.

Capítulo 17



Provavelmente, eu deveria ter saído naquele momento — ou talvez deveria ter corrido e chamado a polícia pelo celular assim que estivesse segura na rua. Eu me perguntava como teria soado ao telefone junto ao atendente da polícia: “Oi, estou ligando para relatar o assassinato de minha avó... em 1943”.

Mas aquilo não fazia sentido, o que Elliot havia dito sobre sua participação e a de Bee na morte de Esther. Como ele poderia ter matado a mulher que amava? Ou talvez eu estivesse atordoada com o que sua afirmação de fato revelava — que Esther estava, sim, morta. Morta. A palavra não parecia se enquadrar com a vida que eu havia sonhado para Esther, e no fundo eu vinha alimentando a esperança de que talvez ela estivesse viva em algum lugar, em algum lugar longe dali, e que talvez Elliot houvesse mantido contato com ela e eles continuassem algum tipo de encontro secreto além das páginas da história...

— Espere, Elliot — falei por fim. — Você está dizendo que a matou?

Ele ainda permaneceu por um longo tempo em silêncio. Depois disse:

— Não... não pessoalmente. Mas posso ter sido o responsável. É o momento mais doloroso da minha vida, querida Emily, ter que lhe contar tudo isso, ter de admitir que sou o responsável por sua morte. Nós somos responsáveis pela morte dela, sua tia e eu.

Fiz uma careta.

— Eu não entendo.

Elliot suspirou.

— Depois que ela foi embora da casa de Bee, nós dois ficamos apavorados, pensando onde ela poderia ir, ou, pior, o que ela poderia fazer.

— E então você a seguiu?

— Sim — disse ele.

— Mas por quê?

— Bee queria pedir desculpas e eu... bem, eu queria tomá-la em meus braços e lhe dizer o

quanto a amava, e somente a ela, antes que fosse tarde demais.

— Tarde demais?

Seus olhos ficaram turvos de novo quando ele começou a falar.

— Bee dirigia, e eu fui junto. Não tínhamos certeza sobre para onde ela iria, e assim, verificamos primeiro o terminal das balsas, mas não vi o carro dela lá, por isso vasculhamos Main Street. Então algo me ocorreu. Eu sabia. Sabia onde ela estava. O parque. Nós estivéramos lá uma dúzia de vezes juntos. Ela amava Fay Park.

— Então você a encontrou lá?

— Sim — ele disse, balançando a cabeça como se tentasse dissipar as lembranças dolorosas que estavam atingindo sua mente. — Tudo aconteceu muito rápido.

— O quê?

— Eu vi seus olhos, apenas um relance, em seu espelho retrovisor. Vi o olhar em seu rosto. Aquele último olhar. Está congelado em minha mente. Toda noite, antes de fechar meus olhos, cada maldita noite em minha vida nos últimos sessenta anos, eu vejo aquele rosto. Aqueles olhos... estavam muito tristes e perdidos.

As mãos de Elliot começaram a tremer sob a tensão do passado.

— Diga-me o que aconteceu depois, Elliot — pedi suavemente. — Eu preciso saber.

Ele inspirou profundamente.

— Ela estava no automóvel, estacionado no meio do parque. Assim, nós dois saímos. Implorei a Bee para que ela ficasse no carro. Eu precisava de um tempo sozinho com Esther, mas Bee não quis me ouvir. Ela me seguiu em direção ao carro de Esther, e quando chegamos à porta do passageiro, Esther ligou o carro... e ela...

— Elliot, o que houve? O que ela fez?

Lágrimas escorriam por seu rosto agora.

— Estava escuro. Estava muito escuro, e havia nevoeiro. O nevoeiro.

— Elliot, fique comigo — chamei, com suavidade.

— Havia faróis, e o carro... — Ele soluçou, cada palavra sufocada por mais camadas de tristeza. — O brilho dos faróis ofuscava nossa vista, e então ela acelerou o carro em linha reta para o penhasco. Direto para ele. Bem diante de nós.

Engoli em seco. *E a gravidez de Esther? E o bebê?*

— Comecei a correr atrás dela, para a beira do penhasco — continuou ele, num grande esforço para se recompor. — Pensei que poderia salvá-la, se ela tivesse sobrevivido à queda. Eu estava decidido a saltar do penhasco atrás dela, mas sua tia me agarrou e me convenceu a retroceder. Ficamos ali no morro, olhando para os destroços. O carro dela se despedaçou em uma centena de peças, e o motor pegou fogo. Tudo que Bee podia dizer era “Ela se foi, Elliot. Ela se foi. Deixe-a ir”.

—Você não chamou a polícia ou uma ambulância?

Ele balançou a cabeça.

— Bee disse que não. Ela achava que iam nos prender por assassinato, dizer que a forçamos a se atirar do penhasco.

— Então, o que você fez?

Ele estendeu a mão até seu lenço.

— Nós fomos embora. Eu estava em estado de choque. Tudo em que eu conseguia pensar era que merecia estar na cadeia. Sentia-me responsável, eu havia causado sua morte.

— Mas e se ela sobreviveu ao acidente? E se ela estava deitada em agonia lá na praia? E se você pudesse tê-la salvo? Elliot, e se foi por isso que ela se atirou do penhasco? E se ela *quisesse ser salva*?

Ele olhou para mim com olhos que pareciam implorar perdão.

— Vou para a sepultura com essas mesmas perguntas me assombrando. Mas aquele carro, vendo a forma como ele estava esmagado... aquela imagem tão horrível é a única coisa que me traz um mínimo de paz. Ninguém sobrevive a um acidente como aquele. Bee estava certa. Esquecer aquela noite era nossa única opção. Naquele tempo, teríamos sido condenados sem necessidade de evidências mais consistentes. Era assim que as coisas funcionavam. Nós estávamos lá, portanto, qualquer júri determinaria que a levamos a se atirar.

Suspirei.

— E como fica Bee nessa história? Você acha que ela tem algum arrependimento?

— Sim — ele disse. — Uma parte dela morreu naquela noite. Ela nunca mais foi a mesma. É por isso que não temos sido capazes de nos encarar, mesmo depois de todos aqueles anos. Há muita história entre nós, muita angústia. Não podemos olhar um para o outro sem nos lembrarmos daquela noite, e sem nos lembrarmos de Esther.

Só então lembrei-me de algo que li em um dos artigos sobre a morte de Esther. Embora os destroços de seu carro tenham sido encontrados no fundo de um penhasco, não havia nenhum

corpo.

— Elliot, li que eles nunca recuperaram o corpo de Esther. Como pode ser isso?

— Sim — ele falou. — Eu li isso também.

Eu me perguntei se havia algo que ele não estava me dizendo. Como o corpo poderia desaparecer milagrosamente depois de um acidente tão horrendo? Alguém realmente desceu e a salvou? Ela saiu ilesa do acidente? *Impossível*, disse a mim mesma.

— O que você acha que aconteceu?

— Gostaria de poder lhe dizer que acredito que ela sobreviveu. Como os destroços somente foram encontrados no dia seguinte, alguns especulavam que ela havia sido levada para o mar, para a água bonita que ela tanto amava. — Ele fez uma pausa para considerar a ideia e estremeceu. — Outros acreditavam que ela sobreviveu. E eu estaria mentindo se dissesse que não havia uma parte de mim que não se agarrava a essa esperança, mas já se passou muito tempo. Se ela tivesse sobrevivido, não teria voltado para a ilha, para sua casa? Não teria voltado para sua filhinha? Não teria retornado para... mim?

Naquele momento, percebi que Elliot não sabia que Esther estava carregando seu filho naquela noite. Parecia cruel e injusto compartilhar a notícia com ele agora, uma notícia de “você ia ter um filho!” com cerca de sessenta anos de atraso, por isso fiquei quieta. Ele leria sobre isso no diário em breve, e talvez essa fosse a maneira pela qual ele deveria saber.

— Mas há uma coisa — ele prosseguiu, parecendo esperançoso por um momento.

— O que é?

— Bem, pode não ser nada. Mas, só para registrar, naquela noite, quando Bee e eu estávamos dirigindo para fora do parque, nós vimos um carro entrando.

— Alguém que você reconheceu?

— Não posso ter certeza — disse ele —, mas sempre suspeitei que fosse Billy. Bem, Billy Henry Mattson, mas agora todos o chamam apenas de Henry.

— Espere — eu disse. — Henry, o homem que vive na praia próximo à casa de Bee?

— Sim, você o conhece?

Respondi que sim. *Então Billy é Henry*. Pensei sobre o modo como ele agiu quando a conversa se voltou para minha avó e a foto da mulher que ele mantinha em sua cornija e que, misteriosamente, desaparecera. Esther o considerava um amigo em seu diário, mas ele estava sempre aparecendo do nada, o que me parecia estranho. *Ele a estava perseguindo?* Estremeci. *Não*, tranquilizei-me. Mesmo se ele houvesse sido louco por ela, não teria removido o corpo

dela. Entretanto, minha mente começou a vagar. As pessoas nem sempre são o que parecem ser.

Mas não, não Henry. Tentei reprimir o pensamento, contudo ele teimosamente permaneceu. A ilha de minha infância havia sido exposta a tantas tempestades que agora estava sombria com seus segredos.

— Elliot — falei, pensando em minha própria jornada na ilha. — Eu sei como nos sentimos quando não conseguimos chegar ao coração de uma história. — Fiz uma pausa e fitei profundamente seus olhos preocupados. — O que seu coração lhe diz sobre Esther depois de todos esses anos?

Ele olhou para longe.

— Tenho tentado ver algum sentido nisso ao longo da maior parte da minha vida. Tudo o que sei, e talvez tudo o que saberei algum dia, é que Esther levou meu coração com ela naquela noite. Levou-o para sempre.

Fiquei preocupada que pudesse tê-lo forçado demais.

— Não se preocupe mais — falei. — Vou fazer tudo que puder para encontrar as respostas. Por você e por Esther. — Olhei para o relógio, e então me levantei. — Foi realmente uma honra conhecê-lo. Obrigada por tudo que você compartilhou comigo.

— Foi um prazer — disse ele. — Ah, Jack vem me visitar esta tarde. Você podia ficar para vê-lo, se quiser.

— Jack?

— Sim — ele disse. — Ele não disse a você?

— Hã... sim — confirmei, um pouco sem jeito. — Mas tenho que pegar a balsa. Bee está me esperando.

— Ah — ele disse. — Eu odiaria ver você partir tão depressa.

Pensei em ficar, mas rapidamente reforcei minha decisão quando me lembrei da mulher que atendera o telefone na casa de Jack.

— Sinto muito, Elliot. Simplesmente não posso.

Ele pareceu decepcionado, mas aceitou. Eu já ia sair, mas não resisti. Tinha de perguntar.

— Elliot... Não quero ser indiscreta, mas você sabe se há uma mulher ficando com Jack? Uma amiga ou parente, talvez?

Ele se mostrou confuso.

— É só que... — Fiz uma pausa e mexi em meu suéter — ... é que eu liguei na casa dele ontem à noite e uma mulher atendeu. Achei estranho, é só isso.

Ele assentiu.

— Ah, sim, creio que ele mencionou uma mulher, alguém novo.

— Ah — eu disse, confusa.

Ele piscou para mim.

— Não sei como esse menino nunca se estabelece, com tantas mulheres bonitas em sua vida.

— Certo — falei. Ele pode ter dito aquilo como um elogio, mas suas palavras doeram. De repente, as duas semanas com Jack passaram diante dos meus olhos como um romance barato, no qual eu havia sido enganada. *Como eu tinha sido tão ingênua? Por que não percebi isso acontecendo? Como me permiti ler entrelinhas que não estavam lá?*

Agradei a visita, e fui embora — com o coração pesado e uma longa lista de perguntas sem resposta.

Tanto esforço por um amor verdadeiro, pensava enquanto o táxi me levava de volta para a balsa, pelo menos em minha vida.

Eu estava eufórica e ao mesmo tempo apreensiva quando cheguei à casa de Bee mais tarde naquele dia. Por mais cuidado que eu tivesse para abordar o assunto com minha tia, seria tão chocante quanto pegar uma garrafa muito antiga e muito valiosa de vinho e atirá-la no chão, bem na frente das pessoas que a estavam guardando para seu quinquagésimo aniversário de casamento.

— Oi, querida — ela disse. — Você foi para a cidade?

— Não — respondi, sentando-me no sofá diante de sua cadeira, onde ela estava ocupada trabalhando em um jogo de palavras cruzadas. — Estive em Seattle.

— Ah — ela disse. — Fazendo algumas compras?

— Não, fui visitar uma pessoa.

Ela levantou os olhos, surpresa.

— Não sabia que você tinha alguma amiga em Seattle, querida. Você deveria ter me dito na última vez em que estivemos na cidade. Poderíamos tê-la convidado para se juntar a nós.

Balancei a cabeça.

— Ele provavelmente não teria vindo.

— Ele?

— Sim, ele. Elliot Hartley.

Bee deixou cair a caneta no colo e me olhou como se eu houvesse acabado de dizer algo imperdoável.

— Bee — eu falei. — Há algumas coisas que precisamos conversar.

Ela concordou como se sempre soubesse que esse dia chegaria. E quando abri minha boca, foi como um dilúvio; tudo foi posto para fora.

— Eu sei sobre minha avó — comecei. — Minha avó verdadeira. Eu o encontrei, Bee, o diário que ela escreveu, e venho lendo-o desde que cheguei aqui. É a história do último mês de sua vida... até o fim. E foi nesta manhã que reconheci totalmente os personagens, que você e Evelyn estavam lá, e Henry. Elliot me contou tudo o que aconteceu.

Falei rapidamente, quase em pânico, como se estivesse tentando abraçar uma vida inteira de segredos em um único parágrafo. Eu sabia que tinha pouco tempo antes que Bee congelasse e recuasse da maneira como ela sempre fazia quando alguém trazia à tona um assunto desconfortável.

— E você acreditou?

— Porque não deveria, Bee? Minha avó o amava.

Eu podia ver a tempestade em seus olhos.

— Eu também — ela disse com uma voz distante. — E olha como as coisas acabaram.

— Bee — falei baixinho. — Eu sei sobre a última noite dela na ilha. Sei que ela viu vocês dois juntos, e como vocês foram atrás dela. — Fiz uma pausa, preocupada com o que eu precisava dizer na sequência. — Sei que você a deixou lá, Bee. Como você pôde deixá-la lá assim? E se ela estava machucada?

O rosto de Bee tornou-se branco, e quando ela abriu a boca para falar, eu quase não reconheci sua voz.

— Foi uma noite terrível — ela falou com voz fraca. — Quando Elliot veio, eu sabia que ele não deveria estar ali comigo. Nós dois sabíamos disso. Mas sua avó havia terminado com ele, e eu queria saber como ele se sentiria ao me abraçar. Tinha pensado nisso um milhão de vezes desde que o conheci na escola, mas Esther sempre teve sua atenção, até aquela noite, quando então ele parecia me querer. — Ela balançou a cabeça, como se aquele simples pensamento fosse em si ingênuo, bobo de alguma forma. — Você sabe o que senti?

Fiquei em silêncio.

— Eu disse a mim mesma que estava tudo bem — continuou Bee. — Convenci-me de que ela aprovaria.

— Mas então ela viu vocês dois...

— E eu soube, nós dois soubemos, que tinha sido um erro.

— E você dirigiu atrás dela.

Ela assentiu e enterrou a cabeça nas mãos.

— Não — ela falou de repente, pondo-se de pé. — Eu não posso. Eu não vou. Não, não vamos falar sobre isso.

— Bee, espere... O diário... você o leu?

— Não — ela disse.

— Mas como é que ele veio parar aqui?

Ela olhou para mim com olhos selvagens.

— O que você quer dizer com “aqui”?

— Aqui nesta casa — eu disse. — Eu o encontrei em meu quarto. No criado-mudo.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Não entrei naquele quarto nos últimos trinta anos. Ele costumava ser o quarto favorito dela. Eu o havia pintado de rosa, para ela e a bebê. Ela ia deixá-lo, você sabe, seu avô.

— Então, por que você me fez ficar naquele quarto, Bee, se você não ia me contar sobre minha avó?

Ela parecia esgotada, como se estivesse ficando sem respostas.

— Eu não sei — confessou. — Creio que pensei, simplesmente, que você merecia estar lá, na presença dela.

Entendi o que ela queria dizer.

— Acho que você precisa ler o diário de Esther — falei. — Você vai ver que ela a amou. Você vai ver que ela a perdoou.

— Onde ele está? — ela perguntou, de repente parecendo amedrontada ou assustada, ou as duas coisas.

— Vou buscá-lo para você. — Corri ao meu quarto e voltei com o diário de veludo vermelho. — Aqui.

Ela tomou-o nas mãos, mas não havia calor ou reconhecimento em seus olhos, apenas raiva, e então as lágrimas vieram.

— Você simplesmente não entende — ela disse, e tais palavras não fizeram qualquer sentido para mim.

— O quê, Bee?

Ela enxugou as lágrimas.

— O que ela fez para nós. O que ela nos fez passar.

Caminhei em sua direção e descansei minha mão em seu ombro.

— Diga-me, Bee. É hora de eu saber a verdade.

— A verdade está enterrada — Bee respondeu, respirando fundo. Havia uma raiva se agitando em seus olhos agora. — Eu devia destruir essa coisa — acrescentou, caminhando para seu quarto.

— Bee, espere! — Corri atrás dela, mas ela fechou a porta rapidamente, trancando-a atrás de si.

Esperei do lado de fora da porta de Bee por um longo tempo, desejando que ela saísse e rezando para que ela liberasse qualquer dor em que estivesse se segurando, para que pudéssemos conversar sobre minha avó aberta e honestamente pela primeira vez.

Mas ela não o fez. Ela permaneceu em seu quarto durante toda a tarde. E quando as gaivotas começaram a gritar do jeito que sempre faziam na hora do jantar, ansiei que ela aparecesse e começasse a saltitar pela cozinha, mas ela não o fez. E quando o sol se pôs, imaginei que ela desistiria e iria para a varanda a fim de preparar uma bebida para si. Mas ela também não fez isso.

Então abri uma lata de sopa, vasculhei o jornal, e tentei me interessar por algum filme de drama feito para a TV, mas por volta das nove, me peguei bocejando e me perguntando sobre o mês de março. Eu estivera na ilha por quase três semanas, e muito coisa havia acontecido, mas muita coisa havia dado *errado*.

Tinha feito uma promessa a Elliot, e a minha avó, de que encontraria respostas. No entanto, não havia considerado que, talvez, minha avó houvesse, simplesmente, desejado deixar este mundo. Quem era eu para remexer o passado, para remexer *seu* passado?

Senti-me muito desanimada para pensar sobre aquilo. Jack havia deixado duas mensagens em meu celular, mas não retornei suas ligações. Eu estava muito cansada — de seus segredos, dos segredos de Bee, dos de Esther. Então, liguei para a empresa aérea para alterar minha partida.

Era hora de voltar para Nova York. Eu sabia, em meu coração, que se houvesse algo a aprender com a história de Esther seria ficar e lutar — pela verdade e pelo amor. No entanto eu estava muito cansada para isso agora.



17 de março

— Estou voltando para casa — disse a Annabelle na manhã seguinte, pelo telefone. Minhas palavras soaram um pouco mais derrotadas e vazias do que eu esperava.

— Emily — ela disse —, você prometeu a si mesma um mês.

— Eu sei. Mas as coisas ficaram muito intensas por aqui. Bee não está falando comigo agora, e não há mais nada a dizer a Jack.

— O que está acontecendo com Jack?

Contei a ela sobre minha visita a seu avô e o que este dissera sobre a outra mulher.

— Alguma vez lhe ocorreu que você poderia deixar Jack explicar por si mesmo?

Balancei a cabeça.

— Não, não depois do que passei com Joel. Meu limiar está baixo. Não posso passar por isso novamente, Annie.

— Estou apenas dizendo — ela insistiu — que talvez você esteja exagerando. Talvez não seja nada.

— Bem, não chamaria o que Elliot disse de nada, exatamente.

— Você está certa — ela admitiu. — Realmente não foi uma informação muito boa... Mas e sobre essa coisa toda com a história de sua avó? Você vai simplesmente desistir?

— Não — disse, mesmo sabendo que iria, de certa forma. — Posso muito bem trabalhar nisso em Nova York.

— Mas acho que você deveria ficar aí — disse Annabelle. — Você tem mais trabalho a fazer.

— Trabalho?

— Sim, trabalho por ela e e trabalho por você. — Então ela fez uma pausa. — Eu sei que você ainda não conseguiu encerrar isso. Sei que você não chorou.

— Eu não chorei — disse honestamente. — Mas talvez eu não precise.

— Você precisa — disse ela.

— Annie, tudo o que sei agora é que vim para esta ilha procurando histórias sobre minha família, buscando a verdade. Mas tudo o que consegui foi desgosto... para mim, para todos.

Ela suspirou.

— Você apenas está fugindo de alguma coisa que precisa enfrentar. Emi, você está desistindo no último quilômetro da maratona.

— Talvez — falei. — Mas não posso correr mais.

Quando me aventurei para fora do meu quarto, olhei para o corredor e notei que a porta de Bee ainda estava fechada, por isso surpreendi-me ao encontrá-la momentos mais tarde sentada à mesa do café, arrumando um vaso de flores.

— Narcisos não são simplesmente gloriosos? — ela falou alegremente, como se nós duas tivéssemos sofrido um caso de amnésia a respeito do dia anterior.

Concordei e sentei-me à mesa, ainda temendo dizer alguma coisa.

— Eles eram os favoritos de sua avó, você sabe, depois das tulipas — ela disse. — Ela adorava a primavera, especialmente o mês de março.

— Bee — falei, minha voz dolorida pela tristeza e pelo pesar. Eu lamentava pela perda da minha única conexão com minha avó e por seu texto. — Você destruiu o diário?

Ela olhou para mim com uma intensidade silenciosa.

— Henry está certo — acabou dizendo. — Você realmente se parece com ela, em quase todos os sentidos, especialmente quando está zangada.

Ela caminhou até sua cadeira na sala de estar e voltou com o diário nas mãos.

— Aqui — disse, entregando-o para mim. — É claro que não o destruí. Passei a noite lendo, cada palavra.

— É mesmo? — Eu estava sorrindo tão amplamente que Bee não pôde deixar de sorrir de volta.

— Sim, li.

— E o que você achou?

— Lembrei-me da mulher selvagem, impulsiva e maravilhosa que sua avó era, e quanto eu a amei e senti falta dela.

Concordei, abraçando o contentamento que eu continuaria a sentir mesmo se Bee nunca mais proferisse outra palavra sobre minha avó.

— Eu queria lhe contar, querida — disse ela. — Queria lhe contar tudo, como tentei contar a sua mãe. Mas toda vez que eu pensava em contar a história, a dor me impedia de prosseguir. Em todos esses anos, eu não queria voltar a 1943. Eu não queria me lembrar de nada disso.

Assenti, recordando as violetas na casa de Henry.

— Aquelas flores no jardim de Henry — falei, parando por um momento para ler a emoção em seu rosto —, elas a recordaram de Esther, não foi?

Bee concordou.

— Elas me recordaram, querida. Elas nos recordaram, a mim e a Henry. Era como se... — ela olhou ao redor do quarto e respirou fundo — ... como se ela estivesse ali com a gente, dizendo que estava bem.

Estendi minha mão e lhe acariciei o braço suavemente. As comportas se abriram, e as memórias estavam jorrando agora. Senti que poderia perguntar-lhe qualquer coisa, e então perguntei.

— Bee, a pintura que você me deu, retrata você e Elliot, não é?

— Sim — ela falou simplesmente. — Foi por isso que eu a dei a você. Não podia suportar vê-la. Era uma janela para uma vida que eu nunca teria, e veio representar tudo o que deu errado, há tantos anos, com sua avó.

Suspirei, sentindo o peso da tristeza na sala.

— É a razão pela qual você não se sente confortável com minha relação com Jack, não é?

Ela não respondeu, mas o olhar em seu rosto me disse que sim.

— Eu compreendo, Bee, eu compreendo.

Ela parecia perdida em pensamentos novamente.

— Aposto que você quer que eu me explique... sobre aquela noite.

Fiz que sim.

— Eu estava errada — ela disse — em acreditar que poderia preencher o lugar de Esther no coração de Elliot. Eu era uma idiota. E nunca vou me perdoar por ter ido embora sem saber se poderíamos tê-la ajudado, se poderíamos tê-la salvo. Eu me culpo por sua morte todos os dias.

— Não, não, Bee — falei. — Aconteceu tão rápido. Você estava tentando proteger Elliot. Eu

entendo isso.

— Mas estava protegendo Elliot por razões egoístas — ela disse, incapaz de me olhar nos olhos. — Estava protegendo meus próprios interesses. Tinha tanto medo de que a polícia o acusasse de assassinato e o levasse para longe de mim. Então fugi, o mais rápido que pude. Se Esther escolheu dirigir rumo ao penhasco, foi uma decisão dela, racionalizei. Estava zangada com ela, com raiva por ela fazer algo dessa magnitude para feri-lo. Elliot estava em choque, e eu queria protegê-lo. Não é uma explicação digna de perdão por parte de Esther ou de você. Mas quero que você saiba... se há alguém para culpar pelas consequências daquela noite, esse alguém sou eu.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, antes de falarmos outra vez.

— Você não acha estranho que não tenham encontrado o corpo dela?

— Eu costumava pensar muito sobre isso — disse ela. — Mas não mais. Seu corpo deve ter sido arrastado para o mar após o acidente. O estuário era seu lugar de descanso final, tinha que ser. Mesmo agora, tarde da noite, quando ouço as ondas na costa, penso nela lá fora. A dama do mar. Ela está no lugar onde queria estar, Emily. Ela adorava o estuário e suas criaturas delicadas. Suas histórias, seus poemas, eles foram quase sempre inspirados por essa costa. — Ela apontou para a praia pela janela. — Essa foi a única maneira pela qual consegui encontrar um pouco de paz depois de todos esses anos.

Eu assenti.

— Mas há apenas uma coisa, Bee — disse. — Elliot disse algo sobre ter visto o carro de Henry entrando no parque naquela noite.

Ela olhou para mim, confusa.

— O que você quer dizer?

— Você não o viu por lá?

— Não — ela disse, um pouco na defensiva. — Não, ele não poderia ter estado lá.

— Mas e se ele estava lá, Bee? — disse, procurando seu rosto. — Se fosse esse o caso, você não acha que ele saberia de algo?

— Ele não estava — disse Bee rapidamente. — Eu não sei o que Elliot lhe disse sobre Henry. Claro, ele pode ter se apaixonado por sua avó, mas Henry ficou tão chocado quanto o restante da ilha quando surgiu a notícia sobre a morte dela.

— Ah — eu disse. — Bem, eu gostaria de falar com ele sobre isso eu mesma. Talvez ele saiba de alguma coisa.

Bee balançou a cabeça.

— Eu não me intrometeria nas memórias dele, querida.

— Por quê?

— É muito doloroso para ele — disse ela. Perguntei-me se ela estava protegendo Henry, do jeito que havia pensado proteger Elliot naquela noite escura.

— Esther o afetou, Emily — ela disse. — Seria muito duro para ele arrastá-lo de volta ao passado. Caso você não tenha notado, cada vez que você está por perto ele age como um cavalo assustado. Você o faz lembrar-se dela.

— Eu entendo — concordei. — Mas... isso provavelmente soará como loucura... de alguma forma, eu tenho a sensação de que minha avó ia querer que eu o fizesse. Creio que ele sabe mais do que está deixando transparecer.

— Não — disse Bee. — Deixe Henry em paz.

Balancei a cabeça.

— Eu sinto muito. Tenho que fazer.

Ela encolheu os ombros. No centro de tudo aquilo, Bee era razoável.

— Emily — ela disse —, você deve se lembrar de que o que está feito, está feito. Não há como mudar o passado. Em meio a tudo isso, eu odiaria ver você perder de vista sua própria história. — Ela parou por um momento. — Não é por isso que você veio aqui?

Reconheci sua preocupação com um aceno de cabeça.

Ficamos ali, sentadas em silêncio, exceto pelas gaivotas do lado de fora, batendo suas asas sobre a casa quase freneticamente, até que encontrei a coragem para lhe dizer que eu estava partindo.

— Estou indo para casa em Nova York.

Bee pareceu magoada.

— Por quê? Pensei que você fosse ficar até o final do mês.

— Eu ia — disse, olhando para o estuário e duvidando de minha decisão. *Dei tempo suficiente para tudo?* — Mas tudo ficou, bem, muito complicado.

Bee assentiu.

— Não foi exatamente um mar de rosas, não é?

— Foram poucas, mas belas semanas, Bee, um tempo de transformação, e devo isso a sua

hospitalidade e a seu amor — falei. — Mas acredito que seja hora de ir agora. Creio que preciso de tempo para processar o que experimentei.

Ela parecia se sentir traída.

— E você não pode fazer isso aqui?

Balancei a cabeça, e minha determinação se fortaleceu ainda mais quando pensei em Jack.

— Sinto muito, Bee.

— Ok — ela disse. — Mas não se esqueça, esta é sua casa. Não se esqueça do que lhe disse. É sua agora, e será sua oficialmente quando eu me for...

— O que será nunca — falei, forçando uma risada.

— Mas isso vai acontecer, mais cedo do que nós duas pensamos — ela falou com naturalidade. A dor em meu coração me dizia que ela falava a verdade.

19 de março

Um dia se passou sem que eu fizesse nada a não ser pensar — sobre Esther e Elliot, Bee e Jack. Pensei em minha mãe também, e no dia seguinte me enrolei no sofá da varanda e disquei o número da casa dela.

— Mãe?

— É tão bom ouvir sua voz, querida — ela disse.

Eu percebi que nunca pude entender completamente o comportamento de minha mãe, mas cavar a história de Esther trouxera um benefício inesperado: eu agora poderia vê-la sob uma nova perspectiva. Afinal, ela era apenas uma criança que havia perdido sua mãe.

— Mãe, precisamos conversar sobre algo — falei.

— Sobre Joel?

— Não — disse, parando para pensar em como eu iria proceder. — Sobre... sua mãe.

Ela ficou em silêncio.

— Eu sei sobre Esther, mãe.

— Emily, de onde é que isso veio? Será que sua tia lhe disse alguma coisa? Porque...

— Não. Eu encontrei algo, algo que pertencia a sua mãe... um diário em que ela escreveu sobre a vida dela. Eu li, e sei o que aconteceu com ela, pelo menos no fim.

— Então você sabe que ela nos deixou, que ela me deixou — disse ela, com a voz

subitamente tingida de raiva.

— Não, mãe, ela não a deixou, pelo menos, não acredito que era o que ela pretendia. Vovô a colocou para fora.

— O quê?

— Sim, ele a fez sair, para pagar pelo que ela fez. E, mamãe, houve uma tragédia naquela noite, a noite em que ela desapareceu. Estou tentando descobrir a resposta por você, por mim, por Elliot e por...

— Emily, por quê? Por que está fazendo isso? Por que você não pode deixar as coisas como estão? — Seus sentimentos espelhavam os de Bee, pelas mesmas razões, talvez. As duas estavam com medo.

— Eu não posso — respondi. — Eu tenho a sensação de que deveria encontrar as respostas por ela.

Houve mais silêncio do outro lado da linha.

— Mamãe?

— Emily — ela finalmente disse. — Há muito tempo, eu tentei encontrar essas respostas também. Queria, mais do que qualquer coisa, localizar minha mãe, conhecê-la, mas, principalmente, perguntar-lhe por que ela partiu, por que ela me deixou. Eu tentei, acredite em mim, eu tentei. Mas minha busca não deu em nada, exceto em vazio e mágoa. Tive que tomar a decisão de parar de procurar. Tive que deixá-la para trás. E quando o fiz, soube que, no fundo, tinha que deixar a ilha para trás também.

Eu gostaria de poder olhar em seus olhos, porque sabia que seria capaz de ver a parte dela que havia desaparecido fazia muito tempo.

— Mamãe, a questão é somente a seguinte... Você pode ter desistido da busca, mas eu posso começar de onde você parou.

Ela suspirou profundamente.

— Eu nunca quis que você soubesse de nada sobre isso, Emily — ela disse. — Eu quis proteger você. E me preocupa ver que você está seguindo os passos dela... seus dons criativos, seu espírito, até mesmo sua aparência. Eu sabia que vovó Jane podia ver, assim como eu, que você é a cara de Esther.

As palavras de minha mãe eram como agulha e linha, costurando juntas diferentes tecidos da minha vida. Lembrei-me daquela tarde malfadada quando vovó Jane coloriu meu cabelo anos atrás, e percebi pela primeira vez que não era a mim que ela havia desprezado, era minha

semelhança com Esther. Ela a assustava e a perturbava tanto que ela queria mudar minha aparência. *Que poder Esther exercia sobre todos eles.*

— O véu de noiva — disse, lembrando-me da dor que senti quando mamãe fora desdenhosa sobre eu vestir a herança de família no dia do meu casamento. — Por que você não queria que eu o usasse?

— Porque aquilo era errado — ela disse. — Em Danielle, era diferente. Mas eu simplesmente não poderia deixá-la entrar na igreja com aquele véu, o véu de vovó Jane, não quando você incorporava tanto do espírito de Esther. Sinto muito, querida.

— Está tudo bem — falei.

— Eu só queria, muito, que você fosse feliz.

Parei por um momento, considerando minhas palavras com cuidado.

— Mamãe, há outra coisa.

— O que há?

Pisquei com força, sentindo o peso do que estava prestes a dizer.

— Esther estava grávida na noite em que partiu, na noite do acidente.

Podia ouvir sua respiração por entre as lágrimas.

— Não acredito nisso — ela falou.

— Ela estava esperando um bebê, um bebê de Elliot, o homem que ela amava, na noite em que desapareceu. Está tudo no diário. Eu sei que isso deve ser difícil de ouvir, mamãe. Sinto muito.

Ela assoou o nariz.

— Todos esses anos estive tão zangada com minha mãe, uma mulher que supostamente me deixou quando ainda bebê... quem deixa seu *bebê*? Mas agora, de alguma forma, a única coisa que quero saber é: será que ela me amou? Será que minha mãe me amou?

— Ela amava você — falei sem hesitar. Era o que Esther teria desejado que eu dissesse, falei a mim mesma, e era o que minha mãe precisava ouvir.

— Você realmente acredita nisso, querida?

O tom de sua voz — crua, honesta, desprovida de qualquer pretensão — mudou para sempre a maneira como eu a via. Em sua essência, ela era apenas uma menina ansiando por um vínculo materno. Como ela escondera uma vida de sofrimento, questões e abandono, nunca vou saber,

mas ela estava deixando todos os seus sentimentos expostos agora, e aquilo me fez admirá-la de um modo que eu não sabia que podia.

— Sim — disse, levando minha mão até a nuca. — E há uma coisa com que me deparei que acredito que ela gostaria que você tivesse. — Soltei o colar de estrela do mar e o segurei em minha mão, concordando comigo mesma. Esther gostaria que sua filha o tivesse.

Eu tinha uma hora antes que Bee me deixasse no terminal da balsa para a viagem até Seattle, a fim de pegar meu voo. Arrumei minha mala, enfiando nela os tesouros que havia coletado na ilha. Mas depois que coloquei o caderno de recordações de infância de minha mãe em cima de meu nécessaire, balancei a cabeça. Ele não se encaixava em Nova York. Ele se encaixava ali, na ilha, para que minha mãe o encontrasse novamente. Ela voltaria — eu sabia que sim — e, quando voltasse, precisava fazer essa descoberta por conta própria.

Lembrei-me da foto que Evelyn havia me deixado, e não conseguia pensar em nenhum lugar melhor para ela do que na casa, nas páginas do caderno de recordações. Recostei-me na cama e abri o caderno, indo até a última página, que estava em branco, exceto pelas quatro cantoneiras pretas para a colocação de foto e pela palavra manuscrita e adornada de flores: mamãe. Coloquei cuidadosamente a foto no lugar e, em seguida, fechei o caderno, guardando-o delicadamente na gaveta do criado-mudo. Eu gostaria de dá-lo a ela, mas sabia, em meu coração, que ela precisava encontrar por si mesma.

— Estarei de volta em vinte minutos — disse a Bee alguns minutos depois. Fechei rapidamente a porta atrás de mim antes que ela pudesse protestar.

Meus pensamentos espelhavam as nuvens ameaçadoras à espreita ao longo da praia, cinza e inchadas. *Como Henry responderá às perguntas que tenho para ele? Ele viu minha avó viva naquela fatídica noite? O que ela disse a ele antes de dirigir sobre o precipício?*

Subi os degraus rangentes que levavam a sua varanda. Eu não tinha notado as teias de aranha nas janelas, ou o batente inclinado da porta, muito irregular e lascado. Respirei fundo e bati. E esperei. E esperei mais um pouco.

Depois de uma segunda batida, pensei ter ouvido alguma coisa ou alguém lá dentro, por isso me aproximei de uma das janelas, inclinei-me e escutei: passos. Definitivamente eram passos, passos apressados.

Pela janela, pude ver a sala de estar, que estava vazia, e o corredor que levava à porta de trás. Olhei mais de perto e percebi o movimento em direção à parte de trás da casa, seguido pelo som de uma porta se fechando. Rapidamente, corri ao redor do pátio lateral. Havia as violetas novamente, assistindo, esperando, em sua forma sábia, enquanto o carro de Henry

disparava para fora da garagem rumo à entrada de automóveis de cascalho. Acenei e gritei, esperando que ele parasse, mas ele continuou, seu carro envolto em uma nuvem de poeira. Nossos olhos se encontraram por um momento em seu espelho retrovisor, mas ele não parou.

— Adeus, querida — disse Bee, com lágrimas escorrendo pelo rosto quando me deixou no terminal. — Queria que você não tivesse que ir.

— Eu também — falei. Embora estivesse deixando duas histórias inacabadas na ilha, a minha e a de Esther, eu tinha que ir. O ar estava pesado com memórias e segredos, e eu estava encontrando dificuldades para respirar.

— Você voltará em breve, não é? — Bee disse com tristeza em seus olhos.

— Claro que sim — respondi, ainda que eu mesma não estivesse tão certa, Bee precisava dessa garantia. Abracei-a fortemente antes de me juntar aos demais passageiros e me dirigir para o barco. Meu último ato na ilha foi colocar uma cópia do diário de Esther, o qual havia cuidadosamente fotocopiado na cidade, em um envelope endereçado a Elliot e postá-lo em uma caixa de correio.

Estava deixando a ilha que eu amava, e como minha avó pôde ou não ter feito tantos anos antes de mim, saí sem saber se retornaria algum dia.



20 de março

Acordei em minha cama em Nova York no dia seguinte, de volta à minha vida em Nova York, com meus antigos problemas em Nova York. Eles pareciam quase frívolos em contraste com os acontecimentos desconcertantes de Bainbridge Island: um mistério familiar sem solução e um amor inacabado. Apague isso; havia zero mensagens de Jack em meu telefone — um caso de amor terminado.

Se pensei que teria uma alegre recepção ao lar por parte de Annabelle, estava enganada.

— Você não deveria ter saído de lá, Emi — foi como me recebeu, de uma forma que nenhum outro amigo faria. — Você precisa voltar.

— Pensei que poderia fazer algumas reflexões aqui — disse. — Talvez produzir algum texto.

— Odeio parecer grosseira, querida. — Ela disse “querida” com um tom irônico. — Mas não foi o que falou ao longo dos últimos, o que, cinco anos?

Olhei para minhas mãos, puxando meu mindinho, da maneira que faço quando estou nervosa.

— Desculpe — disse ela. — Sabe que só quero ver você feliz, certo?

— Claro que sei.

— Bom. — Então ela fez uma pausa e olhou para mim com discreta malícia. — Porque a dama de honra do meu casamento tem que ser feliz.

Meu queixo caiu.

— Annabelle! Não acredito! Você e Evan?

— Eu e Evan e Herbie Hancock — ela disse, orgulhosamente mantendo a mão erguida para mostrar o anel. — Não sei o que aconteceu, Emi. Nestas últimas semanas, simplesmente caiu nossa ficha. E então ele me levou a um show de Herbie Hancock e me pediu em casamento entre os intervalos do show. E eu disse sim!

Estava feliz por ela, muito mesmo, mas no íntimo estremeci um pouco. A felicidade de

Annabelle estava brilhando como um holofote sobre minha solidão.

Eu sorri.

— Então, como você vai lidar com o fato de que Evan não é realmente um nome para casamento?

— Para o inferno com isso — disse ela. — Eu vou me arriscar. E ele pode mudar seu nome para Bruce legalmente a qualquer momento. — Ela pegou sua jaqueta. — Desculpe pela pressa, mas tenho que voltar para minha casa. Vou me encontrar com Evan para jantar no Vive hoje à noite.

Eu queria ter alguém com quem me encontrar para jantar no Vive hoje à noite.

— Divirta-se — falei.

— Ah, antes que eu me esqueça, há uma caixa com as correspondências na mesa da cozinha.

— Obrigada — disse, fechando a porta atrás dela.

Mas, depois que ela saiu, não liguei meu laptop ou li a correspondência. Uma hora transformou-se em duas, e, depois, em três. Enrolei-me no sofá sem me preocupar em tirar o casaco e os sapatos. Era a própria definição de exaustão. Apenas joguei um cobertor de lã sobre mim, o cobertor que a tia de Joel havia bordado para o nosso casamento, e que sempre odiei, mas nunca ousei descartar. Era muito pequeno e feito de fibras que arranhavam a pele nua, mas eu estava com frio. Puxei-o sob meu queixo, descansei minha cabeça no travesseiro frio de couro e pensei em Jack, e como seria bom se ele estivesse ali comigo.

21 de março

O telefone tocou mais cedo do que o habitual na manhã seguinte. O toque, pensei, soava como o casamento de um guincho com um alarme de incêndio. Olhei para o relógio: 8h02 da manhã.

— Alô?

— Emi, sou eu.

Era uma voz familiar, mas de quem? Em meu nevoeiro pós-sono, levei alguns segundos para lembrar exatamente onde eu a havia escutado antes. O café? Um filme? Então percebi quem era, e meu coração parou. Olhando retrospectivamente para aquela hora, acredito que a Terra parou de girar por um breve momento, no segundo em que reconheci a voz dele.

— Joel?

— Ouvi dizer que você está de volta — disse ele em voz baixa, cuidadosamente.

— O que você quer dizer com ouviu dizer que eu estava de volta? Como você sabia que eu viajei?

— Escute — ele disse, evitando a pergunta. — Sei que isso vai parecer loucura. Sei que você quer bater o telefone em minha cara agora. Mas a verdade, Emily, é que cometi um erro terrível. Eu tenho que ver você. Eu preciso ver você.

Ele parecia sincero, e também triste. Cravei as unhas em meu braço, só para ter certeza de que estava ouvindo aquilo, só para ter certeza de que aquilo era real. *Joel ainda me quer, então por que não estou sentindo nada?*

Sentei-me e balancei a cabeça.

— Não, não posso fazer isso — disse, lembrando-me de sei-lá-o-nome-dela. — Para começar, você vai se *casar*. — A palavra sacudiu-me até a alma. — E, a propósito, obrigado pelo belo convite de casamento. Que amável vocês se lembrarem de mim.

Meu sarcasmo, no entanto, foi recebido com confusão.

— Convite de casamento?

— Não se faça de bobo — disse. — Você sabe que me enviou.

— Não — ele disse. — Não, deve haver algum engano. Eu não o enviei. — Ele parou por alguns segundos. — Stephanie — disse finalmente. — Stephanie deve ter-lhe enviado. Tinha que ser ela. Eu não posso acreditar que ela se rebaixaria tanto, mas creio que deveria ter percebido. Ela não é a pessoa que eu acreditava que fosse, Emi. Desde que fomos morar juntos ela está paranoica sobre tudo, mas especialmente sobre você. Ela pensa que eu ainda a amo, e, bem, eu...

— Joel, pare.

— Apenas me dê meia hora — suplicou ele. — Só uma bebida. Sete horas, hoje à noite, naquele pequeno local ao virar a esquina... — ele engoliu em seco — ... de nossa casa.

Segurei o telefone com ainda mais força.

— Por que motivo no mundo eu deveria fazer isso?

— Porque eu... porque eu ainda a amo — ele disse com uma vulnerabilidade tão grande que eu realmente acreditei nele.

Eu enrolava os dedos entre os fio do cobertor. Tudo em mim me dizia para responder com um não, para resistir àquela tentação perturbadora, mas algo em meu coração me dizia para responder que sim.

— Tudo bem — acabei concordando.

Foi motivo suficiente para tomar uma ducha, colocar uma sandália de tiras e encontrá-lo para um coquetel naquela noite. Apenas um.

Quando entrei no bar onde havia concordado em encontrá-lo, senti-me mais bonita do que havia me sentido em muito tempo. Talvez fosse o efeito da ilha em mim, ou talvez fosse o fato de que Joel me queria de volta. Em todo caso, muita coisa havia mudado desde que o vira pela última vez, e me perguntei se ele iria notar.

Eu podia vê-lo do outro lado da sala, junto ao bar, postado exatamente da mesma maneira que estava quando o vira tantos anos antes, no dia em que nos conhecemos: meio jogado sobre o balcão, inclinando-se sobre um cotovelo, sorrindo aquele sorriso de Joel. Ele estava tão bonito, tão perigoso. Quando seus olhos encontraram os meus, firmei-me e fui ao seu encontro. Eu ainda poderia ter aquele homem, e, por um minuto, esse pensamento me assustou.

— Oi — ele disse, deslizando o braço em volta da minha cintura e beijando minha bochecha. Não me afastei. A maneira como ele beijou meu rosto, a maneira como fiquei ali, ao lado dele, era como se estivéssemos em piloto automático, ou operando em memória muscular.

— Você está maravilhosa. — Ele apontou para uma mesa no canto do bar, o qual não era realmente um bar. Era um daquelas boates de luxo às quais Joel sempre quisera que eu fosse com ele quando eu queria apenas pedir alguma coisa e passar a noite juntos na cama assistindo ao SNL^[12].

— Você está com fome? — perguntou delicadamente, como se pudesse dizer a coisa errada e me afugentar.

— Não — respondi, um pouco assustada com a franqueza em meu tom. — Mas vou querer a bebida que lhe prometi.

Ele sorriu, e pediu meu martíni para a garçonete, recitando-o de memória: *dirty* martíni, azeitonas extras. Quando nos sentamos, olhei ao redor. Havia mulheres em toda parte — mulheres bonitas em trajes perfeitos, com cabelos perfeitos e corpos perfeitos. Mas, pela primeira vez em, bem, não tenho nenhuma ideia de quanto tempo, os olhos de Joel estavam fixos em mim.

Quando as bebidas chegaram, tomei meu drinque lentamente. Se aquele seria nosso último drinque juntos, disse a mim mesma, não havia problemas em fazê-lo durar.

— Então, como está Stephanie? — perguntei.

Ele olhou para as mãos em seu colo, depois novamente para mim.

— Está tudo acabado entre nós, Emily. — Ele estava tendo o cuidado de se certificar de que cada palavra que passava por seus lábios não me magoasse. — Fui um tolo em pensar que aquilo era amor. Porque não era. Eu não a amava, e nunca poderia amá-la. Minha decisão foi nebulosa. Vejo isso agora. Eu cometi um erro terrível.

Não sabia o que dizer, então não disse nada no princípio, mas conforme os momentos passaram, minha raiva cresceu. Bati minhas mãos sobre a mesa.

— O que você espera que eu diga a respeito disso, Joel? Você a escolheu acima de mim, e acha que pode simplesmente vir bailando até aqui e me dizer “Opa, fiz confusão. Diverti-me e agora estou de volta”? Não é assim que funciona.

Ele parecia muito perturbado.

— Eu nunca vou me perdoar pelo que fiz enquanto viver. — Limpou a garganta. — Stephanie está no passado. Eu quero você. Preciso de você. Nunca estive tão certo de alguma coisa em toda minha vida.

Não era apenas o apelo de um cara que havia mudado de ideia por capricho, eu sabia. Era o apelo de um homem que sabia que havia perdido sua única coisa verdadeira. E, por essa razão, eu escutei.

— Você não vê? — continuou ele. — Esta poderia ser nossa segunda chance, nosso segundo ato. Poderíamos voltar mais fortes, mais apaixonados do que nunca... se você apenas me perdoar.

— Ei — falei, notando que havia lágrimas em seus olhos. — Está tudo bem. — Inclinei um pouco a cabeça e sorri para ele. — Decidi perdoá-lo antes mesmo de chegar aqui.

Seus olhos brilharam.

— É mesmo?

— Sim — falei. Ele pegou minha mão, e eu o deixei mantê-la na sua.

— O que você diz, Emi? — perguntou, os olhos grandes e vulneráveis. — Você vai me deixar voltar para casa?

Pensei em Esther e em Elliot na calçada em frente do Hotel Park Landon, há tantos anos, em como ela havia desistido dele. Aquela era minha lição? Que eu deveria tentar de novo? E eu soube disso naquele momento, pela maneira como ele olhava para mim: nós poderíamos superar aquela tempestade. Nós poderíamos continuar. Poderíamos tentar novamente. Muita gente avançava após a infidelidade. Não seríamos os primeiros. Mas foi então que tive a grande percepção: eu não queria. Eu havia me curado de alguma forma, ao longo das últimas semanas

em Bainbridge Island, mesmo que não soubesse disso na época. Eu sabia disso agora.

— Você sempre terá meu perdão — falei suavemente —, mas, Joel, nosso casamento acabou. Ele pareceu confuso.

— Mas...

— Eu segui em frente — eu disse. — Eu tinha que seguir. — Olhei para meu copo de martíni. Estava vazio. Eu havia lhe prometido tomarmos uma bebida, isso era tudo. — Eu tenho que ir — falei suavemente. — Eu sinto muito.

— Não ainda — ele pediu. — Só mais uma bebida. — Levantou o braço como se para chamar novamente a garçonete.

— Não — falei, levantando-me. — Para mim, é hora de dizer adeus.

Ele jogou uma nota de cinquenta dólares sobre a mesa e me seguiu para fora.

— Eu li o livro — ele disse na calçada em frente ao restaurante.

Voltei-me para ele.

— Que livro?

— *Years of Grace* — ele respondeu. — Eu finalmente o li. Gostaria de haver lido anos atrás. Se tivesse feito isso, saberia por que você o amava tanto. Saberia... como consertar nosso relacionamento.

Senti um puxão em meu coração enquanto o observava, seu belo rosto iluminado pela luz da rua. O queixo cinzelado, com uma leve sombra de barba — sempre atraente em Joel —, grandes olhos castanho-claros, e o rubor de suas bochechas. Era uma perfeita noite de março em Nova York, e silenciosa. Não havia ninguém além de nós e os olmos na calçada onde estávamos.

— Estávamos nos tornando Jane e Stephen, os personagens do livro — disse ele, sabiamente aproveitando meu silêncio. — Pensei que você não me amava. Pensei que você havia mudado. Foi por isso que eu...

E lá estava Stephanie novamente. Stephanie. O obstáculo que eu não poderia retirar. Mas Stephanie era irrelevante para o ato final de nossa história. Percebi isso naquele instante.

— Eu deveria ter percebido — ele continuou. — Deveria ter...

Estendi o braço e segurei seu ombro carinhosamente.

— Joel — falei suavemente. — Não faça isso. Não se culpe.

Ele pareceu solene.

— Nós poderíamos ter tido tudo... filhos, o aniversário de cinquenta anos, a casa de campo. Poderíamos ter feito isso dar certo, como Jane e Stephen fizeram. Ainda podemos.

Balancei a cabeça. Joel e eu não éramos Stephen e Jane. Era verdade, o casamento deles havia falhado, e eles haviam se unido e seguido adiante, ancorando seus corações, de uma maneira tão bela, nas virtudes do companheirismo, do respeito e da admiração. Não, Joel e eu não éramos Jane e Stephen. Éramos Jane e Andre, cujo amor não resistiu ao teste do tempo.

— Sim, Jane e Stephen fizeram dar certo — eu disse calmamente —, mas nós... nós não estamos destinados a isso, Joel. Você não pode ver? Não é assim que nossa história está destinada a acabar.

Ele esquadrinhou meu rosto com olhos arregalados e cheios de tristeza.

— O que posso dizer, o que posso fazer para você mudar de opinião?

Balancei a cabeça.

— Sinto muito, mas não há nada que você possa fazer.

E então ele agarrou minha cintura, puxando-me para si. Senti o calor de seu corpo contra o meu enquanto ele me beijava. Fechei os olhos, dando ao momento o respeito que ele merecia. Quando o fiz, pude ver Jane e Stephen, e Esther e Elliot. Eles estavam todos lá comigo. Mas então, finalmente, o rosto de Jack apareceu, e algo se agitou em meu coração.

— Sinto muito — disse, afastando-me. Joel compreendeu, fitando-me como se eu fosse a única mulher que importava no mundo. Era como eu queria me lembrar dele.

— Nunca vou desistir de você — ele disse. As palavras causaram um arrepio em meu corpo. Era, naturalmente, o que Andre dissera a Jane, logo no começo de *Years of Grace* — as palavras que ele pronunciou com intenção, com amor, com promessa. Mas em vez de falarem ao meu coração sobre o significado que Joel havia lhes dado, elas apenas me tornaram mais convicta da minha decisão.

— Adeus, Joel — disse. Minha voz foi abafada pelo vento, que agora estava assobiando entre os olmos. Eles balançaram seus ramos em uma despedida dramática. Dessa vez, nós dois sabíamos que era um adeus para sempre.

...

Caminhei de volta para casa me sentindo mais leve do que me sentira em anos, pois havia finalmente liberado o espaço em meu coração que estivera esmagado por tamanho peso por tanto tempo. Verifiquei a caixa de correio antes de subir as escadas — nada —, mas depois me lembrei de Annabelle dizendo algo sobre uma caixa na cozinha.

Dentro do apartamento, joguei meu casaco em uma poltrona, puxei uma cadeira junto à mesa e classifiquei a correspondência, criando pilhas de contas, lixo postal e envelopes endereçados a Joel. Entre duas ofertas de cartão de crédito, encontrei um envelope amarelado. Ao lado de um selo atual havia um selo de três centavos que parecia uma relíquia do passado. Não havia endereço de retorno, e meu próprio endereço havia sido escrito recentemente com uso de uma esferográfica.

Na minha pressa de abrir o envelope, o papel macio quase se desintegrou em minha mão. Dentro havia uma única página, escrita com a caligrafia mais bonita que já havia visto:

31 de março de 1943

Querido,

Estou escrevendo para você sem saber quem você é ou de onde você é ou como nós podemos estar ligados. No entanto, sei que nossos corações se cruzaram por algum motivo inexplicável, e por alguma força, estamos compartilhando um momento no tempo, mesmo interrompido por muitos anos. Você já deve ter lido o diário, que não era nada mais do que divagações do meu coração. Não sei o que essa carta vai significar para você, ou para qualquer pessoa, mas uma pessoa sábia me disse que alguém, um dia, precisaria lê-la, e confio que a pessoa seja você. Faça o que quiser com ela, pois posso não estar mais aqui quando você se deparar com estas páginas.

Deixo-lhe um pensamento, um pensamento sobre o amor que me levou a passar por muitos fracassos: o grande amor perdura ao tempo, à mágoa e a distância. E mesmo quando tudo parece perdido, o verdadeiro amor vive. Sei disso agora, e espero que você também.

Com amor de muitos anos atrás,

Esther Johnson

Coloquei a mão sobre o peito, sentindo meu coração. O verdadeiro amor vive. Isso foi verdadeiro para Jane em *Years of Grace*, e também foi verdadeiro para Esther, minha avó. Senti uma corrente de vento em meu rosto, vindo da janela, e um frio dominou meu corpo. O tempo era uma coisa engraçada, pensei. Uma vida inteira havia se desenrolado desde que ela havia escrito aquela carta — para mim. Ela acreditava que eu estaria aqui, anos mais tarde, para ler suas palavras, as quais ela havia ordenado para que eu as descobrisse. Meu coração se encheu

de gratidão, com amor, pela avó que eu nunca conheci. *Mas quem enviou essa carta para mim? E o que dizer de sua filha, minha mãe? Ela simplesmente fora um acidente? Uma vítima do amor?*

Pensei no que Esther havia dito, sobre o grande amor perdurar, suas palavras ecoando as de Elliot. *Mas como eles ainda poderiam se amar depois de todos aqueles anos separados? Depois de todos os mal-entendidos? Depois de tudo?*

Voltei-me para as correspondências e notei que, descansando no fundo da caixa, havia um grosso envelope pardo dirigido a mim. O carimbo era de Bainbridge Island. Retirei o conteúdo e abri a página dobrada por cima.

Cara Emily,

A essa altura você está em casa, em Nova York, e eu gostaria que recebesse essas cartas quando chegasse. São de sua avó, Esther. Eu tinha a esperança de dá-las para você aqui na ilha, durante sua visita, mas não tinha certeza se você havia terminado o diário. Evelyn me disse que você estava lendo. Estou feliz que você o tenha encontrado. Eu sabia que iria encontrá-lo. Desde que a vi naquela noite no terminal das balsas, quando você chegou, eu sabia que você era a pessoa, aquela que estava destinada a ler as palavras de Esther. E depois de todos esses anos observando e esperando por algum sinal, lá estava você. Assim, na manhã seguinte, enquanto ainda estava dormindo no sofá, caminhei até a casa de sua tia. Enquanto ela estava no jardim, escapuli para o quarto onde você estava hospedada e deixei o livro para você. Se soubesse de minhas intenções, Bee teria proibido. Então, não lhe contei.

Eu deveria ter discutido tudo isso com você pessoalmente, e espero que perdoe minha fraqueza. Você se parece tanto com ela, Emily, e estar com você me lembrava dela — do modo que a amei, mas, principalmente, de como ela nunca retribuiu o meu amor.

Você provavelmente está se perguntando o que aconteceu na noite em que ela desapareceu, e se você soube que eu estive lá com ela naquela noite, você pode estar se perguntando se eu tenho sangue em minhas mãos. É hora de pôr tudo em pratos limpos. Eu nunca contei a ninguém, nem a sua tia, nem a Evelyn, certamente não a Elliot, mas você precisa saber. Estou ficando velho — todos nós estamos — e este é um segredo que decidi que não deve morrer comigo, mesmo que sua avó assim tenha desejado. Mas está na hora de a verdade ser posta em liberdade. Esther gostaria que a história dela vivesse.

Naquela noite, em 1943, eu havia ido visitar um amigo, próximo da casa de Esther e de Bobby. Ouvi gritos enquanto caminhava até meu carro, e depois vi quando Bobby bateu a porta, deixando-a ali, na varanda. Doeuse-me vê-la daquele modo. Ela parecia desesperada, e meu coração se despedaçou por ela. Quando ela partiu, tinha um olhar frenético no rosto, e o carro saiu ziguezagueando pela rua. Preocupe-me com o que ela poderia fazer, e então a segui até a casa de Elliot, e depois até a casa de Bee e, por último para o parque. Ela me disse que estava deixando a ilha, e que desejava ir embora de uma maneira que ninguém jamais pudesse encontrá-la novamente.

Ela tinha alguma grande ideia sobre encenar sua morte, de modo que ninguém, especialmente o casal feliz, Elliot e Bee, viessem procurá-la uma vez que ela tivesse ido embora. Esther queria fazer um corte limpo. Sua inspiração era “frango” — um jogo temerário que alguns colegiais da ilha jogavam, esterçando carros antigos quando estavam próximos de uma colisão frontal. Em sua versão, ela dirigiria o carro e pularia fora antes que ele cruzasse a borda do penhasco. Pedi-lhe para não fazer isso. Se ela quisesse, eu teria fugido com ela naquela noite. Eu a amava.

Mas ela tinha outros planos: uma saída dramática da ilha — uma que feriria àqueles que ela amava — e uma nova vida para começar, sozinha. Esperei nervosamente em meu carro nas sombras, na entrada do parque, enquanto ela acelerava seu motor. Foi quando Elliot e Bee chegaram. Eu me preocupei sobre o que Esther poderia fazer quando se deparasse com aqueles dois.

O que aconteceu depois ainda é um borrão, assim como foi aquela noite. Bee parou o carro. Elliot saiu e ficou ali, boquiaberto. O que Esther fez depois ainda me arrepiava até os ossos. Ela dirigiu o carro para o penhasco. Só isso. Ela se foi.

Elliot ficou lá gritando. Eu nunca vou me esquecer daquilo. Mas qualquer que fosse a tristeza que Bee nutrisse por Esther, ela a colocou de lado por causa de Elliot. Sua tia é uma boa mulher, Emily. Você deve saber disso por agora. E naquela noite, salvar Elliot de acusações de um crime pareceu, aos olhos dela, o objetivo mais importante. Então ela o puxou para dentro do carro e saiu em disparada. Eu nunca vou me livrar da lembrança daquela expressão aflita no rosto de Elliot. Lutei muito para chegar a termos com o que aconteceu, e decidi que tenho pena dele. Assistir a sua amada tirar a própria vida, bem diante de seus olhos, antes que você pudesse salvá-la? Sei que a cena se desenrola em sua mente todas as noites, e esta é sua punição, por tudo.

Porque ela sobreviveu.

Quando saí do meu carro para correr até a cena, para ver os destroços, do alto do penhasco, ouvi algo no mato à minha esquerda, e lá, no mato, com algumas contusões e arranhões, estava sua avó. Ela havia, de alguma forma, conseguido rolar para fora do carro, pouco antes de ele voar. Ela fez aquilo, tal como havia planejado. Você pode imaginar a alegria e o alívio que senti quando a vi ali.

Ela me pediu para levá-la até a balsa. Estava partindo para começar uma nova vida “do zero”, disse. Entregou-me seu diário de veludo vermelho e explicou sua importância. Fez-me prometer guardá-lo até o momento certo, e então o levei para casa e o mantive comigo por todos esses anos. Implorei a sua avó para que ficasse, mas ela disse que já havia definido tudo em sua mente, e se você conhecesse Esther, saberia que não havia como mudar isso.

Muitos meses se passaram antes que eu ouvisse falar dela e, tenho que admitir, pensei o pior. Mas as cartas começaram a aparecer, vindas da Flórida no início, e depois de lugares mais exóticos, como Espanha, Brasil, Taiti. Ela mudou de nome, me contou, tingiu os cabelos, e talvez o mais chocante, para mim, foi a carta em que ela me contou sobre Lana, o bebê a quem deu à luz.

...

Tirei os olhos da carta, meu coração batendo mais rápido a cada segundo. Lana. Lembrei-me de seu nome imediatamente. Ela era a mulher, claro, que Jack havia mencionado. A cliente. Isso explicava o interesse dela por Jack e sua arte. *Ela deveria estar contatando Jack para encontrar Elliot.* O quebra-cabeça estava se resolvendo agora, completamente. Continuei lendo:

Ela perguntava sobre a filha dela, sua mãe, é claro, e como fiquei em contato com seu avô, pelo menos antes que ele deixasse a ilha com a nova esposa, Jane, fui capaz de mantê-la atualizada, e isso lhe trouxe grande conforto, eu sei. Ela não queria que ninguém soubesse que estava viva, mas, no final, me pediu para retransmitir seu amor e votos de felicidade para Bee e Evelyn, e para Elliot, dizer-lhes que os amava e que havia pensado sobre eles muitas vezes ao longo dos anos. Tenho vergonha de dizer que nunca transmiti essas mensagens. Eu não pude me forçar a fazê-lo. Não acho que eles poderiam lidar com a verdade, depois de todos esses anos, e preocupei-me sobre o que pensariam de mim, mantendo um segredo como este escondido de todos eles. Eles já a enterraram em seus corações. Mas se você quer uma resposta honesta, direi que as cartas de Esther eram minha única conexão com ela, e eu não queria compartilhar aquilo. Nem com Bee ou com

Evelyn, muito menos com Elliot. Eu não queria compartilhá-la.

As cartas pararam de chegar há vários anos, e tenho saudades delas, profundamente. Gostaria de saber onde ela está, se ela está bem, se ainda está viva. Perto do final, ela parou de incluir seu endereço de remetente nos envelopes, e todas as minhas tentativas de encontrá-la fracassaram. Temo dizer, querida, que acredito que ela faleceu.

Agora eu encaminho as cartas para você. Espero que as aprecie tanto quanto eu as venho apreciando há tantos anos, e espero que a ajudem a conhecer Esther e a amá-la, como eu sempre a amei. Elas são cheias de vida, de esperança e de expectativa, mas, profundamente entre as linhas, você pode ver o arrependimento e a tristeza também. Como você descobrirá, ela foi alguém incrível, assim como você.

Atenciosamente,

Henry

Recostei-me na minha cadeira e suspirei, segurando a carta contra o peito. Então, ela não morreria naquela noite. Ela encenou tudo, e Henry a ajudou. Eu não podia esperar para contar a Elliot, mas então me perguntei se ele realmente gostaria de saber que ela escreveu para Henry por todos aqueles anos e não para ele. *Será que ele entenderá? Ele poderá perdoá-la?*

Dei uma última olhada no interior do envelope e vi que havia perdido algo embrulhado em papelão. Quando puxei-o para fora, pude ver que havia uma fotografia, a que estivera na cornija de Henry, com uma nota anexada:

Pensei que você gostaria de ter essa imagem de sua avó. É exatamente como eu me lembro dela em meu coração.

Coloquei a foto sobre a mesa, e peguei a pilha de cartas. Eu queria ler cada uma delas.

25 de março

— Você esteve longe por um tempo — disse minha terapeuta, Bonnie, em nossa sessão, alguns dias depois. Ela insistia que eu a chamasse de Bonnie, e não de Dra. Archer, e assim eu o fazia, de modo relutante.

— Estive — concordei, cavando a poltrona de sarja azul com os dedos, sentindo-me como sempre me sinto quando estou com Bonnie: culpada. — Desculpe-me, eu não mantive nossos

encontros. Deixei muito de repente. — Comecei a lhe contar sobre tudo: Bainbridge Island, Bee, Evelyn, o diário, Greg, Jack, Henry, o encontro com Elliot, e com Joel, também. E como havia vivido os últimos dias repassando tudo aquilo.

— Você percebe — disse ela, depois que terminei — que agora não precisa mais de mim?

— O que você quer dizer?

— Você tem suas respostas — disse ela.

— Eu tenho?

— Você tem.

— Mas eu ainda não posso escrever — lembrei. — Não estou curada.

— Sim, você está — disse ela. — Vá para casa. Você vai ver.

Ela estava certa. Quando cheguei em casa mais tarde naquela manhã, peguei meu laptop e comecei a escrever. Escrevi durante o almoço, com o ruído de tráfego da hora do rush, durante o jantar, e até tarde da noite. Não parei até que havia transcrito cada palavra da história de Esther.

Antes de fechar meu laptop, naquela noite, fitei a última frase. Era o fim do diário, ainda que não fosse o fim da história. Eu sabia disso em meu coração. Respirei fundo e espacei meu cursor para baixo, para uma nova página. Podia ainda não saber como a história iria terminar, mas quando soubesse, estava determinada a escrever. Por Esther. Por Elliot. Por Bee, Evelyn, Henry, vovô, vovó, mamãe, e por mim.

30 de março

Desde que eu havia voltado para Nova York, tentei não pensar em Jack, mas em todos os lugares para onde me virava, lá estava ele. Era de sua presença que eu não podia me livrar, e me perguntei se isso era o que Elliot e minha avó queriam dizer quando falavam sobre amor duradouro.

E, contudo, a história de Esther não havia terminado da maneira como ela havia planejado. Talvez fosse minha lição: eu poderia aceitar o fracasso desse amor e seguir adiante, mantendo-o escondido em meu coração para toda a vida.

Liguei para Annabelle ao meio-dia para persuadi-la a sair de seu escritório para almoçar.

— Nós não comemoramos adequadamente seu noivado — falei.

Planejamos nos encontrar à uma, em um restaurante próximo ao meu apartamento. A atendente me guiou para sentar-me, e esperei à mesa até que Annabelle chegou, com dez minutos de atraso.

— Desculpe-me — disse ela. — A mãe de Evan ligou. Ela é uma tagarela.

Sorri amplamente.

— É tão bom ver você, Annie.

Ela sorriu também.

— Foi uma boa viagem? Quero dizer, eu sei que tanta coisa aconteceu por lá, mas você está feliz por ter ido?

— Sim — respondi.

— Então, o que você vai fazer agora?

Sorri.

— Eu sei exatamente o que preciso fazer — disse.

— O que é?

— O livro — respondi. — Estou quase acabando.

— O que você quer dizer?

— Vou acabar a história de Esther por ela. Vou escrever o capítulo final. Essa história esteve guardada por muito tempo. De alguma forma, sinto-me responsável por lhe dar um fechamento.

Annabelle sorriu, estendeu a mão sobre a mesa e pegou a minha.

— E, com isso, você está encontrando o fechamento de sua própria história.

Assenti novamente.

— Devo isso a você, Annabelle.

— Não — ela disse. — Eu apenas a coloquei no avião. Você fez o resto.

— Annie, eu estava à beira de me tornar uma senhora com um monte de gatinhos. Você não consegue simplesmente me imaginar ali, em meu apartamento, cercada por dezenove gatos?

— Consigo — disse ela, sorrindo. — Alguém tinha que salvá-la dos felinos.

Nós rimos, e então Annabelle olhou para o colo.

— Quando você vai embora?

— Ir embora?

— Para Bainbridge Island.

Eu sabia em meu coração que estava indo, e Annabelle também sabia. Mas quando, e em que

circunstâncias, ainda estava para ser trabalhado.

— Não sei — disse.

Mas a hora e a data já haviam sido decididas. Eu só não sabia disso ainda.

Já eram mais de três horas, quando cheguei em casa. A luz de mensagem em meu telefone estava piscando, por isso, apertei o botão de reproduzir.

— *Emily, aqui é Jack.*

Meu cabelo ficou em pé.

— *Levei um tempo para rastrear esse número, e perceber que você havia deixado a ilha. Estava muito confuso sobre o porquê de você ir embora sem me dizer adeus, e então conversei com meu avô. Ele me contou sobre sua visita, e percebi o que havia acontecido. Sua memória vem desaparecendo recentemente, por isso, se ele lhe disse alguma coisa engraçada sobre mim, não o leve em consideração.*

A mensagem foi cortada, e outra começou.

— *Desculpe-me. Eu novamente. Eu também queria falar sobre a outra noite. Foi você quem ligou, certo? Espero que isso não lhe tenha dado a impressão errada. Eu estava trabalhando em uma pintura para uma cliente. Eu tinha acrílico amarelo em minhas mãos quando ela atendeu. Por favor, acredite em mim. Não há nada romântico acontecendo aqui. Emily, ela tem seus sessenta anos. Será que isso pode acalmar sua mente?* — Ele fez uma pausa por um momento. — *Mas há algo que venho escondendo de você. Algo sobre o que temos que falar.* — Ele fez outra pausa. — *Emily, eu sinto sua falta. Eu preciso de você. Eu... te amo. Pronto, eu disse. Por favor, me ligue.*

Olhei seu número no identificador de chamadas e liguei de volta, tão rapidamente quanto meus dedos poderiam digitar os números. *Ele me ama.* Mas o telefone apenas tocou e tocou. Então desliguei e fiz a segunda melhor coisa a fazer: liguei para a empresa aérea e reservei um voo para Seattle, partindo no dia seguinte.

— Você vai precisar de uma passagem de volta? — perguntou o agente.

— Somente de ida — disse, sem parar para pensar.

Guardei tudo rapidamente, mas depois que havia fechado a mala, fui tomada pela sensação de que havia me esquecido de algo. Depois de uma passada pelo apartamento, verificando os itens da minha lista mental, percebi o que era: *Years of Grace*. Eu estivera pensando sobre o livro desde que voltara a Nova York, e estava desesperada para relê-lo à luz da própria história de Esther.

O livro esperava pacientemente na estante da sala de estar. Puxei-o para fora, afundei-me no sofá e li algumas páginas. Estudei a página do título com olhar renovado, e nesse momento notei algo que não havia visto em nenhuma das vezes em que havia lido o livro: algo escrito a mão, em tinta preta, de forma muito leve e desgastada, mas ainda estava lá. Segurei a página mais perto dos olhos, e ali, claro como o dia, estavam as palavras “Este livro pertence a Esther Johnson”.



31 de março

Lembro-me de ouvir uma história na escola sobre uma menina que havia ido para Seattle com seus amigos, mas perdeu a balsa que a levaria até a ilha a tempo para seu toque de recolher das dez da noite. Sabendo que a próxima balsa não viria por mais uma hora, e que seu pai era rigoroso e a colocaria de castigo, ou faria coisa pior, entrou em pânico, e quando viu a balsa saindo do terminal de Seattle, jogou sua bolsa no chão da plataforma de embarque. No entanto, em vez de aterrissar na varanda da balsa, ela caiu na água. Foi levada para a sala de emergência e mandada para casa com um pulso quebrado e o queixo machucado. Krystalina. Esse era o nome dela — e veio a mim somente naquele instante, justamente quando o apito da balsa soou, justamente quando cheguei ao terminal e vi a balsa se afastando do cais, justamente quando meu coração afundou.

Eu estivera acampada em aeroportos ou voando na maior parte das últimas treze horas (o preço que se paga por uma viagem de última hora), e quando cheguei ao terminal de balsas e vi que havia perdido o barco das sete da noite por uma fração de segundo, contemplei a ideia de correr e saltar à la Krystalina. Olhei para as águas agitadas abaixo, e decidi que a ilha poderia esperar um pouco mais. Jack poderia esperar. Poderia?

...

O barco atracou às 20h25. Ninguém estava esperando por mim, exceto um táxi solitário.

— Você pode me levar para a Hidden Cove Road? — perguntei ao motorista.

Ele assentiu e pegou minha bolsa.

— Você está viajando com pouca bagagem — ele disse. — Vem fazer apenas uma pequena visita?

— Não tenho certeza ainda — afirmei.

Ele assentiu novamente, como se soubesse exatamente o que eu quisera dizer.

Eu lhe indiquei o caminho até a casa de Jack, e quando chegamos, ela parecia escura, muito

escura.

— Não se parece com a casa de alguém — disse o motorista, afirmando o óbvio. Fiquei chateada quando ele sugeriu que partíssemos.

— Espere — disse. — Um minuto.

Esse era o ponto nos filmes em que a mulher e o homem se encontravam — quando corriam para os braços um do outro e os lábios se colavam.

Bati uma vez, e esperei quase um minuto ou algo assim. Então bati novamente.

— Há alguém em casa? — o motorista gritou do carro.

Ignorei-o e bati mais uma vez, ouvindo o som do meu coração saltando no peito. *Vamos lá, Jack, atenda.*

Depois de muitos segundos, eu soube que ele não estava vindo. Ou ele não estava em casa. Mas de repente tudo aquilo era demais para mim. Sentei-me na varanda e enterrei a cabeça entre os joelhos.

O que estou fazendo aqui? Como passei a amar esse homem? Ponderei uma passagem de *Years of Grace* que sempre admirei: “O amor não era uma flor de estufa, forçado a brotar, ainda que relutante. O amor era uma erva daninha que explodia em flor inesperadamente à beira da estrada”.

Sim, esse amor não era obra minha. Era natural. Ele era impossível de ser barrado. Essa percepção me trouxe um grande conforto na fria e solitária soleira de Jack.

— A senhorita está bem? — disse o motorista. — Se precisa de algum lugar para ir, eu posso ligar para minha esposa. Ela pode preparar uma cama para você. Não é lá grande coisa, mas você teria um lugar para passar a noite. — Aquilo me ocorreu então: todo mundo em Bainbridge Island tem um traço de bondade em si.

Levantei os olhos e me recompus.

— Obrigada, foi muito gentil. Mas minha tia mora logo subindo pela praia. Irei para lá hoje à noite.

Ele me deixou na frente da casa de Bee. Depois que paguei a corrida, permaneci ali por um momento, fitando a casa com minha bolsa na mão, perguntando-me se havia tomado a decisão correta ao voltar. Caminhei para mais perto da casa, para a porta da frente, e notei que as luzes estavam acesas. Entrei.

— Bee? — Pude vê-la ali, sentada em sua cadeira, como se eu nunca houvesse partido. Depois de tudo o que havia acontecido, era uma visão reconfortante.

— Emily? — Ela levantou-se para me abraçar. — Mas que surpresa!

— Eu tive que voltar — falei.

— Eu sabia que você voltaria — disse ela. — E Jack, ele é um dos motivos?

Concordei.

— Fui direto para a casa dele. Mas ele não estava lá.

Bee exibiu uma expressão solene no rosto.

— É Elliot — disse ela. O modo como ela disse o nome dele causou arrepios em meus braços. — Ele está doente. Jack ligou mais cedo e me disse. Ele queria que eu soubesse que — ela fez uma pausa quando sua voz se despedaçou, revelando suas emoções reprimidas — Elliot está... bem, ele não está bem, querida. Ele está morrendo.

Engoli em seco.

— Jack está indo para o hospital neste momento. Acabou de sair para a balsa, na verdade. Se você sair agora, ainda pode alcançá-lo.

Olhei para meus pés.

— Não sei — hesitei. — Você acha que ele vai querer me ver?

Bee assentiu.

— Eu sei que ele vai querer vê-la — disse ela. — Vá até ele. Ela gostaria que você fosse.

Claro, ela estava falando sobre Esther, e foram as palavras de Bee que me levaram ao terminal de balsas naquela noite. Foram suas palavras que mudaram meu caminho para sempre. E com essas palavras, acredito, ela se redimiui, por tudo. Ela sabia disso. Eu sabia. E de alguma forma, eu tinha a sensação de que, se Esther estivesse aqui, ela estaria assentindo em aprovação.

— Pode me emprestar suas chaves? — pedi, sorrindo.

Ela jogou para mim.

— É melhor você dirigir rápido.

Senti meu pulso se acelerar.

— E você? — indaguei, lembrando-me de sua história com Elliot. — Você não quer vê-lo?

Ela pareceu como se fosse responder que sim, mas, em vez disso, balançou a cabeça.

— Não é o meu lugar — disse simplesmente.

Eu podia ver as lágrimas turvando seus olhos.

— Você ainda o ama, Bee, não é?

— Bobagem — disse ela, enxugando uma lágrima.

— Esse pacote — disse — foi o que Elliot lhe deu. O que ele continha?

Ela sorriu.

— O álbum de fotos, aquele que ele havia me dado depois que retornou para casa da guerra. Mandeí de volta para ele depois de tudo que aconteceu com sua avó. Mas ele o guardou por todos esses anos.

Apertei sua mão e peguei minha bolsa.

— Agora vá — disse ela. — Vá atrás do seu Jack.

Dirigi o fusca de Bee tão rapidamente, tão furiosamente como se minha vida dependesse daquilo. Não pensei em policiais ou em acidentes ou em qualquer outra coisa — apenas em Jack. A cada minuto, a cada segundo contado.

Fiz o fusca voar ao redor da ilha, até que cheguei ao terminal da balsa, e quando arranquei para o estacionamento, meu coração afundou ao ouvir o apito da balsa sinalizando a partida. Corri para o terminal e para a plataforma de embarque, considerando novamente dar aquele salto. Mas a balsa estava muito longe agora. Eu a havia perdido. Havia perdido Jack.

Agarrei o corrimão com força, censurando-me por minha noção de tempo. É claro, essa era a maneira como as coisas andavam. Nos últimos anos, minha vida havia sido repleta de desencontros. Arrastei-me até que cheguei à extremidade, onde as pessoas costumam esperar por amigos e parentes chegando de Seattle. A balsa ainda estava plenamente visível. Forcei os olhos em vão tentando encontrar Jack, mas a balsa já estava muito distante para eu identificar rostos.

Então ouvi passos atrás de mim. Alguém estava correndo em direção ao terminal. Voltei-me, e lá estava ele, correndo em direção à plataforma de embarque com uma mala na mão, parecendo preocupado... até que me viu.

— Emily?

— Jack — eu disse, amando o som de seu nome em meus lábios.

Ele deixou cair a mala e correu para mim.

— Eu não fazia ideia de que você estaria aqui — disse ele, tirando o cabelo diante de seus olhos, e, em seguida, passando a mão pelo meu rosto.

Eu deixei meu coração falar.

— Recebi sua mensagem — contei — e quis lhe fazer uma surpresa.

Ele sorriu.

— Bem, você conseguiu. — Ele parecia estar prestes a dizer alguma coisa, mas se distraiu com o som do apito de uma balsa a distância. Outra balsa estava chegando ao porto antes do previsto.

— Eu fui até sua casa — disse eu, procurando algo em seus olhos, qualquer coisa.

Ele pegou minha mão, e seu toque fez o calor correr por cada centímetro do meu corpo.

— Bee disse que seu avô está doente — falei. — Sinto muito por ouvir isso. Você estava indo vê-lo, não estava?

Ele assentiu.

— Pensei em ir até lá passar a noite e ficar com ele. Vai fazer a cirurgia pela manhã.

— Ele vai ficar bem?

— Nós não temos certeza — disse ele. — Ele já passou por duas cirurgias de marcapasso nos últimos cinco anos, e os médicos dizem que, se esta não resolver o problema, pode ser a última tentativa.

Gostaria de saber se Esther sabia que o coração do amor de sua vida estava sofrendo, literalmente.

— Então vá até ele — falei. — Podemos nos ver amanhã, depois que ele passar pela cirurgia. — Fiz um gesto para a balsa, que naquele instante estava desembarcando os passageiros e logo estaria pronta para o embarque. — Vá, tome a balsa. Estarei aqui esperando por você.

Ele balançou a cabeça.

— E deixar você aqui toda bonita e adorável? Não, meu avô nunca aprovaria. Por que você não vem comigo?

Descansei minha cabeça em seu peito, da mesma maneira que havia feito na casa de Bee naquela tarde na varanda.

— Está bem. Eu vou.

— Fico pensando naquela manhã — disse ele, voltando-se novamente para mim —, quando a vi na casa de Henry.

— O que você quer dizer? — perguntei, fitando-o, esperando que ele dissesse o que eu pensei que ele diria.

— Eu desejei que terminássemos assim.

Fui tomada por um sentimento que nunca tive antes. Senti-me amada, mas havia algo mais. Senti-me adorada.

Jack enfiou a mão no bolso e tirou algo.

— Emily — disse ele, limpando a garganta. — Quero dar algo a você. — Ele segurava uma caixinha preta, e eu não pude deixar de lembrar da caixinha que Elliot havia lhe dado no funeral de Evelyn. *O que há dentro dela?* Levantei a tampa com os dedos trêmulos e pude ver algo brilhar sob as luzes da rua.

Jack limpou a garganta de novo.

— Meu avô me deu o anel que ele deu a uma mulher à qual amou há muitos anos. Eu gostaria de dá-lo a você.

Engoli em seco. Havia um diamante enorme em forma de pera ladeado por dois rubis, e eu o reconheci num instante. Era o anel de noivado de Esther. Tinha que ser. Instintivamente, coloquei-o em meu dedo.

Jack percebeu o reconhecimento em meus olhos.

— Você conhece a história, não é?

Confirmei.

— Sim.

— Como?

— Eu estive fazendo uma certa pesquisa este mês — falei enigmaticamente.

— Eu também — disse ele. — Eu queria ver se poderia localizar Esther, por causa do meu avô. Eu gostaria que eles se vissem outra vez. — Chutou uma pedrinha na passarela de embarque. — Mas agora é tarde demais.

— Por que é tarde demais?

Jack se entristeceu.

— Ela... faleceu, Emily.

Meu coração afundou.

— Como você sabe? — Esfreguei os olhos, fosse por cansaço ou por causa da tristeza.

— A enfermeira dela me disse... a pessoa que cuidou dela nos últimos quinze anos, enquanto a saúde dela declinava. É a mulher que você viu comigo aquela noite na cidade, a mesma que

atendeu o telefone em minha casa quando você ligou.

— Estou confusa — falei. — Como você a encontrou?

— Ela entrou em contato comigo — contou ele. — Ela me disse que estava cumprindo o último desejo de Esther, buscando saber o paradeiro do meu avô.

Suspirei.

— Então, ela morreu.

Jack assentiu.

— Sim.

Eu balancei a cabeça.

— Não... não pode ser verdade. — Meu coração se recusava a acreditar que a história havia terminado daquela forma. — Como você disse que ela se chama? A enfermeira?

— Lana — disse ele.

Eu sorriu, percebendo.

— Isso explica tudo.

Jack fitou-me, confuso.

— Explica o quê?

— Jack, Lana não era a enfermeira dela. Lana é a filha dela. Filha de Elliot.

Jack esfregou a testa.

— Isso não faz sentido — disse ele.

— Eu sei que não faz. Mas é verdade. E se Lana procurou você e não lhe disse a verdadeira história da relação entre ela e Esther, talvez ela não esteja dizendo toda a verdade sobre o paradeiro de Esther, ou sobre o fato de que ela ainda pode estar viva. Creio que ela está tentando proteger a mãe. Espere — continuei, antes que Jack pudesse responder. — Você mencionou que essa mulher, Lana, havia encomendado uma pintura. Era o retrato em seu estúdio, aquele da mulher na praia?

— Sim — disse ele. — Ela disse que era para a mãe dela. Eu a pintei a partir de uma fotografia antiga.

— Jack, nunca lhe ocorreu que a mulher na foto poderia ter sido Esther, e que ela queria dar à mãe dela uma pintura feita por um descendente de Elliot?

Jack considerou a ideia por um momento e depois balançou a cabeça.

— Acontece que ela disse que sua mãe e seu pai estavam em uma casa de repouso no Arizona. Se o que você está dizendo é verdade, por que ela contaria uma história tão complicada para esconder a verdade?

— Deve ser porque ela não quer que sua mãe se magoe outra vez — falei.

Jack deu de ombros.

— Eu gostaria que fosse o caso, Emily — disse ele. — Mas não vejo isso dessa forma. Eu vi o modo com que ela falava da vida de Esther, e de seu falecimento. Pareceu muito verdadeiro.

O vento aumentou, e Jack, instintivamente, passou os braços ao meu redor, me protegendo.

— Gostaria que tudo pudesse ter terminado de forma diferente para eles — falou, segurando-me firmemente. — Mas nós podemos escrever nossa própria história. A nossa não precisa ser trágica.

Ele beijou minha testa suavemente enquanto o apito da balsa soava de novo.

— E pensar que quase fugi, de você, de tudo isso — comentei.

Ele apertou minha mão.

— Estou tão feliz por você não ter fugido.

Andamos de mãos dadas até a balsa e nos aninhamos em uma cabine voltada para Seattle. Quanto mais nos aproximávamos da cidade, mais eu podia sentir a preocupação de Jack com seu avô. Qual seria o estado de Elliot quando chegássemos? Ele estaria coerente? Será que minha presença lhe traria uma tristeza ainda maior, especialmente depois de ler as páginas do diário que eu tinha lhe enviado?

Chegamos ao hospital e nos dirigimos para a recepção do quarto andar, onde perguntamos por Elliot.

— Temo que ele não esteja muito bem — disse uma enfermeira, quase num sussurro. — Ele vem se mostrando resistente e desorientado desde esta tarde. Estamos fazendo tudo o que podemos para deixá-lo confortável, mas os médicos dizem que não há muito tempo. Talvez você queira se despedir enquanto ainda há uma chance.

O rosto de Jack estava quase branco quando nos aproximamos da porta do quarto de seu avô.

— Eu não posso fazer isso sozinho — disse para mim.

Coloquei minha mão em seu braço.

— Você não precisa.

Entramos juntos no quarto, e lá estava ele, ligado a um arsenal de fios e máquinas. Sua pele estava pálida e mal se percebia sua respiração.

— Sou eu, vovô — disse Jack baixinho, ajoelhado ao lado da cama de Elliot. — Jack.

Elliot abriu os olhos devagar, mas apenas até a metade.

— Ela veio — disse suavemente, quase num sussurro. — Ela estava aqui. Eu a vi.

— Quem, vovô?

Ele fechou os olhos, e eles se agitaram um pouco, como se ele estivesse sonhando.

— Aqueles olhos azuis — disse ele. — Tão azuis como eram os dela.

— Vovô — disse Jack baixinho, os olhos brilhando de esperança —, quem esteve aqui?

— Ela me disse que ia se casar — disse Elliot, abrindo os olhos novamente, mas ficou claro que ele estava perdido em suas memórias, e pude perceber a decepção no rosto de Jack. — Ela me disse que ia se casar com aquele idiota, Bobby. Por que ela se casaria com ele? Ela não o ama. Ela nunca o amou. Ela me ama. Nós pertencemos um ao outro. — Ele sentou-se e, de repente, começou a puxar um tubo intravenoso ligado ao seu braço. — Tenho que falar com ela fora daqui. Tenho que dizer a ela. Vamos fugir juntos. É isso o que vamos fazer.

Jack pareceu preocupado.

— Ele está tendo alucinações — disse. — A enfermeira me alertou sobre isso. É a medicação.

Elliot pareceu selvagem e desesperado, derrubando um monitor cardíaco no chão com um golpe fraco de seu braço antes que Jack pudesse pular para acalmá-lo.

— Espere, vovô, você não vai a lugar nenhum. — Ele se voltou para mim. — Emily, chame a enfermeira.

Apertei o botão vermelho perto da cama de Elliot, e alguns momentos depois, duas enfermeiras adentraram o quarto. Uma nos ajudou a colocar Elliot de volta em sua cama, enquanto a outra injetava algo em seu braço esquerdo.

— Isso vai ajudá-lo a descansar com mais conforto, Senhor Hartley — disse ela.

Quando Elliot estava dormindo, voltei-me para Jack.

— Vou buscar algo para beber. Você quer alguma coisa?

— Café — sussurrou ele, sem tirar os olhos de Elliot.

Eu concordei.

Desci para a cafeteria, grata por encontrá-la ainda aberta, e servi duas xícaras de French Roast, colocando um pacotinho de açúcar e dois copinhos em miniatura de creme em meu bolso. *Como Jack prefere seu café?* Lembrei-me da pesquisa de Annabelle, mas rapidamente coloquei o pensamento de lado e procurei por US\$ 2,25 em minha carteira para pagar o café.

No elevador, minha mente voltou-se para Elliot, e como ele estivera tão convencido, ou melhor, confuso, sobre ver Esther. Partiu meu coração a maneira como ele a amava, mesmo agora, mesmo no final de sua vida. Quando estava quase chegando ao quarto de Elliot, ouvi alguém se aproximando por trás de mim.

— Desculpe-me, senhora — disse uma mulher.

Virei-me para ver uma das enfermeiras segurando um pedaço de papel na mão.

— Você, por acaso, não encontrou um lenço de mulher no quarto do Senhor Hartley, encontrou?

Balancei a cabeça.

— Não, eu sinto muito, mas não vi nada.

A enfermeira encolheu os ombros.

— Tudo bem — ela disse, olhando para o papel em sua mão. — Uma mulher ligou mais cedo dizendo que sua mãe havia deixado um... — ela olhou para o papel — ... um lenço de seda azul no quarto ao visitar o Senhor Hartley hoje cedo.

Meus olhos se arregalaram.

— Ela lhe deu o nome dela? Ela deixou um número de telefone?

A enfermeira olhou para mim.

— Você a conhece?

— Pode ser que sim — respondi, engolindo em seco.

Ela olhou para o papel novamente.

— Bem, isso é estranho — disse ela. — A enfermeira que trabalhava no turno anterior deixou o recado. — Ela balançou a cabeça. — Parece que ela não deixou um nome.

Suspirei.

— Bem, se você o encontrar, traga-o até o posto de enfermagem — ela ainda falou. — Talvez a pessoa torne a ligar. Desculpe incomodá-la.

— Como ele está? — sussurrei para Jack, assim que entrei no quarto. Entreguei-lhe o café, estendendo a mão com o pacotinho de açúcar e os cremes.

— Ele está dormindo — Jack falou, ignorando o açúcar e selecionando um único copinho de creme, que esvaziou em seu copo. Fiz exatamente a mesma coisa.

Beijei sua bochecha.

— Porque está me beijando? — ele riu.

— Porque sim — sussurrei.

Fui andando na ponta dos pés até a cabeceira de Elliot e puxei o cobertor sobre os ombros dele, e quando o fiz, algo entre as cobertas chamou minha atenção. Debaixo do cobertor, ele estava segurando alguma coisa, um lenço. Um lenço azul. Ele estava segurando-o próximo ao peito.

Pisquei tentando segurar uma lágrima, porque naquele momento, eu compreendi.

— Você está chorando — Jack sussurrou.

— Eu estou chorando — disse, sorrindo em meio às lágrimas que transbordavam dos meus olhos. *Eu estou chorando finalmente.* Havia tanta coisa que eu queria contar a ele, tanto que eu queria dizer, mas aquilo poderia esperar. Tudo o que eu sabia era que havia lágrimas em meus olhos naquele instante, lágrimas enormes, e elas rolaram por meu rosto com uma ferocidade que eu não havia imaginado possuir. A cada gota eu me sentia mais leve, mais feliz, mais inteira.

Jack me puxou para perto dele.

— Obrigado por estar aqui comigo.

Dei-lhe um rápido aperto, exatamente quando a enfermeira abriu a porta do quarto e sussurrou para mim:

— Minha senhora, descobri o nome da pessoa que telefonou. Ela assinou a entrada na recepção do hospital. — Jack voltou à cabeceira Elliot quando ele se mexeu, e segui a enfermeira pelo corredor.

— Lana — disse ela, mostrando-me uma prancheta na qual o nome dela estava escrito. — O nome dela era Lana.

— Lana — falei, com lágrimas caindo pelo rosto. — É claro. — Os pelos em meus braços estavam arrepiados.

Eu nunca soube que palavras passaram pelos lábios deles quando viram um ao outro novamente depois de toda uma vida distante. Eles se abraçaram? Eles choraram pelos anos que

havam perdido? Mas creio que isso não importa, não realmente. *Ele chegou a ver sua filha. E ele chegou a ver sua Esther, mais uma vez.*

— Você está bem, querida? — a enfermeira perguntou, colocando a mão no meu ombro.

Balancei a cabeça.

— Sim — disse, sorrindo. — Sim.

Sentei-me em uma cadeira dobrável de metal no corredor do lado de fora do quarto de Elliot. As luzes fluorescentes zuniam sobre minha cabeça, e o ar cheirava a café velho e a desinfetante. Abri a bolsa e tirei meu laptop com um senso de propósito e de clareza que não sentia havia anos. Olhei para o cursor piscando na tela em branco, mas dessa vez era diferente. Eu sabia como terminar a história de Esther agora. Sabia como ela começou, e sabia como terminou. Cada palavra dela.

Porém, quando o relógio digital no corredor mudou de 11h59 para meia-noite, percebi que havia uma outra história para escrever primeiro. Havia chegado o primeiro dia de abril — um novo dia, um novo mês, e o início de uma nova história, minha história, e eu mal podia esperar para começar a escrevê-la.

Agradecimentos



Este livro não seria um livro sem o olhar sábio de Elisabeth Weed, minha agente literária, que teve um vislumbre de algo especial nesta história e entrou comigo pelo caminho infinito de mil revisões até que o manuscrito brilhou. Elisabeth, obrigada por acreditar neste projeto e por me colocar nas mãos extremamente capazes de minha editora na Plume, Denise Roy.

Denise, Elisabeth me disse que você seria a editora perfeita para mim, e ela estava completamente certa. Você me deslumbrava com seu olhar editorial brilhante e suas ideias criativas. Eu não poderia sonhar em ter alguém mais talentoso e amável com quem trabalhar — você tornou agradáveis até mesmo as rodadas de revisão. Podemos fazer isso de novo?

Também sou extremamente grata à minha família, por seu amor e apoio — minha irmã, Jessica Campbell, uma verdadeira melhor amiga; e meus dois irmãos, Josh e Josiah Mitchell — mas, acima de tudo, aos meus pais, Terry e Karen Mitchell, que sempre incentivaram minha escrita (até mesmo aquele embaraçoso “jornal” escrito à mão que distribuí para os vizinhos na sexta série. Obrigada por sua dedicação a mim (mesmo naqueles terríveis anos adolescentes). E, também, agradeço à família Jio pela criação de um filho maravilhoso, Jason, e por me permitir colocar seu nome de família na capa deste livro.

Expresso meu grande reconhecimento pelos editores, autores colegas e escritores que me aplaudiram e me apoiaram em milhões de maneiras diferentes: Allison Winn Scotch, Claire Cook, Sarah Pekkanen, e as outras mulheres encantadoras do Debutante Ball; Camille Noe Pagan, Jael McHenry, Sally Farhat Kassab, Cindi Leive, Anne Sachs, Lindsey Unterberger, Margarita Bertson, e todas as outras mulheres (e homens) maravilhosas na *Glamour*, bem como Heidi Cho e Meghan Ahearn na *Woman's Day*.

Para Nadia Kashper e todas as pessoas maravilhosas nos bastidores da Plume, obrigada por trabalhar tão duro em meu nome. Além disso, um sincero agradecimento a Stephanie Sun na Weed Literary por ser uma leitora no início deste livro, e a Jenny Meyer, minha agente literária que trabalha com os direitos internacionais — sou extremamente grata a você por meu primeiro livro ser lançado nas livrarias da Alemanha e de outros lugares (ainda estou me beliscando!).

E, para as pessoas adoráveis de Bainbridge Island que, sem saber, abriram seu mundo para

leitores de todo o mundo. Embora haja muita ficção nessas páginas, a essência da ilha está, espero, intacta. Em minha opinião, é impossível encontrar um lugar mais perfeito no mundo do que esse trecho de dez quilômetros de ilha.

Para meus garotos, que amo de todo meu coração, escrevi este livro principalmente quando vocês cochilavam ou dormiam em suas camas à noite, mas um dia vocês irão crescer e saberão que sua mãe é um escritora — espero que isso não os deixe muito constrangidos.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a meu marido, Jason, que não só serviu como revisor para meus muitos rascunhos, como também desempenhou um milhão de papéis diferentes — apaziguador de brigas de crianças, rapaz da copiadora etc. — e me animava a cada mudança, mesmo quando eu estava mal-humorada, ou cansada, ou a ponto de explodir, o que era algo frequente. Obrigada por me ajudar a manter o curso — e por manter o curso comigo. Eu te amo.

Copyright © Sarah Jio, 2011
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Aline Salles, Livia Fernandes
Preparação de Texto: Lizete Mercadante Machado
Revisão de Texto: Sandra Brazil, Tamires Cianci
Diagramação: Vanúcia Santos
Diagramação ePub: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jio, Sarah

As violetas de março / Sarah Jio; tradução Ronaldo Luis da Silva. — Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The violets of march

ISBN 978-85-8163-222-3
eISBN 978-85-8163-243-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-00628 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br



- [1] Puget Sound: pertencente ao Estado de Washington, é uma enseada localizada no oceano Pacífico (N. R.).
- [2] Paisley: estampa característica dos anos 1970, conhecida como cashmere (N. R.).
- [3] Lanai: 6ª maior ilha do Havaí (N. T.).
- [4] Em português: “Corpo e alma” (N. R.).
- [5] Meu coração está triste e solitário
Por você eu anseio, somente por você, querido...
- [6] Um drinque de laranja com Espumante (N. E.).
- [7] Baklava: pastel elaborado com uma pasta de nozes e massa, banhado em mel (N. R.).
- [8] Brinquedo comum nos Estados Unidos, é uma bola 8 de bilhar produzida pela Mattel. Após ser chacoalhada, fornece uma das vinte respostas definidas no brinquedo. É usada para brincar de saber a sorte (N. T.).
- [9] “Vamos nos encontrar novamente” (N. T.).
- [10] Scrabble: jogo de tabuleiro em que os jogadores formam palavras interligadas, utilizando pedras e letras (N. R.).
- [11] Respectivamente: conjunto de panelas, jogo de copos, jogo de talheres, e conjunto de peças revestidas de estanho (N. T.).
- [12] SNL: Saturday Night Live, programa de TV semanal norte-americano (N. R.).

As
Violetas
de Março